



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MICHELLI CRISTINA GALLI

**ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU/PR –
(ESeLFI)**

Londrina
2022

MICHELLI CRISTINA GALLI

**ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU/PR –
(ESeLFI)**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M623e Galli, Michelli Cristina.
ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU/PR / Michelli Cristina Galli. - Londrina, 2022.
271 f. : il.

Orientador: Fabiane Cristina Altino.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Estudo Semântico-Lexical. - Tese. 2. Foz do Iguaçu/PR. - Tese. 3. Multicultural. - Tese. 4. Dialetoлогия Pluridimensional. - Tese. I. Altino, Fabiane Cristina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

MICHELLI CRISTINA GALLI

**ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU/PR –
(ESeLFI)**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a Dr^a. Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná -
UNIOESTE

Prof. Dr. Valter Pereira Romano
Universidade Federal de Santa Catarina -
UFSC

Prof^a Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a Dr^a. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 04 de abril de 2022.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu criador, sou grata por ter me dado a força necessária para chegar à conclusão desta Tese;

A Jesus, meu melhor amigo, pude sentir o seu afago nas muitas noites em claro;

À minha amada mãe do céu, Maria. Faltam-me palavras para agradecer por tudo e por tanto. Obrigada por me segurar no colo quando eu perdi as forças;

Aos Anjos e Santos, por não me deixarem desistir, ainda que a caminhada tenha sido pesada;

Ao meu amado marido, Alfredo Eduardo Melo Meneses Ferro, por tudo e por cuidar com tanto amor de nossos pequenos filhos de asas e pelos nas minhas inúmeras ausências. Admiro e amo muito você!

Aos meus pais, José Galli e Marli Galli, e à minha irmã, Ana Caroline Galli, por serem meu alicerce e minha fortaleza;

Aos meus amigos! Não citarei nomes porque não quero correr o risco de me esquecer de alguém, cada um sabe a importância e a gratidão que tenho pelos momentos vividos. Vocês são anjos de Deus na minha vida!

À minha orientadora, Fabiane Cristina Altino, pela paciência, pela humanidade, pela compreensão e pela acolhida, jamais me esquecerei de suas sábias palavras;

À minha orientadora do Mestrado, Sanimar Busse, por me apresentar à Dialetologia e por me tornar pesquisadora;

À minha musa inspiradora, Maridelma Laperuta Martins, obrigada por me apresentar à Linguística e à Sociolinguística, desde então sou completamente apaixonada pela Variação das línguas;

Aos meus amados professores, todos aqueles que me inspiraram. Carrego em mim um pedacinho de cada mestre, da Pré-escola ao Doutorado;

Aos meus colegas de trabalho pela parceria nas trocas de aulas e ajuste dos horários;

Ao Instituto Federal do Paraná (IFPR) pelo afastamento integral para que eu pudesse me dedicar às entrevistas e às transcrições;

Por fim, agradeço imensamente a cada um dos meus informantes,

sem vocês não haveria Tese.

“... o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal”.

Ferdinand de Saussure.

GALLI, Michelli Cristina. **Atlas Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu – (ESeLFI)**. 2022. 263 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Os contextos multicultural e pluriétnico confere ao município de Foz do Iguaçu/PR traços bastante heterogêneos, mas, ao mesmo tempo, o encontro de muitos povos propicia a interação entre histórias, culturas e crenças, que aos poucos passa a ser o elo das muitas faces da localidade. Nessa perspectiva, este trabalho suscita a hipótese de que, embora Foz do Iguaçu/PR esteja alicerçada em contextos pluriétnico e multicultural é possível registrar traços comuns à fala de todos os iguaçuenses. A fim de verificar o movimento da língua portuguesa no município e confirmar, ou não, a suposição acerca do elo homogêneo, objetivou-se, a partir da distribuição social e espacial dos informantes, investigar as variantes lexicais convergentes e divergentes entre 15 pontos de inquérito, registrando-as em cartas linguísticas. Para tanto, respaldado nos princípios teóricos-metodológicos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e da Dialetologia Pluridimensional, este estudo conta com 55 informantes, selecionados de acordo com as variáveis i) sexo: masculino e feminino, ii) faixa-etária: GI (18 a 30 anos) e GII (50 a 65 anos) e iii) escolaridade: Ensino Fundamental, residentes em um dos 15 pontos de inquérito estabelecidos e designados conforme a relevância nos ciclos socioeconômicos da localidade. A composição do corpus é fruto das entrevistas realizadas in loco e na modalidade remota. A partir das 202 questões extraídas do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, bem como das 20 questões elaboradas pela autora, foi possível registrar as variantes lexicais do falar iguaçuense em seis cartas linguísticas, apresentadas nesta tese. Das 222 questões, seis são trazidas para apreciação, cinco pertencentes ao QSL do ALiB: i) “1. um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”; ii) “18. uma chuva bem fininha?”; iii) “38. o dia que foi antes de _____?”; iv) “87. aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?”; v) “175. Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”. E uma do questionário elaborado exclusivamente para o Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu/PR (ESeLFI), inserida na área semântica de turismo de compras: i) “211. ...o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior? Os dados quantitativos estão dispostos em gráficos de acordo com os percentuais extraídos do programa SGVCLin (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2015). Quanto à distribuição diatópica, utilizando a mesma ferramenta computacional, as variantes obtidas como respostas às questões supracitadas são apresentadas em mapas linguísticos. Com intuito de identificar as definições e as entradas das variantes em dicionários de Língua Portuguesa, elegeram-se três dicionários online, i) Aulete Digital; ii) Aurélio Digital e iii) Michaelis On-line. São expostas, ainda, discussões acerca das variantes coincidentes do Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu/PR (ESeLFI) e do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010) e do Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (ALERS). Após a análise dos dados, e ao término desta tese, conclui-se que, mesmo em contexto multicultural e plurilíngue, em

Foz do Iguaçu/PR o elo homogêneo está presente na fala dos iguaçuenses, compondo, desse modo, a essência do falar iguaçuense.

Palavras-chave: estudo semântico-lexical; foz do iguaçu/pr; multicultural; dialetologia pluridimensional.

GALLI, Michelli Cristina. **Atlas Semántico-Léxico de Foz do Iguaçu – (ESeLFI)**. 2022. 263 p. Tesis (Doctorado en Estudios del Lenguaje) – Programa de Posgrado en Estudios del Lenguaje. Universidad Estatal de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMEN

Los contextos multicultural y pluriétnico hacen de Foz Iguaçu/PR una ciudad muy particular, con rasgos heterogéneos, pero, al mismo tiempo, el encuentro de estos pueblos propicia la interacción entre historias, culturas y creencias, que poco a poco se convierte en la unión de las múltiples caras de la localidad. En esa perspectiva, este trabajo plantea la hipótesis de que, aunque Foz do Iguaçu/PR se asiente en contextos pluriétnicos y multiculturales, es posible registrar rasgos comunes al habla de todos los iguaçuenses. Para investigar el movimiento de la lengua portuguesa en el municipio y confirmar, o no, el supuesto sobre el vínculo homogéneo. El objetivo fue, a partir de la distribución social y espacial de los informantes, investigar las variantes léxicas convergentes y divergentes entre 15 localidades de encuesta, registrándolos en fichas lingüísticas. Por lo tanto, con base en los principios teórico-metodológicos del Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB) y de la Dialectología Pluridimensional, se eligió 55 informantes, de acuerdo con las variables i) género: masculino y femenino, ii) grupo de edad: GI (18 a 30 años) y GII (50 a 65 años) y iii) escolaridad: Primaria, con domicilio en alguno de los 15 puntos de encuesta establecidos y designados según la relevancia en los ciclos socioeconómicos de la localidad. El corpus es el resultado de encuestas realizadas in loco y remota. A partir de las 202 preguntas extraídas del Cuestionario Semántico-Léxico (QSL) de ALiB, así como de las 20 preguntas creadas por la autora, fue posible registrar las variantes léxicas del habla en mapas lingüísticos, presentados en esta tesis. De las 222 preguntas, se ponen a consideración seis, cinco pertenecientes al QSL de ALiB: i) “1. ¿un pequeño río, de unos dos metros de ancho?”; ii) “18. ¿una lluvia muy fina?”; iii) “38. el día que fue antes de _____?”; iv) “87. ¿ese animal que crece sobre estiércol, sobre madera podrida?”; v) “175. ¿Cómo se llama el objeto que se queda en las paredes y sirve para encender la lámpara?”. Y uno de los cuestionarios desarrollados exclusivamente para el Atlas Semántico-Lexical de Foz do Iguaçu/PR (ESeLFI), insertado en el área semántica del turismo de compras: i) “211. ...el trabajador contratado informalmente, a quien se le paga por la cantidad de veces que cruza el puente transportando mercancías desde Paraguay? ¿Es la persona que gana dinero poniendo a disposición de otros su derecho a cruzar, dentro de la cuota, con mercancías del exterior? Los datos cuantitativos están ordenados en gráficos según los porcentajes extraídos del programa SGVCLin (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2015). Utilizando la misma herramienta computacional, las variantes obtenidas como respuesta a las preguntas antes mencionadas se presentan en mapas lingüísticos. Para identificar las definiciones y entradas de las variantes en los diccionarios de Lengua Portuguesa, se eligieron tres diccionarios en línea, i) Aulete Digital; ii) Aurélio Digital y iii) Michaelis On-line. También se exponen discusiones sobre las variantes coincidentes del Estudio Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu/PR (ESeLFI) y el Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), Um Estudo Geossociolingüístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010) y el Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul (ALERS). Después del análisis de los datos, y al final de esta tesis, se concluye que, aún en un contexto multicultural y plurilingüe, existe em

Foz do Iguaçu/PR el vínculo homogéneo y está presente en el habla de los iguasuenzes.

Palabras clave: estudio semántico-lexical; foz de iguaçu/pr; multicultural; dialectología pluridimensional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Demarcação do território paranaense em 1924.....	28
Figura 2 –	Porto de embarque no Rio Paraná (Porto Mendes).....	29
Figura 3 –	Mapa do Paraná interligado à região sul do Brasil, com destaque e aproximação de visão da área do território iguaçuense.....	33
Figura 4 –	Cataratas do Iguaçu na década de 1920 (foto postal)	35
Figura 5 –	Evolução populacional de Foz do Iguaçu/PR.....	42
Figura 6 –	Confluência da Dialetologia Tradicional e da Sociolinguística Dialetologia Pluridimensional e Relacional	69
Figura 7 –	Dimensões e Parâmetros da Dialetologia Pluridimensional.....	70
Figura 8 –	Rede de pontos ALPR – nº do ponto e localidade	76
Figura 9 –	Divisão do questionário do ALPR	77
Figura 10 –	Carta 2 do ALPR – Rio Pequeno	79
Figura 11 –	Quantificativo das questões inéditas ALPR	80
Figura 12 –	Carta dos Índices Relativos de Diferenças (IRD) do ALPR Sobreposta ao Mapa do Paraná e indicação dos pontos de inquérito do ALPR.....	82
Figura 13 –	Carta dos Índices Relativos de Identidade (IRI) do ALPR Sobreposta ao Mapa do Paraná com Indicação dos Pontos de Inquérito do ALPR.....	82
Figura 14 –	Frente e verso da Carta Linguística 194 do ALPR.....	83
Figura 15 –	Carta 1: semente de chá contra dor de barriga (erva-doce)	86
Figura 16 –	Dimensões e parâmetros – Busse (2010).....	96
Figura 17 –	Distribuição da rede de pontos do ESeLFI.....	103
Figura 18 –	A vila dos operários (Vila “C” de Itaipu) no Ano de 1978	105
Figura 19 –	Restos de alvenaria dos antigos galpões e, ao fundo, os linhões de transmissão	106
Figura 20 –	Avenida João Ricieri Maran (Três Lagoas).....	108
Figura 21 –	Vista aérea da Vila “B” Início dos anos 1980	109
Figura 22 –	Vista aérea da Vila “B” de Itaipu e Rio Paraná, ao fundo.....	109
Figura 23 –	Vista área do Floresta Clube da Vila “A” (1980).....	111
Figura 24 –	Vista aérea do Gramadão da Vila “A”	112

Figura 25 –	Empresas abandonadas no Jardim Jupira.....	113
Figura 26 –	Avenida Fagundes Varela, com visão de “Ciudad del Este/PY”, ao fundo.....	115
Figura 27 –	Imagem de São Francisco na avenida Mário Filho (Morumbi).	116
Figura 28 –	Jardim Central com destaque à Mesquita Omar Ibn Al-Khatab	118
Figura 29 –	Campo de Futebol do Aparecidinha.....	119
Figura 30 –	Avenida Venezuela (Jardim América).....	120
Figura 31 –	Comércio local da Vila Yolanda, na Avenida das Cataratas	121
Figura 32 –	Rua Natal Graciotin (Vila Shalon)	122
Figura 33 –	Marco das Três Fronteiras (imagem área do lado brasileiro)...	123
Figura 34 –	Avenida Morenitas (Bairro Morenitas).....	125
Figura 35 –	Rua Ibirubá (Região do Aeroporto)	126
Figura 36 –	Ficha dos informantes ESeLFI (fragmento)	137
Figura 37 –	Respostas dos informantes do ESeLFI (fragmento)	137
Figura 38 –	Exemplo da posição das variantes na legenda e no gráfico de barras.....	138
Figura 39 –	Panorama dos relatórios quantitativos das variantes [a].....	140
Figura 40 –	Panorama dos relatórios quantitativos das variantes [b].....	141
Figura 41 –	Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto.....	142
Figura 42 –	Variantes e acepções em dicionários digitais “[...] um rio pequeno, de uns dois metros de largura”.....	143
Figura 43 –	Carta Linguística 1. “um rio pequeno, de uns dois metros de largura.....	146
Figura 44 –	Vitalidade das variantes em Foz do Iguaçu/PR e no Oeste do Paraná (Questão 1)	148
Figura 45 –	Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto (Questão 18).....	156
Figura 46 –	Variantes e acepções para “uma chuva bem fininha” em dicionários digitais [1a].....	157
Figura 47 –	Variantes e acepções para “uma chuva bem fininha” em dicionários digitais [1b].....	157
Figura 48 –	Carta Linguística 2. “uma chuva bem fininha”.....	159

Figura 49 –	Vitalidade das variantes em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense (Questão 18).....	161
Figura 50 –	Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto (Questão 38).....	168
Figura 51 –	Carta Linguística 3. “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”	170
Figura 52 –	Vitalidade das variantes em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense (Questão 38).....	171
Figura 53 –	Produção das variantes para “[...] o bicho que dá no esterco, em pau podre?” nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto.....	179
Figura 54 –	Carta 4. “[...] aquele bicho que dá no esterco, no pau podre?”	180
Figura 55 –	Variantes e acepções em dicionários digitais – [1a] (Questão 87).....	181
Figura 56 –	Variantes e acepções em dicionários digitais – [1b] (Questão 87).....	182
Figura 57 –	Variantes e acepções em dicionários digitais – 1c (Questão 87).....	183
Figura 58 –	Variantes e acepções em dicionários digitais – 1d (Questão 87).....	184
Figura 59 –	Vitalidade das variantes para “[...] um bicho que dá no esterco, em pau podre”, em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense	185
Figura 60 –	Produção das variantes para interruptor nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto	192
Figura 61 –	Carta 5. “[...] o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	193
Figura 62 –	Variantes e acepções em dicionários digitais (Questão175)....	194
Figura 63 –	Vitalidade das variantes para Interruptor em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense (Questão 175)	195
Figura 64 –	Variantes e acepções em dicionários digitais (Questão175)....	195
Figura 65 –	Carta Linguística 6. “o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai?”.....	201

Figura 66 –	Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto (Questão 211).....	202
Figura 67 –	Variantes e acepções em dicionários digitais (Questão 211)...	203

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Ocorrências das variantes para “um rio pequeno, de uns dois metros de largura”	142
Gráfico 2	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 1).....	150
Gráfico 3	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “G1” e “GII” (Questão 1).....	151
Gráfico 4	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da G1 e GII (Questão 1).....	152
Gráfico 5	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da G1 e GII (Questão 1).....	153
Gráfico 6	– Ocorrências das variantes para “uma chuva bem fininha”	156
Gráfico 7	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 18).....	162
Gráfico 8	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “G1” e “GII” (Questão 18).....	163
Gráfico 9	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da G1 e GII (Questão 18).....	164
Gráfico 10	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da G1 e GII (Questão 18).....	165
Gráfico 11	– Ocorrências das variantes para “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”.....	168
Gráfico 12	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 38).....	172
Gráfico 13	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “G1” e “GII” (Questão 38).....	174
Gráfico 14	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da G1 e GII (Questão 38).....	175
Gráfico 15	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da G1 e GII (Questão 38).....	175
Gráfico 16	– Ocorrências das variantes para “[...] o bicho que dá no esterco, no pau podre?”	178

Gráfico 17	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 87).....	186
Gráfico 18	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 87).....	187
Gráfico 19	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 87).....	188
Gráfico 20	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII (Questão 87).....	189
Gráfico 21	– Ocorrências das variantes para “[...]o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”	191
Gráfico 22	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 175).....	196
Gráfico 23	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 175).....	197
Gráfico 24	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 175).....	198
Gráfico 25	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII (Questão 175).....	198
Gráfico 26	– Ocorrências das variantes para “trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai?” .	200
Gráfico 27	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 175).....	205
Gráfico 28	– Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 175).....	206
Gráfico 29	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 175).....	207
Gráfico 30	– Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII (Questão 175).....	208

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Ciclos socioeconômicos do município de Foz do Iguaçu	34
Quadro 2	– Principais atrativos turísticos de Foz do Iguaçu	44
Quadro 3	– Oferta do Ensino Superior em Foz do Iguaçu/PR	44
Quadro 4	– Contribuições Dialetológicas do Século XIX e XX.....	50
Quadro 5	– Questões motivadoras para análise da variação lexical na Rota do Café e variantes identificadas por ponto de inquérito - 1ª	89
Quadro 6	– Questões motivadoras para análise da variação lexical na Rota do Café e variantes identificadas por ponto de inquérito – 1b	90
Quadro 7	– Variantes mais Produtivas Registradas pelo EALLO e AGeLO ...	94
Quadro 8	– Rede de pontos do ESeLFI	100
Quadro 9	– Nomenclaturas dos Bairros de Foz do Iguaçu	127
Quadro 10	– Dimensões e Parâmetros.....	128
Quadro 11	– Estratificação dos Informantes	129
Quadro 12	– Periodização da coleta de dados - entrevistas in loco e remota	132
Quadro 13	– Questionário Semântico-Lexical – Tríplice Fronteira.....	134
Quadro 14	– Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diasssexual e diagenérica para “[...] um rio pequeno, de uns dois metros de largura”	154
Quadro 15	– Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diasssexual e diagenérica para “[...] uma chuva bem fininha”	166
Quadro 16	– Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diasssexual e diagenérica para “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”	176
Quadro 17	– Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diasssexual e diagenérica para “[...] o bicho que dá no esterco, no pau podre	190
Quadro 18	– Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diasssexual e diagenérica para “[...] o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	199
Quadro 19	– Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diasssexual e diagenérica para “[...] Como se chama	

o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?”208

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADDU	Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai
AGeLO	Atlas Geossociolinguístico de Londrina
ALF	Atlas Linguístico da França
ALIA	Atlas Linguístico do Império Alemão
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiC	Atlas Linguístico de Curiúva/PR
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico do Sergipe
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
ESeLFI	Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu/PR
EALLO	Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
EFI	Ensino Fundamental Incompleto
EMC	Ensino Fundamental Completo
FOZHABITA	Instituto de Habitação de Foz do Iguaçu
FOZTRANS	Instituto de Transportes e Trânsito de Foz do Iguaçu
GI	Geração I
GII	Geração II
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPA	Alfabeto Fonético Internacional
IRI	Índice Relativo de Identidade
LP	Língua Portuguesa
PMFI	Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
PTI	Parque Tecnológico de Itaipu
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico Lexical
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
SUS	Sistema Único de Saúde
UEL	Universidade Estadual de Londrina

UNICENTRO	Universidade Estadual de Guarapuava
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FOZ DO IGUAÇU: HISTÓRIA E CAMINHOS	22
2.1	VEREDAS DA HISTÓRIA PARANAENSE: DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA À EXPANSÃO DEMOGRÁFICA	22
2.2	CONSOLIDAÇÃO DO OESTE PARANAENSE: HERANÇAS HISTÓRICA, CULTURAL E LINGUÍSTICA	27
2.3	FOZ DO IGUAÇU: HISTÓRIA E LEGADO	33
2.3.1	Usina Hidrelétrica de Itaipu: a Imponência no Oeste Paranaense	39
2.3.2	Foz do Iguaçu do Século XXI	41
3	O FAZER DIALETOLÓGICO: DA SUPERFÍCIE AO ESPAÇO SOCIAL	47
3.1	A DIALETOLOGIA MONODIMENSIONAL: A LÍNGUA DESCRITA A PARTIR DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	47
3.2	OS TRAÇOS SOCIAIS NA DIALETOLOGIA TRADICIONAL: A COMPREENSÃO DOS DIALETOS PELOS VIESES ESPACIAL E SOCIAL	63
3.2.1	Dialetologia Pluridimensional: Balanço da Dialetologia Tradicional e Abertura às Inovações Metodológicas	66
4	OS FALARES PARANAENSES: UM PASSEIO PELOS REGISTROS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PARANÁ	75
4.1	ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ (ALPR): UM IMPORTANTE LEGADO NA DESCRIÇÃO DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO PARANAENSE – AGUILERA (2004)	76
4.2	ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ (ALPR) – ALTINO (2007)	79
4.2.1	Medicina Caseira Paranaense: Um Estudo Geolinguístico - SOUZA (2005)	84
4.2.2	Atlas Linguístico de Curiúva/PR – SIQUEIRA (2015)	87
4.2.3	A Variação Lexical na Rota do Café: Estudo Geossociolinguístico no Norte do Estado do Paraná – RIBEIRO (2017)	88

4.2.4	Motivação na Criação Lexical: O Elo entre Cultura e Linguagem nos Dados do Atlas Linguístico do Paraná – GHOLMIE (2019).....	91
4.3	ATLAS LINGUÍSTICO DE LONDRINA: UM ESTUDO EM TEMPO REAL E EM TEMPO APARENTE ROMANO (2012)	92
4.4	A PLURALIDADE NOS FALARES DO OESTE: NOS CAMINHOS DA GEOSOCIOLINGUÍSTICA.....	95
4.4.1	Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (Volume I) – BUSSE (2010).....	96
5	DA TEORIA AO ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU (ESeLFI): PERCURSO METODOLÓGICO	99
5.1	REDE DE PONTOS	99
5.1.1	Ponto de Inquérito 1 – Bairro Vila “C”	104
5.1.2	Ponto de Inquérito 2 – Bairro Três Lagoas	107
5.1.3	Ponto de Inquérito 3 – Vila “B” de Itaipu	108
5.1.4	Ponto de Inquérito 4 – Vila “A” de Itaipu	110
5.1.5	Ponto de Inquérito 5 – Jardim Jupira	112
5.1.6	Ponto de Inquérito 6 – Vila Portes	114
5.1.7	Ponto de Inquérito 7 – Morumbi	115
5.1.8	Ponto de Inquérito 8 – Jardim Central	116
5.1.9	Ponto de Inquérito 9 – Aparecidinha	118
5.1.10	Ponto de Inquérito 10 – Jardim América	119
5.1.11	Ponto de Inquérito 11 – Vila Yolanda	120
5.1.12	Ponto de Inquérito 12 – Vila Shalon	121
5.1.13	Ponto de Inquérito 13 – Porto Meira	122
5.1.14	Ponto de Inquérito 14 – Morenitas.....	124
5.1.15	Ponto de Inquérito 15 – Aeroporto.....	125
5.1.16	Esclarecimentos: Nova Nomenclatura dos Bairros da Rede de Pontos do ESeLFI	126
5.2	PERFIL DOS INFORMANTES.....	128
5.3	A COLETA DE DADOS	131
5.4	TRATAMENTO E CARTOGRAFAÇÃO DOS DADOS	135

6	EM FOZ DO IGUAÇU/PR SE FALA ASSIM: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE UM RECORTE DO FALAR IGUAÇUENSE.....	139
6.1	Questão 1. ... Um Rio Pequeno, de uns Dois Metros de Largura?	141
6.1.1	A Distribuição Dias sexual das Variantes para “[...] Um Rio Pequeno, de uns Dois Metros de Largura?”	150
6.1.2	A Distribuição Diageracional das Variantes para “[...]” Um Rio Pequeno, de uns Dois Metros de Largura?”	151
6.2	QUESTÃO 18. ... UMA CHUVA BEM FININHA?.....	155
6.2.1	A Distribuição Diassexual das Variantes para “Uma Chuva Bem Fininha”.....	162
6.2.2	A Distribuição Diageracional das Variantes para “Uma Chuva Bem Fininha”.....	163
6.3	QUESTÃO 38. ... O DIA QUE FOI ANTES DE _____? [E MAIS UM DIA PARA TRÁS?].....	167
6.3.1	A Distribuição Diassexual das Variantes para “[...] Dia que foi Antes de _____? [e Mais um Dia pra Trás]”	172
6.3.2	A Distribuição Diageracional das Variantes para “[...] Dia que foi Antes de _____? [e Mais um Dia pra Trás]”	173
6.4	QUESTÃO 87. ... AQUELE BICHO QUE DÁ NO ESTERCO, EM PAU PODRE? ..	178
6.4.1	A Distribuição Diassexual das Variantes para “[...] um Bicho que dá no Esterco, em Pau Podre”	186
6.4.2	A Distribuição Diageracional das Variantes para “[...] um Bicho que dá no Esterco, em Pau Podre”, em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense”	187
6.5	QUESTÃO 175. COMO SE CHAMA O OBJETO QUE FICA NAS PAREDES E SERVE PARA ACENDER AS LÂMPADAS.....	191
6.5.1	A Distribuição Diassexual das Variantes para “[...] o Objeto que Fica nas Paredes e Serve para Acender a Lâmpada ?”.....	196
6.5.2	A Distribuição Diageracional das Variantes para “[...] o Objeto que Fica nas Paredes e Serve para Acender a Lâmpada ?”	196
6.6	QUESTÃO 211. ... O TRABALHADOR CONTRATADO INFORMALMENTE, QUE RECEBE PELA QUANTIDADE DE VEZES QUE ATRAVESSA A PONTE TRANSPORTANDO MERCADORIAS DO PARAGUAI? É A PESSOA QUE GANHA	

	DINHEIRO COLOCANDO À DISPOSIÇÃO DE OUTROS O SEU DIREITO DE ATRAVESSAR, DENTRO DA COTA, COM MERCADORIAS DO EXTERIOR?	200
6.7	EM SÍNTESE, O QUE REVELAM OS DADOS	209
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	218
8	REFERÊNCIAS	221
	APÊNDICES	236
	APÊNDICE A – Questionário Semântico-Lexical – Tríplice Fronteira	237
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	239
	APÊNDICE C – Termo de Consentimento Informado	240
	ANEXOS	241
	ANEXO A – Ficha do Informante	242
	ANEXO B – Questionário Semântico-Lexical do ALiB (2001)	245

1 INTRODUÇÃO

O solo paranaense foi palco de disputas envolvendo Portugal e Espanha devido à grande quantidade de minerais preciosos encontrados sob a terra. Ambiciosos pelas possibilidades lucrativas, muitas navegações chegaram ao território, trazendo enviados dos reis, padres jesuítas e escravos. Após o empoderamento dos territórios, reduções jesuíticas¹ foram implantadas tendo como finalidade impor a cultura europeia sobre os índios, muitos foram os catequizados e escravizados. Mais tarde, essas colônias foram dizimadas por expedições militares lideradas por paulistas, os chamados bandeirantes. Entre os anos de 1881 e 1930, os movimentos de colonização foram intensificados, contemplando não somente áreas tidas como centrais para o desenvolvimento da economia do Paraná, mas também o interior, a fim de incentivar o povoamento dos vazios demográficos. Imigrantes vindos da Europa, fugindo dos impactos negativos da I Guerra, instalaram suas colônias e dedicaram-se à lavoura na terra de oportunidades e sossego.

Por muitos anos, as regiões limítrofes estiveram às margens das preocupações dos governos estadual e federal. Sabendo, porém, do predomínio cultural e econômico da Argentina e do Paraguai na região Oeste paranaense, em meados dos anos de 1900, militares foram enviados às fronteiras para garantir o cumprimento dos limites estabelecidos, embora a colonização efetiva desses espaços viesse se consolidar apenas quarenta anos depois. No Oeste, última região a ser colonizada, o auge do povoamento desenrolou-se com a concessão de vastas dimensões de terra a empresas colonizadoras.

Entre os anos de 1940 e 1960, período da expansão rural do Paraná, muitas colônias estabeleceram-se no estado em virtude das possibilidades advindas da agricultura. De modo particular, a cidade de Foz do Iguaçu, localizada no Extremo Oeste paranaense, ainda que tenha recebido imigrantes europeus, teve o seu progresso marcado pela instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A chegada de migrantes e imigrantes se intensificou e, em dez anos, a população iguaçuense passou de, aproximadamente, 34.000 mil habitantes a 136.321. A construção de Itaipu

¹ A ideia de “reduzir” os índios, ou seja, juntar os índios em povos, data do início da conquista as América. [...] como um projeto político de integração do índio dentro do sistema colonial; neste projeto, mais que o clero secular, serão as ordens religiosas as que cumprirão um papel de singular importância (OSSANNA, 2008, p. 5, **tradução nossa**).

garantiu tempos de glória ao município de Foz do Iguaçu/PR, mas, a partir do término das obras no canteiro de obras, a cidade experimentou o dessabor de um adensamento populacional desorganizado, chegando aos anos 2000 a ser considerado um dos lugares mais violentos do Brasil. Aos poucos, os tempos sombrios foram deixados para trás, porém até hoje os resquícios da pós-construção podem ser identificados na organização social iguaçuense.

Percorrendo o 5º ciclo socioeconômico, Foz do Iguaçu/PR abriga aproximadamente 80 etnias (PMFI, 2020) e, estima-se que sua população seja de 257.971 habitantes (IBGE, 2022a). O contato diário entre culturas distintas, a proximidade com Paraguai e Argentina e a facilidade de intensa interação multicultural imprimem à localidade características inéditas, mostrando-se um terreno profícuo para trabalhos que objetivem investigar sobretudo a língua, a história e a organização social dessa comunidade. Não de hoje, a estrutura que em muito se parece a uma colcha de retalhos, um pouco de cada povo formando a ímpar cultura iguaçuense, possibilita a construção de um universo *pluri*, sempre aberto à chegada de novos moradores junto de suas histórias, crenças e culturas. Nesse viés, documentar a fala da cidade brasileira da Tríplice Fronteira é, também, contar a história de uma região marcada, desde sua gênese, por encontros linguísticos e culturais. Por meio do inventário do léxico do município, ainda que não se tenha registro linguístico dos primeiros habitantes, é possível identificar traços deixados nas gerações que participaram/participam do fortalecimento do Extremo-Oeste paranaense.

Diante do exposto, para a realização deste estudo, partiu-se da seguinte hipótese: mesmo em meio a um contexto pluriétnico e multicultural existe um traço homogêneo nesses contextos que compõe a essência do falar iguaçuense. Pautado nessa hipótese e firmado na Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998), este trabalho teve como objetivo geral:

✓ Fundamentando-se nas dimensões social e espacial dos informantes, descrever o falar iguaçuense a partir da investigação das variantes lexicais convergentes e divergentes entre os 15 pontos de inquérito, registrando-as em cartas linguísticas.

Somam-se a ele, três objetivos específicos:

- i) Identificar e descrever os contextos externos à língua que atuam como condicionadores para a variação na fala dos iguaçuenses;
- ii) Esboçar em gráficos e cartas linguísticas as variantes constatadas nos 15 pontos de inquérito nas dimensões diageracional, diassexual e diastrática;
- iii) Contribuir para a descrição do português brasileiro falado na região Oeste do Paraná.

Averiguados os contextos de produção das variantes, as perguntas norteadoras deste trabalho são:

- i) As variantes produzidas pelos informantes estão registradas nos dicionários digitais de Língua Portuguesa Aurélio (FERREIRA, 2021); Caldas Aulete (AULETE DIGITAL, 2021) e Michaelis (MICHAELIS, 2021)? Se sim, as acepções são correspondentes às variantes mencionadas?
- ii) A partir da análise das seis questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL), trazidas para apreciação nesta Tese, quais são as variantes mais recentes no falar iguaçuense?
- iii) Concernente à fala das mulheres, há diferenças substanciais em relação à fala dos homens que apontem para uma variante de prestígio?
- iv) Existem variantes na fala da GI e da GII que estejam em equilíbrio, isto é, a proporção de produção é congruente entre os dois parâmetros da dimensão?
- v) As variantes identificadas em Foz do Iguaçu/PR e no Oeste do Paraná pelos estudos: Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) e Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (ALERS) são coincidentes às variantes constatadas pelo ESeLFI?
- vi) As variantes identificadas nas cidades Santa Terezinha de Itaipu/PR, ponto de inquérito do estudo de Busse (2010); São Miguel do Iguaçu/PR e Toledo/PR, ambas, pontos de inquérito do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), são coincidentes às variantes constatadas em Foz do Iguaçu/PR?

Ao aprofundar cada uma das questões, ora enumeradas, almejou-se alcançar a resposta ao problema de pesquisa: “o falar iguaçuense firma-se na herança deixada pelos colonizadores do primeiro ciclo socioeconômico de Foz do Iguaçu/PR (1870 a

1970) ou na junção das muitas culturas, do Brasil e de ≈ 80 etnias², que chegaram ao município a partir da década de 1970?

Para tanto, a fim de responder às indagações supramencionadas e investigar e discutir os dados obtidos, elegeram-se seis questões do Questionário Semântico-Lexical, das quais, cinco foram retiradas do QSL do ALiB (ANEXO B):

- i. “1. um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”;
- ii. “18. uma chuva bem fininha?”;
- iii. “38. o dia que foi antes de _____?”;
- iv. “87. aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?”;
- v. “175. Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”.

E uma do questionário elaborado exclusivamente para o Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu/PR (ESeLFI) (APÊNDICE 237), inseridas na área semântica do turismo de compras:

- i. “211. ...o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?”

A recolha dos dados para a composição do *corpus* teve início em 2019 e, ao longo do ano, 30 entrevistas foram realizadas. O cenário adverso que se desenrolou durante o ano de 2020, consequência da pandemia da Covid-19, requereu modificações nos procedimentos metodológicos, pois as entrevistas na modalidade presencial precisaram se ajustar às novas demandas e passaram a ser entrevistas remotas. Acreditava-se na possibilidade de execução das 60 entrevistas no ano de 2021, contudo, após inúmeras tentativas frustradas na busca por indicação e/ou contato com possíveis informantes que aceitassem participar da entrevista via ferramentas digitais, decidiu-se finalizar a coleta de dados.

² número **aproximado**.

Sendo assim, 55 entrevistas fazem parte do banco de dados, 48 na modalidade presencial e sete na modalidade remota. Ademais, a nova organização dos bairros de Foz do Iguaçu despertou, a princípio, incertezas quanto à estruturação da rede pontos, todavia, após leitura e análise, optou-se por não alterar a relação das localidades escolhidas. A alteração implicaria na redução do número de pontos de inquérito e na compreensão, possivelmente distorcida, do contexto de produção das variantes, como é o caso do Jardim Jupira e da Vila Portes, atual “Bairro Portes”, pontos de inquérito firmados em realidades socioeconômicas distintas. Isso posto, elucida-se, a seguir, a estrutura organizacional do presente trabalho.

O capítulo, **“Foz do Iguaçu: história e caminhos”**, esboça, brevemente, o processo de colonização e consolidação do território iguaçuense, desde a chegada dos portugueses e espanhóis ao atual estado do Paraná, passando pela abertura dos caminhos ao interior, a chegada ao Oeste, de modo especial, ao Extremo-Oeste paranaense, região onde está localizada a cidade de Foz do Iguaçu/PR. Ainda nesta seção, a constituição histórica do Paraná e de Foz do Iguaçu é conexas com os movimentos da língua portuguesa na superfície paranaense.

O capítulo **“O Fazer dialetológico: da superfície ao espaço social”** dispõe sobre o fazer dialetológico, partindo da concepção dos primeiros Atlas na Europa, ainda de cunho lexicográfico, aos Atlas Pluridimensionais, que reúne os preceitos sociais aos preceitos geográficos para a compreensão e descrição dos dialetos. No capítulo, **“Os falares Paranaenses: um passeio pelos registros da Língua Portuguesa no Paraná”**, discorre-se acerca dos trabalhos acerca do léxico paranaense, concretizados na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pautados nos pressupostos teóricos-metodológicos da Dialetologia bidimensional e pluridimensional. Compõem ainda o capítulo, um trabalho Geossociolinguístico voltado à descrição da fala do Oeste paranaense.

O percurso metodológico da pesquisa é apresentado no capítulo **“Da teoria ao Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu/PR (ESeLFI): percurso metodológico”**. Neste capítulo, são descritas as etapas que compuseram o presente trabalho, pautando cada uma das fases nos pressupostos teóricos-metodológicos da Dialetologia, da Dialetologia Pluridimensional e do Atlas Linguístico do Brasil, significa dizer que, fundamentam esta Tese, principalmente, AGUILERA (1994, 2005); ALTINO (2007); ALiB (2021); BRANDÃO (1991); BUSSE (2010); CARDOSO (2010; 2014a; 2014b; 2021); CHAMBERS; TRUDGILL (1994); GARCÍA MOUTON (2000); RADTKE;

THUN (1999); ROMANO (2012; 2014; 2020); THUN (1995; 1996; 1998; 2000; 2005; 2017; 2021) e THUN; FORTE; ELIZAINCÍN (1995).

Em “**Em Foz do Iguaçu/PR se Fala assim: descrição e análise de um recorte do Falar Iguaçuense**” são expostas as variantes mais produtivas para cada uma das seis questões onomasiológicas³ eleitas para constituir o trabalho aqui apresentado. A tarefa de decidir quais questões comporiam a seção de análise desta Tese requereu da autora um olhar mais atento às referências linguísticas trazidas pelos informantes em cada resposta; às cartas linguísticas e à distribuição das variantes nas diferentes dimensões.

Outro fator que contribuiu para a escolha das questões diz respeito à constatação de variantes pertencentes à língua espanhola, visto que Foz do Iguaçu/PR faz divisa com duas cidades de hispanofalantes. Ainda que não tenha sido investigada nesta tese, a dimensão Dialingual⁴ é realidade na fala dos iguaçuenses, por isso, duas questões cuja presença de palavras do espanhol foi identificada entre as variantes são trazidas para apreciação: “1. um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”, e “87. aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?”.

A escolha pela questão “18. uma chuva bem fininha?” partiu do interesse da autora em identificar a variante mais produtiva entre “chuvisco” e “garoa”, isso porque, desde seu nascimento até os 22 anos de idade, Foz do Iguaçu foi sua morada, “garoa” em sua percepção, e com base na convivência com familiares, seria a variante mais frequente. No entanto, estando há 11 anos fora do município e por ouvir, também, a variante “chuvisco”, julgou pertinente aplicar o rigor metodológico para a sondagem dos dados. A mesma justificativa, de aplicar o rigor metodológico na sondagem das ocorrências das variantes para: “175. Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?” motivou a seleção da questão. Como afirmado, durante os 22 anos morando em Foz do Iguaçu, a denominação escolhida pela autora para a questão 175 era “tomada”; estando há 11 fora da localidade, hoje, responderia

³ As questões onomasiológicas partem dos significados e estuda as várias maneiras de exprimir determinada noção (AULETE DIGITAL, 2021).

⁴ A não realização da investigação na Dimensão Dialingual é explicada por dois motivos: i) a área dos estudos de contato linguístico é bastante abrangente, contemplá-la nesta Tese, provavelmente requereria muitos estudos por parte da autora, visto que não é sua área de pesquisa. E, ii) o tempo para conclusão do Doutorado, muito teria de ser aprendido em um espaço de tempo curto quando se soma a isso a construção de um Estudo Semântico-Lexical. Em consenso com a orientadora, optou-se por não contemplar o contato linguístico neste estudo, mas, dedicar-se à divulgação e à disponibilização dos dados obtidos aos pesquisadores interessados. Além da escrita de artigos que contemplem todas as questões nas quais identificou-se palavras pertencentes ao espanhol.

“interruptor”. O afastamento da sua comunidade de fala lhe permitiu o contato mais frequente com outra variante que, aos poucos, passou a integrar o seu repertório.

Por fim, a questão “211. [...] o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?”

As variantes identificadas na dimensão diatópica e nas dimensões diassexual e diageracional são dispostas em gráficos elaborados pela autora com base nos dados quantitativos computados pelo programa SGVCLin. Em seguida, a fim de identificar quais variantes produzidas pelos informantes estão dicionarizadas, e as acepções para cada uma delas, três dicionários foram selecionados para consulta: Aulete Digital, Aurélio Digital e Michaelis On-line, em razão da gratuidade no acesso aos três e por serem mais acessíveis. Além da possibilidade de uma compreensão diacrônica, visto que o Aulete Digital apresenta um recorte de tempo mais espaçado para cada acepção; os registros encontrados estão dispostos em quadros explicativos. Ainda, para compor a seção, chega-se a mais um dos objetivos almejados: esboçar em gráficos e cartas linguísticas as variantes constatadas nos 15 pontos de inquérito nas dimensões diageracional, diassexual e diastrática. Para a cartografia dos dados diatópicos, a ferramenta SGVCLin foi utilizada por armazenar e tratar os registros orais, distribuindo-os em cartas linguísticas (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2014). Por fim, descrições e explicações concernentes às cartas completam o capítulo.

Nas “**Considerações Finais**”, retomaram-se as perguntas norteadoras supramencionadas. Às respostas, construídas na concatenação dos preceitos expressos na fundamentação teórica e na quantificação/elucidação dos dados, junta-se o resgate da hipótese e dos objetivos gerais e específicos para chegar, então, ao fechamento do estudo. As referências são listadas no último capítulo, livros; artigos científicos; mapas on-line; revistas e jornais on-line; páginas governamentais; páginas oficiais; obras lexicográficas; atlas linguísticos; teses, dissertações e anais de congressos científicos são o alicerce das discussões aqui suscitadas. Os últimos elementos a integrarem este trabalho são os apêndices e os anexos, associados sincronicamente a cada estágio de concepção da investigação.

2 FOZ DO IGUAÇU: HISTÓRIA E CAMINHOS

De repente, como se fosse pela primeira vez, uma criança brincava no córrego transparente e um rústico povoado surgia. Um carro de boi passava pela rua deserta e suas rodas rangiam, como se antevíssem na índole que brotava em terra nova: o milagre da aurora de um povo (TEZZA, 2005, p. 02).

A região fronteira do extremo oeste paranaense foi palco de conflitos políticos, chegou até mesmo “cair” no esquecimento do governo brasileiro, mas hoje configura o terceiro espaço de maior relevância socioeconômica do estado. A compreensão da história, da cultura e do falar iguaçuense requer o resgate da historiografia do estado do Paraná. Por ser tratar de um território plural, cada recorte espacial possui características ora homogêneas, ora múltiplas, configurando, portanto, distintas organizações regionais, definidas como “Vários Paranas” (IPARDES, 2008).

2.1 VEREDAS DA HISTÓRIA PARANAENSE: DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA À EXPANSÃO DEMOGRÁFICA

A expansão demográfica paranaense transcorreu de forma diferenciada e tardia, se comparada aos demais estados brasileiros. Os primeiros indícios de civilização em território paranaense remontam há, aproximadamente, nove mil anos. Entretanto, possivelmente, apenas no século XVI, no decurso das expedições marítimas europeias, o contato entre os antigos habitantes e os portugueses forçou o intercâmbio cultural, linguístico e comercial. Já nas primeiras décadas de 1500, europeus e paulistas aportavam na baía de Paranaguá, cativados pela possibilidade de angariar riquezas com o garimpo de ouro, promovendo a fundação de povoados na região litorânea e se alastrando pelo território paranaense (PRIORI *et al* 2012). Muitos indígenas foram obrigados ao trabalho escravo nas fazendas e na busca por metais preciosos.

Os intensos acossamentos dos povos indígenas por portugueses e bandeirantes⁵ foram determinantes na criação da Província del Guairá, cujo território

⁵ Líderes paulistas que viveram entre o século XVI e XVIII. A denominação vem das “bandeiras”, expedições militares chefiadas por esses líderes, que entravam pelos sertões para escravizar índios e localizar minas de metais e pedras preciosas. Os padres jesuítas e as autoridades portuguesas deixaram muitos relatos sobre a violência dos bandeirantes e a ferocidade com que atacavam missões religiosas, aldeias indígenas e quilombos (MUSEU PAULISTA, 2019).

compreendia grande proporção do Estado do Paraná (MOTA, 2005). As terras pertenciam aos índios, e após a chegada dos portugueses e dos padres jesuítas espanhóis, conflitos políticos e ideológicos resultaram na formação das reduções/missões jesuíticas. As ações ofensivas no Guairá se expandiram ao passo que outros elementos da natureza se mostravam lucrativos: erva-mate e madeira. Esses núcleos indígenas resguardaram a presença espanhola na região, embora tenham sido destruídos pelos bandeirantes paulistas, na primeira metade do século XVII (PRIORI *et al* 2012). Constantes confrontos marcariam a história da região do Guairá, rota conectora de Assunção, no Paraguai, às vilas do litoral paraense (MOTA, 2005).

Ainda que o contato entre os colonizadores e indígenas, escravos ou livres, tenha sido de enfrentamento, com o passar dos anos as interações tornaram-se mais frequentes, quer seja pela escravidão dos indígenas, quer seja pelas negociações de interesse do colonizador (VASCONCELOS, 2013). Para a efetivação desses acordos, ambos os lados convivam em espaços de trocas culturais e linguísticas. Acrescida a isso, e sob incumbência dos padres jesuítas⁶, a fé cristã era pregada e propagada entre as populações indígenas ao longo do litoral e dos rios paranaenses (MOTA, 2012).

A comunicação nessas áreas de contato era possível a partir da língua geral paulista⁷, começando pelo litoral, seguindo, anos mais tarde, ao interior do estado. Nas primeiras áreas urbanas, o uso da língua geral decrescia à medida que os falantes migravam para as novas regiões rurais localizadas no interior do Paraná (AGUILERA; VASCONCELOS, 2003). Da coexistência das línguas tupi e portuguesa surgiu uma expressividade de empréstimos aos lusofalantes. No Paraná, os tupinismos compõem nomes de localidades, ruas, alimentos naturais, ervas medicinais, animais, plantas, árvores etc. A presença dessas palavras, compartilhadas nas vivências diárias nos muitos espaços ocupados pelos colonizadores junto aos índios, foi fundamental para nomear as “novas coisas” da

⁶ Religiosos da Igreja Católica pertencentes à Companhia de Jesus; “sociedade missionária fundada no ano de 1534 por Santo Inácio de Loyola. Seu objetivo primordial era a defesa do catolicismo diante da Reforma Protestante e, também difundido-lo nas novas terras descobertas do Ocidente e do Oriente” (COLODEL, 2012, p. 09-10).

⁷ No Brasil, “língua geral” denominava as línguas de base indígena praticadas no período de colonização. No século XVIII havia duas línguas gerais “Língua Geral Paulista”, falada no sul do país no processo de expansão bandeirante, e a “Língua Geral Amazônica”, ou *Nheengatú*, usada no processo de ocupação amazônica (LABEURB, 2022).

natureza, da vida no campo, do trabalho, da vida do homem etc. (AGUILERA; VASCONCELOS, 2003). Os movimentos de ocupação passariam por mais duas etapas substanciais e, em cada uma delas, traços da cultura e da língua seriam disseminados e preservados.

Já final do século XVI e início do século XVII, sob tutela paulista, a 5ª Comarca de São Paulo, atual estado do Paraná, sofria com a precariedade no atendimento às necessidades básicas da população: saúde, educação e segurança, e com a ausência de serviços públicos (PRIORI *et al* 2012). A insatisfação dos moradores incitou a luta pela emancipação político-administrativa do território paranaense. Entretanto, a autonomia somente foi possível após muitas tentativas de ascensão fracassadas (PRIORI *et al* 2012). Finalmente, no ano de 1853, foi instalada a nova Província que recebeu o nome de Paraná, “denominação que vem da língua Guarani e significa ‘semelhante ao mar’, por ser o nome do maior curso d’água do território paranaense, o Rio Paraná” (PRIORI *et al* 2012, p. 22). A mando de Dom Pedro II, Zacarias Góes e Vasconcellos instaura ações de grandes impactos econômicos, como a construção de estradas ligando Curitiba ao litoral e a aplicação de investimentos na instrução pública primária (PRIORI *et al* 2012).

Nesse intervalo histórico, dois movimentos foram essenciais para a ocupação do Paraná: bandeirismo e tropeirismo⁸. A migração dos bandeirantes paulistas para o litoral paranaense pautou-se no garimpo e na captura de índios para o trabalho escravo. Com a carência dos metais preciosos, “se não encontravam ouro, encontravam os bandeirantes outro motivo para continuarem a caminhada: apareceram campos e campinas adequados para a criação de animais de carga” (ROMANO; SEABRA, 2014, p. 465). O tropeirismo, do mesmo modo, contribuiu para o povoamento quando da necessidade, surge uma oportunidade. Tendo sido iniciada a corrida pelo ouro em Minas Gerais, havia uma nova demanda, o carregamento de grandes cargas. Por terra, a melhor forma de transporte seria investir em animais de carga resistentes, muares e cavalos; atividade pecuária em ascensão no Sul do Brasil e no Uruguai (MOTA, 2012).

⁸ Conduzindo tropas de cavalos ou mulas, os tropeiros atravessavam extensas áreas transportando gado e mercadorias. “O tropeirismo “consistia em comprar as muladas no Rio Grande, no Uruguai, na Argentina, conduzi-las em tropas, uma caminhada de três meses pela estrada do Viamão, inverná-las por alguns meses nos campos do Paraná, e vendê-las na grande feira anual de Sorocaba, onde vinham comprá-las paulistas, mineiros e fluminenses” (BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969, p. 65).

A região dos Campos Gerais⁹ era rota de passagem dos tropeiros que vinham de Vacaria, Rio Grande do Sul, com destino a Sorocaba, São Paulo (MOTA, 2012). Ao longo da rota, “Caminho de Viamão”, muitos povoados se formaram para assistir os viajantes. Os locais de parada e descanso “passaram a aglutinar pequenos artesões e pequenos comerciantes e logo se transformaram em vilas e cidades como Ponta Grossa, Castro, Lapa e muitas outras. Assim, ocorreu a ocupação dos vastos campos naturais do segundo planalto do Paraná” (MOTA, 2012, p.49). Notadamente, nesse caminho foram muitas as trocas culturais e linguísticas. Por onde passavam, os tropeiros deixavam os seus registros, haja vista os muitos estudos acerca do léxico e das variedades do falar dos tropeiros em contato com os falares do sul e o espanhol. Essa herança linguística é identificada em topônimos e, principalmente, nas muitas designações de objetos e atividades no âmbito do tropeirismo (MOREIRA, 2006).

Entre 1881 e 1930, efetivou-se, a partir do sistema de *obrage*¹⁰, a terceira etapa da ocupação do Oeste. É, também, nesse recorte histórico que as primeiras tentativas de colonização de Foz do Iguaçu/PR, no Extremo-Oeste paranaense, têm início. As *obrages* entre Foz do Iguaçu/PR e Guaíra/PR tinham como objetivo principal a exploração extrativista do “ouro-verde”: erva-mate e madeira (PRIORI *et al* 2012). Decorrente disso, até meados da década de 1920, Foz do Iguaçu/PR, a fronteira abandonada e “desnacionalizada”, estava sob poderio argentino; a língua falada era o espanhol e a moeda de compra, “Peso Moneda Nacional” (WACHOWICZ, 1988). As *obrages* ganharam força devido ao crescente avanço da comercialização da erva-mate e da madeira, e à escassez de áreas argentinas exploráveis, tornado o Oeste do Paraná cenário da acentuada extração, muitas vezes ilegal, dos recursos naturais.

Ao chegarmos, em 1905, a feição característica da Colonia era de mais de uma povoação estrangeira; raro, o dinheiro nacional quando aparecia era mais como um hóspede, prevalecendo no comércio local, para todos os efeitos, o *peso* papel argentino. Apesar de agrícola e pastoril, como por lei era declarada, a Colonia importava de *Posadas* e *Vila Encarnación*, as duas mais próximas cidades, esta paraguaia, aquela argentina, a 2 ½ dias de viagem de vapor pelo rio Paraná, todos

⁹ Em 1948, a expressão “Campos Gerais do Paraná” foi consagrada por Reinhard Maack, em “Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná”. O geólogo alemão definiu a formação do solo e as características naturais do Segundo Planalto Paranaense como “uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro araucária” (UEPG, 2022).

¹⁰ “A *obrage* era uma propriedade ou um sistema de exploração de erva mate e madeira existente nas matas subtropicais, em território argentino e paraguaio. O interesse fundamental de um obragero era a extração de erva mate nativa e a madeira em toros” (WACHOWICZ, 1982, p. 44).

os gêneros de primeira necessidade, mesmo os produtos de pequena lavoura, e até aves domésticas eram adquiridas a bordo dos vapores (SILVEIRA NETTO, 1939, p.78).

Nas áreas de ocupação, empresas voltadas à retirada das árvores se instalaram e monopolizaram as atividades comerciais ao longo dos rios navegáveis (EMER, 1991). As empresas legalizadas, foram construídas em terras vendidas pelo governo do estado do Paraná¹¹, a tratativa autorizava o livre acesso aos espaços limítrofes brasileiros. Com acesso irrestrito, navios argentinos transportavam e comercializavam produtos entre os portos do rio Paraná. A transação e a permissão concedidas aos “vizinhos” ia na contramão das ações do governo federal, que tentava conter a invasão estrangeira nas regiões de fronteira (EMER, 1991).

A mais recente etapa de colonização é fruto da atuação das companhias colonizadoras em terras concedidas pelo Estado. As “companhias promoveram a ocupação da região em um ritmo acelerado jamais visto em sua história; em menos de trinta anos tudo estava desmatado e ocupado com vilas, cidades e grandes plantações” (MOTA, 2005, p. 69). Acompanhando os anseios nacionais, o estado do Paraná incentivou a migração para que os “vazios demográficos” fossem povoados. Não apenas a ocupação dos espaços territoriais, a propaganda almejava a vinda de mão-de-obra para atender às demandas agrícolas de abastecimentos dos centros urbanos. A aposta de sucesso no anúncio arrebatador sustentava-se no caos que havia se instaurado na Europa, resultado dos entraves da guerra e da crise econômica (PRIORI *et al* 2012).

O discurso de acolhimento/pertencimento à nação brasileira e de preservação das identidades italiana e alemã nos vazios a serem povoados atraiu inúmeros colonos imigrantes às terras do Oeste Paranaense e, ainda hoje, a extensão de ambos os países europeus são identificados na cultura e nos falares de muitos municípios. Entretanto, em Foz do Iguaçu/PR, o marco da ocupação do território fronteiriço será na década de 1970 com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu (GONZALEZ, 2018). O compassado povoamento dessa região teve início no final do século XIX, até a década de 1970 habitavam a fronteira 33.966 pessoas (IBGE,

¹¹ Possivelmente, a venda tenha dessas áreas tenha sido motivada pela necessidade de recursos financeiros. No começo do século, a economia do Paraná passava por uma séria crise, a negociação da erva-mate dependia dos instáveis mercados do Prata e a atividade pecuária passava dificuldade econômica (EMER, 1991).

2022b). Diferente das demais regiões do Oeste, a cidade limítrofe não se mostrou atrativa à colonização ítalo-germânica, em virtude da sua posição geográfica em relação às demais regiões em expansão agrícola (GONZALEZ, 2018).

O discurso nacionalizante que acompanhou as colonizações ocorridas a partir dos anos 1940 irá tentar construir e imprimir uma identidade regional fundada em algo que essa fronteira jamais foi: parte integrante do Sul brasileiro, europeizado, loiro, colono e agrícola. Consolidada essa imagem “sulina”, ao menos em termos historiográficos, começarão a desaparecer importantes referências anteriores que estiveram fortemente presentes na região, e que no fundo jamais deixaram de existir, tornando-se apenas “invisíveis” do ponto de vista de uma certa historiografia (GONZALEZ, 2018, p. 90).

Ainda que a consolidação do Oeste do Paraná tenha ocorrido em período bastante recente, a fertilidade natural do solo evidenciou as possibilidades de avanços econômicos às grandes empresas e aos pequenos produtores agrícolas, impulsionando, portanto, o progresso histórico, político e econômico, e imprimindo à região um polimorfismo cultural e linguístico. A princípio, o potencial econômico da fronteira, ainda não tinha ganhado visibilidade, mas em algumas décadas, Foz do Iguaçu/PR receberia milhares de pessoas em busca de oportunidades conferidas pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

2.2 CONSOLIDAÇÃO DO OESTE PARANAENSE: HERANÇAS HISTÓRICA, CULTURAL E LINGUÍSTICA

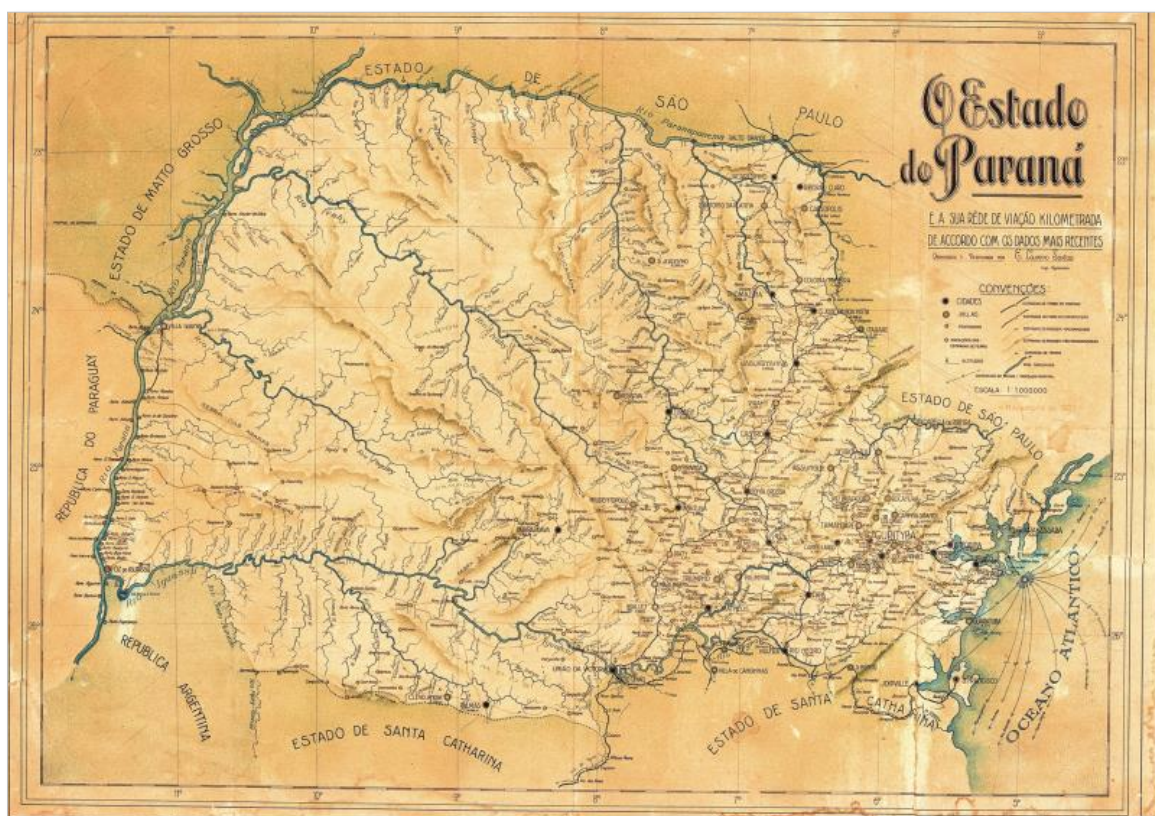
O Oeste do Paraná, compreendido entre as microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel, foi a última região do estado a ser povoada, tendo como auge de sua colonização o movimento nacional “Marcha para Oeste”¹², deflagrado no início dos anos de 1930 (Figura 1).

Indígenas e europeus protagonizaram a primeira e a segunda etapa de ocupação das terras do Oeste: na primeira, os grupos indígenas se dispersaram pela região (MOTA, 2012), e na segunda, várias missões jesuíticas foram criadas, fase marcada por truculentos confrontos entre espanhóis, portugueses e indígenas (MOTA, 2012). Oficialmente, em 1424, com o acordo firmado pelo Tratado de Tordesilhas que

¹² A Marcha para o Oeste foi um movimento implementado a partir da década de 1930, com o intuito de “horizontalizar quistos étnicos, econômicos e sociais”, ou seja, fazer os brasileiros, até então muito presentes somente no litoral do país, “circularem para o Oeste, a fim de que todos, de uma forma ou de outra, estivessem presentes no grande todo” (WACHOWICZ, 1982, p. 144).

dispunha os limites territoriais pertencentes a Portugal e à Espanha, todo o território pertencia à nação espanhola, passando ao domínio português apenas três séculos mais tarde (EMER, 1991). Em 1750, o Tratado de Madri anulou as disposições do acordo que perdurou durante 326 anos e definiu os novos limites de posse territorial de Portugal e Espanha. O Oeste do Paraná passou a ser território português, sendo o rio Paraná o limite entre as fronteiras (COLODEL, 2003).

Figura 1 – Demarcação do território paranaense em 1924



Fonte: IAT (2022).

O período entre 1881 e 1930 corresponde à terceira etapa da ocupação do Oeste. A presença de estrangeiros na área era intensa, as *obrages* extraíam erva-mate e madeira do Paraná, e exportavam para os mercados argentino e inglês, enviadas pelos rios Paraná e da Prata (GREGORY, 2002) (Figura 2). As empresas extrativistas contratavam trabalhadores braçais para a execução do trabalho exaustivo nas *obrages*, os *mensus*¹³ (GREGORY, 2002). A “Companhia Mate Laranjeira”

¹³ “O *obragero* pagava adiantado (*antecipo*) aos *mensus* e isso “era o início da corrente de ferro que tornava os *mensus*, senão escravos, verdadeiros servos presos ao patrão por uma conta corrente praticamente interminável. Cada *mensu*, ao chegar numa *obrage*, tinha aberta uma conta corrente.

impulsionou a economia e o desenvolvimento do sul do estado do Mato Grosso e, após sua ascensão, passou a operar no estado do Paraná e escoar produtos pelo Rio da Prata. Em solo paranaense, para o transporte terrestre de mercadorias, a empresa possuía e mantinha uma ferrovia entre Guaíra e Porto Mendes, trecho onde as “Sete Quedas”¹⁴ impediam o tráfego fluvial (GREGORY, 2002).

Figura 2 – Porto de embarque no Rio Paraná (Porto Mendes)



Fonte: Histórias do Oeste do Paraná (2013).

A falta de fiscalização nas fronteiras, por parte do governo brasileiro, cooperou para o contrabando, madeiras ilegais saíam do Brasil rumo à Argentina (RIPEL, 2005). Em pouco tempo, a atividade extrativista atraiu grandes investimentos

Assim, [...] passava a depender inteiramente do patrão. Ele era obrigado a suprir-se de gêneros alimentícios, roupas e tudo o mais no armazém ou no *barracón* da *obrage*. Dessa forma o patrão ganhava duplamente: pagando salário ínfimo e obrigando o *mensu* a abastecer-se no armazém da empresa. Um *mensu* dificilmente conseguia pagar o que recebeu e se não tentasse fugir, provavelmente morreria devendo” (WACHOWICZ, 1987, p. 49).

¹⁴ “Em 13 de outubro de 1982, o fechamento das comportas do canal de desvio de Itaipu começou a sepultar, com as águas barrentas do lago artificial, um dos maiores espetáculos da face da Terra: as Sete Quedas do Rio Paraná. Durante a inundação, os moradores de Guaíra iam até a beira do rio para se despedirem das Sete Quedas. A inundação das Sete Quedas durou apenas 14 dias, pois ocorreu em uma época de cheia do rio Paraná, e todas as usinas hidrelétricas acima de Itaipu abriram suas comportas, contribuindo com o rápido enchimento do lago” (GUAÍRA, 2017).

ao longo do Rio Paraná e só então “os governos Federal e Estadual perceberam a necessidade de primeiro expulsar os exploradores argentinos da área, e, depois, a urgência de se ocupar de modo efetivo a região com população brasileira visando garantir a preservação da fronteira nacional” (RIPEL, 2005, p.76). Após a constatação da precária situação dos territórios fronteiriços e a presença quase nula de brasileiros na vasta região do Oeste, o povoamento tornou-se um plano do governo estadual (RIPEL, 2005).

À vista disso, a quarta etapa de ocupação representa o significativo aumento demográfico no Oeste, efeito das ações do estado e da chegada de brasileiros e imigrantes aos vazios demográficos. Na década de 1920, a região passou a receber grandes quantidades de europeus e o espaço, até então inabitado, converteu-se em conjuntos de pequenas propriedades rurais com características muito semelhantes ao modo de vida das primeiras colônias fundadas nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (PRIORI *et al* 2012). Os europeus dedicavam-se ao povoamento e à expansão da agricultura familiar, em contrapartida, o Estado garantia às comunidades estrangeiras a segurança às propriedades territoriais (PRIORI *et al* 2012).

Nos anos de 1930, o adensamento populacional acompanhou a ação do movimento nacional “Marcha para o Oeste”¹⁵, as atividades extrativistas continuaram e a exploração agrícola foi incluída nas ações promotoras da prosperidade do Oeste.

Nos anos seguintes, extensas proporções de terras foram cedidas pelo governo do estado às companhias colonizadoras (COLODEL, 1988). Em pouco tempo, a última fronteira agrícola atraiu milhares de pessoas que buscavam novas oportunidades de ascensão, efeito da divulgação da fecundidade da terra roxa. “Independentemente dos motivos que levaram essas famílias a abandonarem suas terras nos seus locais de origem, a migração para o oeste do Paraná [...] abria a possibilidade de um recomeço” (COLODEL, 1988, p. 229). Ante o novo cenário, a venda das terras agricultáveis e das áreas urbanas passou a ser incumbência das companhias colonizadoras. A exemplo disso, a Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná – Maripá, formada por acionistas gaúchos, abriu estradas em meio à mata,

¹⁵ A campanha, do então presidente Getúlio Vargas, teve como meta atrair brasileiros das regiões litorâneas e dos centros urbanos para o interior dos estados. Decorrente da Segunda Guerra Mundial, o processo de importação de produtos agrícolas enfrentava dificuldades e o Brasil carecia de desenvolvimento para a indústria de base. Uma vez que a densidade demográfica passava pelo processo de expansão, a ampliação da demanda por alimentos era prioridade (GREGORY, 2002).

marcou lotes urbanos e rurais e, celeremente, iniciou as vendas de lotes (COLODEL, 2003). Em 1951, todas as áreas demarcadas, dos 124 mil alqueires, estavam vendidas ou compromissadas. No processo de venda, muitas famílias foram destituídas das pequenas propriedades rurais por não possuírem documentos que comprovassem a compra, o espólio ou a doação das áreas habitadas (COLODEL, 2003).

Diversas empresas colonizadoras desenvolveram suas atividades no Oeste paranaense, imprimindo às comunidades traços culturais distintos, visto que cada microrregião recebeu, ao longo dos anos, diferentes correntes de ocupação (PRIORI *et al* 2012). Como atitudes de pertencimento, as colônias recriavam em solo paranaense o estilo de vida de suas origens, migrantes, vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por exemplo, reproduziam em seus cultivos o padrão agrícola semelhante ao encontrado em seus estados: plantio de milho e cereais, e criação de suínos. Ademais, conferiam às novas comunidades a identidade cultural e a história de seus ascendentes. Nesse período, praticamente, todo território paranaense foi ocupado (COLODEL, 2003).

Entre 1940 e 1960, o crescimento demográfico e a urbanização da Mesorregião Oeste foram determinantes para a conquista do terceiro espaço de alta relevância na econômica paranaense (IPARDES, 2008). Posterior à expansão rural, os centros urbanos passaram a protagonizar os anseios da população, demandando novos planos para a infraestrutura do Estado (IPARDES, 2008). Com o avanço da tecnologia, a agricultura manual passou a dividir seu protagonismo com as novas técnicas de cultivo, os processos de mecanização e automação chegam às áreas agricultáveis marcando uma nova era na economia. Entretanto, essas alterações radicais mudam a relação de trabalho e muitos agricultores deixam suas terras e migram para as cidades (IPARDES, 2008).

Particularmente, no Extremo-Oeste, na cidade de Foz do Iguaçu, a construção da Ponte Internacional da Amizade e a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu afirmaram o poder econômico do Paraná na conjuntura nacional e internacional (IPARDES, 2019b). Brasil e Paraguai, após longos enfrentamentos, reatavam as relações bilaterais e a reaproximação se mostrava benéfica aos dois países. Paraguai ambicionava uma urgente ligação ao oceano e a revitalização da BR 277, que conecta Foz do Iguaçu/PR a Curitiba/PR, colaborou sobremaneira com a dinamização da economia binacional (IPARDES, 2019b). Nesse contexto, não apenas Foz do Iguaçu/PR, como também Cascavel/PR, foram relevantes para o progresso da

região. “Entre os anos 1950/1970, a população total do Oeste paranaense passa de pouco mais de 16.000 para mais de 760.000 habitantes, num crescimento não verificado em nenhum outro espaço paranaense” (IPARDES, 2019b).

Produto do início da construção do canteiro de obras da Hidrelétrica de Itaipu, a população de Foz do Iguaçu/PR salta de 33.996 habitantes para 136.321, em 10 anos, 50% do aumento demográfico do Oeste foi registrado em apenas um município. A vinda dos operários, e familiares, de todo território nacional concentra, amalgama e instaura, em um novo espaço, relações sociais, culturais e econômicas, até então inexistentes (IPARDES, 2019b).

A região começa a transformar-se num “formigueiro” humano. Entre 1975 e 1978, mais de 9 mil moradias foram construídas nas duas margens para abrigar os homens que atuam na obra. Até um hospital é construído para atender os trabalhadores. À época, Foz do Iguaçu era uma cidade com apenas duas ruas asfaltadas e cerca de 20 mil habitantes; em dez anos, a população passa para 101.447 habitantes. (ITAIPU, 2019a).

A primeira tentativa de colonização de Foz do Iguaçu/PR não logrou êxito, foi preciso quase um século para que sua riqueza natural e o seu progresso urbano fossem destaque no cenário paranaense. Ainda que o município tenha recebido alguns grupos de imigrantes e colonos sulistas, a lavoura não se firmou como atividade primária, revelando uma característica própria, quando comparado às cidades do entorno. “Até o pós-guerra, foi insignificante a ocupação de terras por novos migrantes camponeses e muito reduzida a transferência de população para Foz do Iguaçu. Única sede urbana do Oeste do Paraná até a década de 1950” (EMER, 1991, p.128).

A dinâmica dos movimentos migratórios e dos ciclos econômicos do Oeste reuniu em uma porção de terra diferentes histórias e culturas, delineando um território múltiplo e produtivo. Compondo esse mesmo espaço, de um lado, uma povoação com base agrícola e sulista, fomentada por ações do governo, e de outro, “uma fronteira platina, obragera e castelhana” (GONZALEZ, 2018, p.90), por muito tempo esquecida, onde as relações econômicas, culturais e linguísticas foram estabelecidas durante décadas exclusivamente com o Paraguai e a Argentina.

2.3 Foz do Iguaçu: HISTÓRIA E LEGADO

Por ocasião da Descoberta da Foz do Iguaçu o território brasileiro já era habitado. Existiam no mesmo 324 almas, assim descritas: 9 brasileiros, 5 franceses, 2 espanhóis, 95 argentinos, 212 paraguaios e um inglês. Destes 220 pertenciam ao sexo masculino e 104 ao sexo feminino (BRITO, 2005, p. 26).

Localizado no Extremo-Oeste paranaense, a 630,20 km de distância de Curitiba, capital do estado, está o município¹⁶ de Foz do Iguaçu (Figura 3). A origem do nome “Iguaçu” está no Tupi Guarani e significa “água grande”, “rio grande” (DICIONÁRIO ILUSTRADO TUPI GUARANI, 2022), a escolha faz menção ao principal afluente do Paraná. O rio Iguaçu nasce no Brasil, sua formação resulta do encontro entre o rio Iraí e rio Atuba, ao leste de Curitiba; atravessa o estado do Paraná e junta-se ao rio Paraná, na divisa com a Argentina (IBGE, 2022b)¹⁷.

Figura 3 – Mapa do Paraná interligado à região sul do Brasil, com destaque e aproximação de visão da área do território iguaçuense



Fonte: PMFI (2020).

¹⁶ Neste trabalho, as palavras *município* e *cidade* são sinônimos e designam: “circunscrição administrativa autônoma do estado, governada por um prefeito e uma câmara de vereadores; municipalidade” (FERREIRA, 2010, p. 522).

¹⁷ Cf. <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445515&view=detalhes>

Cento e sete anos depois de sua emancipação, Foz do Iguaçu/PR abriga 80 etnias e estima-se que sua população seja de 257.971 habitantes (IBGE, 2022a), o contato diário entre culturas distintas imprime ao município características inigualáveis. Se hoje o território multifacetado é preferência de brasileiros e estrangeiros, em tempos mais remotos, a região sentiu as mazelas do esquecimento do governo brasileiro. No processo histórico, cinco ciclos delinearão a trajetória socioeconômica de Foz do Iguaçu (Quadro 1). Em cada ciclo, muitos fatores contribuíram para paisagem múltipla, e ao mesmo tempo tão particular, na qual se desenrola a sociedade iguaçuense.

Quadro 1 – Ciclos socioeconômicos do município de Foz do Iguaçu

De 1870 ao século XXI
1º Ciclo: Extração da Madeira e Cultivo da Erva-mate (1870 a 1970)
2º Ciclo: Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu (1970 a 1980)
3º Ciclo: Exportação e Turismo de Compras (1980 a 1995)
4º Ciclo: Abertura de Mercados – Globalização
5º Ciclo Turismo de Lazer e Eventos, Logística e Polo Universitário

Fonte: elaborado pela autora.

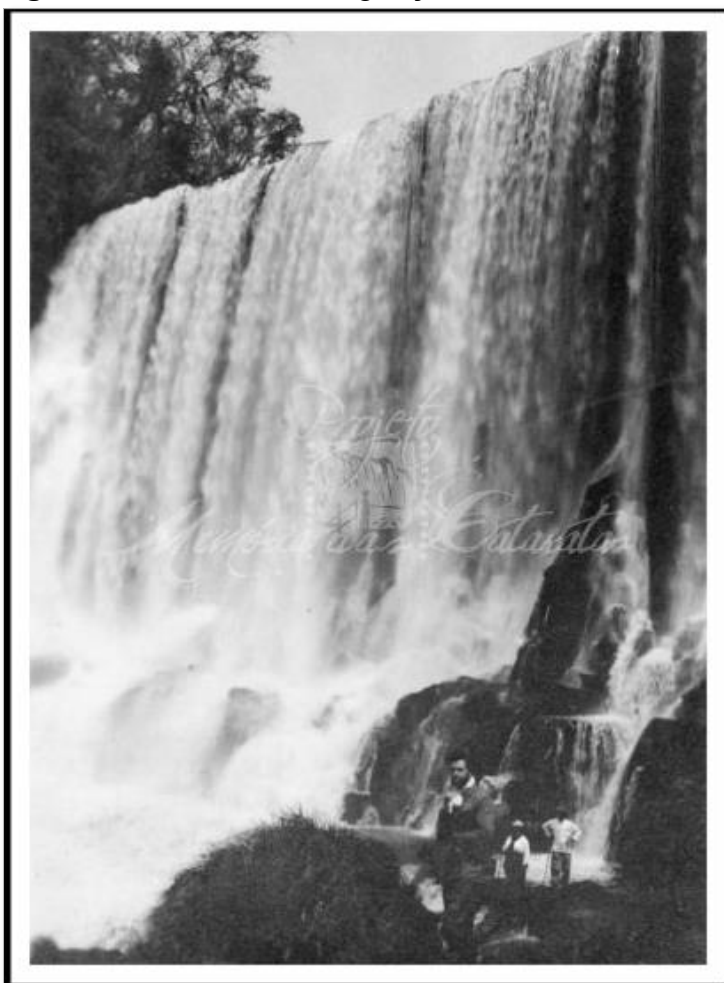
O 1º ciclo tem início em meados da década de 1870, mas antes disso já havia indicação do atual território iguaçuense nos registros de viagem. Ainda que informais, os relatos de viajantes dos séculos XVI e XVII descrevem o contato dos europeus com os índios que habitavam a região da foz do Iguaçu. Em 1522, Aleixo Garcia, navegador português, empreendeu a primeira viagem terrestre de europeus pelo interior do sul do Brasil. A expedição durou três anos e no retorno, Garcia foi morto por índios Guaranis nas proximidades de Foz do Iguaçu/PR (MOTA, 2012). No dia 29 de março de 1542, a expedição comandada pelo governador espanhol da Província del Rio de Plata, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, e acompanhada e guiada por centenas de índios Guaranis, partiu da ilha de Santa Catarina com destino à Nossa Senhora de Assunção, capital do Paraguai. No trajeto, em 31 de janeiro, o europeu encontrou um conjunto de, aproximadamente, 275 quedas de água no Rio Iguaçu, na fronteira entre o Brasil e a Argentina.

A cada novo território que ingressava a expedição dispensava os acompanhantes do território anterior, e mediante pagamentos em espécie (machados, contas, etc.) integrava novos guias para o

percurso seguinte. Subiram a Serra do Mar, alcançaram o rio Negro (na altura de Rio Negrinho - SC) e desceram até a sua desembocadura, no rio Iguaçu. Para contornar o território dos Kaingang tiveram de subir o Iguaçu, e a certa altura se dirigiram ao rio Tibagi e seguiram seu curso. Nas proximidades da foz do rio Iapó, atual cidade de Tibagi, a expedição dirigiu-se para oeste até chegar ao rio Ivaí, e, a seguir, rumando para o sudoeste, passou pelo rio Piquiri até alcançar o rio Iguaçu, a poucos quilômetros de sua foz. Dali, seguiu até Assunção (MOTA, 2012, p. 40).

Baseados nas narrativas dos navegadores, os arquivos históricos titulam o comandante espanhol como o “Descobridor” dos Saltos de Santa Maria, atual Cataratas do Iguaçu (Figura 4), Patrimônio Natural da Humanidade e uma das Sete Maravilhas da Natureza (ICMBIO, 2019).

Figura 4 – Cataratas do Iguaçu na década de 1920 (foto postal)



Fonte: Projeto Memória das Cataratas (2011).

De acordo com o Tratado de Tordesilhas, todo o oeste do Paraná pertencia à Espanha. Não obstante, em 1619, Portugal e Espanha firmaram o Tratado de Madri.

Por ele, o Brasil adquiriu a configuração atual, passando o Oeste a integrar o território nacional brasileiro (BRITO, 2005). Até o início da década de 1880, a fronteira ficou entregue ao esquecimento e ao predomínio político e econômico do Paraguai e da Argentina, quando, no mesmo ano, Dom Pedro II ordenou ao Capitão Nestor Borba que chefiasse uma expedição até a região. A preocupação com a segurança dos territórios fronteiriços promoveu debates e ações que culminaram na tratativa da instalação da Colônia Militar em Foz do Iguaçu (BRITO, 2005).

Em 1881, Foz do Iguaçu recebeu seus dois primeiros habitantes, o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manuel Gonzáles. Pouco depois chegaram os irmãos Goycochéa, que começaram a explorar a erva-mate. Oito anos após, foi fundada a Colônia Militar na fronteira - marco do início da ocupação efetiva do lugar por brasileiros e do que viria a ser o Município de Foz do Iguaçu (WILDNER, 1988, p. 31).

Em 1888, o novo Ministério de Guerra¹⁸ é criado, dentre seus encargos estava a instituição da Colônia Militar, Foz do Iguaçu/PR volta a fazer parte da pauta de discussões do governo. No ano seguinte, após 69 dias de viagem até a fronteira, no dia 23 de novembro de 1889, o 1º Tenente, Antonio Batista da Costa Júnior, publica a ordem do dia nº 01, fundando oficialmente, junto ao Sargento José Maria de Brito, a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (BRITO, 2005).

Logo na chegada, a expedição se depara com um lugar abandonado, “uma sentinela solitária da Pátria” (WILDNER, 1988, p. 34). As cidades mais próximas eram Posadas, na Argentina, e Encarnación, no Paraguai. As coordenadas para a fundação da colônia eram exatas: “deveria ser fundada a 4 Km do ponto de encontro dos rios Iguaçu e Paraná, na direção que seria dada por uma linha reta que partisse do centro do ângulo formado pelos dois rios, e lá deveria ser fundada a cidade de Foz do Iguaçu” (WILDNER, 1988, p. 34). Porém, a estiagem e a distância das águas fluviais

¹⁸ A Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra foi criada em Portugal por alvará de 28 de julho de 1736. Era de sua competência a nomeação de ministros para o serviço no estrangeiro, os tratados de paz, guerra, alianças, comércio e casamentos, as deliberações sobre guerra e exércitos, administração dos hospitais militares, fortificações, a expedição de ofícios, as ordens regimentais dos postos militares e a deliberação sobre suas consultas. Foi recriada no Brasil pelo decreto s/nº de 11 de março de 1808, que nomeou d. Rodrigo de Sousa Coutinho ministro e secretário dos Negócios da Guerra e Estrangeiros, mantendo as mesmas atribuições. Em 2 de maio de 1822, a Secretaria foi dividida, os negócios estrangeiros passaram a integrar a Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. A Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra manteve a denominação durante todo o Império. Em 30 de outubro de 1891, pela lei nº 23, passou a denominar-se Ministério da Guerra e em 25 de fevereiro de 1967, o decreto-lei 200 alterou sua denominação para Ministério do Exército (ARQUIVO NACIONAL, 2013, p. 06).

impossibilitaram o cumprimento da prescrição.

O traçado da cidade ficou a cargo da Colônia Militar, havia casas para os militares, farmácia, enfermaria, ferraria, carpintaria etc. O abastecimento alimentício dependia, em grande parte, da Argentina e do Paraguai que, por sua vez, forneciam alimentos a preços exorbitantes (MURICY apud MYSKIW, 2005). Em 1897, foi nomeada uma comissão para instalar em Foz do Iguaçu/PR uma agência fiscal, chefiada pelo capitão Lindolfo de Siqueira Bastos. Muitas críticas foram tecidas à administração da Colônia, sob responsabilidade do Tenente Edmundo de Barros. Posterior à chegada, a comissão elencou, em relatório descritivo, as reais condições da Colônia:

- a. a direção da colônia cobrava elevados impostos;
- b. as medidas adotadas estavam afugentando o comércio e as explorações de mata e madeira;
- c. a exportação de erva-mate, em 1896, havia sido de 880.000 kg, registrados, não contando aquela que passou rio abaixo por contrabando, calculado pelo próprio comandante Torres Homem, em um terço da produção;
- d. a região de Foz do Iguaçu estava praticamente abandonada como produtora de riquezas, e principalmente como porto comercial com o estrangeiro;
- e. a colônia na ocasião possuía 13 casas cobertas com zinco e taboinhas pertencentes à colônia e a particulares; mais uns 15 ranchos cobertos de capim e dispersos numa área de 8 a 10 hectares;
- f. não existia na sede uma única plantação de hortaliças ou árvores frutíferas;
- g. a população seria descrente, pois que achando se oprimida, estava mudando com as famílias para o Paraguai;
- h. a sede da colônia estava situada na margem esquerda do rio Paraná a aproximadamente 1 km das águas e 6 km da foz do rio Iguaçu. A cerca de 19 km da colônia, a montante pelo rio Paraná, ficava a vila paraguaia de Tacurupucú, distante do seu porto 4 km. Em frente, do lado brasileiro, estava o porto dos franceses, onde havia comércio, mas em vias de se transferir para o Paraguai (WILDNER, 1988, p. 36).

Mesmo que as contribuições dos militares na fronteira tenham sido significativas, a distância e o isolamento das demais comunidades brasileiras foram obstáculos para crescimento de Foz do Iguaçu/PR e, no dia 16 de junho de 1912, a Colônia foi extinta, tornando-se povoação civil aos cuidados do governo do Paraná. Dois anos após a extinção da Colônia Militar, a Lei Estadual nº 1.383, de 14 de março de 1914, criava o município de Iguaçu cuja sede foi elevada à categoria de Vila com a denominação de “Vila Iguaçu”. No dia 10 de junho do mesmo ano foi instalado o novo município Foz do Iguaçu (PMFI, 2019).

Afinada aos movimentos migratórios do Paraná, a partir de 1920, paulatinamente, a região de Foz do Iguaçu recebeu novos colonizadores, na maioria alemães e italianos, os quais obtinham a fonte de renda da produção de erva-mate e do corte de madeira. Em 1930, do estado do Rio Grande do Sul chegaram grupos de agricultores que se instalaram em pequenos pedaços de terras e iniciaram um novo ciclo econômico: a agroatividade desenvolvida por esses migrantes pautava-se na produção primária destinada ao comércio (IPARDES, 2008).

Igualmente a outras cidades do interior, gradativamente, Foz do Iguaçu se desenvolvia, “abrasileirava-se” e buscava meios para manter a economia estável. Ainda na década de 1930, dois episódios foram oportunos para a aceleração do progresso: i) implementação do anel viário e aéreo e ii) criação do Parque Nacional do Iguaçu. Como reflexo, o número de estabelecimentos comerciais é ampliado, impulsionando a economia local. Não apenas em Foz do Iguaçu, mas, todo o território paranaense precisava adequar-se às novas demandas, a infraestrutura requeria conexões e condições para a circulação entre as cidades. Em resposta às exigências, em 1965 é inaugurada a Ponte Internacional da Amizade, unindo Brasil e Paraguai, e, em 1969, a BR 277 é pavimentada conectando Foz do Iguaçu ao Porto de Paranaguá. Essas vias de transporte, junto à Ferroeste¹⁹, compõem um dos mais importantes núcleos logísticos da América do Sul.

Cronologicamente, o 1º ciclo socioeconômico de Foz do Iguaçu foi o mais longo e teve como meta a nacionalização do território, instituição de limites geográficos (sociais e culturais) na fronteira e impulso para o crescimento demográfico. Como exposto, as primeiras tentativas de colonização se desenrolaram morosamente, isso, deve-se, em grande parte, ao objetivo primeiro da chegada dos militares: estabelecer limites, não seriam alguns poucos anos que fariam “desaparecer” da constituição do município as muitas relações estreitadas com os países vizinhos. Aos poucos, as famílias dos militares foram chegando ao território e, mais tarde, alguns núcleos familiares sulistas e descendentes de imigrantes europeus; o turismo começa a se mostrar uma possibilidade de movimentação econômica;

¹⁹ A Estrada de Ferro Paraná Oeste S.A. – Ferroeste, sociedade de economia mista que tem no Governo do Paraná seu maior acionista, foi criada em 15 de março de 1988. Em outubro do mesmo ano, recebeu a outorga da concessão para construir e explorar a ferrovia. A empresa detém a concessão, conforme Decreto do Governo Federal nº 96.913/88, para construir e operar uma ferrovia entre Guarapuava, Estado do Paraná, e Dourados no Estado do Mato Grosso do Sul, servindo os produtores do Oeste e Extremo Oeste paranaense, o Mato Grosso do Sul, Paraguai e norte da Argentina (FERROESTE, 2019).

caminhos para Extremo Oeste introduzem o que mais tarde comporá uns dos ciclos mais lucrativos do município etc. Todavia, foram quase 100 anos para que, de fato, Foz do Iguaçu se consagrasse como espaço produtivo.

Do primeiro ciclo de formação da nova comunidade, para esta Tese cinco bairros foram selecionados para compor a rede de pontos: i) Porto Meira; ii) Vila Yolanda, iii) Vila Shalon; iv) Aparecidinha e v) Aeroporto, dos quais, os dois últimos pertencem às áreas rurais de Foz do Iguaçu/PR²⁰.

Muito embora os eventos supracitados tenham contribuído para as evoluções da cidade interiorana do oeste do Paraná, não houve no espaço paranaense crescimento populacional, social e econômico que se comparasse à transformação por que passaria Foz do Iguaçu nos anos vindouros.

2.3.1 Usina Hidrelétrica de Itaipu: a Imponência no Oeste Paranaense

Técnicos percorrem o rio de barco em busca do ponto mais indicado para a construção da Itaipu Binacional. O local é escolhido após a realização de estudos com o apoio de uma balsa. No coração da América do Sul, brasileiros e paraguaios indicam um trecho do rio conhecido como Itaipu, que, em tupi, quer dizer "a pedra que canta" (ITAIPU, 2019a).

Em apenas uma década, a população de Foz do Iguaçu/PR passou de 33.966 para 136.321 habitantes. Se comparada à estimativa de 1960, 28.212 habitantes, registrou-se um crescimento demográfico de 383% no município, em apenas 20 anos (PMFI, 2019). Adjacente à expansão populacional, transformações nos serviços públicos e privados tornam-se impreteríveis para garantir condições mínimas de sobrevivência e bem-estar aos iguaçuenses e aos novos moradores. Se até a década de 1970 a economia do município era movimentada pela produção de erva-mate e por atividades agropecuárias e madeireiras, na nova conjuntura, a construção civil, o turismo, o comércio e a prestação de serviços passam a integrar a fonte de renda do território iguaçuense.

Antes mesmo dos primeiros montantes de materiais da construção da Usina de Itaipu chegarem a Foz do Iguaçu, os governos do Brasil e do Paraguai

²⁰ A descrição pormenorizada de cada ponto de inquérito e o seu pertencimento aos ciclos socioeconômicos serão elucidados no Capítulo 5. Da Teoria ao Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu (ESeLFI): percurso metodológico.

estreitavam os acordos políticos binacionais, exemplo disso é a Ata do Iguaçu, importante documento histórico das relações entre os dois países e fundamental para o surgimento de Itaipu. Assinada no dia 22 de junho de 1966, em Foz do Iguaçu/PR, pelos ministros das relações Exteriores do Brasil, Juracy Magalhães, e do Paraguai, Sapena Pastor, a ata foi o primeiro documento bilateral. Nela, consta a intenção de aproveitar os recursos hidráulicos do Rio Paraná, além de esboçar temas que seriam esmiuçados no Tratado de Itaipu, em 1973 (ITAIPU, 2019b).

Firmado o acordo, a notícia do empreendimento foi amplamente divulgada, isso porque até pouco tempo Foz do Iguaçu era “apenas” uma pequena cidade no extremo oeste do Paraná. O governo do Brasil investiu nas propagandas em todo território nacional, a região seria transformada em um expressivo polo socioeconômico.

Pedro Vidal era um rapazote em 1979 quando foi ao cinema e viu um anúncio com vagas para trabalhar no maior canteiro de obras do Brasil: a Itaipu Binacional. Ele não pensou duas vezes. Deixou Apucarana, no Norte do Paraná, e procurou o rumo de Foz do Iguaçu para tentar a vida. Aqui conheceu a mulher, formou uma família e se deparou com os revezes da existência humana (PARO, 2016, p. 73).

Em 1974, com a chegada das primeiras máquinas no canteiro de obras, a construção da Itaipu Binacional é iniciada. No segundo semestre do mesmo ano, edificou-se o acampamento pioneiro da sede administrativa, alojamento e refeitório, cuja estrutura ainda existe e foi transformada no Parque Tecnológico de Itaipu (PTI), que tem como finalidade viabilizar a integração entre instituições de ensino, empresas, centros de pesquisas e laboratórios. O PTI é referência de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias sustentáveis no Brasil e no mundo (PTI, 2019a).

Entre 1975 e 1978, mais de nove mil moradias foram construídas para abrigar os operários de Itaipu, obreiros, técnicos, engenheiros etc. Até mesmo um hospital foi erguido para atender os trabalhadores (ITAIPU, 2019a). Tanto os bairros, Vila “A”, Vila “B” e Vila “C”²¹, quanto o Hospital Ministro Costa Cavalcante (HMCC) ficaram como legado à população iguaçuense. O HMCC foi inaugurado em julho de 1979 e atenderia, inicialmente, os trabalhadores da construção da usina, mas passou a ser referência em saúde na região. E, em 1996, iniciou o atendimento aos pacientes

²¹ Bairros selecionados para compor a rede de pontos desta Tese.

do Sistema Único de Saúde (SUS), atualmente mais de 60% dos atendimentos são voltados a esse público.

De 1978 a 1981, até cinco mil pessoas eram contratadas por mês. No pico da construção da barragem, a Itaipu mobilizou cerca de 40 mil trabalhadores nos canteiros de obras e nos escritórios de apoio (ITAIPU, 2019a). Finalmente, no dia 05 de novembro de 1982, oito anos após o início das obras e mais de 50 mil horas de trabalho “com o reservatório já formado, os presidentes do Brasil, João Figueiredo, e do Paraguai, Alfredo Stroessner, acionam o mecanismo que levanta automaticamente as 14 comportas do vertedouro, liberando a água represada do Rio Paraná e, assim, inauguram oficialmente a maior hidrelétrica do mundo” (ITAIPU, 2019a).

A construção de Itaipu causou grandes impactos no ciclo econômico da Tríplice Fronteira. Conforme versado, mensalmente cinco mil pessoas eram empregadas, movimentando a economia local. E, quando as obras acabaram, o que restou aos iguaçuenses, aos migrantes e aos imigrantes que decidiram ficar em Foz do Iguaçu/PR, ou que não tiveram condições de voltar às suas terras de origem? As respostas a essa indagação introduzem a próxima seção. A partir dos impactos desse marco histórico, novas características foram introduzidas à Tríplice Fronteira, a opção pelos bairros: i) Vila “A”, ii) Vila “B”, iii) Vila “C”, iv) Três Lagoas e v) Morumbi é fundada na conjuntura de criação e de ordenação das novas comunidades.

2.3.2 Foz do Iguaçu do Século XXI

a população do município quase quadriplicou e a cidade sofreu as consequências, procurando desde então se reestruturar e se reorganizar. Grandes avenidas, obras de infraestrutura e loteamentos mudaram o perfil da cidade. O desenvolvimento urbano acelerado causou distorções e desequilíbrios, observados também em toda a região, provocando mudanças profundas e irreversíveis (PMFI, 2016, p. 47- 48).

O segundo, o terceiro e o quarto ciclos têm início no final do século XX, entrecruzam-se em alguns momentos e se afastam em outros. O certo é que a partir da construção da BR277, Foz do Iguaçu/PR não seria mais esquecida no interior no mapa. A instabilidade da década de 1980 assolou o mercado local, estratégias precisaram ser traçadas na tentativa de encontrar saídas para a desordem estabelecida.

Finalizados os trabalhos no canteiro de obras da Itaipu, compunha-se o

cenário de contrastes, afinal, Foz do Iguaçu/PR era sede da maior usina hidrelétrica do mundo e do Parque Nacional do Iguaçu, mas precisava enfrentar os resquícios de um adensamento urbano (Figura 5) acelerado e mal planejado, ou planejado “pela metade”. De um lado, melhoria na infraestrutura e nos serviços públicos e privados; ruas foram abertas, novos loteamentos urbanos edificadas, pequenos estabelecimentos comerciais empreendidos. De outro, desordem urbana; aumento da pobreza, falta de moradia e aumento da criminalidade (PARO, 2016).

Figura 5 – Evolução populacional de Foz do Iguaçu/PR

ANO	N.º HABITANTES	CRESCIMENTO %
1889	324 habitantes	-
1920	6.430 habitantes	1.884,57%
1940	7.645 habitantes	18,90%
1950	16.412 habitantes	114,68%
1960	28.080 habitantes	71,09%
1970	33.966 habitantes	20,96%
1980	136.321 habitantes	301,35%
1990	190.194 habitantes	39,52%
2000	258.543 habitantes	35,84 %
2001	266.771 habitantes	3,25 %
2002	272.939 habitantes	2,31 %
2003	279.620 habitantes	2,45 %
2004	293.646 habitantes	5,02 %
2005	301.409 habitantes	2,58 %
2007	311.336 habitantes	3,19%
2010	256.088 habitantes	-17,74%
2016	263.915 habitantes	2,97%

Fonte: PMFI (2016, p. 80).

O caos demográfico e da economia iguaçuense resultou do conjunto de fatores: i) migração de trabalhadores atraídos pela crescente precisão de mão-de-obra na Itaipu; ii) imigrantes que viram na abertura de pequenos comércios a chance de melhoria de vida; iii) número excedentes de trabalhadores em relação ao número de vagas ofertadas na construção da hidrelétrica; iv) desapropriação de terras para a execução das obras de Itaipu, antigos produtores rurais migraram para a área urbana; v) a cada etapa finalizada da construção, uma leva de trabalhadores contratados temporariamente permanecia na cidade (PMFI, 2016).

O alto índice de desemprego e centenas famílias sem moradia

multiplicaram o número de ocupações desordenadas, surgindo as primeiras invasões em áreas públicas e privadas sem quaisquer formas de saneamento e de infraestrutura. Por conseguinte, houve o aumento do número de trabalhos informais, da criminalidade e do contrabando (CONTE, 2012). Coincidindo com o término das obras de Itaipu, o comércio de exportação e turismo de compras é intensificado no Paraguai e o descaminho de mercadorias se mostra como uma alternativa contra a instabilidade econômica que atingiu Foz do Iguaçu/PR (CONTE, 2012).

No fluxo do turismo de compras, muitos brasileiros escolhem Foz do Iguaçu/PR como destino de viagem pela facilidade de acesso a produtos importados no Paraguai, dentre os artigos mais procurados estão os eletroeletrônicos. Percebendo essa dinamicidade, os comerciantes de Ciudad del Este investiram em tecnologias de ponta para atender às demandas de seus compradores, haja vista que ainda hoje o segmento movimenta parte da economia de Foz do Iguaçu/PR (PMFI, 2016). O turismo de compras, novamente, é um chamariz à fronteira. Muitas pessoas de Foz do Iguaçu/PR e região se envolvem no processo de comércio e movimentação de mercadorias, até mesmo adolescentes têm no contrabando a primeira ocupação. “Algumas crianças são inseridas no contrabando formiguinha pelos próprios pais, desempregados, que precisam de sustento; assim encontram na informalidade uma saída pra vencer a fome” (PARO, 2016, p. 121). Em regiões de fronteira, a prática do contrabando não é tratada como crime por grande parte da população, os fluxos de pessoas e mercadorias são anteriores à normatização e às práticas do contrabando, por isso podem até ser compreendidos como “cultural” (PARO, 2016). Por ser sazonal e instável, muitas pessoas deixam as atividades do mercado informal e buscam empregos estáveis.

Superados alguns percalços na economia e com o propósito de alcançar o equilíbrio, nos últimos anos, Foz do Iguaçu/PR intensifica suas ações de desenvolvimento no turismo e na educação. O município é a terceira cidade brasileira que mais recebe turistas nacionais e internacionais, totalizando 13,5% dos visitantes que entram no país (BRASIL, 2017). A localização geopolítica, as belezas naturais e do mundo moderno e a diversidade cultural são os principais atrativos (Quadro 2).

Quadro 2 – Principais atrativos turísticos de Foz do Iguaçu

Principais Atrativos Turísticos de Foz do Iguaçu	
Complexo Turístico de Itaipu (Usina Hidrelétrica de Itaipu)	
Ecomuseu de Itaipu	
Refúgio Biológico de Itaipu	
Kattamaram de Itaipu	
Salto de Paraquedas	
Templo Budista	
Mesquita Islâmica	
Bairro Cognópolis (Conscienciologia)	
Marco das Três Fronteiras	
Kattamaran II	
Blue Park Foz do Iguaçu	
Ice Bar Brasil	
Wake Iguassu Esportes Aquáticos	
Complexo de Diversões Park Show	
Parque das Aves	
Cataratas do Iguaçu	
Trilha do Poço Preto	
Trilha das Bananeiras (Macuco Ecoaventura)	

Fonte: elaborado pela autora com base em BRASIL (2017).

Além do potencial turístico, nos últimos dez anos, Foz do Iguaçu/PR tem se consagrado como polo universitário, principalmente pela expansão da oferta de cursos em Instituições de Ensino Superior (IES) (Quadro 3).

Quadro 3 – Oferta do Ensino Superior em Foz do Iguaçu/PR

Instituição de Ensino Superior em Foz do Iguaçu			
Nome da Instituição (Por ordem Alfabética)	Categoria Administrativa	Modalidade	Cursos Ofertados
Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE	Privada	Educação a Distância (EAD)	4
Centro Universitário Cidade Verde – UNIFCV	Privada	EAD	30
Centro Universitário Claretiano – CEUCLAR	Privada	EAD	38
Centro de Ensino de Foz do Iguaçu – CES	Privada	EAD	27
Centro Universitário de Lins – UNILINS	Privada	EAD	21
Centro Universitário Dinâmica das Cataratas – UDC	Privada	EAD	49
Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto	Privada	EAD	12
Centro Universitário FACVEST – UNIFACVEST	Privada	EAD	3
Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL	Privada	EAD	8

Centro Universitário Ingá – UNINGÁ	Privada	EAD	35
Centro Universitário Internacional – UNINTER	Privada	EAD	82
Centro Universitário São Lucas – UniSL	Privada	EAD	2
Centro Universitário SENAC – SENACSP	Privada	EAD	18
Centro Universitário União das Américas – UNIAMÉRICA	Privada	EAD	36
Faculdade Educacional da Lapa – FAEL	Privada	EAD	30
Faculdades Unificadas de Foz do Iguaçu – UNIFOZ	Privada	Presencial	3
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR	Pública/Federal	Presencial/EAD	5
Universidade Aberta do Brasil	Pública/Federal	Presencial	4
Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP	Privada	EAD	7
Universidade Anhanguera – UNIDERP	Privada	EAD	26
Universidade Anhembi Morumbi – UAM	Privada	EAD	6
Universidade Cesumar – UNICESUMAR	Privada	EAD	53
Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL	Privada	EAD	38
Universidade Estácio de Sá – UNESA	Privada	EAD	28
Universidade Estadual de Maringá – UEM	Pública/Estadual	EAD	1
Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Pública/Estadual	EAD	2
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE	Pública/Estadual	Presencial	14
Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA	Pública/Federal	Presencial	28
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Pública/Federal	EAD	2
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	Pública/Federal	EAD	2
Universidade Paulista – UNIP	Privada	EAD	40
Universidade Pitágoras – UNOPAR	Privada	EAD	31
Universidade Positivo – UP	Privada	EAD	2
Universidade Santo Amaro – UNISA	Privada	EAD	26

Fonte: elaborado pela autora com base em MEC (2020).

A instalação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) foi o marco desse período. Ao todo, são ofertados 28 cursos presenciais para estudantes brasileiros e para acadêmicos oriundos dos países integrantes do Mercosul e da América Latina. O grande objetivo dessa instituição é “contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul (Mercosul)” (UNILA, 2020).

Para o progresso do 5º ciclo, somam-se às atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelas IES, os recursos financeiros do Parque Tecnológico de Itaipu destinados a projetos que englobam inovação e turismo como força motriz para

o desenvolvimento do município de Foz do Iguaçu/PR.

Sucintamente as etapas de constituição da cidade brasileira na Tríplice Fronteira foram descritas neste capítulo. Olhar isoladamente para um estágio do firmamento iguaçuense seria contar a história social, econômica, cultural e linguística, pela “metade”, os ciclos compuseram a representação do município no cenário nacional e mundial. O retrato de Foz do Iguaçu/PR é fruto das muitas vivências trazidas e entrelaçadas em um lugar múltiplo e particular.

Descrito o objeto deste estudo, o capítulo 3, reúne os preceitos teóricos da Tese.

3 O FAZER DIALETOLÓGICO: DA SUPERFÍCIE AO ESPAÇO SOCIAL

A Dialectologia estuda a variação da língua dentro dos espaços territoriais, permitindo a visualização e o contraste da distribuição por meio de mapas linguísticos. Os mais recentes avanços teórico-metodológicos, ao coadunarem as propensões dos saberes dialetológicos e sociolinguísticos, promovem a compreensão da língua inserida no contexto geográfico, histórico, social e cultural. Nesse sentido, as seções 3.1 e 3.2 destinam-se à exposição dos caminhos percorridos pela Dialectologia Monodimensional até a sua chegada à Dialectologia Pluridimensional. A seção 3.3 corresponde à explanação concernente aos atlas linguísticos de pequeno domínio.

3.1 A DIALETOLOGIA MONODIMENSIONAL: A LÍNGUA DESCRITA A PARTIR DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

O objeto de estudo da Dialectologia é a realização da língua em espaços territoriais diversificados. Cada espaço geográfico evidencia particularidades inerentes a uma e/ou a outra região; o fazer dialetológico vai ao encontro dessas evidências a fim de investigar e descrever a variedade que a língua assume nesses recortes espaciais. Daí, compreende-se o estreito vínculo da Dialectologia em registrar em mapas a dimensão diatópica da língua. Sendo a variação enredada a lugares, a Geolinguística é o método para espacializar, registrar e sistematizar as variações em cartografias e mapas.

A Dialectologia surge em resposta, e até mesmo como embate teórico, contra a tradição dos neogramáticos²², com o intuito de investigar a língua em seus verdadeiros contextos de fala. Acrescida a isso, a industrialização chega aos países europeus, mobilizando os linguistas a encetarem estudos voltados à fala popular, antes que as variedades pudessem desaparecer em decorrência do processo de modernização. No século XIX, as regiões eram separadas, fosse pela falta de infraestrutura rodoviária, fosse pela dificuldade de comunicação, visto que meios

²² Influenciados por ideias positivistas e evolucionistas, os neogramáticos afirmavam, indubitavelmente, que as mudanças fonéticas ocorriam como resultado de uma ação mecânica. “As leis fonéticas se aplicavam de forma cega, absoluta, de sorte que as mudanças eram vistas como tendo ocorrido concomitantemente em todos os vocábulos, na mesma época, em todos os lugares, sem exceção. Esse rigor provocou, mais à frente, a reação de outros linguistas, que demonstraram que, ao contrário disso, as mudanças ocorrem de forma gradual e diferenciada no espaço geográfico e no interior dos dialetos, sujeitas a fatores outros como gênero, idade, nível de escolaridade do falante” (CYRANKA, 2014, p. 169).

tecnológicos só surgiriam anos mais tarde, garantindo o isolamento e a individualidade geográfica desses espaços.

Nessa conjuntura, fundamentam-se os primeiros estudos dialetológicos, logo, dentro das possibilidades e com as ferramentas disponíveis, competia à Dialetologia Tradicional ou Dialetologia Monodimensional (THUN, 1998) retratar os aspectos linguísticos em cenários regionais a fim de distribuí-los em mapas. As cartas geográficas oportunizaram a percepção da disposição dos falares por região, integrados ao falar comum de uma nação (HENAO, 2011). Fato comum aos estudos da Dialetologia Tradicional, é o falante ideal, do dialeto puro, o mais próximo do original. Esse falante seria o homem, de idade avançada, mobilidade nula (topostático) e do meio rural, isso é, o perfil do informante HARAS: homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário (ZAGÁRI, 2005). A maioria dos atlas europeus priorizaram esse perfil e, uma vez que o objetivo era registrar os dialetos dos camponeses homens, as mulheres não se encaixavam no perfil solicitado, quando participassem seriam coadjuvantes. Nessa perspectiva, dois momentos determinaram as principais diretrizes da natureza do trabalho dialetológico: i) os dados da fala alemã recolhidos por Georg Wenker e ii) a sistematização na coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France (ALF)*, empreitada de Jules Gilliéron e Edmond Edmont.

Em 1881, Wenker publicou o primeiro atlas linguístico dialetal, o Atlas Linguístico do Império Alemão (ALIA), *Sprachatlas des Deutschen Reichs*. O objetivo principal de Wenker foi estabelecer as fronteiras dos dialetos alemães, partindo da hipótese de que os falantes se apropriavam de um dialeto determinado, ou não; e que haveria fronteiras dialetais, sendo possível, portanto, estabelecer as isoglossas e representá-las no mapa. Contudo, ao avançar com as análises, o dialetólogo compreendia que não haveria uma ruptura ou um limite rígido entre a disposição dos dialetos, senão uma troca gradual e contínua. As palavras e as pronúncias não estavam distribuídas aleatoriamente, mas reunidas em regiões determinadas, essa concentração seria explicada por fatores históricos, sociais, culturais e econômicos, fatores que não foram considerados por Wenker (CAMPOY, 1993).

Em 1876, para a recolha dos dados, Wenker enviou a 50.000 docentes da Alemanha um questionário com 40 frases escritas em alemão-padrão, pedindo-lhes que fornecessem as mesmas sentenças, mas, no dialeto local. Como retorno, obteve 44.251 respostas e, sem o controle sistêmicos das variáveis sociais sexo e faixa etária, apenas pôde constatar que as respostas advinham de professores letrados. Mesmo

que não tenha havido a preocupação com as dimensões sociais, os registros de diferentes localidades permitiriam compreender como se dava a realização da língua em cada região, possibilitando, conseqüentemente, uma análise comparativa. Todavia, muitos percalços se apresentaram ao trabalho pioneiro. Pelo método de correspondência, afirmar com precisão os possíveis fenômenos fonéticos seria inviável, primeiro, porque os docentes não dominavam as técnicas de transcrição fonética e, segundo, que 40 frases não seriam suficientes para estabelecer o panorama da realidade linguística alemã. Embora tenha demorado vinte anos para a publicação de seis cartas linguísticas, “a obra de Wenker tem o mérito de ser o marco inicial geografia linguística na Alemanha” (CARDOSO, 2010, p.42).

Se na Alemanha a recolha de dados se deu por meio de correspondência, na França, Jules Gilliéron e Edmond Edmont inovaram ao executar o método direto; o contato com os informantes se dava por meio de entrevistas em domicílio. As produções fonéticas eram registradas em tempo real graças a aptidão de Edmont em identificar a variação fonética dos sons, garantindo, por conseguinte, a transcrição precisa dos dados. A recolha dos dados teve início em 1897, em parceria com o inquiridor Edmond Edmont, um comerciante com experiência em estudos linguísticos acerca do léxico de Saint-Pol-sur Ternoise. O encontro entre ambos foi durante uma viagem de pesquisa na qual Edmont se mostrou especialista no assunto e, por sua agudez não ter partido da filologia ou da linguística, mas da vivência da língua, estaria desprovido de preconceitos linguísticos ou de expectativas, inquiridor ideal do ponto de vista de Gilliéron (BRANDÃO, 1991).

O questionário base originário do Atlas Linguístico da França, *Atlas Linguistique de la France (ALF)*, foi produto de quinze anos de dedicação de Gilliéron a pesquisas em várias regiões francesas, enquanto professor da Escola de Estudos Avançados, *École des Hautes Études*. A fase inicial das entrevistas *in loco* contou com um questionário de 1.400 perguntas, ampliado para 1.920 no transcorrer da recolha de dados. Graças ao domínio da técnica de transcrição, imediatamente após as entrevistas, Edmont compilava os registros preservando os traços fonéticos dos informantes, sem retoques. O *corpus* coletado e transcrito manualmente era enviado aos poucos para Gilliéron que, logo da chegada do material, empreendia-se à tarefa de análise. Em 1902, do total de 35, três fascículos do ALF já estavam publicados (BRANDÃO, 1991).

Durante quatro anos, Edmont percorreu 639 localidades francesas,

escolhidas para compor a rede de pontos, e entre os moradores de cada uma delas, selecionou um informante, dando preferência aos residentes mais antigos, e a eles reportava perguntas com respostas que correspondiam a palavras isoladas e a algumas frases. Ao término da recolha de dados e das análises, 1920 mapas foram publicados, um mapa para cada pergunta do questionário. A elaboração do ALF rendeu muitas publicações a Gilliéron; nesses trabalhos, o autor versava sobre as etapas metodológicas do atlas, a importância em se considerar a distribuição espacial na descrição dos fenômenos linguísticos, bem como a inovação ao apresentar a análise comparativa dos dados, associando a realização de uma variante em detrimento de outra, também, a fatores de natureza histórica. Não obstante, não faltassem críticas ao trabalho de Gilliéron e Edmont, a distribuição das variantes em mapas permitiu identificar o movimento da língua e constatar que as palavras migram, são alteradas ou substituídas por outras com valor semântico equivalente e/ou são irradiadas de um determinado ponto específico, com diferentes níveis de alcance. O ALF recebeu muitas críticas, entretanto, “pôs na ordem do dia a discussão da complexidade do fenômeno linguístico tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica e teve o mérito de marcar o início da aplicação do método da geografia linguística com o rigor científico” (ROSSI, 1980 apud CARDOSO, 2010, p. 44).

Os novos estágios da Dialetologia, sustentados em método próprio, são identificados em trabalhos que datam do início do século XIX e, paulatinamente, do transcorrer do mesmo século e do século XX. À medida que mais pesquisadores dedicavam-se à Dialetologia, e mais trabalhos pautavam-se nos preceitos do fazer dialetológicos, novos procedimentos foram adotados e outros aprimorados, processo natural ao amadurecimento das ciências (Quadro 4).

Quadro 4 – Contribuições Dialetológicas do Século XIX e XX

Data	Contribuição	Breve Descrição	Endereço Eletrônico para Acesso²³
1804	Criação da Academie Celtique	Assinala um marco importante para a Dialetologia, apesar das teorias exageradas dessa sociedade quanto à influência do celta sobre as outras	Société nationale des antiquaires de France Bulletin de la Société nationale des Antiquaires de France

²³ Nesta coluna são elencados os sítios eletrônicos para acesso aos trabalhos dispostos na coluna *contribuição*. Vale ressaltar, alguns links correspondentes às contribuições encaminharão: às obras digitalizadas e disponibilizadas para visualização e download; a conteúdos atualizados sobre essas pesquisas ou a livros gratuitos para download disponibilizados pela Google Books.

		línguas. Atualmente denominada <i>Société nationale des antiquaires de France</i> .	
1807	Inquérito por correspondência	Feito pelo barão Charles-Étienne Coquebert Montbret e enviado aos prefeitos e subprefeitos das regiões escolhidas para investigação, o inquérito destinava-se às pessoas conhecedoras do <i>patois</i> da localidade, às quais deveriam traduzir a parábola do filho pródigo para o seu uso específico na língua.	Mélanges Sur les Langues, Dialectes et Patois
1812	Defesa dos “ <i>patois</i> ”	Jacob Grimm , fundador da filologia germânica, posicionou-se em defesa dos “ <i>patois</i> ” → falares/dialetos.	-
1819	Primeira descrição de um grupo de dialetos alemães	Descritos por Jacob Grimm .	-
1823	Possibilidade de realização de cartas fonéticas	Désiré Monnier suscitou a cartografia de dados fonéticos.	-
1826	<i>Atlas Linguistique du Globe</i> (Atlas Etnográfico do Globo)	Atlas organizado por Adrien Balbi cujo objetivo foi descrever as regiões do planeta, a partir do conhecimento das pessoas que nele habitam. Na obra, os povos são classificados como antigos e modernos e a língua é tida como o meio de acesso ao conhecimento da cultura e história desses povos.	Atlas Linguistique du Globe
1833	Gramática Comparada das línguas indo-europeias	Publicação do primeiro fascículo por Franz Bopp .	Grammaire comparée des langues indo-européennes
1841	<i>Atlante Linguistico d'Europa</i> (Atlas Linguístico da Europa)	Publicado por Bernardino Biondelli , o autor afirma que o trabalho apresentado além de prestar um grande serviço à ciência, não apenas linguística, mas à geografia e à história, o atlas resguarda as relações e o repertório das línguas faladas na Europa.	Atlante Linguistico d'Europa
1881	<i>Petit Atlas Phonétique du Valais Romain</i> (Pequeno Atlas Fonético do Valais Romano)	Atlas de pequeno domínio do Valais Romano da região sul do Vale do Rhône, de Jules Gilliéron .	Petit Atlas Phonétique du Valais Romain
1887	<i>Revue des patois gallo-romans</i> (Revista do dialeto galo-românicos)	Fundada por Jules Gilliéron e pelo Abade Rousselot .	1. Revue des patois gallo-romans 2. Revue des patois gallo-romans
1902 -1910	<i>Atlas Linguistique de la France</i> - (ALF)	Marco do fazer dialetológico, o ALF surge em resposta aos anseios e às preocupações	Atlas Linguistique de la France

	(Atlas Linguístico da França)	de Gilliéron em registrar a língua dos camponeses antes da crescente urbanização chegar aos rincões da França. Durante quatro anos, Edmond Edmont percorreu o país cobrindo os 639 pontos de inquérito. O questionário constava de 1900 perguntas, resultando em 1920 mapas linguísticos.	Matériaux de l'Atlas linguistique de la France, publié par Jules Gilliéron et Edmont Edmont. LV-LIX Corse. NAF 12029 → Anotações (Manuscritas) de Gilliéron e Edmont.
1906	<i>Geographie linguistique d'une région de la Basse Auvergne</i> (Geografia Linguística de uma região da Baixa Auvergne)	Tese Complementar de Doutorado de Albert Dauzat , trata-se de um estudo descritivo dos aspectos fonéticos do dialeto da região da Baixa Auvergne, dedicando-se mais tarde aos topônimos e antropônimos da França.	Geographie linguistique d'une région de la Basse Auvergne
1909	<i>Linguistischer Atlas des dacorumänischen Sprachgebietes</i> (Atlas Linguístico do Domínio da Língua Daco-Romena)	Atlas elaborado por Gustav Weigand a partir de um inquérito direto iniciado em 1895, resultando em 67 mapas fonéticos.	Linguistischer Atlas des dacorumänischen Sprachgebietes
1909	<i>Revue de dialectologie romane. Wörter und Sachen.</i> (Revista de Dialetologia Romana – palavras e coisas)	Revista fundada em 1909 por Meringer e Schuchardt compreende a pesquisa de campo como prioritária em oposição ao estudo de documentos escritos. Nessa perspectiva, a etimologia da palavra é explicada a partir de estudo acurado da realidade que ela designa e dos conhecimentos que a cercam.	Revue de dialectologie romane. Wörter und Sachen
1914 - 1915	<i>Atlas Linguistique de la Corse</i> (Atlas Linguístico da Córsega)	Atlas de pequeno domínio da região povoada, principalmente, por italianos. Elaborado por Jules Gilliéron e Edmond Edmont , teve a publicação interrompida devido à Primeira Guerra Mundial. Já com a trajetória e a experiência do ALF, Edmont precisou aprender italiano e fruto do inquérito, quatro volumes foram publicados, somando no total 799 cartas.	Atlas Linguistique de la Corse
1917	<i>Atlas linguistique des Vosges méridionales. Lexique patois-français des Vosges méridionales.</i> (Atlas Linguístico de Vosges Meridionais. Léxico do Dialeto do Vosges Meridional.)	Trabalho de Oscar Bloch , esse autor dedicou-se a estudar a introdução da língua culta nas camadas populares.	Atlas linguistique des Vosges méridionales. Lexique patois-français des Vosges méridionales.

1923 - 1939	<i>Atlas Lingüístic de Catalunya</i> (Atlas Lingüístico da Catalunha)	Sob o feito de Antoni Griera , os dados obtidos resultaram da aplicação de 2.866 perguntas, em 250 localidades. Ao todo, 858 cartas foram publicadas, em cinco volumes.	-
1924	<i>Glossaire des patois de la Suisse normande</i> (Glossário dos falares da Suíça Normande)	A coleta de dados teve início em 1889 e apenas 12 anos depois foi publicado o primeiro fascículo. Elaborado com os esforços de muitos colaboradores, dentre eles Louis Gauchat , Jules Jeanjaquet e Ernst Tappolet .	-
1925	<i>Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI)</i> (Atlas Lingüístico da Península Ibérica)	Teve como objetivo a recolha de registros da língua popular falada na Península Ibérica em pequenas e antigas localidades, por pessoas iletradas ou de escassa cultura, entre 40 e 60 anos de idade. O diretor dos trabalhos foi Tomás Navarro Tomás . As atividades, que tiveram início na década de 20, interrompidas em 1967 e retomadas em 2007, estão disponíveis para consulta na página do ALPI, sob responsabilidade de Pilar García Mouton , coordenadora do projeto de edição do ALPI.	http://alpi.csic.es/es
1928 -1940	<i>Sprach-und Sach-Atlas Italiens und der Sudschweiz</i> (Atlas Lingüístico e de coisas da Itália e Suíça do Sul) → Atlas Lingüístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional (AIS)	Sob coordenação de Jakob Jud e Karl Jaberg , três questionários, um com 800, outro com 2.000 e outro com 4.000 perguntas, foram aplicados por três linguistas divididos por localidades: i) centro-norte da Itália e o sul da Suíça; ii) Itália meridional e Sicília, e iii) Sardenha. As pesquisas começaram em 1919, o primeiro volume foi publicado em 1928 e o oitavo, e último, em 1940.	-
1931	<i>Atlante Lingüístico Italiano</i> (Atlas Lingüístico Italiano)	Coordenado por Matteo Giulio Bartoli , o ALI teve como inquiridor Ugo Pellis que sozinho foi responsável pela realização de 727 inquéritos. Resultado dos conflitos de guerra, as atividades ficaram suspensas e só foram retomadas em 1952. Benvenuto Terracini , após a morte de Bartoli, assumiu a liderança do projeto, confiando as 282 investigações faltantes aos	https://www.atlantelinguistico.it/

		novos colaboradores. Ao todo IX volumes foram publicados. Ainda hoje há demandas envolvendo as produções do ALI.	
1933 -1942	<p><i>Atlante linguistico-etnografico italiano della Corsica (ALEIC)</i></p> <p>(Atlas Linguístico-Etnográfico Italiano da Córsega)</p>	Trabalho sob responsabilidade de Gino Bottiglioni , nos mesmos moldes metodológicos do AIS. Bottiglioni encarregou-se da pesquisa nas 55 localidades, com o objetivo de identificar o aspecto cultural e folclórico dos falares corsos, um questionário foi estruturado com 1.950 perguntas.	-
1938 - 1942	<p>1. <i>Atlasul linguistic Român Partea I (ALR I)</i></p> <p>2. <i>Atlasul linguistic Român Partea II (ALR II)</i></p> <p>3. <i>Micul Atlas linguistic Român, Partea I (ALRM I)</i></p> <p>4. <i>Micul Atlas linguistic Român, Partea II (ALRM II)</i></p> <p>Atlas Linguístico Romeno I e II</p> <p>Microatlas Linguístico Romeno I e II</p>	Quinhentas e trinta e oito cartas foram publicadas nos três primeiros volumes. A publicação foi interrompida pela guerra e retomada em 1956. Sever Pop e Emil Petrovici percorreram o território romen; Pop esteve em 301 pontos, aplicando um questionário de 2.160 perguntas. Petrovici percorreu 87 localidades, efetuando 4.800 perguntas de um questionário mais amplo.	-
1948	<p><i>El Español de Puerto Rico (O Espanhol em Porto Rico)</i></p>	Para este trabalho, Tomás Navarro Tomás recolheu os dados entre os anos de 1927 e 1928, em 41 localidades de Porto Rico. Ao todo 43 informantes participaram das entrevistas, a maioria formada por camponeses. O questionário era estruturado por 445 perguntas referentes à fonética, à morfologia, à sintaxe e ao léxico, resultando em 75 cartas linguísticas.	-
1950 - 1957	<p><i>Atlas linguistique et ethnographique du Lyonnais.</i></p> <p>(Atlas Linguístico e Etnográfico de Lyon)</p>	Atlas composto por 312 cartas linguísticas, publicado pelo Instituto de Linguística Romana das Faculdades Católicas de Lyon. Setenta e cinco pontos compuseram a rede de investigação, coordenado pelo bispo Pierre Gardette .	Atlas linguistique et ethnographique du Lyonnais.
1952	<p><i>Orbis, Bulletin international de documentation linguistique</i></p>	<i>Orbis</i> , órgão do Centro Internacional de Dialectologia Geral, ligado à Universidade Católica de Lovaina, fundado e dirigido por Sever Pop . <i>Orbis</i> é o periódico linguístico	Orbis, Bulletin international de documentation linguistique

	<i>Orbis</i> , Boletim Internacional de documentação linguística	mais antigo publicado na Bélgica.	
1953	Atlas linguistique de la Wallonie (Atlas Lingüístico da Valônia)	Em 1920, Jean Haust idealizou o projeto de um Atlas. Nele seriam coletados e registrados os dialetos românicos da Bélgica. O questionário elaborado para a missão contava com 2.100 questões, organizado com base nos questionários de Gilliéron para o ALF.	Atlas linguistique de la Wallonie
1961	Atlas lingüístico y etnográfico de Andalucía (ALEA)	Manuel Alvar coordenador do ALEA, iniciou os trabalhos da recolha de dados em 1951. Durante oito anos, Alvar e sua equipe de colaboradores passaram por 260 localidades. Compõem o atlas cartas linguísticas, etnográficas ou mistas: linguística-etnográfico e etnográficas com listas de palavras sem cartografia.	-
Estudos Dialetológicos sobre a Língua Portuguesa - Portugal			
1897	Mapa Dialetológico do Continente Português	Precursor da Dialetologia portuguesa, José Leite de Vasconcelos , antes da elaboração e publicação de sua Tese, destinou-se a descrever as variedades do português falado no território continental de Portugal. Sem rigor sistêmico, Vasconcelos propôs uma classificação dialetal às zonas verificadas: dialetos, subdialetos e variedades, às quais mostraram-se frágeis em sua essência.	-
1901	<i>Esquisse d'une dialectologie portugaise</i>	Em 1901, José Leite de Vasconcelos , revê e refaz a sua proposta, decidindo pela exclusão do uso da classificação <i>variedade</i> , categorizando os registros apenas como dialetos de acordo com os seus aspectos e suas realizações em determinadas áreas. Dedicou-se em sua Tese de Doutorado às diferenças dialetais do português falado no mundo. Nesse feito, o autor analisa e categoriza o português do Brasil como o "dialeto brasileiro". Seu trabalho é tido como ponto de partida para os estudos	Esquisse d'une dialectologie portugaise

		dialetológicos em território português.	
1940	Inquérito Linguístico Boléo	Manuel Paiva Boleó enceta a segunda etapa da Geografia Linguística em Portugal. Pelo método de correspondência, organizou o primeiro estudo sistemático dos dialetos portugueses. O questionário, estruturado com mais de quinhentas perguntas acerca de objetos do uso cotidiano, atentando aos nomes e à forma de pronunciar, foi enviado a professores e párocos de todas as freguesias do país. Ao final de seu trabalho, Boleó recolheu uma grande quantidade de dados no campo da lexicografia, morfologia e fonética.	-
1962	Áreas lexicais no território português	Luis Filipe Lindlry Cintra reformador do Centro de Estudos Filológicos e colaborador no <i>Atlas Linguístico da Península Ibérica</i> , centrou sua atenção em estudos das palavras típicas de contextos rurais. Uma de suas grandes contribuições, foi a publicação do artigo <u>Áreas Lexicais no Território Português</u> , ao delimitar as áreas lexicais em Portugal. Mas é a <u>Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses</u> o marco do autor na Dialetologia portuguesa, nessa divisão o galego-português é acrescentado aos dialetos.	Áreas lexicais no território português Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses que
1970	Projeto de Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e Galiza	O projeto foi dirigido por Luís F. Lindley Cintra que se dedicou nos quatro primeiros anos à construção do questionário. A recolha de dados teve início em 1974 e término em 2004. O questionário para a obtenção dos dados continha cerca de 3.500 perguntas, reduzido para cerca de 2.000 e aplicado em 212 pontos de inquérito.	-

1979	Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)	Inserido no projeto de maior envergadura, Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) . Bem como metodologia adotada no ALEPG, a coleta de dados do ALEAç teve início em 1979 e conclusão em 1996. Dois procedimentos foram utilizados na aplicação do questionário: conversa livre e pergunta indireta. Ao todo, pertencem à rede de pontos, 17 localidades. Para a escolha dos informantes, ponderou-se: i) reduzido nível de escolaridade e ii) faixa-etária superior a 40 anos. Em geral, as questões do questionário referiam-se à agricultura, quando não, às atividades de saberes mais específicos, carpintaria, tecelagem etc.	Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)
1984	Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP)	Atlas em curso, vinculado ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) . Tem como objeto de estudo o léxico associado à vida cotidiana à beira-mar portuguesa. Para tanto, o questionário é constituído de cerca de 1.200 perguntas, divididas nos campos semânticos: i) pesca e os processos de pesca; ii) embarcações e navegação; iii) companhia e a comercialização do pescado; iv) fauna e flora marinhas; v) aspectos da costa e do mar e vi) os fenómenos atmosféricos. A rede de pontos é constituída por 40 localidades: 23 na costa continental portuguesa, 5 no arquipélago da Madeira e 12 nos Açores. Até o momento, fruto da recolha de dados do ALEAç, 156 mapas sobre a fauna e flora marinhas estão publicados.	-
Estudos Dialetológicos sobre a Língua Portuguesa - Brasil			
1826	Informe sobre 'les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal' Informe sobre as diferenças que o dialeto brasileiro poderia apresentar	Texto de Domingos Borges de Barros (Visconde de Pedra Branca) em resposta a Adrien Balbi, organizador do <i>Atlas Linguistique du Globe</i> . O informe é o mais antigo registro de natureza dialetal sobre o português do Brasil. Pedra Branca, a partir da	Um texto inaugural: o Visconde de Pedra Branca e o português do Brasil

	comparado à língua de Portugal	compreensão e do conhecimento acerca do português do Brasil e do português de Portugal, descreve, dentre outros aspectos, as diferenças fonéticas, morfológicas e lexicais. Declara, por exemplo, que a língua no Brasil é mais terna, quando comparada à acidez da pronúncia de Portugal e que no português brasileiro há empréstimos de palavras de origem indígena e africana.	
1920	O Dialeto Caipira	Amadeu Amaral inova os estudos dialetológicos em território brasileiro com <i>O Dialeto Caipira</i> . Trata-se da primeira obra da descrição do falar regional do português do Brasil, até então os estudos voltavam-se à descrição do léxico. Amaral mais que descrever a fala de São Paulo, aplicou à investigação o rigor metodológico: pesquisa <i>in loco</i> ; descarte de dados não verificados em uso e clareza, objetividade e precisão na descrição dos fatos e registros dos dados. Dedicou-se a descrever o sistema distinto e inconfundível que dominava a maioria da população paulista e se estendia às pessoas que até tentaram, mas não puderam esquivar-se à influência do caipirirismo. Na obra, o autor apresenta 1700 palavras grafadas segundo a pronúncia.	O Dialeto Caipira
1922	O Linguajar Carioca	Em o <i>Linguajar Carioca</i> , Antenor Nascentes procura, à sua percepção, definir o falar brasileiro, sua estreita relação com o português de Portugal e situar, dentro das possíveis realizações da língua portuguesa no Brasil, o linguajar carioca. Tendo percorrido o país, segundo afirma, o autor divide o Brasil em seis subfalares reunidos em dois grandes grupos: os falares do norte e os falares do sul. Essa divisão dialetal, foi ponto de partida para inúmeras pesquisas a fim de constatar ou refutar as afirmações feitas por Nascentes em 1953, na segunda edição do seu livro.	-

1933	A Linguagem dos Cantadores	<p>O objeto de estudo de Clóvis Monteiro são os textos reunidos e transcritos por Leonardo Mota no livro <i>Cantadores</i>, os poetas populares que cantavam versos pelo sertão cearense. Compuseram a obra 1837 vocábulos entre verbos e nomes, organizados e agrupados de acordo com a língua de procedência de seus radicais. Na obra, Monteiro descreve e explica características linguísticas da região e faz um paralelo em face do português europeu.</p>	A Linguagem dos Cantadores
1934	A Língua do Nordeste	<p>Mario Marroquim, baseado nos dados obtidos de Alagoas e Pernambuco, publica <i>A língua do Nordeste</i>. Segundo o autor, devido à enorme extensão territorial em que o português era falado no Brasil, para cada região há peculiaridades que a diferenciam das outras. Por isso, declara que antes de uma obra integral que fixasse e definisse a diferenciação dialetal, seriam mister trabalhos parcelados, feitos com critério metodológico sobre cada zona do país. Como resposta ao enfrentamento travado pelos letrados da época às expressões menos cultas, Marroquim assevera que na linguagem cotidiana todos falam a verdadeira língua do Brasil, a saborosa língua brasileira, com a sua prosódia profundamente diversa da portuguesa, e com expressões e sintaxe bem particular.</p>	A Língua do Nordeste
1938	O Falar Mineiro	<p>Uma vez que a o português do Brasil era tido como um dialeto do português de Portugal, José Aparecido Teixeira tratou do falar de Minas como um subdialeto. Nas palavras de Teixeira, ao considerar a variedade diastrática, existia um falar para cada uma das classes sociais: alta, média superior e média inferior e baixa (maioria do povo), estando o falar mineiro dividido em três tipos de linguagem. Ainda, para o autor, a fala do mineiro era calma e sossegada, imperava a lei do menor esforço,</p>	-

		concedendo um timbre de notas aveludadas, o que traduzia muito bem os longos anos de atividades agrícolas e pastoris no estado.	
1944	Estudos de dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás	Na obra, José Aparecido Teixeira consagra a Dialetologia brasileira com mais uma análise da variante do português do Brasil, de modo especial, nos níveis fonéticos, morfológico, sintático e semântico-lexical. O autor apresenta, com base na observação <i>in loco</i> em 26 cidades do estado de Goiás, um glossário regional com a distribuição diatópica das variantes identificadas.	-
1958	Bases para a Elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil	Conforme o próprio nome indica, na obra são apresentadas as bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Antenor Nascentes chama a atenção para o valor de um atlas linguístico e para a pouca quantidade de países que se propuseram a registrar os seus dialetos em tais instrumentos de pesquisa. Nascentes propõe a divisão do Brasil em regiões, cada qual com o seu coordenador, associado a um órgão supervisor central. Segue defendendo que o ponto de partida para a construção de um atlas nacional seriam os atlas regionais. Em cada região, a sondagem se daria por questionário suplementar, específico e contextualizado às suas realidades. Mas, além do questionário suplementar, sugere a criação de um questionário de caráter geral, aplicado igualmente a todas as regiões do Brasil. O autor elenca e numera os pontos de inquérito de cada estado brasileiro. Trata, ainda, das normas e técnicas de transcrição das entrevistas.	-
1963	Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)	Marco do início da Geografia Linguística nos estudos dialetológicos do Brasil, é o primeiro Atlas a ser publicado em território nacional. Idealizado por Nelson Rossi , contou com a colaboração de Dinah Callou e Carlota Ferreira para elaboração do	-

		questionário, composto por 3.000 questões, e aplicação, do excerto de 182 perguntas, em 50 localidades da Bahia. Com o rigor metodológico da Geografia Linguística, 209 cartas linguísticas foram dispostas no Atlas. Os informantes do APFB foram assim estratificados: faixa-etária de 25 a 60; analfabetos e semianalfabetos; homens e mulheres, contabilizando ao todo 100 inquiridos, 57 mulheres e 43 homens.	
1977	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)	Empenhados na descrição da fala mineira, José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Gaio percorrem 184 municípios de Minas Gerais, coletando os dados que dariam corpo ao EALMG. O questionário, formado por 415 perguntas teve como base os acontecimentos do cotidiano da vida dos informantes analfabetos, com idade entre 30 e 50 anos. De modo geral, os pesquisadores afirmam que no estado de Minas é possível identificar traços fonéticos e lexicais distintos em pelo menos três regiões, independente dos estratos sociais.	-
1984	Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)	Coordenado por Maria do Socorro Aragão , o ALPB foi o terceiro atlas publicado no Brasil e faz parte de um projeto mais amplo: "Levantamento Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano". Para compor a rede de pontos do ALPB, 25 municípios como base e mais três satélites para cada base, ao todo 100 pontos foram escolhidos. Os municípios-satélites serviram para controle e convalidação dos dados, desse modo, não foram contemplados na distribuição dos dados nas cartas linguísticas. Dividido em duas partes, o questionário abarcou 289 questões gerais e 588 questões específicas dos produtos agrícolas da Paraíba: mandioca; cana-de-açúcar; agave; algodão e abacaxi. Assim, 68 questões foram expostas em cartas linguísticas.	-

1987	Atlas Linguístico do Sergipe (ALS)	Sob a coordenação do professor Nelson Rossi , o ALS teve o questionário constituído de 686 perguntas. Quinze localidades compuseram a rede de pontos e a metodologia seguiu os procedimentos do APFB, portanto, em cada ponto de inquérito informantes de ambos os sexos, de 35 a 53 anos, e de grau de instrução variando entre, analfabeto, baixa escolaridade e alfabetizados foram entrevistados. Entretanto, é possível constatar alguns avanços metodológicos em relação ao APFB, a título de exemplo, a identificação sistemática dos informantes do sexo feminino (A) e do sexo masculino (B) Compreenderam o ALS, 171 cartas linguísticas.	-
1994	Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)	Tese de Doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera , o ALPR apresenta além da variação fonética e lexical do Paraná, a delimitação das isoglossas. Atlas publicado em dois volumes. No primeiro, a metodologia, a descrição das localidades, a caracterização dos informantes, a apresentação das cartas e um glossário das formas cartografadas são descritos. No segundo, estão as cartas linguísticas. A autora elabora e expõe 191 cartas linguísticas a fim descrever a fala paranaense. A rede de pontos foi enumerada no mapa de oeste para leste e do norte para o sul, somando 65 municípios. Em cada ponto, dois informantes foram entrevistados, um homem e uma mulher com idade entre 30 e 60 anos.	-

Fonte: elaborado pela autora com base em ALiB (2021); ALKMIM (2012); ANDRADE (2014); ALPI (2021); BOMFIM (2002); CARDOSO (2010); CASTILHO (1972-1973); CASTRO (2006); CLUL (2021); DĘBOWIAK (2008); HENRIQUES (2021); ILARI (1988); ROMANO (2014).

A Dialetoлогия segue viva, movimentando-se e ampliando os seus métodos para atender e responder à tarefa de apresentar o dinamismo, a forma e a variação da língua. Se aos primeiros trabalhos de natureza dialetológica faltava a sistematização e o rigor metodológico, hoje, ao assumir a dimensão espacial e as

dimensões sociais da língua, a Dialectologia Moderna, por meio da Geolinguística Pluridimensional, retrata a língua dentro e através dos espaços geográficos de forma mais precisa e concreta, fruto do conhecimento e do controle dos dispositivos que acionam os fatores determinantes à cinesia linguística.

3.2 OS TRAÇOS SOCIAIS NA DIALETOLOGIA TRADICIONAL: A COMPREENSÃO DOS DIALETOS PELOS VIESES ESPACIAL E SOCIAL

O aspecto puramente espacial seguiu em direção ao sociológico, possibilitando a perspectiva de que as diferenças sociais estão representadas dialetalmente²⁴ (LEWANDOWSK, 1995, p. 26, **tradução nossa**).

Tradicionalmente, a Dialectologia constituiu-se como o estudo da disposição das formas linguísticas nos espaços geográficos, predominantemente rural. Seguramente, não restam dúvidas do valor científico e da importância dos dados linguísticos registrados por meio dela, caso contrário, muitas informações poderiam ter sido perdidas. Natural do processo de aperfeiçoamento e evolução das disciplinas/ciências ao acompanhar o progresso humano, para dar conta das demandas inerentes à linguagem, as ciências sociais passaram a permear os estudos dialetológicos (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994). Tão essencial quanto a variação espacial, a variação social aponta para os caminhos percorridos pela língua inseridos dentro dos contextos sociais, “todos os dialetos são espaciais como sociais”²⁵ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 82, **tradução nossa**). Continuar a priorizar apenas o dialeto dos camponeses seria ignorar todas as outras formas de realização da língua nos espaços territoriais e sociais, seria, portanto, olhar apenas para um lado da variação, quando existem diferentes prismas a se considerar.

Um dos primeiros trabalhos a atentar-se aos fatores sociais na investigação diatópica, sob coordenação de Hans Kurath, foi o Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá (*Linguistic Atlas of the United States and Canada*), publicado de 1939 a 1943, com 734 cartas linguísticas. A inovação no atlas esteve na escolha dos informantes que, além dos aspectos geográficos, fundamento dos atlas linguísticos, considerou os fatores sociais; a análise das realizações esteve pautada nas relações

²⁴ “Al aspecto puramente regional siguió pronto el sociológico, abriendo la perspectiva de que las diferencias sociales están representadas dialectalmente” (LEWANDOWSK, 1995, p.26).

²⁵ “Todos los dialectos son tanto espaciales como sociales” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 82).

entre os dados linguísticos e as distribuições espacial e social dos informantes de cada ponto de inquérito. Ainda que respaldados pelos moldes da Dialectologia Tradicional, os inquiridores foram instruídos a selecionar tipos de informantes socialmente diferenciados. Logo, três níveis de escolaridade foram identificados entre os informantes: i) baixo nível de instrução escolar, pouca leitura e reduzido contato social; ii) educação formal, contato com leitura e contatos sociais medianos; iii) portadores de educação de nível superior, geralmente universitários, leitura e contatos sociais mais extensos. Quanto às faixas etárias, dois grupos foram representados: i) idosos, maior parte formada por pessoas com mais de 70 anos e ii) meia-idade ou mais jovens (CARDOSO, 2001).

Visto que, na metade do século XX, a organização social já não se concentrava nas áreas rurais, o estudo dos dialetos urbanos não seria apenas uma tarefa interessante, mas essencial (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994). Em tempos idos, como exposto, a Dialectologia apoiou-se na linguística histórico-comparativa, desse modo, evidentemente, a concentração na fala rural encontrava justificativa por se tratar do dialeto mais conservador, os traços da inovação seriam quase nulos em falantes com pouco movimento geográfico. Contudo, com a crescente modernização, os espaços rurais passaram a receber migrantes e imigrantes de outras áreas rurais e ao falante, até então, topostático, novas condições de mobilidade se apresentavam; a evolução à dialectologia social e urbana não tardaria, e de fato não tardou. “A inclinação aos estudos dos dialetos urbanos e sociais reflete assim a crescente análise sincrônica da língua, enfoque que tem adquirido um desenvolvimento particularmente rápido desde a década de trinta”²⁶ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 83, **tradução nossa**).

Embora tenha havido uma inclinação ao estudo dos dialetos urbanos, os primeiros projetos foram estruturados nos padrões da Dialectologia Tradicional, sendo ignorada a dimensão social. Fonologia Cockney, *Cockney Phonology*, livro de Eva Sivertsen, publicado em 1960, é um dos exemplos de Dialectologia ainda rural; a fala de quatro mulheres, com mais de 60 anos, de Bethnal Green, representou a variante falada em uma das maiores regiões urbanas da Inglaterra, ocasião em que a estrutura

²⁶ La inclinación al estudio de los dialectos urbanos y sociales refleja así el crecimiento en el análisis sincrónico de la lengua, enfoque que ha adquirido un desarrollo particularmente rápido desde los años treinta en adelante (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 83).

da cidade já se configurava entre as maiores do mundo. Semelhante à investigação de Sivertsen, David De Camp se dedicou à fala de São Francisco, não havendo rigor na seleção dos informantes: seus conhecidos e os conhecidos de seus conhecido. Wolfgang, na mesma concepção, analisou a fala do nordeste da Inglaterra, Gateshead. Doze homens, dez com mais de 70 anos, foram selecionados para compor o grupo dos informantes, segundo o pesquisador, o seu objetivo foi verificar o dialeto sem a quantidade de interferências externas que o tornavam “impuro” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Diante da adoção dos novos preceitos metodológicos, a Dialectologia se viu frente a um novo cenário: qual seria o número de informantes adequado à real representatividade das comunidades urbanas, visto que os métodos empregados em uma aldeia não seriam condizentes aos contextos da cidade. Tal como as ciências sociais, os linguistas passaram a trabalhar com amostras populacionais, os indivíduos selecionados, de igual modo na seleção, seriam representativos de todo o grupo investigado. Logo, em se tratando de uma comunidade urbana, seria primordial classificar os informantes sem ignorar: i) classe social → tipo de ocupação, trabalhadores, estudantes, aposentados, classe baixa, classe média, classe alta etc; ii) sexo do falante → homens e mulheres possuíam redes de interação distintas, a influência dessas interações poderia ser avaliada, também, a partir controle da dimensão sexual; e iii) faixa etária: permitiria estabelecer o panorama da variação dialetal respaldado na diacronia e na sincronia. Por meio da fala de informantes de diferentes idades, seria possível identificar o *continuum* da fala no tempo e em momentos específicos desse *continuum*. Além da estratificação, outros elementos passaram a permear o fazer dialetológico: i) diferenciação estilística da fala no momento da entrevista → estilo formal e estilo informal (conversa); leitura e fala espontâneas (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Os fatores supracitados passaram a ser considerados nos novos caminhos da Dialectologia, entretanto, faltava à Geolinguística a distribuição sistemática das variáveis sociais. Mundialmente, as pesquisas dialetológicas sentiram a necessidade em conceber o social no espacial. Reconhecida a importância dessa sistematização, em diferentes momentos e em proporções distintas, os estudos começaram a contemplar a variação no espaço territorial e o caráter pluridimensional dos dados. Na América Latina, no final do século XX, o primeiro atlas bidimensional, a contemplar as variáveis sexo e faixa etária foi Atlas Linguístico do Sergipe (ALS), coordenado pelo

professor Nelson Rossi. Entretanto, é com o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU), *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*, de Harald Thun e Adolfo Elizaincín, que a metodologia da Dialetoologia Pluridimensional é consagrada. Às cartas linguísticas do ADDU foi agregado o controle das dimensões diatópica, diastrática, diagenérica e diageracional.

3.2.1 Dialetoologia Pluridimensional: balanço da Dialetoologia Tradicional e abertura às inovações metodológicas

Falar em instabilidade de uma disciplina não significa necessariamente um mal ou a decadência iminente. Significa, pois, um alerta e a abertura a novas perspectivas, sem se menosprezar todas as construções em sua trajetória. Todavia, a crise é imposta quando se torna raro identificar jovens pesquisadores debruçados sobre os prismas de uma ou outra vertente, e quando há distanciamento entre a realidade e a metodologia aplicada aos estudos. A Geolinguística românica tradicional passou por momentos adversos e muitas críticas rodearam sua estrutura e sua organização, chegando até mesmo ser definida como ultrapassada e obsoleta. “Em várias áreas da România, se têm formado cemitérios de dados, sendo enterrados, geralmente em total silêncio, projetos inteiros de geografia linguística. Alguns grandes empreendimentos não resultaram sequer em um volume de mapas [...]” (RADTKE; THUN, 1999, p. 32). Nesse contexto, duas posições se romperam diante da Geolinguística românica: i) o da Geolinguística tradicional aberta a um balanço e ao diálogo com caminhos inovadores e ii) o da Geolinguística moderna, fundamentada nos preceitos dialetológicos e propensa às metodologias, aos métodos e às práticas inovadoras.

Atentos às demandas, ora descritas, Edgar Radtke e Harald Thun, em 1996, propuseram o simpósio *Novos caminhos da geolinguística românica*, nas cidades de Heidelberg e Mainz, na Alemanha. O objetivo de Radtke e Thun foi construir um canal de interação entre os representantes da geolinguística monodimensional e os dialetólogos inovadores, assim “a sólida experiência geolinguística faria transitáveis os novos caminhos” (RADTKE; THUN, 1999, p. 33). De modo especial, os pesquisadores centraram-se na tarefa de expansão da geolinguística na América Latina; ainda que houvesse grandes esforços para o avanço de projetos inovadores, muitas porções territoriais careciam de representação Geolinguística nos estudos dialetológicos, como exemplo, a parte francesa do

Canadá, o México, a Colômbia e muitos estados brasileiros. Daí a inspiração em juntar a experiência romanística germanófono e os campos frutíferos da América Latina, majoritariamente, em áreas de línguas em contato (RADTKE; THUN, 1999). Produto da união entre os pesquisadores alemães e latino-americanos, proposições de estudos com base na Dialetoлогия Moderna passaram a ganhar espaço e adeptos.

O primeiro atlas elaborado nos preceitos da Geolinguística Moderna, resultado da combinação da dimensão areal²⁷ e das dimensões não areais, foi o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU)²⁸ (THUN; ELIZAINCÍN, 2000). Antes mesmo do levantamento dos dados linguísticos, os autores dedicaram-se às análises sociológicas das localidades. No ADDU, Thun e Elizaincín viram-se responsáveis por entregar um atlas que, além de exibir a multidimensionalidade, fosse capaz de mostrar as interrelações dos fenômenos da variação. Como referido por seus elaboradores, um atlas linguístico moderno para um país jovem, o ADDU faz parte de um grupo de atlas que tiveram a missão de transpassar o estudo Geolinguístico da superfície bidimensional para a análise do espaço variacional tridimensional. Historicamente, as marcas territoriais, resultado da conquista europeia e da colonização, são mais facilmente delimitáveis se comparadas à paisagem linguística, consolidada como um terreno complicado e acidentado. Pelos mesmos agentes da colonização, a língua posta foi o espanhol, entretanto, houve nessa região um aglomerado de muitas línguas e culturas. Para descrever esse ambiente, um atlas monodimensional ou um atlas monolíngue não responderia às exigências da descrição linguística rio-platense (THUN; ELIZAINCÍN, 2000).

Ao empenharem-se à feitura do ADDU, Thun e Elizaincín estavam convencidos que a Dialetoлогия areal, monodimensional por tradição, seria uma sociolinguística limitada, e a Sociolinguística, multidimensional por tradição, ao desconsiderar o espaço, seria uma dialetoлогия limitada. Essas afirmações partiram do exame crítico à Dialetoлогия areal por contemplar apenas um tipo de informante, e à Sociolinguística, que mesmo admitindo vários indivíduos como informantes, seria limitada por não controlar a produção das variantes dentro das variáveis (THUN, 1998). Defronte das lacunas identificadas, os pesquisadores iniciaram os estudos

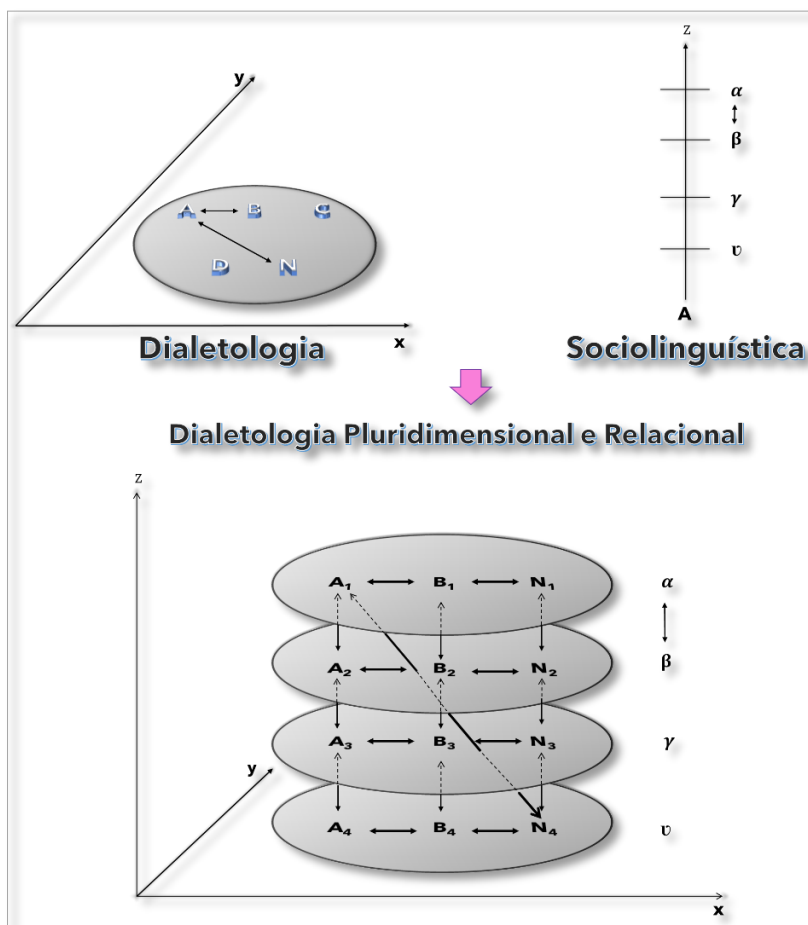
²⁷ Diz respeito à dimensão diatópica (área territorial) (THUN; ELIZAINCÍN, 2000).

²⁸ Ao longo do texto, serão feitas várias alusões à constituição do ADDU, primeiro atlas pluridimensional da América Latina. Isso porque, a construção metodológica do ESeLFI está alicerçada na Dialetoлогия Pluridimensional.

sistemáticos a fim de unir as duas disciplinas e, dessa confluência, propor uma geolinguística ampliada, também denominada Geolinguística Pluridimensional. Nessa perspectiva, a variação linguística se desdobraria em pelo menos três dimensões: diatópica, diastrática e diafásica, que por sua vez, estariam subdivididas em subtipos variacionais.

Na imagem a seguir, *Confluência da Dialectologia Tradicional e da Sociolinguística → Dialectologia Pluridimensional e Relacional*, são retratados os fundamentos da Dialectologia Pluridimensional, ao tomar como princípio as duas disciplinas da variação. Na horizontal, à esquerda, está a dimensão diatópica; na superfície, formada pelos eixos y e x , é possível identificar a relação dos pontos de inquérito no espaço areal bidimensional, simbolizados pelas letras maiúsculas A , B , C , D e N . Essa mesma superfície é o espaço das interrelações: micros e mesozonas contíguas ou distantes, exclusivas ou sobrepostas, passíveis de verificação a partir da Dialectologia Pluridimensional. O eixo na vertical aponta para as variedades sociais contempladas nos estudos sociolinguísticos. Os níveis indicados pelas letras gregas (β γ α) referem-se à superposição funcional, por exemplo, quando uma variante é utilizada pelos falantes de uma variedade, mas identificada por esses mesmos falantes como proveniente de outra. Todos os níveis e todas as relações entre os níveis, ou parte deles, constituem o objeto da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, não somente as interações de tipo $A_1 \leftrightarrow B_1$, comum à Dialectologia monodimensional e que escapam à investigação sociolinguística, ou de tipo $A_1 \leftrightarrow A_2$, não consideradas pela Dialectologia, como também as relações de tipo $A_1 \leftrightarrow N_4$, não exploradas pelas duas disciplinas (Figura 6).

Figura 6 – Confluência da Dialetoologia Tradicional e da Sociolinguística → Dialetoologia Pluridimensional e Relacional



Fonte: [Adaptado de] THUN (1998, p. 705)

Os diferentes níveis da Dialetoologia Pluridimensional podem ser provenientes de outras disciplinas, não somente da Dialetoologia e da Sociolinguística. Assim, interessa à Dialetoologia Pluridimensional as variedades mistas, os fenômenos decorrentes do contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias ou majorias, a variante regional, a variação diafásica ou estilística, o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos em contraste com os grupos topostáticos, as crenças metalinguísticas refletidas nas atitudes linguísticas (THUN, 1998). Quanto à pluridimensionalidade do ADDU, metodologicamente o atlas está alicerçado em oito dimensões da variação (Figura 7).

Figura 7 – Dimensões e Parâmetros da Dialectologia Pluridimensional

DIMENSÃO	PARÂMETRO
1. Dialingual	Espanhol Português
2. Diatópica	Topostático
3. Diatópico-Cinética	Topostático Topodinâmico
4. Diastrática	Classe alta Classe Baixa
5. Diageracional	Geração I Geração II
6. Diassexual	Mulheres Homens
7. Diafásica*	
8. Diarreferencial	Fala Objetiva Fala Metalinguística

*L → Leitura R → Resposta C → Conversa livre ou dirigida

Fonte: [Adaptado de] THUN (2005, p. 71)

Na Dialectologia Pluridimensional, o conjunto de dois ou mais *parâmetros* forma o eixo da variação, chamado de *dimensão*. Os *parâmetros* são traços classificadores como, por exemplo, geração I (jovens) ou informante feminino. Esses traços concedem o caráter abstrato às relações opositivas e pertencem às dimensões diageracional e diassexual. De acordo com as escolhas metodológicas, as dimensões listadas na Figura 7 podem ser classificadas como *seletivas*. No ADDU, as dimensões **dialingual** e **diatópica** não foram aplicadas a todos os pontos de inquéritos, nem a todas as perguntas, por isso, receberam a classificação de *seletivas*. A título de exemplo, Montevideo foi dividida em seis zonas, essa divisão esteve pautada nas características sociolinguísticas de cada uma dessas áreas. Ao incluir a cidade, os pesquisadores atenderam ao critério de seleção de capital em contraste com o interior, escolha repetida no Brasil e na Argentina, países com pontos incluídos no ADDU. A verificação dos dados obtidos nas zonas urbanas e interioranas permite sistematizar os fenômenos e as diferenças diatópicas entre *urbs* e *rus*. O ADDU é um atlas nacional do Uruguai com pontos externos, na Argentina e no Brasil. Dedicar-se ao estudo do castelhano na zona lusa do Uruguai, nos aspectos fonéticos, lexicais, morfossintático e pragmático.

A **dimensão diatópica** está dividida em *topostática* e *topodinâmica*. O informante topostático, como definido anteriormente, é aquele que pouco se movimenta entre as localidades de uma mesma zona ou de uma área maior, entre

bairros ou entre cidades, por exemplo. O informante topodinâmico é móvel, movimenta-se de um ponto ao outro por finalidades diversas, seja por trabalho, seja por estudo, esse movimento de saída da localidade é frequente, mas não permanente: um jovem pode trabalhar e residir em uma localidade e, diariamente, deslocar-se a outra para estudar. Por meio do controle da mobilidade dos informantes, conhece-se o ponto de partida e de chegada do movimento das realizações linguísticas. A partir da **dimensão diatópica-cinética** dispõe-se as interferências linguísticas, fruto da mobilidade demográfica. Para tanto, são eleitos grupos estáveis, com pouca mobilidade residencial e laboral, e grupos dinâmicos, com maior mobilidade. Dessa mobilidade, é possível identificar até que ponto os dialetos incorporam e mesclam informações vindas de outras zonas e de que modo essa presença se estende no cotidiano dos informantes e nas relações internas dos pontos investigados (THUN, 1996).

A qualidade social da Dialectologia é identificada nas dimensões **diastrática, diageracional e diassexual**. A princípio, dois parâmetros operam na dimensão **diastrática**, contudo, outros estratos sociais derivam da *classe alta* e da *classe baixa*: nível de escolaridade, contato com leitura e escrita, acesso a meios de informação, profissão/ocupação etc. Linguisticamente, o controle sistemático da dimensão diastrática direciona a constatações da realização e da não-realização de fenômenos no nível léxico e fonético, por exemplo. Há fenômenos linguísticos comprovados na fala de um grupo social de determinada localidade que não são identificados em outros, cita-se, como exemplo, o *rotacismo*²⁹. Em 2016, o estudo “Uma análise geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR” (GALLI, 2016) comprovou, por meio do controle das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e diafásica que a troca do // pelo /r/ é realidade na fala dos chateaubriandenses. Ainda que os falantes não tenham demonstrado estigma em relação ao rotacismo, na dimensão diastrática *escolaridade*, poucas foram as realizações na categoria EMI (Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto). Já na categoria EFI (nenhuma formação escolar ou Ensino Fundamental incompleto), a rotacização ocorreu com maior frequência. Os dados

²⁹ Entende-se por rotacismo a troca da lateral por uma vibrante alveolar; é identificado desde a evolução do latim vulgar para o português: *blandu* - *brando*. No português brasileiro, a posição de coda silábica pode ser preenchida pelas consoantes vibrante [r], lateral [l], fricativa [s] e nasal [n]. O rotacismo consiste na variável das consoantes líquidas [l] e [r] por se tratar de duas laterais há uma tendência à assimilação do traço [lateral] (MOLLICA; PAIVA, 1991).

ratificaram a hipótese inicial da pesquisadora: a dimensão escolaridade foi decisiva para a não-realização da variante não-padrão. No ADDU os informantes foram estratificados em duas categorias socioculturais: *grupos socioculturalmente altos* e *grupos socioculturalmente baixos*.

A combinação da dimensão diatópica à dimensão **diageracional** torna visível a diacronia. Por meio das cartas linguísticas, o tempo é visível e reproduz a fala de gerações distintas (RADTKE; THUN, 1999). A preocupação com a faixa etária dos informantes não é recente nos estudos dialetológicos, os dados obtidos de diferentes idades são valiosos para a compreensão das divergências e convergências entre os mais jovens e os mais idosos. Ademais, a dimensão diageracional permite compor o panorama da interação das variantes em um mesmo espaço, os processos de variação até a mudança iminente. No ADDU, Thun observou a adaptação de um grupo de montevideano em Rivera, a associação dos parâmetros das dimensões diatópica e diageracional mostrou que o grupo da GI, da classe sociocultural baixa, foi o que melhor se adaptou a nova cidade, já o grupo da GII, da classe sociocultural alta foi o que menos se adequou ao novo.

A dimensão **diassexual** também se integra aos interesses da Dialectologia Pluridimensional, mediante o controle dessa dimensão, apresenta-se a distribuição das ocorrências dos fenômenos na fala dos homens e na fala das mulheres, cartografados pela Geolinguística Moderna. Um olhar para a história, estruturada no patriarcado, revela a heterogeneidade de condições para um e para o outro, refletida, obviamente, nos aspectos socioculturais. Embora tenha havido muitos avanços, as mulheres e os homens desenvolvem papéis distintos e transitam por grupos distintos, essas distinções, e aproximações, quando contrastadas ganham espaço nas investigações dialetológicas e passam a ser representadas nas cartas linguística. “Na era da emancipação feminina parece surpreendente que o parâmetro biológico ou diassexual seja considerado em tão poucos atlas. Haverá um comportamento especial ligado à variável sexo? As respostas a esta pergunta se tornam complexas” (RADTKE; THUN, 1999, p. 38). No ADDU a heterogeneidade resultante da comparação entre as falas de informantes do sexo feminino e informantes do sexo masculino foi descrita pelos autores: “os mapas 26 e 27 identificam nas duas distribuições as informantes femininas como mais inovadoras do que os informantes masculinos. Admite-se, ainda, uma área de inovação feminina. São o Brasil e alguns dos pontos uruguaios fronteiriços onde as mulheres estão à frente dos homens” (ADDU apud CARDOSO,

2010, p. 53).

O alcance às dimensões **diafásica** e **diarreferencial** é proveniente do momento da entrevista, que se concretiza por meio da leitura de textos previamente selecionados, das respostas a um questionário semidirigido e da conversa livre ou semidirigida, representados na Figura 7 por L, R e C, respectivamente. Esses momentos fazem parte de um *continuum*, partindo do estilo mais formal, maior grau de autocontrole, para o estilo menos formal, menor grau de autocontrole. A motivação para registrar a fala em diferentes estágios é justificada pela alteração no comportamento dos informantes quando expostos a situações que requerem maior ou menor grau de espontaneidade e pelas intenções no ato de fala. Numa conversa descontraída sobre fatos do cotidiano, em família ou entre conhecidos, geralmente, a fala é espontânea sem o controle consciente da produção linguística. Situação diferente quando da leitura de um texto³⁰, em que o falante/leitor, necessariamente, precisa estar atento à leitura, à prosódia, ao tom de voz e a todas as regras acerca da boa leitura de um texto. “O ato de fala está intrinsecamente vinculado ao momento de sua realização, à situação em que é produzido, à postura do falante em relação ao instante da elocução e ao tipo de uso que faz da língua – respostas a perguntas dirigidas, exposição de fatos, narrativa, leitura etc.” (CARDOSO, 2010, p. 58).

Na dimensão **diarreferencial**, especialmente a partir dos comentários metalinguísticos, o informante externaliza a percepção e as interpretações engendradas acerca da língua, resultante de suas vivências, de seus estudos e dos seus processos de interlocução; é restabelecido e oportunizado o direito de construir hipóteses e crenças sobre aquilo que lhe é inerente. Se na Dialetologia Monodimensional os dialetólogos costumavam apoiar-se em suas próprias compreensões, enquanto investigadores da língua, na Dialetologia Pluridimensional a visão do falante como parte do macro - da língua - é um importante indicador de sua competência linguística, de sua visão, ou não, de pertencimento, e de seus, ainda que inconscientes, conflitos sociolinguísticos. Os dados dessa dimensão são apresentados e descritos de maneiras distintas de acordo com cada um dos

³⁰ Concernente à leitura, não se omite a compreensão de que esteja associada aos diferentes tipos (natureza) dos textos, condizente aos diferentes estágios do *continuum* da escrita/leitura. É evidente que a leitura de um recado, um bilhete, não requer o mesmo grau de monitoramento de um texto que careça de um maior rigor: narrativo, religioso, científico etc., por isso é essencial que o pesquisador, no momento da escolha, pense sobre os objetivos almejados e sobre os diferentes contextos de produção dos textos selecionados.

parâmetros, fala objetiva e fala metalinguística, e consoantes aos comentários tecidos pelos informantes. As respostas são analisadas pelo viés qualitativo e, sendo possível, quantitativamente (THUN, 1995).

Os novos caminhos aqui apresentados não têm como intuito desconsiderar as contribuições da gênese dos estudos dialetológicos, Dialetologia Tradicional. Mas, desenrolar acerca do percurso seguido até a apropriação das adaptações para descrições mais precisas dos fenômenos linguísticos, disso, justifica-se a escolha pela Dialetologia Pluridimensional para a concretização do Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu (ESeLFI): aliar os movimentos históricos/geográficos aos fatos sociais. O capítulo 4 trata de alguns dos estudos centrados nesse arcabouço teórico em território paranaense.

4 OS FALARES PARANAENSES: UM PASSEIO PELOS REGISTROS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PARANÁ

[...] o estado tem pelo menos três grandes áreas dialetais. O falar paranaense tradicional corresponde à ocupação histórica vicentina: centro-sul-litoral; a segunda área se formou com a vinda de migrantes gaúchos e catarinenses, à cata de terras mais baratas, desbravando as matas do sudoeste e do oeste do Paraná, transformando-as em áreas agricultáveis. A terceira área linguística corresponde ao norte e noroeste do estado, colonizados por migrantes mineiros e paulistas, que vieram explorar a cultura do café na rica terra roxa (FAGUNDES; LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2005, p. 11).

Muitos são os trabalhos voltados à análise do Português Brasileiro (PB) e suas realizações dentro de espaços geográficos, de modo especial, neste capítulo, objetiva-se apresentar e descrever alguns estudos acerca do PB no Paraná. Para compor a seleção, buscou-se, nos repositórios digitais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)³¹, Teses e Dissertações, na área da Dialetoлогия, que tratem do Português falado e registrado no estado³².

Desse modo, o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) (AGUILERA, 1994); (ALTINO, 2007) é descrito nas seções primárias 4.1 e 4.2, respectivamente. Ligadas a ambas estão, nas seções secundárias, 4.2.1 Medicina Caseira Paranaense: um estudo geolinguístico (SOUZA, 2005); 4.2.2 Atlas Linguístico de Curiúva/PR (SIQUEIRA, 2015); 4.2.3 A Variação Lexical na Rota do Café: estudo Geossociolinguístico no Norte do Estado do Paraná (RIBEIRO, 2017), e 4.2.4 Motivação na Criação Lexical: o elo entre cultura e linguagem nos dados do Atlas Linguístico do Paraná (GHOLMIE, 2019), estudos decorrentes da análise do *corpus* do banco de dados do ALPR.

Na seção 4.3 são elucidados os principais resultados obtidos por Romano (2012) após o estudo em tempo real e tempo aparente da fala dos moradores de

³¹ A escolha pela Unioeste é justificada pela ampla trajetória do curso de Letras e dos seus estudos linguísticos no Oeste do Paraná. Já pela UEL é por se tratar do berço da Dialetoлогия em território paranaense.

³² A busca foi realizada pela pesquisadora nas plataformas das bibliotecas digitais, assim, são apresentadas apenas obras disponíveis para o acesso remoto. A escolha de alguns trabalhos em detrimento de outros é justificada pela relação do objeto de estudo com as temáticas das subseções 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4. Ainda, é imprescindível enfatizar que as sínteses aqui apresentadas configuram uma pequena parcela das inúmeras pesquisas acerca dos movimentos da língua falada e escrita no Estado do Paraná, trata-se, portanto, da divulgação dos esforços dos estudiosos da linguagem em manter vivos os registros da grandiosidade da Língua Portuguesa. Não se objetiva, e talvez nem seja possível, abranger em um único trabalho todas as produções voltadas à descrição do PB em solo paranaense.

Londrina/PR. E, por fim, na seção 4.4, as contribuições da Geossociolinguística no Oeste do estado são mencionadas. E, para compor a subseção 4.4.1, apresenta-se a tese de Busse (2010) “Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (Volume I)”.

4.1 ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ (ALPR): UM IMPORTANTE LEGADO NA DESCRIÇÃO DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO PARANAENSE – AGUILERA (2004)

Aguilera (1994), com a publicação do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), tem contribuído sobremaneira para o dinamismo dos estudos dialetológico do Brasil. Constituído como uma das mais abrangentes pesquisas sobre o falar paranaense, e publicado em dois volumes Aguilera (1994) e Altino (2007), é hoje fonte de dados acerca do decurso da Língua Portuguesa em solo paranaense. O ALPR traz 191 cartas linguísticas, fundamentadas nos preceitos da Dialetologia Tradicional. Por conseguinte, sua disposição está alicerçada nos pilares Geolinguísticos, rede de pontos, questionário estruturado e/ou semiestruturado, seleção dos informantes, coleta de dados (entrevista), transcrição dos dados e elaboração das cartas linguísticas. Assim, 65 localidades foram selecionadas para compor a rede de pontos do ALPR, numeradas de 1 a 65 (Figura 8) e distribuídas no mapa de oeste para leste e do norte para o sul.

Figura 8 – Rede de pontos ALPR – nº do ponto e localidade

1. Diamante do Norte	14. Querência do Norte	27. Guaíra	40. Guaraniaçu	53. Palmeira
2. Santo Inácio	15. Cianorte	28. Goioerê	41. Pitanga	54. Curitiba
3. Primeiro de Maio	16. Apucarana	29. Campo Mourão	42. Prudentópolis	55. Paranaguá
4. Bandeirantes	17. São Jerônimo da Serra	30. Ivaiporã	43. Ponta Grossa	56. Barracão
5. Cambará	18. Ibaiti	31. Tibagi	44. Rio Branco do Sul	57. Francisco Beltrão
6. Jacarezinho	19. Siqueira Campos	32. Marechal Cândido Rondon	45. Antonina	58. Pato Branco
7. Loanda	20. São José da Boa Vista	33. Assis Chateaubriand	46. Guaraqueçaba	59. Mangueirinha
8. Paranavaí	21. Umarama	34. Campina da Lagoa	47. Foz do Iguaçu	60. Palmas
9. Maringá	22. Cruzeiro do Oeste	35. Manoel Ribas	48. Capanema	61. União da Vitória
10. Jaguapitã	23. Peabiru	36. Castro	49. Dois Vizinhos	62. São Mateus do Sul
11. Londrina	24. São Pedro do Ivaí	37. Cerro Azul	50. Laranjeiras	63. Lapa
12. Jataizinho	25. Ortigueira	38. Adrianópolis	51. Guarapuava	64. Rio Negro
13. Ribeirão do Pinhal	26. Jaguariaíva	39. Cascavel	53. Irati	65. Guaratuba

Fonte: [Adaptado de] Altino (2007, p. 82).

Para a obtenção do *corpus*, Aguilera estruturou um questionário com 325 perguntas, ordenadas de acordo com o campo semântico ao qual pertenciam. No tocante ao questionário, “seu uso permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessárias à pesquisa dentro dos moldes científicos, restringindo os contextos de uso de determinados fonemas, por exemplo, ou permitindo a identificação do uso lexical” (ALTINO, 2007, p. 82). Pautada no questionário do Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP) (CARUSO, 1983), Aguilera elaborou questões onomasiológicas, ou seja, parte do conceito para obtenção do referente (CRISTIANINI, 2006). Alterações, supressões e adaptações foram necessárias até a versão definitiva do questionário do ALPR, dividido por campos semânticos e subcampos semânticos (Figura 9) (ALTINO, 2007).

Figura 9 – Divisão do questionário do ALPR

CAMPO SEMÂNTICO	SUBCAMPOS SEMÂNTICOS	QUESTÕES
TERRA	Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo.	De 01 a 58
	Flora: árvores, frutos etc.	De 59 a 103
	Fauna: aves, pássaros, animais etc.	De 104 a 155
HOMEM	Partes do corpo, funções, doenças etc.	De 156 a 262
	Vestuário e calçados.	263 a 276
	Agricultura, instrumentos agrícolas etc.	277 a 305
	Brinquedos infantis etc.	306 a 318
	Lenda e superstições.	319 a 325

Fonte: [Adaptado de] Altino (2007, p. 82).

Os critérios para a escolha dos informantes atentaram às dimensões diatópica, diasssexual e diageracional (THUN, 1998) e aos postulados da Dialectologia Tradicional e de Nascentes (1958). Desse modo, a autora ponderou, também, a boa dicção do informante, a ausência de problemas de dentição ou de fonação, a prontidão em responder às perguntas etc. Logo, o perfil dos informantes ficou assim estabelecido: i) **nível de instrução**: baixa escolaridade ou nula; ii) **tempo de residência e relacionamentos**: morador(a) da localidade, de preferência, desde o nascimento; ou ter vivido a maior parte da vida. Relacionar-se quase que integralmente com pessoas nascidas na localidade e não ter viajado; iii) **profissão**: ser ou ter sido agricultor(a) e, o homem, não ter servido ao serviço militar; iv) **faixa**

etária: de 30 a 60 anos, e v) **sexo:** um homem e uma mulher de cada localidade. Dentro dos critérios supramencionados, 130 informantes compuseram a amostra (ALTINO, 2007).

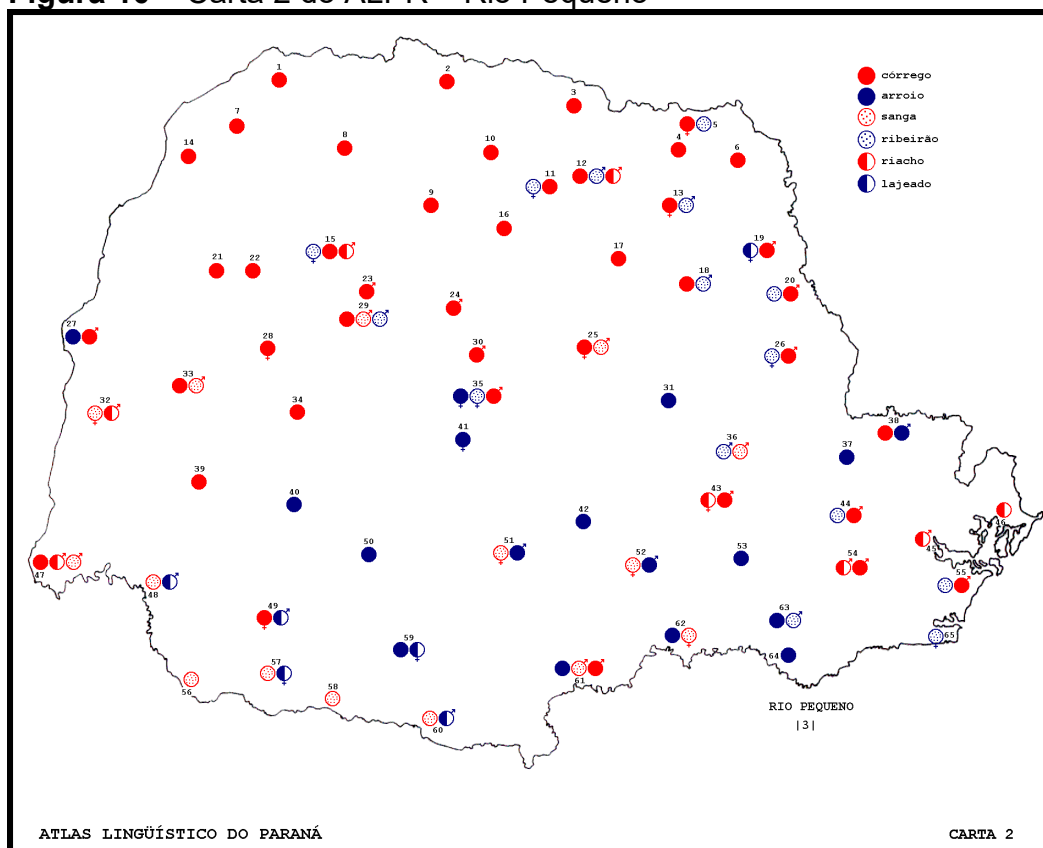
Após a recolha dos dados, o *corpus* foi transcrito grafematicamente, obedecendo os seguintes critérios: i) à fala dos informantes foram inseridos marcadores com a finalidade de demarcar traços da oralidade, as superposições, os truncamentos, as pausas, por exemplo, e intercorrências externas como, ruídos, interferência do inquiridor, interferências de terceiros etc. Para a transcrição foi adotado o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com algumas adaptações à máquina de datilografia (ALTINO, 2007).

Para a cartografiação, os vocábulos com maior número de ocorrências foram contemplados em cartas linguísticas. As transcrições ortográficas possibilitaram o levantamento de vocábulos com significativa variação lexical ou fonética, do ponto de vista da Dialectologia. Para o mapeamento lexical, Aguilera considerou as cartas dos Atlas da Bahia, do Sergipe, de Minas Gerais e da Paraíba, com o intuito de identificar e revelar os temas que foram coincidentes, além das cartas fonéticas, serviram de embasamento para o estudo dos falares paranaenses.

As cartas de 1 a 92 apresentam a cartografia das questões lexicais, de 93 a 162, a cartografia das cartas fonéticas e de 163 a 191, as isoglossas. As cartas lexicais e fonéticas receberam notas explicativas das variantes registradas. As respostas dos informantes estão representadas por símbolos, ♂ para homens e ♀ para mulheres, se no mesmo ponto as respostas de ambos os informantes coincidirem, a resposta é representada por ○(círculo), com a cor referente à variante.

Quanto à sistematização das cartas, à esquerda da carta, no canto superior, está posicionada a legenda das variantes, em ordem decrescente do número de realizações, sempre da mais produtiva a menos produtiva. No canto inferior direito da carta, está a denominação *Atlas Linguístico do Paraná*, e no canto inferior esquerdo, localiza-se o número da carta. Ainda, à esquerda da carta, logo abaixo da representação da delimitação territorial, o número sob a variável, corresponde ao número da questão (Figura 10).

Figura 10 – Carta 2 do ALPR – Rio Pequeno



Fonte: Aguilera (1994).

4.2 ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ (ALPR) – ALTINO (2007)

Fabiane Cristina Altino, em sua Tese de Doutorado, defendida na UEL, dedicou-se à cartografia dos dados do ALPR não contemplados no trabalho de Aguilera (1994). Para a composição do *corpus*, a pesquisa de campo teve início no ano de 1985 e fim, em 1989. Em 2007, Altino apresenta a cartografia de 175 questões do ALPR, alcançando a marca de 94,5% das questões cartografadas, restando sem cartografia as de natureza descritiva ou narrativa (5,9%).

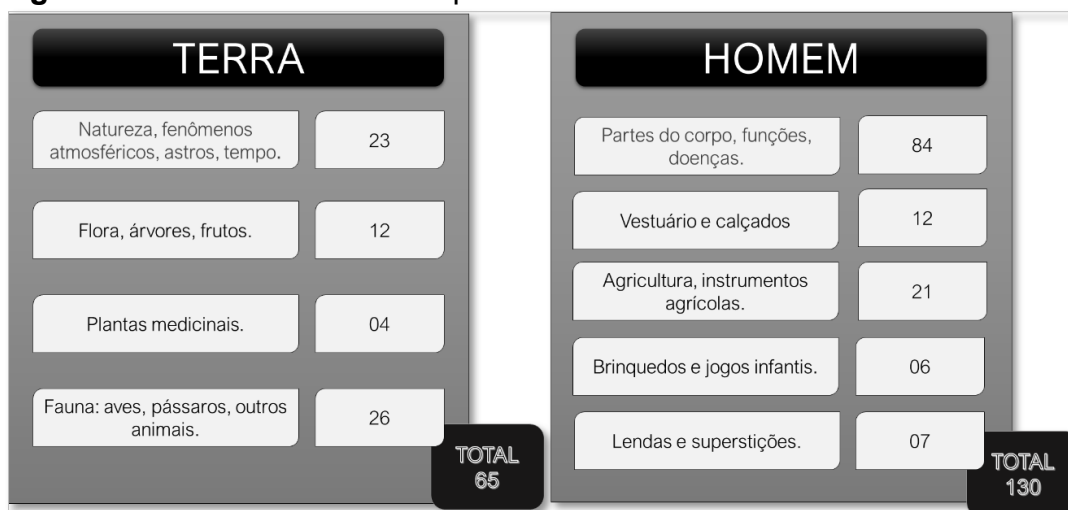
Associado ao método Geolinguístico, o método Dialetométrico³³, inédito no Brasil, até a sua aplicabilidade à Tese de Altino, propiciou a análise mais global dos

³³ Método preconizado por Séguy, no final da década de 60, e sistematizado no Atlas Linguistique de la Gascogne – ALG, em 1973. Trata-se de um método quantitativo que “permite o máximo aproveitamento da informação contida num atlas linguístico, de modo a relacionar duas localidades ou um conjunto de localidades” (SARAMAGO, 1987 apud ALTINO, 2007, p. 79). Por meio dele, é exequível delimitar os padrões e as estruturas de agrupamentos impossíveis de detectar na análise individual do mapa, quando associado à Geolinguística, apresenta uma visão geral da variação geográfica e linguística, estabelecendo graus de diferenças e semelhanças (ALTINO, 2007).

dados linguísticos. Em outras palavras, a Dialeto-metria permitiu abordar de forma mais precisa uma quantidade maior de dados, possibilitando a visão mais geral da variação geográfica (ALTINO, 2007). Da junção dos dois métodos, a autora objetivou: i) contrastar os dois métodos apresentados; ii) por meio da análise dialetométrica, observar a diversidade linguística dos informantes e a relação com a história social paranaense; iii) estabelecer o grau de influência, nos níveis léxico e fonético, dos grupos étnicos presentes no Paraná; iv) organizar um glossário respaldado nas variantes lexicais mapeadas nas cartas semântico-lexicais (ALTINO, 2007).

O percurso metodológico foi ao encontro dos fundamentos teórico-metodológicos adotados por Aguilera (1994) no estudo precursor. Das 365 questões, Altino se propôs a cartografar 195 ainda inéditas, divididas por áreas semânticas (Figura 11). Entretanto, 19 questões abertas não foram objeto de estudo de Altino, visto que a estrutura e a amplitude das respostas não poderiam ser sistematizadas; de igual modo, as questões de 319 a 325 cujos enunciados sugeriam uma resposta narrativa, não foram contempladas.

Figura 11 – Quantificativo das questões inéditas ALPR



Fonte: [Adaptado de] Altino (2007).

Treze anos separam o ALPR (AGUILERA, 1994) do ALPR (ALTINO, 2007), nesse ínterim, pesquisas, metodologias, métodos e abordagens passaram por adaptações, revisões, ampliações etc. Nesse sentido, Altino se dispôs a lançar novos olhares para a totalidade de dados do ALPR, à luz da Dialeto-metria. “O estudo dialetométrico foi efetivado nas relações entre cada par de pontos, o interponto. Goebel (1981 e 1983) postula que o interponto (IP) constitui-se no ponto médio do segmento

que une cada par de pontos” (ALTINO, 2007, p. 97). O interponto desempenha duas funções: i) função comunicativa, viabiliza a análise das semelhanças, e ii) função discriminatória, quando se analisam as diferenças.

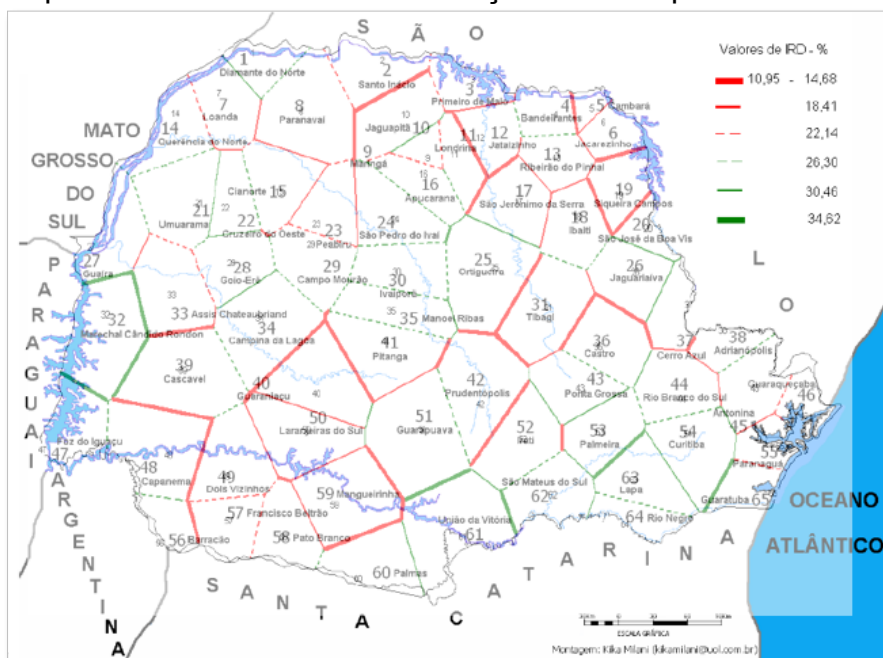
Ao ALPR importava a distribuição diatópica das lexias, registradas a partir das respostas de homens e mulheres pertencentes aos 65 pontos de inquérito do ALPR.

A seleção dos mapas de um atlas linguístico, chamados pela Dialetometria de atributos, e a definição dos critérios, chamados de unidades classificatórias, compreendem as respostas em cada um dos atributos (mapas do atlas). Os critérios para a seleção das unidades classificatórias podem ser etimológicos, morfossintáticos, lexical e/ou fonético (ALTINO, 2007, p. 98).

Os registros em cada localidade foram agrupados de acordo com as variantes. Altino optou por investigar o léxico em virtude das possibilidades lexicais motivadas pelo questionário e constatadas nas respostas dos informantes. Assim, dos 365 conceitos do ALPR, 209 foram investigados à luz da Dialetometria; as informações trazidas por Altino, no que tange aos Índices Relativos de Diferenças (IRD) e aos Índices Relativos de Identidade (IRI), foram sistematizadas e apresentadas em duas cartas: i) Carta 367, registra o IRD, e ii) Carta 368, o IRI.

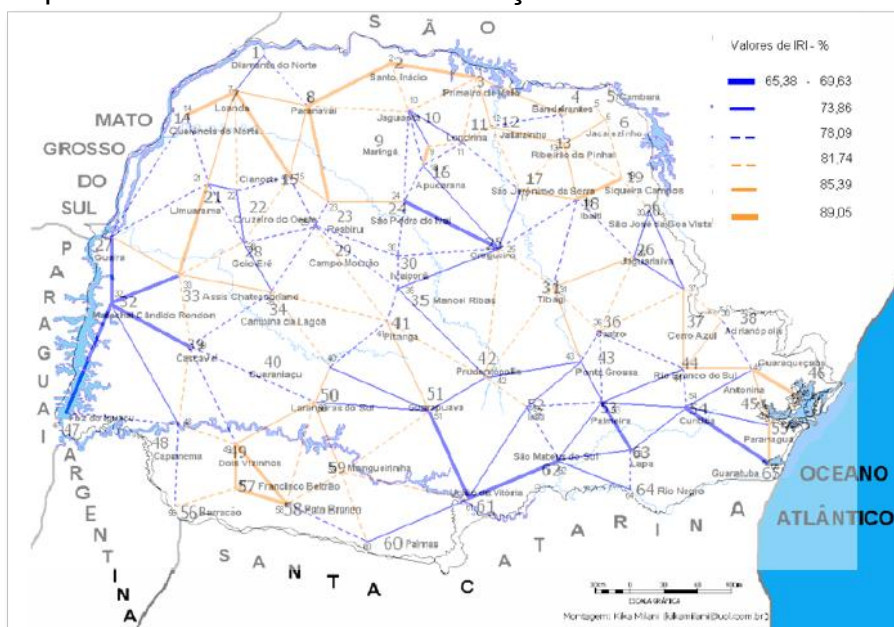
Os valores foram dispostos na legenda do menor ao maior índice de diferença, desse modo, as notações em vermelho demarcam as áreas em contanto e evidenciam menores diferenças, em proporções distintas, entre os registros da fala das localidades estudadas, ou seja, indicam um maior contato linguístico. Por outro lado, as notações em verde representam, gradativamente, maiores diferenças, entre os falares das localidades estudadas, apontando para o menor grau de contato linguístico (Figura 12). Na carta 368, Índices Relativos de Identidade (IRI), os valores foram distribuídos na legenda do menor ao maior índice de identidade. Assim, os valores subsequentes, progressivamente, indicam a movimentação mais contígua da língua e apontam para uma afinidade lexical (Figura 13).

Figura 12 – Carta dos Índices Relativos de Diferenças (IRD) do ALPR Sobreposta ao Mapa do Paraná e indicação dos pontos de inquérito do ALPR



Fonte: [Adaptado de] Altino (2007).

Figura 13 – Carta dos Índices Relativos de Identidade (IRI) do ALPR Sobreposta ao Mapa do Paraná com Indicação dos Pontos de Inquérito do ALPR

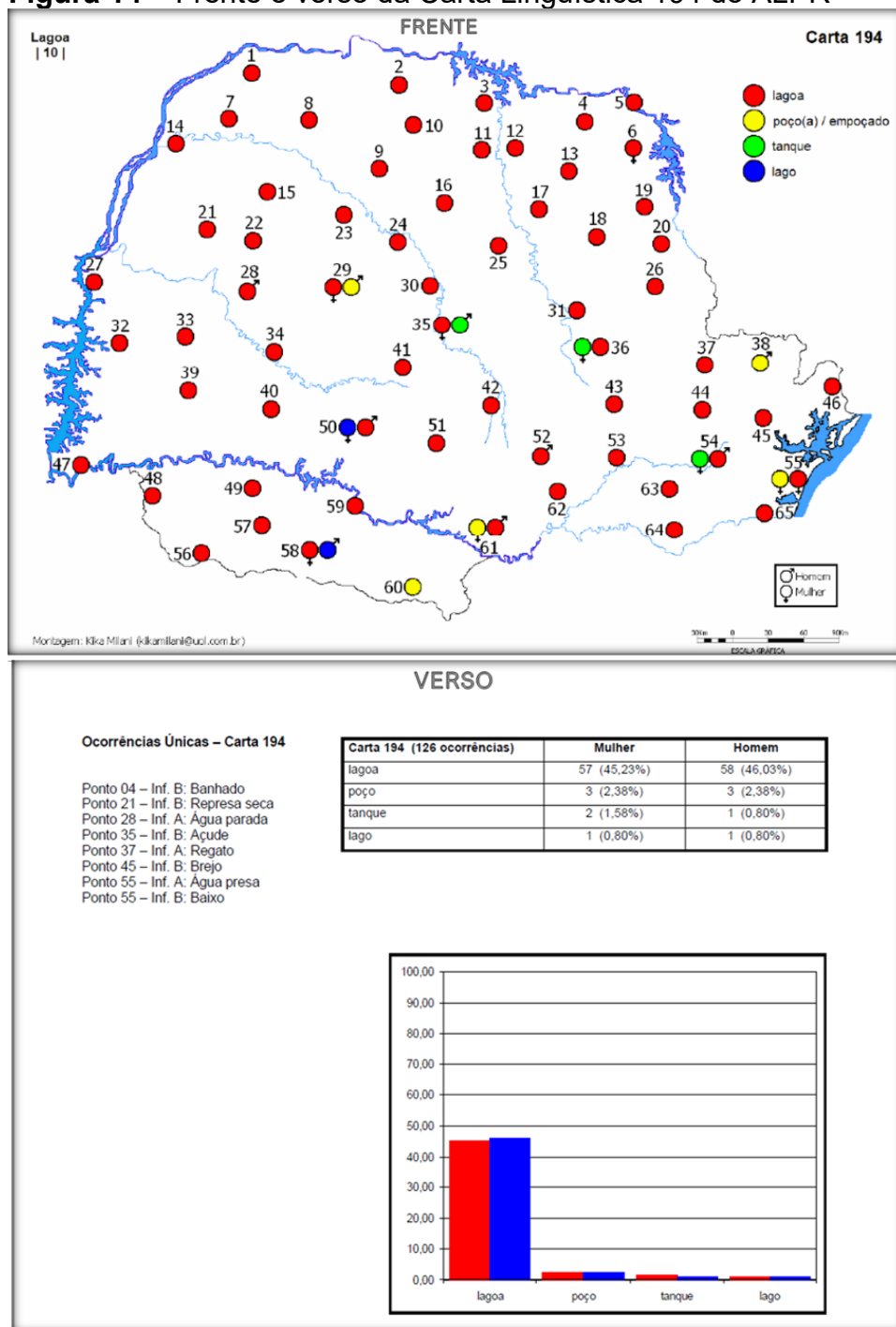


Fonte: [Adaptado de] Altino (2007).

Posterior à apresentação das cartas dialetométricas, Altino estrutura e expõe um glossário a partir das repostas ao questionário lexical do ALPR, totalizando 935 verbetes. Para confirmar a dicionarização, contrastar as acepções dos vocábulos e catalogar as variantes, a autora verificou os registros nos dicionários de Moraes

(1813) e Houaiss (2001) e no glossário do ALPR (1994). As matrizes dos dados utilizados na análise dialetométrica estão sistematizados no *Apêndice A*. O *Anexo A* corresponde ao questionário do ALPR; no *Anexo B*, a autora relaciona e discorre sobre a Rede de Ponto; no *Anexo C* estão as fichas dos informantes. Por fim, a Figura 14 exemplifica a cartografia das questões inéditas do ALPR.

Figura 14 – Frente e verso da Carta Linguística 194 do ALPR



Fonte: [Adaptado de] Altino (2007).

4.2.1 Medicina Caseira Paranaense: um Estudo Geolinguístico - SOUZA (2005)

Produto do compartilhamento do banco de dados do ALPR, outra grande contribuição para a descrição do português em território paranaense é a Dissertação de Mestrado de Solange Staciaki de Souza que, por meio do método Geolinguístico, investiga e descreve as variantes léxicas do campo semântico *plantas medicinais*. A motivação para a escolha da medicina caseira esteve alicerçada em três fatores: i) o contato da autora com os chás naturais e a crescente procura por produtos naturais devido às propriedades terapêuticas, ii) o projeto destinado à população de Guarapuava, desenvolvido na Universidade Estadual de Guarapuava (UNICENTRO), voltado ao ensino e ao manejo de plantas medicinais como uma fonte de renda, e iii) o contato com o ALPR durante as aulas de Dialetoлогия e Geolinguística do PPGEL/UEL. A pesquisa teve como objetivo conhecer, analisar e discutir a distribuição diatópica das variantes lexicais para as plantas medicinais e verificar as práticas caseiras relatadas pelos informantes. À vista disso, as questões de 88 a 103 do ALPR compuseram o questionário analisado por Souza, a saber:

- 88 – Como se chama aquela sementinha que serve para a gente fazer chá e pra botar em bolo de fubá? (erva-doce)³⁴;
- 89 – Como se chama aquela planta que se usa para fazer chá e que tem folhas ásperas iguais às folhas de sapé? (erva-cidreira);
- 90 – Que chá a gente usa para acalmar as bichas das crianças? (erva santa-maria);
- 91 – Como se chama umas florezinhas brancas com miolo amarelinho que serve pra fazer chá pra dor de barriga do neném? (camomila);
- 92 – Como se chama aquela planta que a gente usa para fazer chá quando a criança está assustada (hortelã);
- 93 – Que chá a gente usa para fazer arrebentar sarampo (sabugueiro);
- 94 – Como se chamam aqueles pauzinhos pretos que a gente coloca em doces de abóbora, por exemplo? (cravo)
- 95 – Como se chamam aquelas casquinhas de madeira, que a gente coloca em doces de abóbora, por exemplo (canela)

³⁴ Na listagem, após cada questão, está entre parêntesis a variante sugerida como resposta pelo ALPR.

- 96 – Como se chama aquele tempero que tem a forma de uma cabeça, cheia de dentes, e com um cheiro muito forte? (alho)
- 97 – Quais outros temperos o (a) senhor(a) conhece para a comida?
- 98 – Como se chama aquela planta cheirosa que se usa para espantar mau-olhado (arruda);
- 99 – Como se chama uma árvore grande, que dá flor roxa ou amarela? A casca serve para fazer chá pra problema de estômago (ipê);
- 100 – Como se chama aquela planta que tem folhas iguais às de um pinheirinho? É uma planta muito cheirosa e que serve para fazer chá para quem sofre do coração (alecrim);
- 101 – Como se chama aquela planta que se usa para fazer emplasto e colocar em machucaduras? (rubim);
- 102 – Como se chama aquela planta que é bom a gente ter em casa para dar sorte (guiné);
- 103 – Quais outras plantas o (a) senhor(a) conhece para fazer chá? (Dizer para que serve).

A cartografia dos dados³⁵ seguiu a mesma metodologia do ALPR, sendo assim, foram dispostas nas 65 localidades paranaenses as variantes identificadas, contando em cada uma com um informante homem e uma informante mulher. Referente à variável faixa etária, Souza estabeleceu duas classes, mais jovem, de 30 a 45 anos, e mais idosos, a partir de 46 anos. Os dados foram tabulados, cartografados e relacionados em um glossário. Importante destacar, além da verificação das variantes registradas, a análise possibilitou a “descrição do universo cultural relativo às práticas populares mais frequentes para tratar das doenças citadas, inclusive às práticas para “atrair a sorte” e para evitar mau-olhado” (SOUZA, 2005, p. 23).

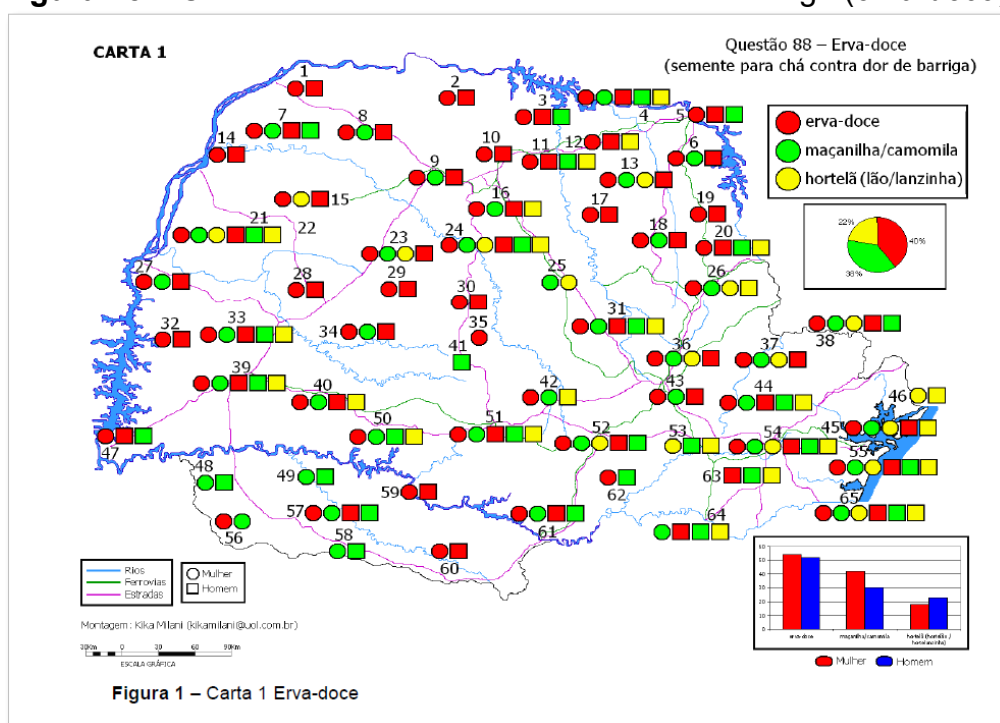
Como exposto anteriormente, os dados trazidos para apreciação no trabalho de Souza pertencem ao banco de dados do ALPR, por esse motivo a autora concentrou seus esforços para realizar a análise das questões/respostas ainda inéditas. Isso posto, para as questões 89, 91, 92, 94, 95, 96, 97 e 100, Souza não apresentou dados quantitativos referentes às variáveis sociais e a distribuição

³⁵ Em razão da grande quantidade de cartas elaboradas por Souza, para exemplificação, optou-se pela *Carta 1 – Erva-Doce*.

diatópica das variantes e, conseqüentemente, não elaborou cartas linguísticas para representar as informações, entretanto, ateu-se às referências culturais que indicaram os costumes comuns às localidades.

No capítulo destinado à discussão das ervas e práticas mencionadas pelos informantes, as respostas foram elencadas, os registros nos dicionários elucidados e as propriedades medicinais, comprovadas cientificamente, e a atribuição popular das propriedades, foram apresentadas. A seguir, apresenta-se um exemplo de carta linguística apresentada na Dissertação de Mestrado de Souza (2005) (Figura 15).

Figura 15 – Carta 1: semente de chá contra dor de barriga (*erva-doce*)



Fonte: Souza (2005, p. 51).

A representação das variantes identificadas na fala dos informantes e na narrativa por trás dos usos das ervas e plantas medicinais possibilitaram o acesso às crenças, aos costumes e aos valores representados, principalmente, pela tradição oral. Ainda, ao registrar esses dados em cartas linguísticas, Souza viabilizou o conhecimento de aspectos da vida, da língua e da história dessas comunidades. Como mencionado, a coleta de dados do ALPR data de 1985 a 1989. O que revelariam os dados, se revisitados os 65 pontos de inquérito? Apenas é possível comparações e retratos da língua portuguesa quando alicerçados no exímio trabalho dos cientistas

das linguagens e das diversas áreas afins que se dedicaram/dedicam a manter vívidos elementos indispensáveis à compreensão da vida humana.

4.2.2 Atlas Linguístico de Curiúva/PR – SIQUEIRA (2015)

Dissertação de Mestrado defendida por Fátima da Silva Siqueira, o *Atlas Linguístico de Curiúva/PR* (ALiC) dispõe em cartas linguísticas as variantes lexicais obtidas por meio de um questionário lexical estruturado. Os dados coletados foram contrastados com os registros do ALPR (AGUILERA, 1994); (ALTINO, 2007), objetivando a compreensão da fala de Curiúva inserida nos falares de paranaenses. As entrevistas *in loco* contaram com a contribuição de 24 curiuvenses, pertencentes a seis pontos de inquérito, eleitos de acordo com o grau de contribuição para o desenvolvimento da cidade. Souza justifica a escolha em descrever a fala do município de Curiúva/PR por duas razões: i) contato mais próximo com investigações dialetológicas na disciplina *Dialetologia e Geolinguística no Brasil* e ii) o município não foi contemplado nas investigações do ALPR, carecendo, portanto, de informações que o insira em uma região linguística do Paraná.

A rede de pontos é constituída por seis localidades, são elas: 1. Felisberto, distante 22 km do centro da cidade; 2. Guajuvira, formado por uma comunidade Quilombola e por famílias que chegaram à localidade para desenvolver atividades agrícolas; 3. Taboão, localizado à margem da rodovia, está a 10 km da sede do município, a cultura de sobrevivência provém da olaria; 4. Sede administrativa do Município; 5. Alecrim, localiza-se à beira da rodovia, distante a 8 km da sede do município e 6. Colônia Dantas, localidade situada a 18 km da sede de Curiúva. Quanto aos informantes, 24 curiuvenses foram selecionados de acordo com o sexo, masculino e feminino; a faixa etária, i) de 18 a 30 anos e ii) de 50 a 65 anos; e o nível de instrução, Ensino Fundamental (2ª faixa etária) e Ensino Médio (1ª faixa etária). Para a recolha dos dados, o questionário semântico-lexical do ALiB foi utilizado com alguns recortes. As entrevistas foram gravadas entre os meses de julho e setembro de 2013, posteriormente transcritas e organizadas em planilhas do *Excel*. Ao todo, 103 cartas linguísticas resultaram das questões mais produtivas, dentre elas, 35 coincidem com as cartas linguísticas do ALPR (AGUILERA, 1994) e 15 com o ALPR (ALTINO, 2007).

Após a análise dos dados, Souza descreve as verificações mais relevantes acerca da fala de Curiúva/PR. A variável faixa etária interferiu sobremaneira na

produção dos fenômenos constatados, os mais jovens, como esperado, são a força motriz da variação linguística e um possível processo de mudança. As respostas da segunda faixa etária, 50 a 65 anos, mostraram a bagagem cultural e histórica desse grupo. As abstenções entre os jovens foram mais recorrentes nas subáreas *natureza* e *atividades agropastoris*.

Não obstante, tenham sido constatadas diferenças entre as variantes mais profícuas na fala dos homens, se comparada à fala das mulheres, o fator diasssexual não foi imperativo ou determinante às mudanças no léxico curiuvense. Entretanto, vale mencionar, a escolha lexical do informante homem apontou para a produção mais frequente de variantes distintas na designação de objetos. Souza, ressalta que ao contrário da hipótese inicial, na qual o falar de Curiúva pertenceria aos falares da região sul do estado, as ocorrências indicam a coexistência dos falares do sul e do norte no município, essa constatação só foi possível a partir da análise comparativa engendrada pela autora, ao confrontar os dados do ALPR com os registros do ALiC.

4.2.3 A Variação Lexical na *Rota do Café*: estudo geossociolinguístico no Norte do Estado do Paraná – RIBEIRO (2017)

Almejando inventariar a variação lexical e a herança linguística deixadas pelos colonizadores e pioneiros da rota café, Thiago Leonardo Ribeiro realiza a recolha de dados, por meio de entrevista *in loco*, em seis municípios paranaenses, 1. Ribeirão Claro, 2. Cambará, 3. Santa Mariana, 4. Uraí, 5. Londrina e 6. Rolândia. A partir da fala de 24 informantes, estratificados de acordo com a faixa etária, i) de 30 a 50 anos e ii) de 60 a 80 anos; sexo, i) homens e ii) mulheres; escolaridade, pouca escolaridade, e nascidos na localidade, registra e esboça as variantes para 11 itens lexicais das áreas semânticas *terra* e *homem*.

No capítulo dedicado ao caminho metodológico, os seis pontos de inquérito são contextualizados histórico e geograficamente. Em seguida, os informantes são elencados e categorizados segundo sexo, faixa etária, localidade e naturalidade dos pais. No que concerne à coleta de dados, o autor recorreu ao Questionário Semântico-Lexical (QSL) e Questionário Fonético-Fonológico do ALiB, no entanto, 74 questões foram eleitas para a cartografia dos dados, para tal feito, Ribeiro fez uso da ferramenta SGVCLin (ROMANO, 2015). Para análise, 11 questões foram eleitas e as respostas a elas compuseram o *corpus* da Dissertação (Quadro 5 e Quadro 6).

Quadro 5 – Questões motivadoras para análise da variação lexical na Rota do Café e variantes identificadas por ponto de inquérito - 1a

Questão – Variação Lexical na Rota do Café	Variantes em 1. Ribeirão Claro	Variantes em 2. Cambará	Variantes em 3. Santa Mariana
08. Duas bananas que nascem grudados?	Felipe Gêmeas Inconha	Felipe Gêmeas	Felipe Gêmeas
24. ... o inseto com corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?	Helicóptero Besourinho- D'Água Não Sabe Não Lembra	Lava-Bunda Maria-Comprida Tesourinha Não Sabe Não Lembra	Lava-Bunda Helicóptero Libélula Tesourinha Não Lembra
36. ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, à vezes, até passa dificuldades para não gastar?	Pão-Duro Munheca Seguro Mão-Dura	Munheca Mão-de-Vaca Seguro Econômico Economista Morrinha Ruim	Pão-Duro Seguro Mão-Fechada Muxiba Avarento Ridico
39. ... roupa que o homem usa debaixo da calça?	Cueca Zorba Ceroula	Cueca Zorba Ceroula Sunga	Cueca Zorba Ceroula Calção
41. Como se chama aquele calçado de pano e sola de corda que a gente usava antigamente? Conhece outro nome?	Alpargatas Come-Quieto Sapatilha Não Sabe	Alpargata Conga	Alpargatas Come-Quieto Rasteirinha Não Sabe
42. ... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou zíper?	Zíper Vista Gaiola	Zíper Vista Botega Frente	Zíper Braguilha Vista Gaiola
44. Como se chama o grão de milho que não estourou quando estava preparando a pipoca?	Piruí Borrão Não Sabe	Piruí Marinheiro Não Sabe Não Lembra	Piruí Marinheiro
53. Como se chama a comida que tem como ingrediente principal o frango, junto com arroz e cheiro verde? Diz-se que no final dos anos 70 e início do 80 era feita com frango roubado?	Canja Arroz com frango Pachola Gororoba	Galinhada Canja Pirão Não Lembra	Galinhada Canja Arroz Temperado Não Sabe
59. Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?	Piroleta Cambalhota Plantar-Bananeira Pirueta	Piroleta Planta-Bananeira Ponta-Cabeça Não Sabe	Piroleta Ponta-Cabeça Não Sabe
64. Na cidade, o que se costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?	Sinaleiro Semáforo Sinal	Semáforo Farol	Sinaleiro Semáforo Farol
70. Como se chama o objeto	Interruptor	Interruptor	Interruptor

que fica nas paredes para acender a lâmpada?	Tomada	Tomada	Tomada
--	--------	--------	--------

Fonte: Elaborado pela autora com base em Ribeiro (2017).

Quadro 6 – Questões motivadoras para análise da variação lexical na Rota do Café e variantes identificadas por ponto de inquérito – 1b

Questão – Variação Lexical na Rota do Café	Variantes em 4. Uraí	Variantes em 5. Londrina	Variantes em 6. Rolândia
08. Duas bananas que nascem grudadas?	Felipe Gêmeas	Felipe Gêmeas	Felipe Gêmeas
24. ... o inseto com corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?	Lava-Bunda Helicóptero Libélula Não Sabe Não Lembra	Helicóptero Libélula Bate-Bunda Pito Não Lembra	Lava-Bunda Bate-Bunda Não Sabe Não Lembra
36. ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, à vezes, até passa dificuldades para não gastar?	Pão-Duro Mão-de-Vaca Seguro Miserável Muxiba	Pão-Duro Munheca Mão-de-Vaca Mesquinho Muquirana Sovina	Pão-Duro Munheca Mão-de-Vaca Miserável Mão-Dura Mão-Fechada Unha-de-Fome
39. ... roupa que o homem usa debaixo da calça?	Cueca Zorba	Cueca Zorba Ceroula	Cueca Zorba Ceroula
41. Como se chama aquele calçado de pano e sola de corda que a gente usava antigamente? Conhece outro nome?	Alpargata Come-Quieto Não Sabe	Alpagarta Come-Calado	Alpargata Sapatilha
42. ... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou zíper?	Zíper Braguilha Botão	Zíper Braguilha	Zíper Braguilha Vista Abertura
44. Como se chama o grão de milho que não estourou quando estava preparando a pipoca?	Piruí Não Sabe Não Lembra	Piruí Pururuca Cansa Queixo Não Lembra	Piruí Grãozinho Carocinho que não Conseguiu Arrebentar Não Lembra
53. Como se chama a comida que tem como ingrediente principal o frango, junto com arroz e cheiro verde? Diz-se que no final dos anos 70 e início do 80 era feita com frango roubado?	Galinhada Arroz com Frango Frangada Não Sabe	Galinhada	Canja Frangada Frango ao Molho Arroz-de-Carreteiro
59. Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?	Piroleta Cambota Não Sabe	Cambalhota	Piroleta Bunda-Canastra
64. Na cidade, o que se costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz	Sinaleiro Semáforo Farol	Sinaleiro Semáforo	Sinaleiro Semáforo

vermelha, verde e amarela?		Farol Sinal	Farol Sinal
70. Como se chama o objeto que fica nas paredes para acender a lâmpada?	Interruptor Tomada	Interruptor Tomada	Interruptor Tomada

Fonte: Elaborado pela autora com base em Ribeiro (2017).

Para cada questão eleita, Ribeiro distribuiu as variantes em quadros de acordo com os pontos de inquérito, em seguida, descreveu as acepções trazidas nos dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2009), quando não obteve definições nessas obras, recorreu às pesquisas lexicográficas, em cujo significado de cada variante obtida estivesse descrito. Ademais, estabeleceu comparações aos dados estabelecidos pelo ALiB e ALPR. Ato contínuo, exibiu as cartas linguísticas, de 1 a 11, para cada questão analisada e, por meio de quadros, expôs as variantes identificadas de acordo com as variáveis sexo e faixa etária.

4.2.4 Motivação na Criação Lexical: o elo entre cultura e linguagem nos dados do Atlas Linguístico do Paraná – GHOLMIE (2019)

Em 2019, Myriam Rossi Sleiman Gholmie, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), defende sua Dissertação de Mestrado: *Motivação na Criação Lexical: o Elo entre Cultura e Linguagem Dados do Atlas Linguístico do Paraná*. Gholmie adentra ao universo do léxico, na tentativa de descrever por que as coisas têm os nomes que têm. Para tanto, vale-se dos dados do ALPR, de modo especial, das produções lexicais para *cogumelo* e *alpargata*, registradas a partir da fala de 130 informantes, homens e mulheres pertencentes às 65 localidades que compõem a rede de pontos. Além disso, Gholmie propõe-se a verificar a dicionarização de ambas as variantes e, à luz da semântica motivacional, Ullmann (1964) e de Contini (2009), analisar as respostas dos informantes do ALPR.

No que tange à relação cultura, língua e léxico, a pesquisadora aduz a Etnolinguística. A partir dessa disciplina, a linguagem é vista como atividade livre do homem e como produto dessa atividade, sendo, portanto, a linguagem, um ato criador, fundado num saber. Nesse prisma, as interferências linguísticas, quando visões de mundo, influenciam a língua nos sistemas fonético, gramatical e lexical, portanto, a língua é constituída de limites indefinidos. Por meio do estudo lexical, é possível reconhecer as experiências de um povo e isso diz muito sobre a sua cultura e

vivências, nesse sentido, o trabalho de Gholmie vai ao encontro dessa definição, isso porque, a visão de mundo do Paraná rural de 1980 é revelada por meio das respostas às questões do ALPR.

A autora apresenta quatro cartas linguísticas com as variantes para uma única questão: *como se chama aqueles guarda-chuvinhas que formam no pau podre?*. Após averiguação, conclui que todos os signos linguísticos identificados são motivados, classificando-os de acordo com a tipo de motivação. Para: *como se chama aquele calçado de pano e sola de corda que a gente usava antigamente?*, a variante *alpargata* é imperativa, fazendo-se presente em quase todo o estado na fala da maioria dos entrevistados, seguida de *come-quieto* e *pé-de-cachorro*. Novamente, a motivação foi comprovada nas respostas dos informantes.

Em suma, o estudo empreendido por Gholmie ratifica a hipótese inicial, de que a língua carrega consigo a história, a cultura, as crenças e as tradições de um povo. Desse modo, o homem, como criador da língua, não impõe a ela limites, mas por meio dela explora o universo infinito da criatividade humana. Por fim, Gholmie alerta quanto à falta de estudos voltados à Semântica Motivacional a partir dos *corpora* dialetológicos e expressa seu desejo de que novos estudos sejam encetados e que sua Dissertação sirva de incentivo a outros pesquisadores.

4.3 ATLAS LINGUÍSTICO DE LONDRINA: UM ESTUDO EM TEMPO REAL E EM TEMPO APARENTE ROMANO (2012)

Em 2012, sob orientação da professora Vanderci de Andrade Aguilera, Valter Pereira Romano, propõe um estudo em tempo real e tempo aparente da fala dos moradores naturais do município de Londrina/PR. Para tanto, a partir dos pressupostos da Dialetologia Pluridimensional, Romano volta aos pontos linguísticos de investigação do estudo pioneiro da Geolinguística no Paraná, *Aspectos Linguísticos da Fala dos Londrinenses: esboço de um Atlas Linguístico de Londrina – EALLO* (AGUILERA, 1987), realiza uma nova coleta de dados *in loco* e apresenta no Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO) as variações e as mudanças linguísticas ocorridas nas últimas décadas no município.

Os procedimentos teóricos-metodológicos da pesquisa pautaram-se na trajetória do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), desse modo, 44 informantes, estratificados de acordo com a faixa etária, sexo e escolaridade contribuíram para a obtenção do *corpus*. Compuseram a rede de pontos do estudo, dez localidades de

Londrina/PR, conforme divisão político-administrativa. A fim de registrar a fala dos londrinenses, o autor aplicou aos 44 informantes, questões fonético-fonológicas e semântico-lexicais retiradas e adaptadas do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), sendo possível determinar as isoléxicas.

Entre os anos de 1985 e 1986, 16 mulheres e 11 homens, de 30 a 60 anos, de escolaridade mínima, foram entrevistados com a finalidade de registrar a fala da, até então, Londrina rural. Ao todo, 12 pontos linguísticos foram selecionados e constituíram a rede de pontos: 1. distrito de Warta, 2. Londrina (zona urbana), 3. Três Bocas e Limoeiro, 4. Água do Lontra, 5. distrito de Maravilha, 6. distrito de Irerê, 7. distrito de São Luiz, 8. distrito de Paiquerê, 9. distrito de Guaravera, 10. distrito de Lerriville e 11. distrito de Tamarana e 12. bairro Igrejinha do Rio Preto.

À medida que descreve o percurso metodológico do AGeLo, Romano compara e explica as adequações necessárias ao novo atlas. Desse modo, no AGeLo dez localidades compuseram a rede de pontos: 1. distrito de Warta, 2. Bairro Heimtal, 3. Sede municipal (região urbana), 4. distrito do Espírito Santo, 5. distrito de Maravilha, 6. distrito de Irerê, 7. distrito de São Luiz, 8. distrito de Paiquerê, 9. distrito de Guaraveram e 10. distrito de Lerroville. Quanto aos informantes, foram selecionados homens e mulheres; de duas faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, naturais de Londrina e com pais pertencentes à região linguística selecionada; de nível fundamental completo ou incompleto, sendo incluído no ponto 3, área urbana, quatro informantes com ensino superior completo (ROMANO, 2012).

Acerca dos questionários, 114 questões foram eleitas para a investigação dos aspectos fonéticos-fonológicos e 103 voltadas à variação lexical, a opção pelas questões para discurso semidirigido para integrar o acervo foi decidida pelo autor com a finalidade de possibilitar trabalhos futuros, as entrevistas foram realizadas *in loco*, com o auxílio de mais duas entrevistadoras. Os dados coletados foram transcritos seguindo as normas do projeto ALiB e as variantes obtidas nas respostas foram dispostas em planilhas do *Excel*.

Na análise dos dados, Romano evidencia as comprovações e os contrastes quanto aos aspectos fonéticos e lexicais do falar londrinense registrado pelo AGeLO e pelo EALLO (Quadro 7)³⁶.

³⁶ Optou-se por apresentar apenas as duas primeiras variantes registradas em cada estudo.

Quadro 7 – Variantes mais Produtivas Registradas pelo EALLO e AGeLO

Questão do AGeLO	Variantes EALLO	AGeLO
Área Semântica: Terra Subárea: Natureza		
Quando chove e caem pedrinhas de gelo, como se chama essa chuva?	1. Chuva de Pedra 2. Granizo	1. Chuva de Granizo 2. Chuva de Pedra
Como se chama aquela estrela que corre no céu e parece que cai?	1. Mãe de Ouro 2. Estrela Cadente	1. Estrela Cadente 2. (Abstenções)
Área Semântica: Terra Subárea: Flora		
Como se chama aqueles guarda-chuvinhas que se formam em pau podre?	1. Cogumelo 2. Orelha de Pau	1. Cogumelo 2. Guarda-chuvinha de Sapo
Nome que se dá àquelas bananas que nascem grudadas?	1. Filipe 2. Gêmea	1. Filipe 2. Gêmeas
Área Semântica: Terra Subárea: Fauna		
Como se chama aquela pintinha que aparece na gema do ovo que sem ela o ovo não presta para chocar?	1. Gala 2. Olho do Pintinho	1. (Abstenções) 2. Olho do Pintinho
36. Pele do carneiro que se coloca em cima do arreio ou sela para ficar macio?	1. Pelego 2. Coxinilho	1. Pelego 2. Coxinilho
Área Semântica: Homem Subárea: Parte do Corpo		
Como se chama o osso redondo que fica em cima do joelho?	1. Pataca 2. Batata, Tramela, Menisco, Patinha (Ocorrências Mínimas)	1. Pataca 2. Rótula
Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?	1. Vesgo 2. Caolho	1. Vesgo 2. Zarolho
Área Semântica: Homem Subárea: Vestuário e Calçado		
Peça que os homens usam por baixo das calças.	1. Cueca 2. Zorba	1. Cueca 2. Zorba
Calçado de pano e sola de corda que se usava antigamente.	1. Alpagarta 2. Come Quietto	1. Alpagartas 2. Sapatilha
Área Semântica: Homem Subárea: Agricultura e Instrumentos Agrícolas		
Para tirar água do poço, a gente usa um balde amarrado numa corda que é enrolada em um pau. Como se chama esse pau?	1. Sarilho 2. Cambito	1. Sarilho 2. Cambito
Espiga de milho que quase não tem grãos.	1. Milho Ralo 2. Restolho/Rastolho	1. Restolho 2. Ingrim

Área Semântica: Homem		
Subárea: Brincadeira e Brinquedos Infantis		
Brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças soltam nos céus?	1. Papagaio 2. Pipa	1. Pipa 2. Papagaio

Fonte: Elaborado pela autora com base em Romano (2012)

A partir da análise das cartas lexicais, os dados apontaram para uma mudança linguística em curso (ROMANO, 2012). Diferentemente do ocorrido no EALLO, as áreas de isoléxicas não puderam ser definidas, como na década de 80, isso porque já não há diferenças significativas entre as regiões norte e sul. Ainda, os dados revelaram que a variação e a mudança em curso em Londrina/PR foram motivadas pelas dimensões diageracional e diastrática → escolaridade.

Romano, ao finalizar, assinala a importância da cartografia do material ainda inédito para que seja contemplada a linguagem rural e, conseqüentemente, para que o retrato da fala londrinenses seja mais amplo. Uma vez que, os registros apresentados em ambos os trabalhos se referem a um recorte de todo o universo dos dados coletados pelo EALLO e AGELO. Salienta, ainda, sobre a necessidade em se atentar à realidade da fala a partir da averiguação dos dados obtidos do discurso semidirigido.

4.4 A PLURALIDADE NOS FALARES DO OESTE: NOS CAMINHOS DA GEOSOCIOLINGUÍSTICA

As interações sociais, fruto da chegada de muitos povos ao interior paranaense, representam, também, o movimento da língua neste espaço. Consolidase, portanto, como terreno vasto para estudos que almejem a documentação dos falares da região. Após intensa busca nos bancos de dados das universidades por trabalhos voltados à descrição linguística do Oeste paranaense a partir dos pressupostos da Dialectologia, identificou-se a Tese de Doutorado defendida pela professora Sanimar Busse, Um estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná (Volume I), em 2010, na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Em andamento, junta-se à pesquisa, esta Tese, Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu (ESeLFI), e a Tese de Nadieli Mara Hullen Gerei, Análise Geossociolinguística dos Falares Cascavelenses, em desenvolvimento na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Essa constatação aponta para a carência de estudos

Dialetológicos que visem descrever a fala do interior do Paraná, anseia-se, portanto, que novos pesquisadores se sintam motivados a colaborar com o registro da língua viva falada na região. A seguir, versa-se acerca do estudo de Busse (2010), que investigou a fala dos moradores do Oeste paranaense.

4.4.1 Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (Volume I) – BUSSE (2010)

Em 2010, na Universidade Estadual de Londrina, Sanimar Busse apresenta ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), sua Tese de Doutorado que teve como objetivo descrever as variantes linguísticas e a distribuição areal dessas variantes por nove pontos de inquérito, a fim de identificar as características relativamente homogêneas e heterogêneas, resultado do povoamento da região Oeste do Paraná (BUSSE, 2010). Para a obtenção dos dados, 87 questões compuseram o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), 163 o Questionário Semântico-Lexical (QSL) e 40 o Questionário Morfossintático (QMS), além de oito questões metalinguística e da conversa livre.

Formaram a rede de pontos: i) Guaíra, ii) Assis Chateaubriand, iii) Marechal Cândido Rondon, iv) Santa Helena, v) Medianeira, vi) Santa Terezinha de Itaipu, vii) Capitão Leônidas Marques, viii) Cascavel e iv) Guaraniaçu. Em cada ponto de inquérito os critérios para seleção dos informantes atentaram às dimensões diassexual, diageracional e diastrática (Figura 16).

Figura 16 – Dimensões e parâmetros – Busse (2010)

DIMENSÕES		PARÂMETROS
SOCIOCULTURAL	Diastrática	EFI (Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto)
		EMI (Ensino Fundamental completo ou Ensino Médio incompleto)
	Diageracional	G I (18 a 35 anos)
		G II (45 a 65 anos)
	Diassexual	Masculino
		Feminino

Fonte: Busse (2010, p. 115).

A autora constatou, conforme esperado, o polimorfismo linguístico, avaliado como consequência do processo de formação do Oeste, haja vista o multiculturalismo presente na região. Assim, formam-se: a) áreas de isolamento, nas quais são preservados traços do grupo de origem dos moradores da localidade, e b) áreas heterogêneas que receberam diferentes correntes migratórias vindas de diferentes regiões do Paraná e do Brasil, imprimindo às localidades formas distintas para um mesmo fenômeno linguístico. Em síntese, em relação à distribuição diatópica, os dados fonéticos-fonológicos do Oeste paranaense revelaram: 1. a mudança em curso, com a implementação de variantes em Cascavel e Guaraniaçu; 2. a manutenção de traços nas localidades que se formaram os núcleos de colonização sulista, e 3. a transição e a coocorrência de formas nas localidades que se encontravam na rota de passagem dos primeiros viajantes e habitantes da região Oeste.

Já as variantes semântico-lexicais permitiram a caracterização do Oeste pelo multiculturalismo e polimorfismo a partir: 1. da preservação de algumas formas em localidades mais distantes da rota de turistas, viajantes e de grupos de imigração recente. 2. diminuição da área de abrangência de variantes; 3. manutenção de formas dialetais. Quanto à produção das variantes nas dimensões sociais, Busse comprovou: 1. as mulheres lideram a implementação das variantes de prestígio; 2. os homens e a geração II (45 a 65 anos) preservam os traços e as formas dialetais da fala dos grupos de origem; 3. As mulheres e os mais jovens são os responsáveis pela implementação dos traços inovadores da língua, e 4. Os informantes da geração I (18 a 35 anos), com Ensino Médio incompleto, demonstram conhecer e optam pelas formas escolarizadas e urbanas (BUSSE, 2010).

Mediante a apresentação dos dados, Busse conclui e afirma que a descrição dos fenômenos contribuirá para a identificação do vencedor do jogo de forças entre a homogeneidade cultural dos primeiros grupos a chegarem às localidades investigadas e o polimorfismo cultural advindo da urbanização das cidades e dos movimentos migratórios mais recentes. Os primeiros indícios puderam ser constatados e descritos pelo trabalho realizado pela pesquisadora no Oeste paranaense.

A partir dos recortes dos estudos aqui aludidos é perceptível a relevância da dialetologia para o registro e a análise do léxico da língua portuguesa. O *corpus* do ALPR guarda uma grande riqueza, muitas pesquisas puderam ser conduzidas e

concluídas com base nesse inventário, há ainda muito para ser explorado. No Oeste do Paraná, poucos trabalhos são dessa natureza, a essência da constituição e da consolidação dos “Vários Paranás” abre espaço para novas investigações, que se mostram bem-vindas e bastante profícuas.

5 DA TEORIA AO ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU (ESELF): PERCURSO METODOLÓGICO

O delineamento do Estudo Semântico-Lexical de Foz do Iguaçu (ESeLFI) está alicerçado nos princípios teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998; 2000; 2005, 2017a). As próximas seções estão destinadas à elucidação da teoria aplicada às etapas do fazer dialetológico, ademais, são descritos: i) as etapas concluídas; ii) as etapas em vias de conclusão; iii) os principais entraves para o cumprimento do cronograma inicial, e iv) as modificações que se fizeram necessárias para o alcance dos objetivos almejados.

5.1 REDE DE PONTOS

A escolha da **Rede de Pontos** consiste na seleção da área submetida à investigação dialetal, definida em razão das implicações históricas, econômicas e sociais para o desenvolvimento do espaço geográfico (CARDOSO, 2010). Em geral, a escolha pelas localidades se orienta na extensão territorial e na densidade demográfica dos pontos de inquérito. Desse modo, neste estudo, tencionou-se retratar a fala dos iguaçuenses não pela grande quantidade de dados, mas pelo acesso mais fiel à diversidade linguística do município e pela maior precisão na descrição dos fenômenos linguísticos. Nessa perspectiva, além da preocupação referente à posição geografia - norte, sul, leste e oeste - para a construção da rede de pontos, atentou-se para a pluralidade do município de Foz do Iguaçu/PR no que se refere às localidades de fronteira, aos bairros pioneiros, aos bairros que abrigaram imigrantes e migrantes e aos bairros localizados na área rural, a fim de que o retrato da fala fosse o mais fiel possível.

O número de pontos de inquérito, em muitas pesquisas, é alterado ao longo da coleta de dados, devido às informações obtidas e pela identificação de uma ou outra situação que requeira a mudança. Com o ESeLFI não foi diferente, no ano de 2017, a autora teve acesso ao acervo histórico do município, na Biblioteca Pública Municipal de Foz do Iguaçu, Elfrida Engel Nunes Rios. Após leituras e averiguação acerca dos possíveis pontos de inquérito e em conversa com a orientadora, quatorze bairros foram escolhidos. Com a rede de pontos estabelecida, a coleta de dados foi iniciada. Logo nas primeiras entrevistas, um equívoco na seleção de um dos

informantes³⁷ possibilitou a compreensão quanto à necessidade de acrescentar mais um bairro para compor a rede das localidades investigadas, ficando assim estabelecida (Quadro 8):

Quadro 8 – Rede de pontos do ESeLFI

Nº	NOME DO BAIRRO	CICLO SOCIECONÔMICO DE IMPACTO	JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO PONTO
1	VILA "C"	2º ciclo: construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	Vila dos operários de Itaipu. Foi construída unicamente para alojar os trabalhadores civis do canteiro de obras recém-chegados à cidade, os chamados "barrageiros". A dinâmica do bairro tem mudado, os casarões têm se transformado em alojamentos para muitos estudantes da UNILA, que procuram casas nas proximidades da universidade.
2	TRÊS LAGOAS	2º ciclo: construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	Situada às margens da BR 277. Depois da construção de Itaipu, transformou-se em uma vila "independente", devido à distância da área comercial, está a 10 km do centro de Foz do Iguaçu/PR.
3	VILA "B"	2º ciclo: construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	Construída para o alto escalão de trabalhadores da Itaipu. Foi o primeiro condomínio horizontal fechado em Foz do Iguaçu/PR. Localiza-se às margens da Avenida Tancredo Neves, via de acesso à usina.
4	VILA "A"	2º ciclo: construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	Vila dos funcionários de Itaipu. Os trabalhadores com empregos estáveis ganhavam casas de acordo com a atividade exercida. Hoje é zona nobre do município e o primeiro bairro inteligente do Brasil.
5	JARDIM JUPIRA	3º Ciclo: Exportação e Turismo de Compras.	Finalizada a construção da Ponte Internacional da Amizade, o Jardim Jupira recebeu grandes quantitativos de empresas dedicadas à exportação. Os negócios eram intensos e chegavam movimentar milhões por ano, mas com o acordo do MERCOSUL, as restrições aduaneiras impactaram negativamente na economia local, tendo iniciado o processo de favelização da região, tráfico e

³⁷ A Informante 18 (INF18), moradora do Jardim Jupira, foi indicada por uma estudante iguaçuense. O primeiro contato da pesquisadora com a INF18 foi por telefone, na data e hora marcadas, encontraram-se nas dependências da Faculdade Anglo Americano, local de estudo da informante. Após os cumprimentos, a pesquisadora iniciou o preenchimento do questionário socioeconômico e para sua surpresa, a informante não pertencia ao ponto de inquérito selecionado para a entrevista: Vila Portes. Naquele momento, duas alternativas seriam possíveis: i) agradecer a disponibilidade da informante e cancelar a entrevista e ii) explicar o ocorrido, realizar a entrevista e utilizar os dados em possíveis trabalhos futuros. A escolha pela realização da entrevista mostrou-se a melhor opção. Posteriormente, ao comparar os registros do ponto de inquérito 6, Vila Portes, com os novos registros da INF18, moradora do Jardim Jupira, constatou-se o uso de variantes bastante distintas. Mesmo próximos geograficamente, os pontos Vila Portes e Jardim Jupira possuem perfis socioeconômicos distintos e, após análise dos dados, verificou-se a distinção, também, na escolha e nas realizações lexicais.

			contrabando.
6	VILA PORTES	3º Ciclo: Exportação e Turismo de Compras.	O início da Vila Portes se parece muito com o que vivenciou o Jardim Jupira. Muitas lojas fecharam as portas, as que se mantiveram na luta, precisaram se reinventar. O agito da fronteira é intenso nas ruas do Ponto 6., em meio a isso, os andares superiores das lojas abrigam os moradores/comerciantes.
7	MORUMBI	2º ciclo: construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	O “boom” populacional do Morumbi foi no período pós- construção de Itaipu. Muitas pessoas desempregadas, famílias sem casas e economia em crise. É o bairro mais populoso de Foz do Iguaçu, dividido em Morumbi I, II, III e IV.
8	JARDIM CENTRAL	3º Ciclo: Exportação e Turismo de Compras.	É um bairro árabe dentro de Foz do Iguaçu, formado 90% por imigrantes árabes e seus descendentes. As culturas brasileiras e árabes convivem dentro desse espaço que acolhe a 2ª maior comunidade árabe do Brasil.
9	APARECIDINHA	1º Ciclo: Extração da Madeira e Cultivo da Erva-mate.	Está a 18 km do centro da cidade, na área rural de Foz do Iguaçu. Alguns pioneiros ainda vivem na comunidade, composta por, na 2ª geração, catarinenses e gaúchos e, na 1ª geração, filhos, netos e bisnetos dos primeiros moradores.
10	JARDIM AMÉRICA	1º Ciclo: Extração da Madeira e Cultivo da Erva-mate./ 2º Ciclo: Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	Em Foz do Iguaçu, o Jardim América é referência no atendimento aos <i>brasiguaios</i> , brasileiros residentes no Paraguai, aos seus descendentes e aos paraguaios. É comum a circulação de paraguaios na localidade. Antes mesmo da Itaipu, já havia famílias paraguaias residindo no local.
11	VILA YOLANDA	1º Ciclo: Extração da Madeira e Cultivo da Erva-mate.	Bairro pioneiro de Foz do Iguaçu, recebeu as primeiras famílias abastadas e tem trazido essa configuração até os dias atuais. Está localizado no corredor turístico de Foz e, aos poucos, tem se transformado em centro gastronômico do município.
12	VILA SHALON	2º Ciclo: Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu	A tranquila Vila Shalon recebeu muitas famílias saídas das áreas agrícolas de Foz do Iguaçu/PR, transformando-se em um “bairro rural” dentro do grande centro urbano.
13	PORTO MEIRA	1º Ciclo: Extração da Madeira e Cultivo da Erva-mate./ 2º Ciclo: Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	1º bairro de Foz do Iguaçu/PR, quando os alimentos e recursos materiais não chegavam à cidade pelo Brasil, o Porto Meira foi a porta de entrada para os produtos vindos da Argentina. Depois do adensamento populacional desorganizado, muitas famílias foram tiradas das favelas da região central e levadas aos conjuntos habitacionais populares construídos no bairro. Atualmente, o Porto Meira é “autossuficiente”, e está em constante

			progresso, resultado das promessas do novo ciclo do turismo na região.
14	MORENITAS	2º Ciclo: Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	O bairro Morenitas começou como uma invasão. Inúmeras famílias, em condições precárias, viviam na chamada favela da Marinha, e viram no terreno, que estava mais para um banhado, a única oportunidade da casa própria. A área ocupada pertencia a um empresário de Foz do Iguaçu que, depois muitas tratativas, aceitou vender a propriedade para prefeitura. Quase trinta anos se passaram desde a primeira casa erguida, ainda há problemas de infraestrutura. Mas, os moradores apostam em melhorias advindas do novo ciclo do turismo de Foz.
15	AEROPORTO	2º Ciclo: Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.	Área rural, localizada nas proximidades do aeroporto. São poucas as informações a respeito da constituição da localidade. Mais esclarecimentos seriam essenciais para a compreensão da dinâmica da comunidade. Mas, em virtude da Pandemia da Covid19, a autora realizou apenas duas entrevistas, ambas com os informantes da Geração I.

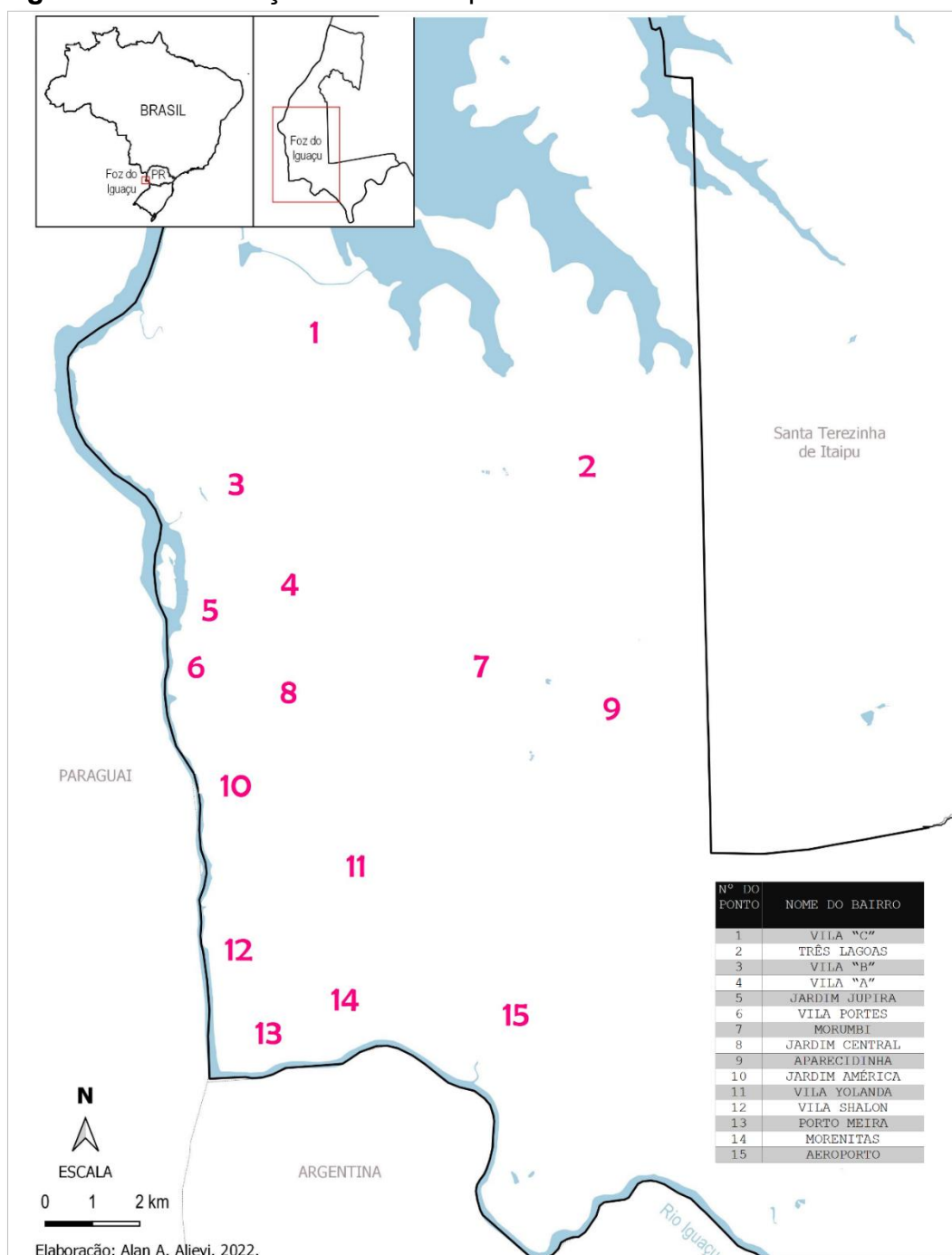
Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, na Figura 17, expõe-se a distribuição dos pontos de inquérito no território iguaçuense. Buscou-se contemplar todas as regiões de Foz do Iguaçu, iniciando a contagem dos pontos de Norte em direção ao Sul e do Oeste para o Leste. Ao norte do município, situa-se a Itaipu Binacional; ao sul, o Rio Iguaçu e a Argentina; ao oeste, o Rio Paraná, a Ponte Internacional da Amizade e Ciudad Del Leste, no Paraguai; e ao leste, o município de Santa Terezinha e a BR277.

No mapa, carta-base para a cartografia das variantes, há duas miniaturas com recortes. Na primeira, mapa do Brasil, o estado do Paraná é identificado com destaque ao Oeste, em Foz do Iguaçu. A segunda, é o recorte e a ampliação do município; as miniaturas têm como finalidade o auxílio no reconhecimento da localização geográfica da área investigada, do macro para o micro. Há, ainda, no canto inferior esquerdo, uma seta indicando a região Norte, a fim de orientar sobre a posição de cada ponto cardeal.

E, para o melhor entendimento, à direita, no canto inferior, encontra-se a legenda com os respectivos número e nome dos pontos de inquérito.

Figura 17 – Distribuição da rede de pontos do ESeLFI



Fonte: elaborado por ALIEVI e pela autora (2022).

Concisamente, nas próximas seções terciárias, serão abordados os aspectos históricos e sociais dos pontos de inquérito selecionados para esta tese. Enceta as apresentações o ponto 1. Vila "C" [de Itaipu], com uma breve citação introdutória, pretende-se descrever o arranjo social e a divisão dos trabalhadores de Itaipu nesses ambientes.

O acesso aos diferentes espaços das áreas residenciais dos conjuntos habitacionais era restrito ou liberado dependendo do nível empregatício dos indivíduos. Moradores da Vila “C” não possuíam um clube para lazer, enquanto a Vila “A” possuía o Floresta, e a Vila “B”, o Ipê. Mesmo não tendo um clube próprio aos moradores da Vila “C”, não era permitido que seus moradores se associassem aos clubes dos outros conjuntos habitacionais (ARANHA, 2016, p. 4).

O projeto das vilas de Itaipu não só segregava os trabalhadores de acordo com o grau de ocupação e escolaridade, como, hierarquicamente, firmava os lugares de convivência autorizados a cada grupo (ARANHA, 2016).

5.1.1 Ponto de Inquérito 1 – Bairro Vila “C”³⁸

O bairro Vila “C”, localizado na região Norte de Foz do Iguaçu, faz parte dos três complexos habitacionais construídos em território brasileiro pela Itaipu Binacional, Vila “A”; Vila “B”; Vila “C”, entre os anos de 1975 e 1978, para abrigar operários, funcionários e prestadores de serviço da usina. A distribuição das residências foi de acordo com o cargo ocupado pelos trabalhadores, no caso da Vila “C”, as casas foram destinadas aos barrageiros, conhecidos também como os peões da barragem³⁹. Planejada de forma estratégica, a Vila “C” foi pensada e projetada para ser a mais próxima do canteiro de obras, seriam as moradias destinadas aos operários. Conforme a exigência e o adiantar das obras, máquinas e trabalhadores precisariam estar a postos. “Além da desigualdade de infraestrutura nas vilas construídas para abrigar os trabalhadores, há também as condições precárias de vida

³⁸ As elucidações sobre cada ponto de inquérito serão apresentadas em proporção desigual no que diz respeito às informações históricas de estruturação e de consolidação. Isso se justifica pela dificuldade da pesquisadora em encontrar registros escritos acerca da trajetória dos bairros: Jardim América, Vila Yolanda e Aeroporto. Dados orais são valiosos, mas pouco se tem rigorosamente documentado e disponibilizado, os fatos aqui descritos resultam da exaustiva averiguação em sites da internet, jornais e revistas online e de entrevistas com moradores registradas em vídeos e publicados em meio online pela imprensa local. Não foi possível estabelecer contato com as associações de moradores desses bairros, e as páginas voltadas à interação com a comunidade estão desatualizadas. Em contato com a Prefeitura de Foz do Iguaçu, foi sugerido à pesquisadora que se dirigisse à biblioteca municipal. Na oportunidade, pré-pandêmica, muitos recortes foram encontrados, mas em grande parte, tratavam dos feitos individuais dos pioneiros da cidade, característica de textos biográficos. Uma nova tentativa de pesquisa foi realizada, dessa vez, buscou-se na internet pelos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas dos bairros, visto que nesses documentos seções são dedicadas ao arranjo produtivo local e à contextualização histórica da localidade, novamente, a busca foi infrutífera, os PPPs de muitas instituições não estão publicizados nem mesmo pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED). Justifica-se que devido à pandemia muitos estabelecimentos se mantiveram fechados para atendimento ao público, por isso a preferência por informações disponíveis em meio digital.

³⁹ Operários vindos de diversas partes do Brasil, chegaram a Foz do Iguaçu em meados da década de 1970 para ocupar os cargos destinados à construção civil, ofertados pelas empreiteiras responsáveis por erguer a barragem de Itaipu (MANARIN, 2008).

e transporte dos operários ao canteiro de obras” (COSTA, 2010, p. 10).

As casas desse complexo habitacional eram grandes galpões (Figura 18), divididos em quatro partes, cada uma correspondia a uma residência, de “parede a parede”, levantadas em blocos de concreto e materiais de curta vida útil, o que facilitaria o desmonte quando as obras de Itaipu fossem finalizadas. Na época, foram construídas mais de 3.000 casas e apenas uma rua do conjunto habitacional recebeu pavimentação asfáltica (COSTA, 2010, p. 10).

Os funcionários eram levados na carroceria de caminhões até o portal de entrada da construção da Itaipu. Das três vilas, a Vila “C” era a mais carente de infraestrutura, e com os novos contratos de trabalhadores civis, foi preciso ofertar bem mais que apenas moradia, obrigando a Itaipu a construir escolas, creches, farmácias, mercados, lojas etc (COSTA, 2010, p. 10).

Figura 18 – A vila dos operários (Vila “C” de Itaipu) no Ano de 1978



Fonte: Costa (2010, p. 11).

A ideia inicial era de desocupação e de desmanche dos galpões, sendo um conjunto habitacional provisório. Visto que, em algumas partes da vila passariam as linhas de transmissão de energia, os chamados linhões, responsáveis pela distribuição da produção de Itaipu para Furnas e de Furnas para o estado de São Paulo.

Até 1990 os operários que moravam na Vila “C” conviviam com a inquietação no canteiro de obras diante da perspectiva do desemprego e da possibilidade de perder as casas, pois nesse período a política administrativa majoritária da empresa era de contenção de gastos e

principalmente de desmobilização de parte da infra-estrutura. Regularmente segundo as regras da empresa, quando os trabalhadores eram demitidos tinham que sair e desocupar a casa e deixar a vila imediatamente. Em muitos casos, nesse período a resistência tomava parte dos moradores que se recusavam a deixar as casas, muitos deles não tinham onde morar, fazendo com que a Itaipu em várias situações recorresse a mandados judiciais com ordem de despejo, pois a maior alegação da empresa era que faltava moradia para entrada de novos funcionários (JESUS, 2008, p. 4-5).

Entretanto, com o fim das obras e após muitas tratativas, em 1990, o conselho da Diretoria Geral de Itaipu decide iniciar o processo de vendas das casas, os primeiros contemplados seriam os seus funcionários, e, posteriormente, os demais compradores tratariam diretamente com a Cooperativa de Habitação da Fronteira (COAHFRONTEIRA). Inúmeras problemáticas resultaram do alto índice de desemprego no bairro ainda em estruturação, chegando, no início dos anos 2000, a ser considerado o mais violento de Foz do Iguaçu/PR. Vinte e dois anos se passaram, um longo processo de reconstrução e criação de uma identidade, em meio aos antigos barrageiros e seus descendentes, outras famílias passaram a residir a Vila “C”, que é hoje, segundo os moradores, um bom lugar para se viver (JESUS, 2008). Nesse contexto, inaugura-se e consolida-se o primeiro ponto de inquérito escolhido para esta tese.

Figura 19 – Restos de alvenaria dos antigos galpões e, ao fundo, os linhões de transmissão



Fonte: Google Maps (2011).

5.1.2 Ponto de Inquérito 2 – Bairro Três Lagoas

Antes mesmo da divisão das terras para a constituição do novo loteamento, atual Três Lagoas, atividades agropastoris eram desenvolvidas pelos moradores da pequena comunidade. O bairro Três Lagoas, limitado ao norte pelo Lago de Itaipu, a oeste por Furnas e Distrito Industrial, e a leste pelo município de Santa Terezinha de Itaipu/PR, passou a ser loteado a partir de 1975. Com a construção da Usina de Itaipu, muitos moradores da região, até então rural, precisaram encontrar outra ocupação, uma vez que as terras agricultáveis deram lugar a um grandioso lago artificial (EVANGELISTA, 2008).

Os antigos habitantes receberam indenização e começaram uma nova vida no entorno da vila. As áreas não alagadas, receberam os ex-operários de Itaipu, que sem condições para retornarem aos seus estados de origem, e desempregados, construíram suas moradas na comunidade. O bairro abrigou, ainda, pessoas de municípios próximos a Foz do Iguaçu/PR, atraídas pela esperança de novas oportunidades na cidade que “emanava” progresso. O nome *Três Lagoas* faz referência às três lagoas que existiam na entrada da localidade, mas que após a edificação de empresas e galpões acabaram sendo cobertas, restando apenas um pequeno banhado (EVANGELISTA, 2008).

Mais de 40 mil pessoas povoam a “grande Três Lagoas”, localizada às margens do portal de entrada de Foz do Iguaçu/PR (Figura 20). Atualmente, a economia é movida pelo comércio local e por grandes empresas, instaladas nas avenidas marginais da BR 277: transportadoras, empresas de ônibus, revendedoras de peças de caminhões e automóveis, postos de combustíveis, distribuidoras etc. E, por estar a, aproximadamente, 10 km centro da cidade, obrigou-se a atender às demandas básicas da população local e desenvolver-se economicamente, sendo considerada hoje uma minicidade por sua infraestrutura fortemente consolidada (ACIFI, 2016).

Figura 20 – Avenida João Ricieri Maran (Três Lagoas)



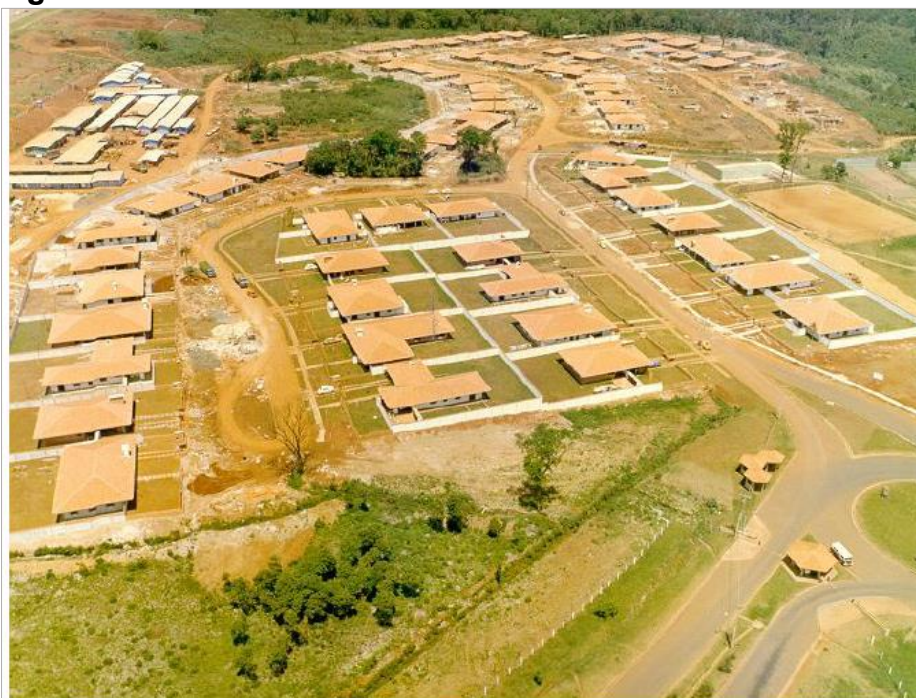
Fonte: ACIFI (2016).

5.1.3 Ponto de Inquérito 3 – Vila “B” de Itaipu

Vila privativa destinada à moradia dos trabalhadores das mais altas classes da Itaipu, construída na década de 1970, abrigou engenheiros, advogados, administradores, médicos, contadores, economistas, executivos etc. No bairro, menos casas foram construídas, se comparado às Vila “A” e Vila “C”, mas com maior metragem e melhor infraestrutura. Com jardim e acabamento requintados, foram “equipadas com lareira, churrasqueira, quarto e banheiro para empregadas e amplas salas de até três ambientes” (SBARDELOTTO, 2014, p. 274).

Desde a inauguração, até os tempos atuais, uma guarita com segurança 24h faz o controle de acesso ao bairro, os prestadores de serviços, para adentrarem aos limites da Vila “B”, precisavam realizar um cadastro e, em seguida, recebiam um cartão de identificação e acesso. A Vila “B” foi o primeiro modelo de condomínio horizontal fechado no município de Foz do Iguaçu/PR. Com apenas uma via de acesso e ingresso à vila habitacional, ao todo, 221 moradias de alvenaria compõem o a arquitetura da Vila “B”, situada à esquerda da avenida Tancredo Neves, avenida de ligação à Itaipu (SBARDELOTTO, 2014, p. 274) (Figura 21).

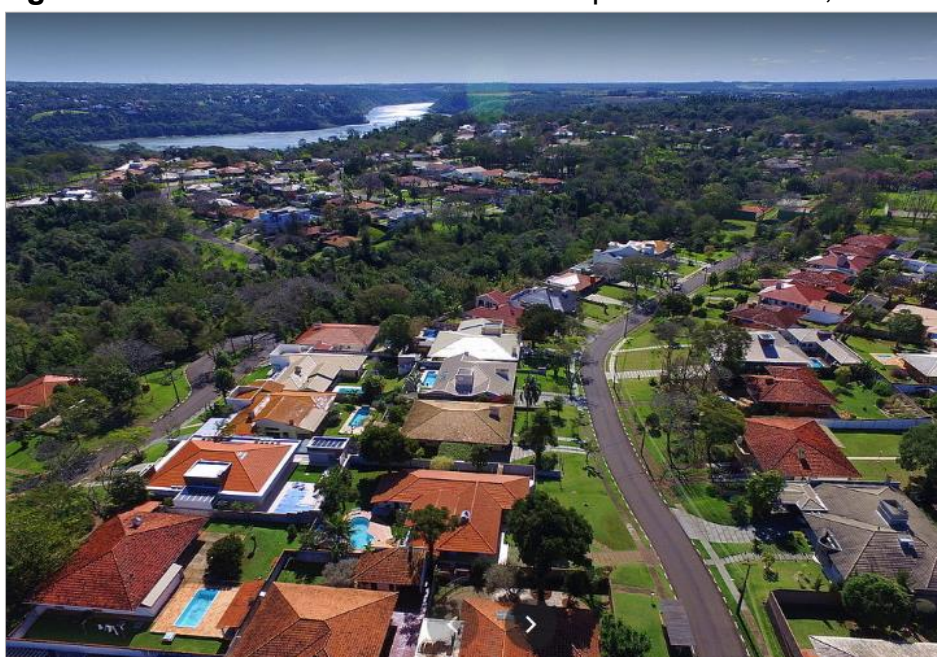
Figura 21 – Vista aérea da Vila “B” – Início dos anos 1980



Fonte: Fonte: [Adaptado de] Sbardelotto (2014).

Com o mesmo nome, a Vila “B” ainda tem suas fronteiras supervisionadas por seguranças 24h, as casas foram vendidas aos funcionários e luxuosas mansões foram arquitetadas (Figura 22). A entrada no bairro é permitida somente mediante autorização; realidade constatada pela autora na coleta de dados para esta tese.

Figura 22 – Vista aérea da Vila “B” de Itaipu e Rio Paraná, ao fundo



Fonte: Google Mapas (2017).

5.1.4 Ponto de Inquérito 4 – Vila “A” de Itaipu

Pertencente ao projeto de construção das vilas para os trabalhadores de Itaipu, a Vila “A” está localizada a, aproximadamente, 7 km do Centro de Recepção de Visitantes (CRV) da hidrelétrica. Na constituição do bairro, as ruas e as avenidas não receberam nomes propriamente ditos, senão números; até mesmo os quarteirões, foram enumerados, formando denominações como *Avenida 3, Rua 145 e Quadra 1*, por exemplo. Antes da construção do conjunto habitacional, a região era rural e muitos moradores precisaram vender suas propriedades para a efetivação do plano de habitação da Itaipu (SOUZA, 2014).

A Vila “A” foi construída para abrigar os funcionários já efetivados na Itaipu: os trabalhadores com estabilidade, primeiros servidores públicos da usina. A população era bastante diversificada, os profissionais pertenciam a diferentes cargos de nível técnico: encarregados, motoristas, técnicos administrativos etc. (SOUZA, 2014).

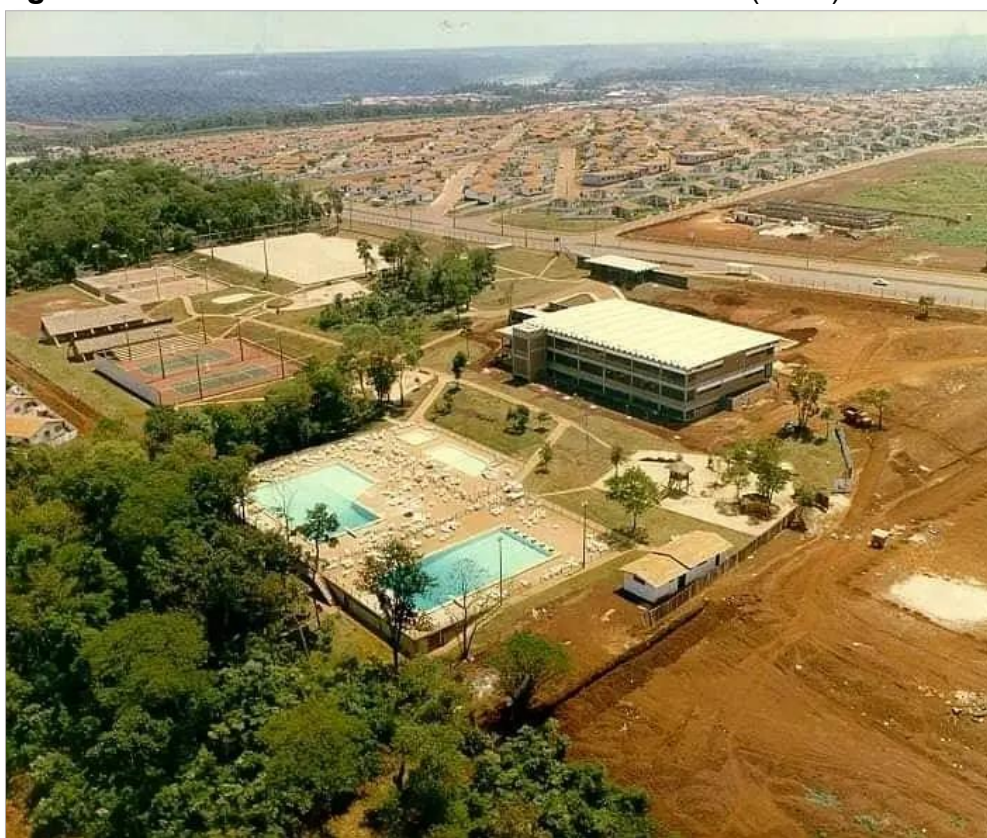
As casas da Vila “A”, diferentemente das casas da Vila “C”, foram projetadas e executadas para durarem, seriam habitações permanentes e receberiam as famílias dos profissionais estáveis, os profissionais de crachá vermelho⁴⁰. Por terreno, apenas uma residência foi instalada, os muros eram baixos, no estilo das casas dos Estados Unidos, que individualizavam, mas, quando quisessem, a socialização com os vizinhos era facilitada (ARANHA, 2016). O projeto da Vila “A” foi pensado, principalmente, para atender às demandas dos novos moradores, isso significava o acesso viabilizado à escola, ao hospital, ao trabalho, ao lazer e à vida social. No bairro existiam muitas áreas verdes, parques bem arborizados e brinquedos bem conservados; um hospital; um centro comunitário; um supermercado, áreas de lazer para crianças e adultos e um clube (Figura 23). Em meados de 1980, foi inaugurado o colégio particular “Anglo- Americano”⁴¹ de Foz do Iguaçu/PR, destinado

⁴⁰ “No caso das Vilas “A” e “B”, as sociabilidades possuíam características distintas das da Vila “C”, uma vez que, sendo eles os conjuntos habitacionais permanentes da usina, eram ocupados por funcionários do quadro efetivo da Binacional, o que significava que todos esses trabalhadores possuíam o crachá vermelho, além dos profissionais do quadro dos hospitais, professores dos colégios e cargos mais altos das empreiteiras” (ARANHA, 2016, p. 11).

⁴¹ “O colégio Anglo-Americano foi fundado em 1919, com a finalidade principal de atender às colônias inglesa e americana radicadas na então Capital da República, a Cidade do Rio de Janeiro. Embora fosse uma escola legalmente brasileira, havia forte predominância da língua inglesa em suas atividades escolares, o que facilitava a comunicação entre os estrangeiros e levava brasileiros a se tornarem fluentes nesse idioma” (ANGLO AMERICANO, 2022).

aos filhos dos trabalhadores da hidrelétrica (LIMA, 2019).

Figura 23 – Vista área do Floresta Clube da Vila “A” (1980)



Fonte: [Adaptado de] Lima (2019).

Passados os anos, em 1990 começam as tratativas entre Itaipu e prefeitura de Foz do Iguaçu para a desvinculação de responsabilidade e a passagem da Vila “A” aos cuidados do governo municipal (ARANHA, 2011). Em 2003, as casas começaram a ser vendidas aos funcionários e, a partir dessa etapa, teve início a descaracterização do bairro como uma vila de Itaipu, os moradores poderiam reformar e mudar as fachadas e as estruturas padronizadas da época da construção.

Atualmente, o bairro faz parte da área nobre do município, no entorno foram construídos sobrados, condomínios fechados e modernas estruturas urbanas (SOUZA, 2014) (Figura 24). É o primeiro bairro inteligente do Brasil, iniciativa estabelecida pelo convênio entre Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Itaipu Binacional, Parque Tecnológico de Itaipu (PTI) e Prefeitura de Foz do Iguaçu/PR, que visa testar tecnologias inovadoras em ambiente urbano, a escolha “da Vila “A” se deve ao fato do bairro ter ligação histórica com a hidrelétrica” (ABDI, 2021).

Figura 24 – Vista aérea do Gramadão da Vila “A”



Fonte: Coronel (2020).

5.1.5 Ponto de Inquérito 5 – Jardim Jupira

Bairro localizado às margens da BR 277, próximo à ponte Internacional da Amizade. A intensa urbanização desse espaço teve início nos anos seguintes da ligação entre Brasil e Paraguai pela nova ponte. A abertura da Zona de livre Comércio⁴², em Ciudad del Este, mobilizou empreendimentos na região com o objetivo de estreitar o mercado com o país vizinho. A localidade faz divisa com a Vila Portes e com o Rio Paraná, localização estratégica para as atividades de exportação. Pós finalização da ponte, o Jardim Jupira, tornou-se importante área comercial, como base na exportação e no varejo, o alto fluxo de pessoas e de dinheiro compreendia a característica do local.

Grandes estabelecimentos comerciais se desenvolveram pela ocasião dos negócios com o Paraguai, a região passou a receber núcleos de famílias árabes que escolheram o Jardim Jupira para edificar suas casas e expandir empresas de exportação, da vinda de uma família, inúmeros outras chegaram. O comércio iguaçuense, vestuário, produtos alimentícios, artigos de bazar, de cama, mesa e

⁴² “Zona de livre comércio é um bloco econômico regional formado por diversos países, com a finalidade de reduzir ou eliminar as taxas alfandegárias entre os países membros. O objetivo da área de livre comércio é estimular o comércio entre os países participantes” (VALOR CONSULTING, 2022).

banho, produtos agropecuários, agrícolas e outros, abastecia grande parte do mercado paraguaio (SOUZA, 2011, p. 68).

Contudo, após os acordos do Mercosul, a dinâmica estabelecida entre os comerciantes do Jardim Jupira e clientes paraguaios sofreu intensas mudanças, os produtos antes comercializados na região passaram a ser enviados pelas empresas brasileiras diretamente para os grandes centros de consumo no Paraguai (SOUZA, 2011). Além disso, o aumento na fiscalização na aduana entre o Brasil e o Paraguai, diminuiu consideravelmente a economia no Jardim Jupira.

Foz do Iguaçu notou desaparecer, quase que instantaneamente, o tradicional e cotidiano comércio de exportação, que informalmente vendia toneladas de mercadorias aos *paseros*, que cruzavam a fronteira para vender as mercadorias brasileiras. Para se ter uma idéia, em 1995, primeiro ano da efetiva vigência das normas do Mercosul, apenas a Vila Portes possuía 349 empresas exportadoras, com 7000 empregos diretos. Um ano depois, em 1996, mais da metade das lojas do bairro havia fechado suas portas (SOUZA, 2011, p. 69).

O Jardim Jupira sentiu as mazelas do verdadeiro abandono, inúmeras lojas foram fechadas e o bairro passa a uma nova dinâmica: favelização e marginalização (Figura 25).

Figura 25 – Empresas abandonadas no Jardim Jupira



Fonte: Souza (2011, p. 70)

A localização periférica e a proximidade com a barranca do Rio Paraná fomentaram o contrabando e o tráfico na região, tornando-a conhecida pela violência e pela instabilidade social.

O bairro do Jardim Jupira, ou favela do bolo como é conhecido, é um espaço periférico na sociedade iguaçuense, facilmente associado ao tráfico e ao comércio ilegal de mercadorias. Dada a proximidade com a Ponte da Amizade, não é apenas um local do encontro do nacional e internacional; mas é um local criado sobre o imaginário do medo, da violência e do perigo (SOUZA, 2017).

Frisa-se, no entanto, há outras e diferentes vozes nesse mesmo espaço, a constituição do território passou por turbulências e os moradores precisaram se reinventar, mais uma vez, identifica-se na história do iguaçuense a urgente reinvenção, fruto de configurações sociais pouco planejadas ou planejadas apenas para um grupo.

5.1.6 Ponto de Inquérito 6 – Vila Portes

A gênese da organização econômica da Vila Portes se pareceu em muito com a do Jardim Jupira, entretanto, após os acordos do Mercosul, ambas as localidades percorreram caminhos distintos. Se no Jardim Jupira as portas de grandes empresas se fecharam e permanecem fechadas, na Vila Portes alguns estabelecimentos comerciais mudaram de ramo e aos poucos foram encontrando formas de funcionamento, dentre elas, a venda de roupas e calçados a baixos custos, os chamados mercados populares; comércio de roupas usadas, tecidos, bebidas, produtos alimentícios para confeitaria e padaria, máquinas agrícolas, lojas de pneus etc. Além do crescente ramo hoteleiro (CONTE, 2012) (Figura 26).

Localizada em posição estratégica, na entrada do portal de juntura com o Paraguai, o fluxo de pessoas e etnias é intenso. Diariamente, transitam pelo bairro, formado em grande parte por área comercial, inúmeras pessoas entre turistas, trabalhadores, consumidores, representantes de empresas etc. Ao mesmo tempo que a interação é intensa, a integração entre os diferentes é dinâmica; é um espaço multicultural e multilinguístico, mas de integrações pouco profundas devido à velocidade dos movimentos comerciais do cotidiano. As “relações interpessoais não passam do ato de comercializar, criando a uma ‘institucionalização’ das culturas, onde

conhece-se o outro de forma muito superficial e não-suficiente para criar vínculos e trocas de saberes, onde a palavra fronteira se aplica na territorialidade” (FRARE, 2017, p. 20).

Figura 26 – Avenida Fagundes Varela, com visão de “Ciudad del Este/PY”, ao fundo



Fonte: Lima (2015).

Há o outro lado, em meio a agitação diária de um bairro basicamente comercial, sob as empresas estão os lares de muitos iguaçuenses, comerciantes da Vila Portes.

5.1.7 Ponto de Inquérito 7 – Morumbi

Região periférica de Foz do Iguaçu/PR, localiza-se a 8 km do centro da cidade. A chegada dos primeiros moradores se concretizou a partir da venda de terrenos de três loteamentos. É o bairro com o maior índice demográfico, dividido em Morumbi I, II, III e IV são, aproximadamente, 45 mil moradores na região, também denominada grande São Francisco ou Rincão São Francisco. A densidade populacional já era identificada no final da década de 1970 e o aumento, em resposta à construção civil no município, causava preocupação.

Durante os anos de estabilidade laboral aos milhares de moradores, a área foi próspera. Mas, com o término dos serviços no canteiro de obras, o número de

desempregados chegou a proporções não vistas antes, desencadeando vários problemas sociais: crise no comércio no bairro; favelização da região, aos loteamentos juntaram-se as ocupações de terrenos sem a mínima infraestrutura; apropriação e desapropriação de terras, aumento de trabalhos informais, aumento da criminalidade etc. (RIBEIRO, 2015).

No bairro, há pessoas de várias partes do Brasil, os migrantes chegaram à cidade e foram absorvidos pelo mercado de trabalho da época e, até a década de 1980, estiveram empregados por empresas terceirizadas, prestadoras de serviço da Itaipu. Desde a origem, é comum ver a mescla de “muitas gentes”, vindas de lugares mais distantes do Brasil, ou de mais perto, a religiosidade é uma marca dos moradores, e presença de padres franciscanos é notável devido ao trabalho filantrópico desenvolvido com a comunidade (Figura 27). “Como parte dessa mistura de origens, de culturas, de religião há também uma grande diversidade social. Pode-se ver prédios de boa aparência ao lado de casebres” (COLÉGIO ESTADUAL TANCREDO DE ALMEIDA NEVES, 2022).

Figura 27 – Imagem de São Francisco na avenida Mário Filho (Morumbi)



Fonte: Cabeza (2020).

5.1.8 Ponto de Inquérito 8 – Jardim Central

“É o bairro brasileiro mais árabe de Foz” (MEIO DIA PARANÁ, 2015). Foz

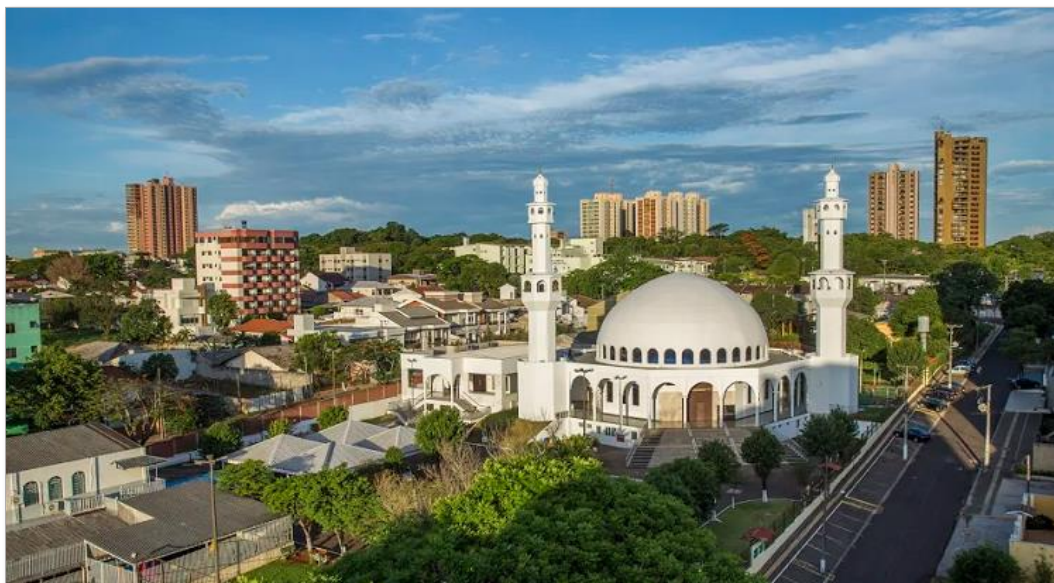
do Iguaçu/PR é a segunda maior comunidade do Brasil e abriga uma das maiores do mundo, sobretudo os libaneses (¿QUÉ PASA?, 2021). A vinda dos imigrantes para a Tríplice Fronteira foi progressiva, um local com língua e cultura distintas, requeria dos pioneiros grandes desafios. Na década de 1950, a cidade recebe os primeiros árabes em busca de melhores condições de vida e de ascensão econômica, concomitante com a chegada, estão as primeiras ações de desenvolvimento em grande escala: construção da BR 277, da rodoviária de Foz Iguaçu/PR, da ponte Internacional da Amizade e, posteriormente, da Itaipu. A junção das viabilidades alcança às comunidades árabes do outro lado do mundo que, à procura de lugares em ascensão, vêm-se atraídas pelo novo destino e pelas possibilidades lucrativas (¿QUÉ PASA?, 2021).

Como já mencionado, em território iguaçuense, buscaram moradia em áreas propícias à exportação, mas com os caminhos adversos, mudaram-se para o Jardim Central, onde 90% dos moradores são origem árabe ou seus descendentes (GLOBO, 2015). “É preciso levar em conta que [a migração árabe] é uma diáspora, um conceito importante. As diásporas geralmente tendem a manter a identidade nacional, cultural ou religiosa e estabelecer conexões com as comunidades ou países de origem” (¿QUÉ PASA?, 2021).

Essas comunidades, representam, na Terra das Cataratas, as vivências e identidades dos países de origem. O saudosismo é identificado na fala dos moradores mais antigos, os nascidos em Foz do Iguaçu/PR, sentem o seu pertencimento à cidade, sem se esquecerem das origens. Dividem o espaço com as comunidades árabes e a Mesquita⁴³ (Figura 28), o comércio local, lojas de materiais de construção, mercados, postos de combustível, hospital e os brasileiros.

⁴³ Lugar de culto dos islâmicos, a palavra “mesquita” deriva do árabe e quer dizer lugar de prostração. Do lado de fora de cada mesquita existe um lugar onde devem ser depositados os calçados dos fiéis. Também há mesquitas que oferecem possibilidade de banho antes das orações. Todos se sentam no chão porque diante de Alá (aquele que é Deus), todos têm o mesmo status. Mulheres podem assistir às orações nas mesquitas, mas têm de se sentar separadas dos homens para não lhes causar nenhuma distração, por isso é mais comum que as mulheres rezem em casa (BBC BRASIL, 2003).

Figura 28 – Jardim Central com destaque à Mesquita Omar Ibn Al-Khatab



Fonte: Tarobá (2019).

5.1.9 Ponto de Inquérito 9 – Aparecidinha

A comunidade rural Aparecidinha está localizada a 18 km do centro da cidade de Foz do Iguaçu/PR. O bairro é desconhecido por muitos moradores com menos idade, talvez seja por sua localização ser mais afastada do centro urbano e estar na área rural do município (Figura 29). Foz do Iguaçu/PR é uma cidade urbana, embora, nas primeiras décadas de sua existência as atividades extrativista e agrícola tenham movimentado a economia, atualmente a força motriz da cidade brasileira na fronteira é o turismo: turismo de compras, turismo a negócios etc., e a logística (PALMAR, 2021).

Ainda que urbano, o município recebeu migrantes dos demais estados do Sul na tentativa de conquistar melhores perspectivas de vida, trabalho e moradia. Na intenção de dar voz aos moradores, neste estudo, a história da comunidade é apresentada a partir da transcrição da narração de uma moradora e filha dos pioneiros.

O Aparecidinha não tem muito tempo são mais ou menos 60 anos, os moradores vieram pra cá na intenção de construir família, em busca de algo novo na região. Na região não existiam casas, era tudo plantação dos fazendeiros ricos na cidade de Foz. Vieram de cinco a dez famílias, depois vieram os familiares, a partir daí começou a formar o bairro. Os pioneiros do bairro seriam o Ercílio Correia e a sua esposa Olindina Correia, e toda a família deles que veio pra cá. Logo em seguida, vieram o pai e a mãe, a família dos Queiroz, eles chamavam.

Assim os filhos foram se criando e cada vez chegando mais, os filhos dos filhos crescendo e povoando o bairro; hoje são mais de cem família na comunidade rural. Aqui ainda se preservam muito a tradição do campo, as mulheres, as mais antigas, são as que ficam em casa cuidando dos filhos e os homens saem para trabalhar. A geração mais nova, os filhos dessa geração dos nossos pais e dos nossos avós, hoje saem [do bairro] para trabalhar. Hoje a vila está um pouquinho mais modernizada, tem até asfalto na rua da comunidade central. Mas para chegar nas fazendas é mais difícil o acesso” (VEBER, 2022).

Figura 29 – Campo de Futebol do Aparecidinha



Fonte: Google Maps (2011).

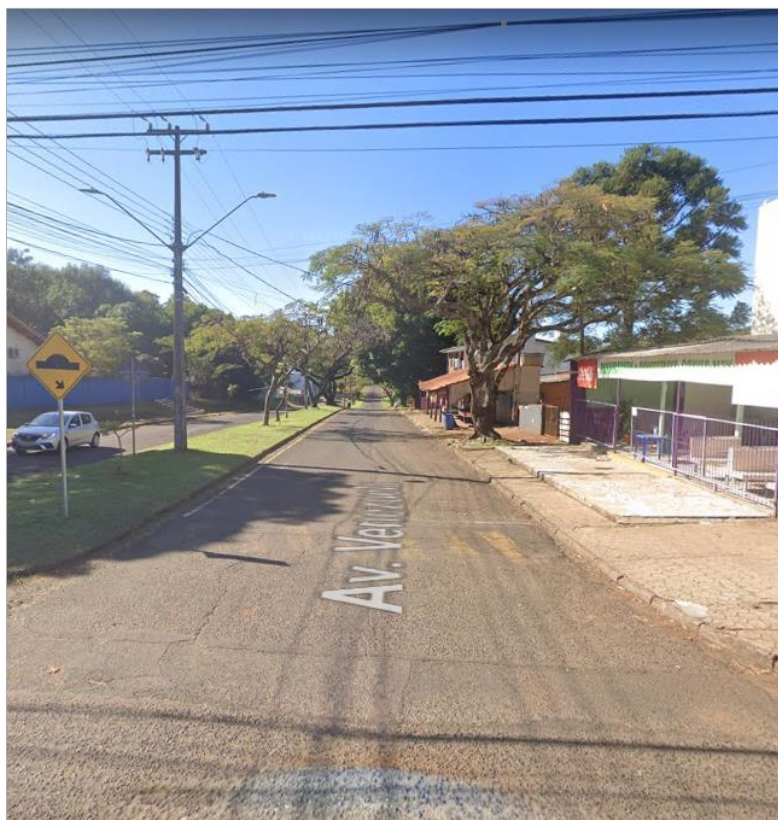
5.1.10 Ponto de Inquérito 10 – Jardim América

O bairro Jardim América abriga, aproximadamente, 16 mil moradores (PMFI, 2016), está localizado nas cercanias do Rio Paraná, do centro da cidade de Foz do Iguaçu/PR e da ponte Internacional da Amizade (Figura 30). É referência no município no atendimento aos *brasiguaios*, brasileiros que moram no Paraguai, e aos seus descendentes. No bairro, é constante o contato com paraguaios, carros com placas do país vizinho são comumente vistos estacionados nas unidades de saúde (MARTÍNEZ, 2020).

Antes mesmo do início da construção da Itaipu, a região do Jardim América recebia os novos moradores vindos do Paraguai. “Havia localidades como a Vila Paraguaia, na região do Jardim América, a gleba Guarani na região de Três Lagoas e a Vila R1, na região do Polo Centro, formadas por famílias paraguaias que foram

expulsas de suas terras naquele país ou não possuíam os meios de “sobrevivência” e migraram para Foz do Iguaçu” (RIBEIRO, 2015). Ainda hoje, famílias paraguaias e seus descendentes vivem na localidade. A título de exemplo, um dos informantes do ESeLFI, morador do Jardim América, é filho de pai brasileiro e mãe paraguaia.

Figura 30 – Avenida Venezuela (Jardim América)



Fonte: Google Maps (2021).

5.1.11 Ponto de Inquérito 11 – Vila Yolanda

A Vila Yolanda recebeu esse nome de um dos pioneiros do bairro, Tarquínio Joslin Santos. No final da década de 1950, ao chegar na localidade, o fazendeiro comprou uma grande porção de terra e, em homenagem à filha, batizou a fazenda de Yolanda, que mais tarde se tornaria a Vila Yolanda. A localidade foi habitada por moradores de classes mais abastadas, característica que acompanhou suas fases de desenvolvimento.

O bairro está posicionado ao lado da principal via de acesso às Cataratas do Iguaçu, no sentido do centro ao Parque Nacional do Iguaçu. Atualmente, muitas empresas, bares e restaurantes têm movimentado a economia local, o projeto é que

a Vila Yolanda se torne o centro gastronômico de Foz do Iguaçu/PR (ACIFI, 2021) (Figura 31).

Figura 31 – Comércio local da Vila Yolanda, na Avenida das Cataratas



Fonte: Labanca (2021).

5.1.12 Ponto de Inquérito 12 – Vila Shalon

A palavra de origem hebraica “shalon” significa paz. E é assim que os moradores descrevem o bairro, uma pequena comunidade, localizada na região do Porto Meira (MEIO DIA PARANÁ, 2014). Por ali não existem comércios, mercados, lojas, restaurante ou farmácia, nem serviços públicos, quando os habitantes precisam de algum mantimento com mais urgência ou de atendimento médico, deslocam-se até o Porto Meira ou a Vila Yolanda. Em meio ao agito da fronteira, a Vila Shalon parece mais um bairro de cidade pequena e pacata. De um lado está a movimentada avenida General Meira, de outro, uma grande área de mata e silêncio.

É um bairro bastante religioso, no local existem muitos evangélicos, há, também, uma igreja católica e um centro religioso voltado aos encontros dos movimentos católicos. A comunidade faz divisa com o 34º Batalhão da Polícia Militar de Foz do Iguaçu/PR. Ao todo são aproximadamente 800 moradores na região, o bairro é interceptado por apenas quatro ruas, conferindo uma paisagem ainda mais interiorana à localidade (Figura 32).

Figura 32 – Rua Natal Graciotin (Vila Shalon)



Fonte: Google Maps (2019).

5.1.13 Ponto de Inquérito 13 – Porto Meira

De acordo com as coordenadas dos primeiros militares na fronteira, o progresso urbano de Foz do Iguaçu/PR deveria partir do Porto Meira, local estratégico na manutenção dos negócios com a Argentina. Até a construção da ponte da Fraternidade, ligando o Brasil à Argentina, a ligação ao país vizinho era por via fluvial. O Porto Meira, também é, um dos bairros mais populosos de Foz do Iguaçu/PR, o crescimento urbano teve início no final da década de 1970. Até então, as famílias viviam da pesca e da pequena agricultura, e muitos imigrantes paraguaios se concentravam na região (GONZALEZ, 2005).

Fragilidade sociais e infraestruturais iriam marcar a história dos moradores da localidade. Depois da década de 1980, casas populares foram construídas para abrigar grandes quantitativos de pessoas retiradas das favelas dos espaços centrais de Foz do Iguaçu/PR (RIBEIRO, 2015). Consequência do elevado número de moradores, os serviços públicos não comportavam com presteza as necessidades da população. O processo de ocupação ocorreu de maneira heterogênea e irregular, surgiram ocupações em meios as áreas verdes pertencentes ao município. Acrescentado a isso, havia pessoas de dentro da prefeitura que vendiam terrenos sem condições mínimas de infraestrutura e de forma “legal”, as consequências viriam nos

anos seguintes, em que alagamentos na região passaram a ser comuns (RIBEIRO, 2015).

Por estar afastado do centro da cidade, o bairro precisou desenvolver sua própria rede comercial a fim de comportar às necessidades dos moradores locais, tornando-se “autossuficiente”, e é hoje mais uma cidade dentro da cidade de Foz do Iguaçu/PR. Devido a sua localização, junto ao Marco das Três Fronteiras⁴⁴ (Figura 33), ponto de encontro entre: Brasil, Paraguai e Argentina, e à nova Ponte Internacional da Integração Brasil-Paraguai, os governos municipal e federal querem tornar a região mais uma importante referência no turismo na cidade.

Figura 33 – Marco das Três Fronteiras (imagem área do lado brasileiro)



Fonte: Lima (2019).

⁴⁴ “O marco celebra o final de uma época de divergência entre Brasil e Argentina, que durou mais de 50 anos. Após, as comissões de fronteira dos dois países, iniciaram o trabalho de delimitação *in situ*, especialmente nas áreas de fronteira seca. Terminada essa verificação foi colocado um marco de fronteira em cada lado do rio Iguazu — um no Brasil e outro na Argentina. O marco paraguaio não está ligado a nenhum fato de delimitação fronteiriça, mas foi uma homenagem à extinta Associação Paraguaia de Caminhos aos 150 anos do país. No Brasil, quem está no Marco, olhando na direção de seu equivalente argentino, verá o Rio Iguazu, com águas de tonalidade esverdeada escura, ou escura. Ele vem das Cataratas do Iguazu, cerca de 19 quilômetros rio acima. O rio Iguazu vem do planalto da Região Metropolitana de Curitiba. À direita de quem observa, desce o rio Paraná, de águas com tonalidade amarronzada em época de vazão normal. Ele vem da Itaipu Binacional. A origem dele é no Planalto Central e transporta águas de rios como o Rio Tietê. O destino é o Oceano Atlântico, logo abaixo da cidade de Buenos Aires” (LIMA, 2019).

5.1.14 Ponto de Inquérito 14 – Morenitas

Após 1980, Foz do Iguaçu/PR passava pela escassez de imóveis, a procura por moradias crescia exponencialmente e o mercado imobiliário não conseguia suprir a carência. Das ocupações ocorridas entre os anos de 1993 e 1995 na região do Porto Meira, estrutura-se o Morenitas, Ponto de Inquérito 14, situado na região periférica de Foz do Iguaçu/PR.

A maioria dos ocupantes desses espaços morava nas favelas distribuídas pelo território iguaçuenses, e destes, o grupo maior era de pessoas da região. As informações a respeito das invasões eram passadas oralmente de pessoa a pessoa e, em uma data previamente acordada, aconteciam. Para garantirem os pedaços de terra, os futuros moradores, levavam lonas e dormiam dia e noite no local (GONZALEZ, 2005). As áreas invadidas, antigas matas e matos fechados, eram irregulares e em alguns pontos havia “banhados”, o que se tornou anos mais tarde, motivo das muitas reivindicações ao poder público. Por não haver manilhas pluviais, a cada nova chuva, os moradores se viam em situações desesperadoras, isso perdurou por anos.

[...] organizado de maneira precária, tendo em vista dois elementos principais: o risco de uma ação imediata de despejo — o que intimidava qualquer iniciativa que buscasse constituir construções mais custosas, como casas de alvenaria e madeira — e a precariedade do terreno, que carecia de várias benfeitorias para minimamente aproximar-se de algo parecido com uma área propícia para fixação de casas. Inicialmente, o aspecto desse acampamento não fugia à regra daquilo que se conhece em espaços dessa natureza. (GONZALEZ, 2005, p. 111).

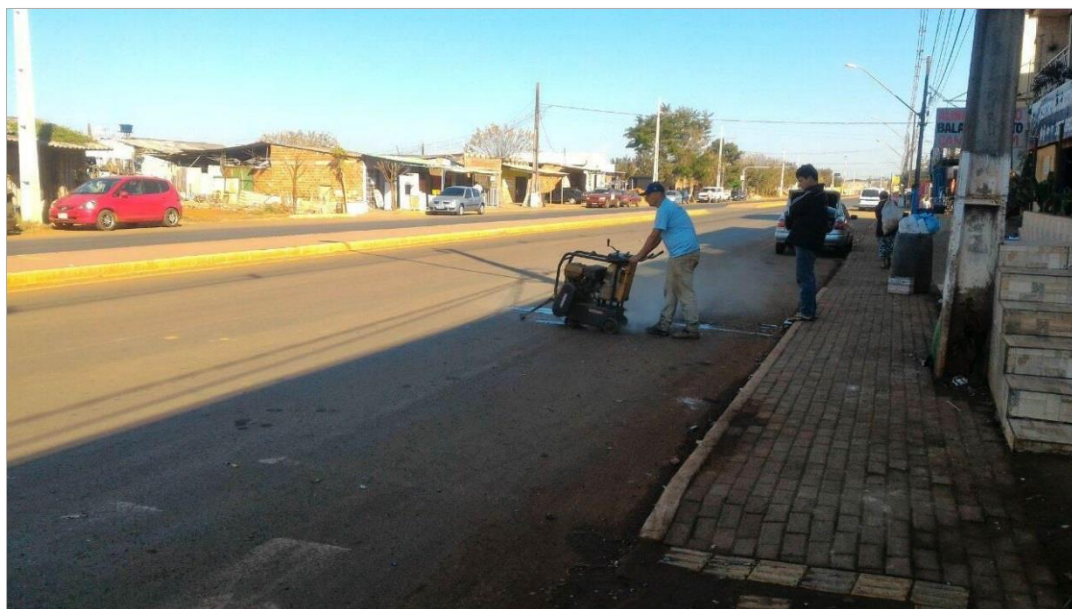
O medo de violência, brigas e até mesmo tiroteios, decorrentes de possíveis disputas por terrenos, mobilizou os moradores a formar uma comissão para organizar os trâmites da compra do “direito” pelos lotes. No primeiro momento, o grupo trabalhou em prol da proteção dos moradores; e no segundo momento para agilizar a legalização dos terrenos (GONZALEZ, 2005). A população do Morenitas foi sendo formada pelas pessoas que ocuparam os espaços, por quem comprou o direito ou, ainda, por aqueles que ganhavam a terra de familiares. Várias entidades assistenciais e religiosas prestavam auxílio para as famílias das ocupações.

Passados quase 30 anos, os moradores narram com detalhes as

experiências vividas na luta pelo teto e pela sobrevivência. Hoje o Morenitas é um grande bairro na periferia de uma grande cidade, e a população espera ansiosa pelas oportunidades que estão por vir com o novo ciclo do turismo e do comércio em Foz do Iguaçu/PR. Com a abertura da ponte da Integração, a Avenida Morenitas (Figura 34) será uma das principais via de acesso, ligando a Avenida das Cataratas ao Marco das Três Fronteiras.

A cabeceira da nova ponte fica ao lado do Marco das Três Fronteiras e facilitará o acesso ao Parque Nacional do Iguaçu, Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, Avenida das Cataratas (BR-469, que será duplicada), aduana argentina e BR-277. [...] os investimentos também resultarão em melhorias nos índices de desenvolvimento humano, com maior qualidade de vida para os moradores. E tendem a despertar, nas duas margens do Rio Paraná, maior atenção dos governos locais e estaduais, com mais oferta de serviços públicos, como saúde, educação, segurança, transporte, moradia e lazer (ITAIPU, 2021).

Figura 34 – Avenida Morenitas (Bairro Morenitas)



Fonte: Dias (2017).

5.1.15 Ponto de Inquérito 15 – Região do Aeroporto

O Aeroporto de Foz do Iguaçu/PR está localizado a 13 km do centro da cidade e a poucos minutos das Cataratas do Iguaçu. No seu entorno, são comuns

propriedades rurais voltadas à criação de animais e ao plantio. Compõem ainda a paisagem, a exuberância do Parque Nacional do Iguaçu.

O ponto de inquérito foi escolhido pela autora por se tratar de uma pequena comunidade rural localizada a nas proximidades do aeroporto (Figura 35). A comunidade está distante do centro de Foz do Iguaçu/PR e não há transporte coletivo que chegue até ela, sendo outros tipos de veículos as formas mais utilizadas.

Figura 35 – Rua Ibirubá (Região do Aeroporto)



Fonte: Google Maps (2011).

5.1.16 Esclarecimentos: nova nomenclatura dos bairros da rede de pontos do ESeLFI

Para fins de atualização, a Lei Complementar Nº 303, de 20 de dezembro de 2018, dispôs sobre a criação, delimitação e denominação dos bairros do Município de Foz do Iguaçu/PR. Diante da nova estruturação, houve significativa redução na nomenclatura. A justificativa para a reorganização partiu da preocupação dos representantes municipais com questões decorrentes do crescimento desordenado da cidade e das dificuldades relatadas pelos órgãos em contato direto e frequente com os moradores. O grande número de loteamentos dificultava a localização e criava uma

“série de sobreposições de perímetros em regiões limítrofes e bagunçava completamente os cadastros da Prefeitura, dos Correios, da Junta Comercial e da Receita Federal, de modo que cada órgão tinha uma relação de bairros diferente” (CALEBE, 2019).

A comissão⁴⁵, à frente das discussões e proposições para a mudança, elaborou a minuta do Projeto de lei, reduzindo os 336 loteamentos para 36 bairros. Ainda que substanciais, neste trabalho, optou-se por não acatar as alterações e manter a nomenclatura antiga dos bairros, uma vez que a nova estruturação não contempla todos os aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos pensados inicialmente para a elaboração da rede de pontos do ESeLFI (Quadro 9).

Quadro 9 – Nomenclaturas dos Bairros de Foz do Iguaçu

Nomenclatura ESeLFI	Nova Nomenclatura
1. Vila “C”	1. Bairro Itaipu C
2. Três Lagoas	2. Bairro Três Lagoas
3. Vila “B”	3. Bairro Itaipu B
4. Vila “A”	4. Bairro Itaipu A
5. Jardim Jupira	5. Bairro Portes
6. Vila Portes	
7. Morumbi	6. Bairro Morumbi
8. Jardim Central	7. Bairro Monjolo
9. Jardim América	8. Bairro América
10. Aparecidinha	9. Aparecidinha
11. Vila Yolanda	10. Bairro Yolanda
12. Vila Shalon	11. Bairro 3 Fronteiras
13. Porto Meira	12. Bairro Porto Meira
14. Morenitas	
15. Aeroporto	13. Bairro Cataratas

Fonte: elaborado pela autora.

As alterações mais significativas, em relação ao rearranjo dos nomes dos bairros, foram nas localidades 5 e 6, Jardim Jupira e Vila Portes, que passaram a integrar o Bairro Portes, e 13 e 14, Porto Meira e Morenitas, que integram o Bairro Porto Meira. Em relação aos nomes dos bairros, o Jardim Central, ponto 8, a Vila

⁴⁵ Representantes da Prefeitura do município de Foz do Iguaçu/PR, da Companhia de Saneamento do Paraná – SANEPAR, dos Correios, do Instituto de Transportes e Trânsito de Foz do Iguaçu – FOZTRANS, do Instituto de Habitação de Foz do Iguaçu – FOZHABITA e da Receita Federal.

Shalon, ponto 12, e o Aeroporto, ponto 15, passaram a integrar novos bairros e possuem novas denominações, Bairro Monjolo, Bairro 3 Fronteiras e Bairro Cataratas, respectivamente.

5.2 PERFIL DOS INFORMANTES

Em consonância com a afirmação feita na seção anterior, além da dimensão diatópica, as dimensões diageracional, diassexual e diastrática darão respaldo à compreensão da herança deixada na fala de Foz do Iguaçu/PR. Seguindo a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, os inquiridos foram divididos em grupos conforme a faixa etária: GI (18 a 30 anos) e GII (50 a 65) e o sexo: i) feminino e ii) masculino. No que diz respeito à escolaridade, optou-se por apenas um grupo: Ensino Fundamental II; o nível maior de escolaridade, Ensino Médio, poderia tornar-se um impeditivo nas áreas rurais, Quadro 10.

Justifica-se a escolha pela metodologia do ALiB por duas razões: i) é um atlas de grande abrangência, para sua construção foram dispensados anos de estudos, envolvimento de inúmeros pesquisadores de Norte a Sul do país, horas de discussões em simpósios, congressos e reuniões, vasta quantidade de publicações etc. O legado do ALiB foi deixado aos pesquisadores que queiram trilhar o mesmo caminho metodológico ou àqueles que, partindo das proposições ali descritas, visem a novos caminhos. E, ii) na região Oeste do Paraná duas localidades do interior, São Miguel do Iguaçu e Toledo, compõe a rede de pontos do ALiB. Ao adotar a mesma metodologia no ESeLFI, é possível manter o rigor metodológico em futuras análises contrastivas da fala do Oeste Paranaense.

Quadro 10 – Dimensões e Parâmetros

Dimensões	Parâmetros⁴⁶
Diassexual	M – Masculino
	F – Feminino
Diageracional	GI – 18 a 30 anos
	GII – 50 a 65 anos
Diastrática	Ensino Fundamental II

Fonte: elaborado pela autora.

⁴⁶ Uma dimensão envolve mais de um parâmetro, por exemplo, a Dimensão Diageracional integra os parâmetros <geração I> e <geração II>.

Ao buscar registrar a variação linguística nos espaços geográficos do município de Foz do Iguaçu/PR, os dados de 55 falantes, distribuídos pelos quinze pontos de inquérito permitirão registrar e esboçar a realização das variantes no território iguaçuense. Sendo assim, no tracejo do perfil dos informantes, atentou-se, além das dimensões já elencadas, a dois aspectos: i) na Geração I – GI: residir desde o nascimento no bairro e ii) na Geração II – residir, ao menos, vinte anos no bairro.

Ainda em conformidade à metodologia do ALiB, um número foi atribuído a cada um dos quatro informantes: 1 e 2 correspondem aos informantes pertencentes à geração I e 3 e 4 à geração II. Os números ímpares correspondem aos informantes do sexo masculino e os números pares às informantes do sexo feminino. O primeiro informante, MGI do Ponto 1. Vila “C”, recebe a identificação INF1; os demais são enumerados, sucessivamente, pela ordem do ponto de inquérito e pela distribuição/quantidade de informante em cada ponto. Para melhor visualização, a organização desses atributos está disposta no Quadro 11.

Quadro 11 – Estratificação dos Informantes

Ponto de Inquérito	Perfil dos Informantes	Identificação Geral do Informante
1. Vila “C”	1. MGI	INF1
	2. FGI	INF2
	3. MGII	INF3
	4. FGII	INF4
2. Três Lagoas	1. MGI	INF5
	2. FGI	INF6
	3. MGII	INF7
	4. FGII	INF8
3. Vila “B”	1. MGI	INF9
	2. FGI	INF10
	3. MGII	INF11
	4. FGII	INF12
4. Vila “A”	1. MGI	INF13
	2. FGI	INF14
	3. MGII	INF15
	4. FGII	INF16
5. Jardim Jupira	1. MGI	INF17
	2. FGI	INF18
	3. MGII	INF19
	4. FGII	INF20
	1. MGI	INF21

6. Vila Portes	2. FGI	INF22
	3. MGII	INF23
	4. FGII	INF24
7. Morumbi	1. MGI	INF25
	2. FGI	INF26
	3. MGII	INF27
	4. FGII	INF28
8. Jardim Central	1. MGI	INF29
	2. FGI	INF30
	3. MGII	INF31
	4. FGII	INF32
9. Aparecidinha	1. MGI	INF33
	2. FGI	INF34
	3. MGII	INF35
	4. FGII	INF36
10. Jardim América	1. MGI	INF37
	2. FGI	INF38
	3. MGII	INF39
	4. FGII	INF40
11. Vila Yolanda	1. MGI	INF41
	2. FGI	INF42
	3. MGII	INF43
	4. FGII	INF44
12. Vila Shalon	1. MGI	INF45
	2. FGI	INF46
	3. MGII	INF47
	4. FGII	INF48
13. Porto Meira	1. MGI	INF49
	2. FGI	INF50
	3. MGII	INF51
	4. FGII	INF52
14. Morenitas	1. MGI	INF53
	2. FGI	INF54
	3. MGII	INF55
	4. FGII	INF56
15. Aeroporto	1. MGI	INF57
	2. FGI	INF58
	3. MGII	INF59
	4. FGII	INF60

Fonte: elaborado pela autora.

5.3 A COLETA DE DADOS

A Dialetoologia Pluridimensional é uma metodologia que quer inovar, reabilitando o caráter humanista da linguística. Não é uma investigação policial, nem exame escolar. É a procura de informação, conversa e discussão (THUN, 2017B, p.5).

O terceiro elemento do tripé, recolha de dados fundamentada no questionário, visa obter dados para a análise da língua e para a composição das cartas linguísticas, “em qualquer situação, porém, é preciso não se perder de vista a adequação à área pesquisada, atentando-se para aspectos regionais, denominações rurais, nomes referentes à designação de produtos da área, entre outros” (CARDOSO, 2010, p. 95).

Um dos momentos mais significativos para o linguista que vai a campo em busca de informantes é a coleta de dados. Nesta seção estão descritas as etapas da coleta de dados, as principais dificuldades e os ajustes feitos no percurso metodológico para a construção do ESeLFI. O contato inicial, na maioria dos pontos de inquérito, foi possível por meio de um mediador/facilitador. Antes mesmo do encontro presencial com os informantes, explicações acerca do ESeLFI e apresentação pessoal e acadêmica foram feitas via telefone celular. Das 55 entrevistas realizadas, em apenas 10, a pesquisadora não teve contato prévio com os informantes.

Nas entrevistas com contato prévio, sabendo do perfil do informante, a pesquisadora combinava um local de encontro e as entrevistas aconteciam em um cômodo da casa, grande parte das vezes, na sala ou na área (varanda). Já nas entrevistas sem contato prévio, a pesquisadora buscava em escolas e em unidades de saúde alguém que pudesse indicar possíveis informantes; nesses casos, as entrevistas ocorriam em locais abertos, muitas vezes com movimentação de pessoas e muitos ruídos.

As entrevistas realizadas entre junho e julho de 2020 receberam uma nova configuração. Como é sabido, desde fevereiro de 2020, o mundo vem passando por profundas transformações em decorrência do novo Coronavírus - COVID19, a pandemia tem se estendido, aumentando o controle e as medidas restritivas. Nesse cenário, reuniões remotas têm ganhado espaço e validação. Após conversa e acordo com a orientadora, a pesquisadora realizou uma entrevista piloto pelo Google Meet,

recurso disponibilizado pela Google para criação, participação e gravação⁴⁷ de videochamadas de forma segura (WORKSPACE, 2022). A gravação piloto transcorreu sem situações adversas, o que possibilitou a realização de sete entrevistas remotas⁴⁸.

A fim de melhor esboçar a periodização da coleta de dados, no Quadro 12, os momentos de entrevista estão divididos em três fases: 2019 (pré-pandemia); 2020 (pré-pandemia) e 2020 (durante a pandemia). Nas duas fases pré-pandemia, 48 entrevistas foram realizadas *in loco*. Em junho de 2020, ocorreu a primeira entrevista remota com o informante INF17 (MGI – Ponto 5. Jardim Jupira), entre junho e julho de 2020 outras seis entrevistas aconteceram de modo remoto. Destacam-se, com a cor laranja no quadro, cinco informantes da GII, com os quais não foi possível realizar a entrevista, em alguns casos a autora tinha indicação, mas no momento que informava sobre a gravação da conversa e, conseqüentemente, das respostas, por meio de plataforma *online*, os informantes deixavam de responder às mensagens do celular.

Quadro 12 – Periodização da coleta de dados - entrevistas *in loco* e remota

Ponto de Inquérito	Informante	Ano da Realização da Entrevista		
		2019	2020	
			In loco	Remota
1. Vila “C”	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII	X		
	4. FGII	X		
2. Três Lagoas	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII		X	
	4. FGII	X		
3. Vila “B”	1. MGI			X
	2. FGI			X
	3. MGII	X		
	4. FGII			X
4. Vila “A”	1. MGI	X		
	2. FGI	X		

⁴⁷ Desde que a conta de e-mail esteja vinculada a uma organização/instituição.

⁴⁸ Ao iniciar uma reunião, um link fica disponível para que outras pessoas possam participar das videochamadas, também denominadas *reunião*. O link de acesso permite aos convidados entrarem em uma “sala de espera” remota, sendo possível configurar câmera e microfone. Após configuração, é preciso pedir permissão para participar da reunião desejada. Salienta-se que a breve descrição da ferramenta está fundamentada no contato da pesquisadora com o novo recurso disponibilizado pela Google, o objetivo da exposição é facilitar o entendimento do leitor sobre o arranjo das entrevistas remotas (GOOGLE, 2022).

	3. MGII	X		
	4. FGII	X		
5. Jardim Jupira	1. MGI			X
	2. FGI	X		
	3. MGII			
	4. FGII	X		
6. Vila Portes	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII			
	4. FGII		X	
7. Morumbi	1. MGI		X	
	2. FGI	X		
	3. MGII			X
	4. FGII		X	
8. Jardim Central	1. MGI			X
	2. FGI	X		
	3. MGII			X
	4. FGII	X		
9. Aparecidinha	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII			
	4. FGII	X		
10. Jardim América	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII		X	
	4. FGII		X	
11. Vila Yolanda	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII	X		
	4. FGII	X		
12. Vila Shalon	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII	X		
	4. FGII	X		
13. Porto Meira	1. MGI		X	
	2. FGI		X	
	3. MGII		X	
	4. FGII		X	
14. Morenitas	1. MGI		X	
	2. FGI		X	
	3. MGII	X		
	4. FGII	X		
15. Aeroporto	1. MGI	X		
	2. FGI	X		
	3. MGII			

	4. FGII			
		36	12	7

Fonte: elaborado pela autora.

Divididas em três partes, tanto as entrevistas presenciais quanto as entrevistas remotas seguiram as mesmas etapas de aplicação dos questionários: i) socioeconômico; ii) semântico-lexical ALiB e iii) semântico-lexical “turismo de compras”. Na ficha do informante são descritas as principais informações dos participantes da pesquisa, nessa ficha consta o questionário socioeconômico. Na composição da Tese, as respostas ao questionário socioeconômico serão transformadas em dados percentuais a fim de traçar o perfil social dos informantes.

As entrevistas foram gravadas com o gravador Panasonic, modelo RRUS551, exceto para a modalidade remota. No tocante ao questionário semântico-lexical, vinte questões, abordando as singularidades da Tríplice Fronteira (Quadro 13), foram acrescentadas às 202 questões do ALiB. As perguntas de natureza semântico-lexical se reportam às possíveis formas lexicais para o mesmo referente. Os questionários buscam identificar as formas linguísticas coexistentes no mesmo ponto e em pontos distintos, almejando, ainda, obter dados sobre as inovações e conservações de fenômenos linguísticos na fala da localidade.

Quadro 13 – Questionário Semântico-Lexical – Tríplice Fronteira

TURISMO DE COMPRAS E FRONTEIRA
Como você – o(a) senhor(a) chama...
1. TRAVESSIA DE PRODUTOS SEM O PAGAMENTO DE IMPOSTOS ... quando uma pessoa traz mercadorias do Paraguai e “desvia” da fiscalização da Receita Federal para não pagar impostos...
2. MUAMBA / CONTRABANDO ... o produto trazido do Paraguai? Aquele produto que as pessoas trazem de lá sem nota fiscal? Às vezes essas mercadorias são ilegais.
3. SACOLEIRO / MUAMBEIRO ... aquela pessoa que vai ao Paraguai fazer compras para depois revender as mercadorias em sua cidade? As compras são colocadas em sacolas grandes...
4. MUAMBEIRO / CONTRABANDISTA ... aquela pessoa que leva mercadorias e revende em sua cidade.
5. COMPRISTAS ... a pessoa que faz compras no Paraguai? Muitas pessoas vêm a Foz a passeio, aproveitam que estão por aqui, vão ao Paraguai para comprar produtos importados mais baratos.
6. CAMBISTA ... a pessoa que compra e vende moedas estrangeiras? Aquele pessoa que faz o câmbio, a troca de moedas? Por exemplo, um brasileiro vai à Argentina e prefere pagar em peso, ele precisa fazer a troca do real com quem?
7. CASA DE CÂMBIO

... esse lugar que oferece a troca de uma moeda por outra? O lugar que oferece a troca de moedas estrangeiras?
8. COTA Quando alguém vai fazer compras no Paraguai, há um limite de valor de compras por pessoa, é o limite para que ela fique isenta de impostos. É o valor aceito pela Receita Federal Brasileira de produtos que podem ser trazidos do Paraguai... Como se chama esse limite de valor?
9. Como você chama os trabalhadores brasileiros contratados informalmente, que recebem pela quantidade de vezes que atravessam a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de ingressar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?
10. CIGARREIRO ... a pessoa que traz cigarro do Paraguai?
11. PIRATA / FALSIFICADO ... chama os produtos vendidos no Paraguai que não são originais? Esses produtos não passam por controle de qualidade, muitas vezes são apreendidos pela Receita Federal ou Polícia Federal e depois são queimados, quebrados...?
12. PORTUNHOL Quando um brasileiro não fala o espanhol ou um paraguaio não fala português, a comunicação se dá por meio de uma “mistura de línguas”. Que nome dão a essa mistura da língua portuguesa com a língua espanhola?
BEBIDAS E COMIDAS DA FRONTEIRA
13. TERERÊ ... a bebida gelada, que pode ser feita apenas com erva-mate e água, outras pessoas preferem tomar com suco de limão, mas a legítima paraguaia é com erva-mate, água, folhas e ervas, dentre elas, a hortelã.
14. GUAMPA Para se tomar essa bebida, as pessoas precisam de um recipiente feito de chifre, em forma de copo, como se chama esse recipiente? Onde você bebe?
15. CHIPA ... aquele prato típico do Paraguai, é salgado, feito de queijo e polvilho, é assado. Muitas vezes as pessoas vendem no semáforo, no centro?
16. ALFAJOR Você - o(a) sr(a) - já foi à feirinha na Argentina? Como chama aquele doce composto de duas ou três camadas de massa doce, recheado de doce de leite e coberto por chocolate?
17. TORRONE E um doce, muito comum aqui em Foz, no Paraguai e na Argentina, comprido, feito de massa doce, amendoim e uma massinha branca. (<i>Mostrar Imagem</i>).
18. SHAWARMA ... aquele prato árabe feito de pão sírio (ou árabe), fatias finas de frango ou carne de boi, legumes e verduras... a carne é assada em um espeto na vertical. (<i>Mostrar Imagem</i>).
TURISMO
19. BARRAGEIROS Como chamam, aqui em Foz, os trabalhadores que construíram a Itaipu? Aquelas pessoas que vieram de outras partes do Brasil para construírem a barragem?
20. MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS/ TRÊS MARCOS ... aquele ponto turístico que fica na divisa do Brasil, Paraguai e Argentina? Onde os rios Iguaçu e Paraná se encontram?

Fonte: elaborado pela autora.

5.4 TRATAMENTO E CARTOGRAFAÇÃO DOS DADOS

Os dados recolhidos foram transpostos do gravador para uma pasta no arquivo pessoal da autora. Entre os anos de 2019 e 2021, transcreveram-se as entrevistas no programa computacional *Word*, e posterior à transcrição, as repostas

dos informantes foram registradas à mão em cadernos e passadas às planilhas do *Excel*. Cabe destacar que os informantes responderam às questões do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), QSL, questões metalinguísticas e de discurso semidirigido, contudo, para a tese, optou-se por discorrer apenas sobre o campo lexical. A escolha é justificada pela grande quantidade de dados obtidos e pela preferência em abordar com maior profundidade os resultados dessa área.

Isso posto, para a cartografia dos dados, a primeira tarefa foi contatar um geógrafo e solicitar a confecção da carta-base do município de Foz do Iguaçu/PR, visto que o programa selecionado para a elaboração das cartas linguísticas requer limites territoriais bem definidos. Elegeu-se para a cartografia o SGVCLin, uma ferramenta voltada ao armazenamento e ao tratamento sob a perspectiva geolinguística de registros orais (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2015). Com o propósito de compreender melhor o manuseio do programa e as funções de cada comando, recorreu-se aos vídeos disponibilizados por um dos autores na plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube*⁴⁹. Após a compreensão, alimentou-se o programa com os dados dos informantes (Figura 36) e com a primeira resposta à cada questão (Figura 37). Em seguida, relatórios quantitativos e cartas linguísticas foram geradas, todavia, apenas o relatório geral da realização das variantes é exibido.

Os dados quantitativos fornecidos pelos relatórios foram transformados em gráficos. As “relações de variáveis - são uma forma de estudos quantitativo-descritivos que se referem à descoberta de variáveis pertinentes à determinada questão ou situação, da mesma forma que à descoberta de relações relevantes entre variáveis” (MARCONI; LAKATOS, 2010 p. 171). Assim, em cada questão, os percentuais da rede de pontos e das variantes nas dimensões diassexual e diageracional estão nos gráficos: i) ocorrências das variantes; ii) comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino”; iii) comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII”; iv) cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII, e v) cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII. Fundamentando-se nos percentuais alcançados é possível descrever quais fatores são determinantes para a identificação das variantes nas dimensões já especificadas.

⁴⁹ Tutorial disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCGq_9m7zNRg9x_YgpVvh2vQ.

Figura 36 – Ficha dos informantes ESeLFI (fragmento)

Número do ponto	Número do...	Sexo	Idade	Faixa Etária
1 - Vila C	1	Masculino	20	Geração I
1 - Vila C	2	Feminino	28	Geração I
1 - Vila C	3	Masculino	65	Geração II
1 - Vila C	4	Feminino	59	Geração II
2 - Três Lagoas	1	Masculino	23	Geração I
2 - Três Lagoas	2	Feminino	23	Geração I
2 - Três Lagoas	3	Masculino	63	Geração II
2 - Três Lagoas	4	Feminino	55	Geração II
3 - Vila B	1	Masculino	30	Geração I
3 - Vila B	2	Feminino	29	Geração I
3 - Vila B	3	Masculino	60	Geração II
3 - Vila B	4	Feminino	50	Geração II
4 - Vila A	1	Masculino	27	Geração I
4 - Vila A	2	Feminino	20	Geração I
4 - Vila A	3	Masculino	65	Geração II
4 - Vila A	4	Feminino	50	Geração II
5 - Jardim Jupira	1	Masculino	19	Geração I
5 - Jardim Jupira	2	Feminino	28	Geração I
5 - Jardim Jupira	4	Feminino	55	Geração II

Fonte: [Adaptado de] SGVCLin (2021)

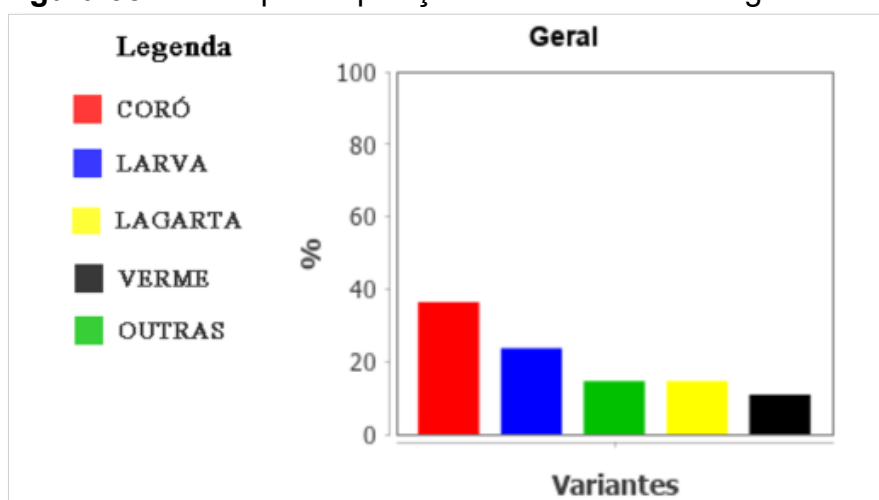
Figura 37 – Respostas dos informantes do ESeLFI (fragmento)

Ponto	UF	Localidade	Informante	1ª Resposta
1	PR	Vila C	1	LAGO
1	PR	Vila C	2	RIACHO
1	PR	Vila C	3	LAGO
1	PR	Vila C	4	CÓRREGO
2	PR	Três Lagoas	1	RIOZINHO
2	PR	Três Lagoas	2	RIOZINHO
2	PR	Três Lagoas	3	RIACHO
2	PR	Três Lagoas	4	LAGO
3	PR	Vila B	1	RIACHO
3	PR	Vila B	2	RIACHO
3	PR	Vila B	3	RIACHO
3	PR	Vila B	4	RIACHO
4	PR	Vila A	1	RIOZINHO
4	PR	Vila A	2	RIACHO
4	PR	Vila A	3	CÓRREGO
4	PR	Vila A	4	CÓRREGO
5	PR	Jardim Jupira	1	RIACHO
5	PR	Jardim Jupira	2	RIOZINHO
5	PR	Jardim Jupira	4	CÓRREGO

Fonte: [Adaptado de] SGVCLin (2021)

Concernente às cartas linguísticas, nas legendas e nos gráficos de barras, as variantes são apresentadas de acordo com o número de ocorrências, do maior para o menor, excetuando-se a representação “outras” que sempre ocupará a última posição nas legendas, independente do percentual registrado (Figura 38).

Figura 38 – Exemplo da posição das variantes na legenda e no gráfico de barras



Fonte: elaborada pela autora.

No mapa, o gráfico de pizza simboliza a ocorrência das variantes, ou seja, as respostas dos informantes, e estão próximas ao número correspondente ao ponto de inquérito. Caracterizadas por cores: i) a primeira variante, mais recorrente, recebe a cor **vermelha**; ii) a segunda está representada pela cor **azul**; iii) a terceira pela cor **verde**, ainda que esteja na última posição das legendas; iv) a quarta pela cor amarela (**amarela**) e a variante menos recorrente está indicada pela cor **preta**. Centralizados e em negrito vêm o número e o título da carta; um pouco abaixo, visualizam-se duas miniaturas de mapas: mapa do Brasil, com destaque no Extremo-Oeste do Paraná, e o recorte do mapa de Foz do Iguaçu/PR. No canto inferior, ainda à esquerda, apresenta-se o mapa do Paraná com destaque na cidade de Foz do Iguaçu. No canto inferior, estão a seta indicativa do norte geográfico, a escala cartográfica e a identificação do elaborador e da organizadora da carta base.

À direita, afastada do título e da área de fixação da rede de pontos, e acompanhada por seu número correspondente, encontra-se a questão motivadora. Logo abaixo, a legenda e o gráfico simbolizam as variantes. Centralizado na carta, está o espaço iguaçuense investigado, trata-se de um recorte do território do município. Por fim, também ao centro, está a logomarca do programa gerador de cartas linguísticas SGVCLin (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2015).

6 EM FOZ DO IGUAÇU/PR SE FALA ASSIM: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE UM RECORTE DO FALAR IGUAÇUENSE

É urgente, pois, recolher e estudar os materiais dialetológicos, antes que os dialetos deixem de ser falados. [...] muito em breve passaremos a conhecer deles apenas alguns fragmentos (VASCONCELOS, 1970, p. 175).

Nesta seção os dados logrados a partir das entrevistas realizadas *in loco* e na modalidade remota são expostos em gráficos [quantitativos], quadros [comparativos e elucidativos] e cartas linguísticas diatópicas, de acordo com as constatações das variantes nas dimensões diatópica, diasssexual e diageracional.

Nos gráficos, como mencionado, estão dispostos os dados quantitativos obtidos da análise das entrevistas. As variantes identificadas foram definidas em quadros a partir das acepções trazidas pelos *Dicionário Aurélio Digital da Língua Portuguesa* (2021), *Dicionário Caldas Aulete Digital* (2021) e *Michaelis On-line Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (2021)⁵⁰. A justificativa para a escolha das três obras respalda-se na gratuidade e no fácil acesso on-line, além da possibilidade de um olhar diacrônico pelo espaço de tempo contemplado no dicionário do Aulete Digital.

Ainda, com o intuito de valorizar e de registrar as definições conhecidas pelos iguaçuenses, recolhidas em resposta às questões semântico-lexicais, excertos das entrevistas serão numerados, transcritos e dispostos como exemplos. As questões coincidentes do ESeLFI, ALPR (1994; 2007), Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010)⁵¹; ALiB (2006)⁵² e ALERS (2011)⁵³ serão elencadas e descritas, possibilitando a comparação entre as variantes obtidas em Foz do Iguaçu/PR e no Oeste do Paraná. Os estudos com ponto de inquérito dentro dos

⁵⁰ Serão apresentadas apenas as acepções condizentes com o enunciado das questões selecionadas para análise (01; 18; 38; 87; 175 e 211).

⁵¹ O estudo de Busse (2010) investigou a realização da língua em Santa Terezinha de Itaipu, município emancipado de Foz do Iguaçu/PR na década de 1980. Santa Terezinha é o ponto de inquérito número 6 do Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010).

⁵² Entre Foz do Iguaçu/PR e os pontos de inquérito 215. Toledo/PR e 217. São Miguel do Iguaçu/PR do ALiB, são, aproximadamente, 175 km e 42 km de distância, respectivamente.

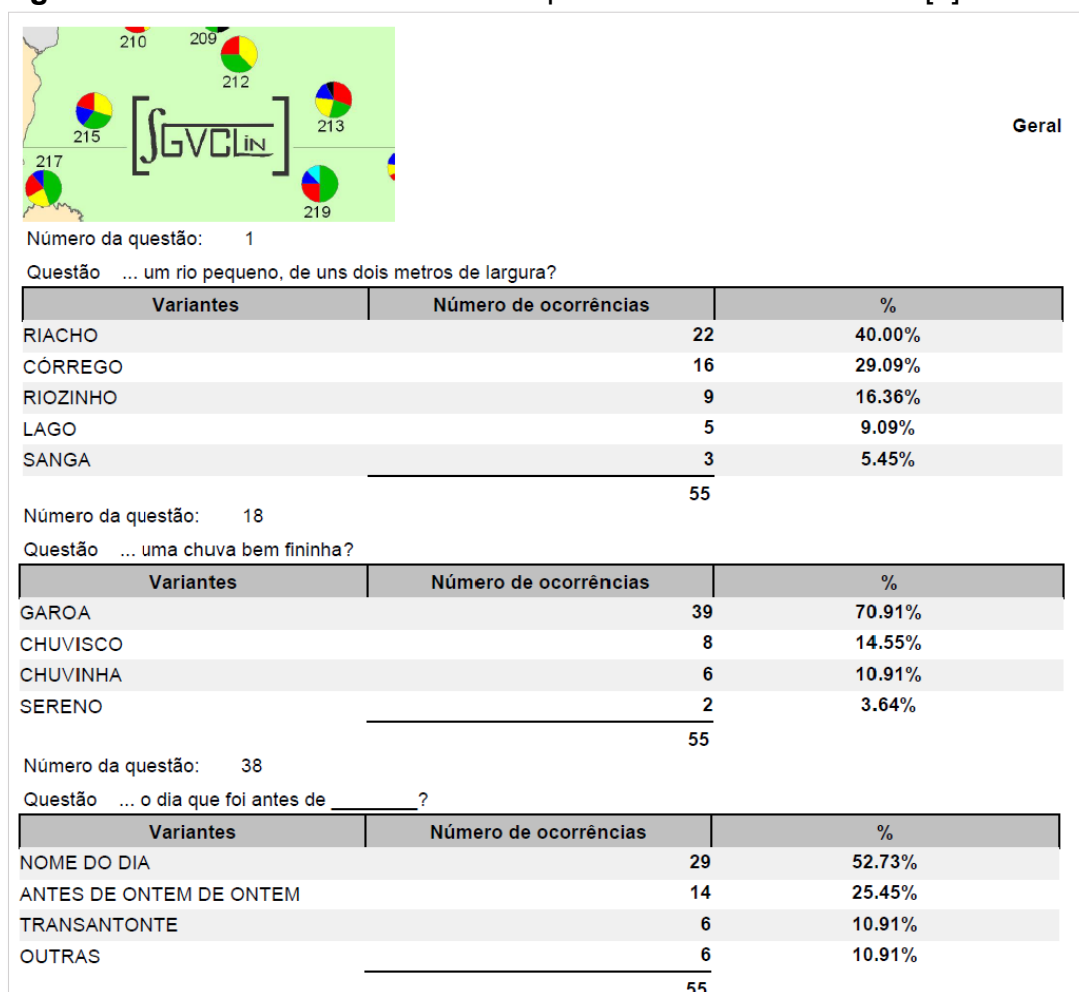
⁵³ Em 1987, o projeto ALERS encetou a empreitada de analisar a realização da língua além das fronteiras estaduais. A região Sul foi investigada a partir da rede de pontos composta por 106 localidades no Paraná, 86 em Santa Catarina e 102 no Rio Grande do Sul. Ao todo foram 711 questões (Fonético-fonológicas (QFF), Morfossintáticas (QMS) e Semântico-lexicais) aplicadas a informantes de áreas rurais e urbanas (ALERS, 2011).

limites de Foz do Iguaçu/PR são: ALPR (1994) e ALERS (2011); e no Oeste paranaense: ALiB (2003) e Busse (2010).

Quanto ao número de variantes, nas questões 1 e 87, decidiu-se explicitar, no máximo, as quatro mais recorrentes, as demais estão representadas pela forma “outras”; nas questões 38 e 211, definiram-se as três mais recorrentes, a 4ª posição está representada pela denominação “outras” e se refere ao grupo de variantes menos frequentes no cômputo total. Já nas questões 18 e 175, todas as variantes referidas pelos inquiridos foram contempladas explicitamente nos gráficos e nas cartas linguísticas.

Com o propósito de sintetizar os dados percentuais obtidos, um panorama é mostrado nas Figuras 39 e 40.

Figura 39 – Panorama dos relatórios quantitativos das variantes [a]



Fonte: [Adaptado de] SGVCLin (2021)

Figura 40 – Panorama dos relatórios quantitativos das variantes [b]

Número da questão: 87		
Questão ... aquele bicho que dá no esterco, em pau podre?		
Variantes	Número de ocorrências	%
CORÓ	20	36.36%
LARVA	13	23.64%
OUTRAS	8	14.55%
LAGARTA	8	14.55%
VERME	6	10.91%
	55	
Número da questão: 175		
Questão Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?		
Variantes	Número de ocorrências	%
INTERRUPTOR	28	50.91%
TOMADA	27	49.09%
	55	
Número da questão: 211		
Questão ... o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?		
Variantes	Número de ocorrências	%
LARANJA	33	67.35%
OUTRAS	9	18.37%
FORMIGUINHA	5	10.20%
MULA	2	4.08%
	49	

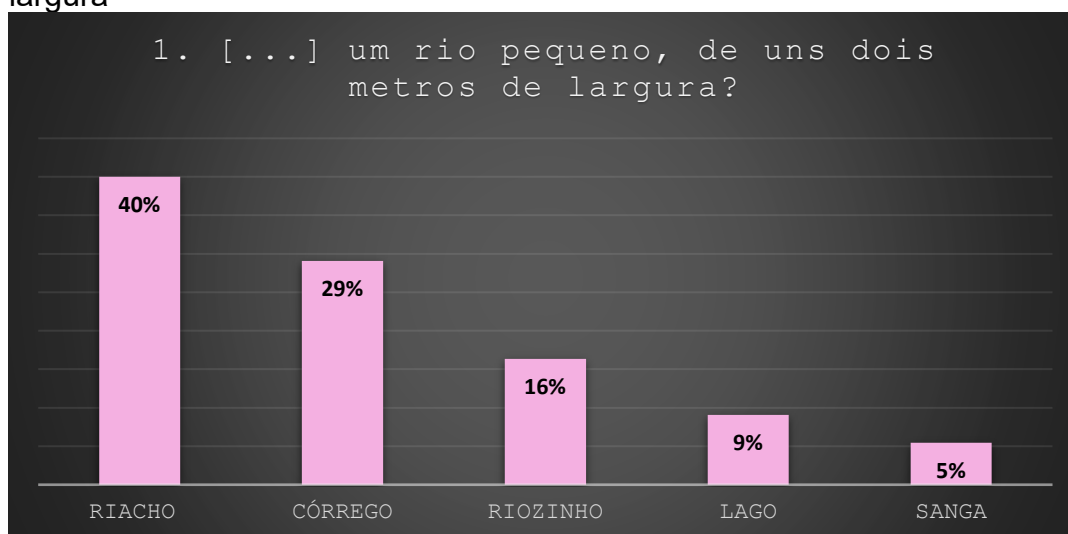
Fonte: [Adaptado de] SGVCLin (2021)

6.1 QUESTÃO 1. ... UM RIO PEQUENO, DE UNS DOIS METROS DE LARGURA?

A questão de número 1, do QSL, corresponde à área semântica *Acidentes Geográficos*. A motivação para a descrição pormenorizada, deve-se ao fato de, durante as transcrições das entrevistas, a autora ter constatado a realização da variante “sanga”, presente, também, na língua espanhola. A compreensão de quais fatores são determinantes para o uso desta e das demais variantes em Foz do Iguaçu/PR foi possível a partir da investigação descrita a seguir.

Ao serem indagados sobre “um rio pequeno, de uns dois metros de largura”, os informantes apresentaram as denominações: *riacho*; *córrego*; *riozinho*; *lago* e *sanga*. Dentre elas, a variante mais produtiva foi *riacho*, identificada em 40% das ocorrências, seguida de *córrego* (29%), *riozinho* (16%), *lago* (9%) e *sanga* (5%) (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Ocorrências das variantes para “um rio pequeno, de uns dois metros de largura”



Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à distribuição diatópica, a Figura 41 expõe a realização das variantes para “um rio bem pequeno, de uns dois metros de largura” em cada ponto de inquérito.

Figura 41 – Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na mais profícua por ponto⁵⁴

Ponto de Inquérito	Variantes				
	RIACHO	CÓRREGO	RIOZINHO	LAGO	SANGA
1. Vila C	X	X		X	
2. Três Lagoas	X		X	X	
3. Vila B	X				
4. Vila A	X	X	X		
5. Jardim Jupira	X	X	X		
6. Vila Portes	X				
7. Morumbi	X	X	X		
8. Jardim Central	X	X			
9. Aparecidinha	X	X			
10. Jardim América	X	X			X
11. Vila Yolanda		X		X	X
12. Vila Shalon	X		X		
13. Porto Meira		X		X	
14. Morenitas		X	X		
15. Aeroporto	X				

Fonte: elaborada pela autora com base no banco de dados do ESeLFI.

⁵⁴ Ressalva-se que a variante mais produtiva em cada ponto recebe destaque com o preenchimento na cor rosa.

A fim de comprovar o registro das variantes mencionadas pelos informantes, a próxima etapa foi efetuar a busca nos dicionários selecionados para sondagem. Todas as respostas para “um rio pequeno” - riacho, córrego, riozinho, lago e sanga - estão nas obras lexicográficas consultas. As acepções trazidas são descritas na Figura 42.

Figura 42 – Variantes e acepções em dicionários digitais “[...] um rio pequeno, de uns dois metros de largura”⁵⁵

VARIANTES PARA RIACHO	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
RIACHO	[Do esp. <i>riacho</i> .] <i>Substantivo masculino</i> 01. Rio pequeno, mais volumoso que o regato (q.v.), e menos que a ribeira (q.v).	(ri.a.cho) sm. 1. Rio pequeno; REGATO; RIBEIRO [Dim. irreg. de rio.] [F.: rio + -acho]	ri-a-cho sm 1. Pequeno rio; regato, ribeiro. ETIMOLOGIA der de rio+acho.
CÓRREGO	[Do lat. hisp. * <i>corrugu</i> .] <i>Substantivo masculino</i> 01. Regueiro ou sulco aberto pelas águas correntes. 03. <i>Bras.</i> Ribeiro de pequeno caudal riacho. 04. <i>Bras.</i> Na região média do São Francisco, qualquer dos afluentes desse rio. [Var.: <i>corgo</i> .]	(cór.re.go) sm. 1. Rio pequeno, com pouco volume de água; ARROIO; CORGO; RIACHO; RIBEIRO; RIBEIRÃO 2. Sulco cavado por águas correntes 4. N.E. Cada afluente do rio São Francisco [F.: Do lat. hisp. <i>corrugus, i</i> .]	cór-re-go Sm 1. Sulco aberto pelas águas correntes; corga, regueiro. 2. Pequeno rio, pouco profundo e de pequeno caudal; corgo. 4. REG (BA) Denominação aos afluentes do rio São Francisco. ETIMOLOGIA <i>ibero-romano *corrugum</i> .
RIOZINHO	-	-	-
LAGO	[Do lat. <i>lacu</i> .] <i>Substantivo masculino</i> 1. Extensão de água cercada de terras. [Sin., no AM: <i>água-redonda</i> .] 2. <i>P. ext.</i> Tanque irregular de jardim. 3. Grande porção de líquido derramado ou empoçado, em geral no chão.	(la.go) sm. 1. Geog. Extensão de água cercada de terra [Cf. lagoa e laguna] 2. Tanque de água decorativo, em parque ou jardim. 3. Grande poça de água: <i>O temporal fez um lago na frente de casa</i> . [F.: Do lat. <i>lacus, us</i> . Ideia de 'lago', usar pref. <i>lac-</i> e <i>limn(o)-</i>]	la-go sm 1 GEOGR Grande massa de água doce ou salgada que ocupa baixada ou depressão do solo cercada. 2 Qualquer extensão artificial de água que ornamenta um parque, um jardim etc. 3 Quantidade de líquido que ocupa grande superfície.
SANGA	[Do esp. Plat. <i>zanja</i> .] <i>Substantivo feminino Bras. SC RS</i> 02. Pequeno regato, que seca facilmente. 03. Escavação profunda no terreno, produzida pelas chuvas ou por correntes de águas subterrâneas.	(san.ga) sf. 2. Bras. Escavação funda produzida num terreno por chuvas ou correntes subterrâneas: "O álveo resvaladio e fundo da sanga que naquele ponto corre de norte a sul." (Euclides da Cunha, <i>Os sertões</i>) 3. S. Córrego que seca facilmente.	san-ga sf 1 Sulco no solo, cavado pela chuva ou por correntes subterrâneas. 2 REG (RS, SC) Pequeno ribeiro alagado e de pouca água. ETIMOLOGIA <i>quic sanga</i> .

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

⁵⁵ Nesta e nas demais figuras “variantes e as acepções em dicionários digitais”, decidiu-se por contemplar apenas as definições alusivas à questão motivadora.

A variante mais frequente, “riacho”, é descrita nos três dicionários, entretanto, apenas uma definição é comum: “um rio pequeno”. No Dicionário Aurélio “riacho” recebe uma definição que o difere de “regato” e de “ribeira”, já no Caldas Aulete e no Michaelis, as palavras são apresentadas como sinônimas. A variante “córrego” é trazida pelos dicionários como análoga à “riacho”, identificada na escolha dos falantes como a palavra que melhor define o corpo de água corrente. Nos dicionários Aurélio e Caldas Aulete, “riacho” e “ribeiro” são sinônimos comuns, quando, na acepção, a referência principal é o volume de água: “[...] de pequeno caudal” e “[...] com pouco volume de água”. Interessante mencionar, tanto no Caldas Aulete quanto no Michaelis, a variante “corgo” é apresentada como sinônimo de “córrego”.

A variante “riozinho” foi a terceira mais produtiva. Ao buscar a designação nos dicionários não se identificou a menção como sendo o diminutivo da palavra “rio”. A quarta variante “lago”, uma das menos frequentes, é a que mais se distancia das definições dos dicionários e do enunciado da questão 01. Ainda que façam referência a porções de água, os conceitos não indicam qualquer relação ao curso da água: corrente. Por fim, a última variante para definir um rio pequeno é “sanga”. No dicionário Aurélio, a palavra é um brasileirismo⁵⁶, originária do espanhol platino; nos dicionários Caldas Aulete e Michaelis, “sanga” é descrita como um regionalismo recorrente nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Como definição, nos três dicionários, a água da chuva ou de correntes subterrâneas seria a principal fonte de abastecimento das “sangas”, contudo, uma explicação é acrescida nos dicionários Aurélio e Caldas Aulete no que diz respeito à facilidade na secagem da água depositada nesses pequenos terrenos alagados.

Quanto à origem da palavra há divergência entre os três dicionários, no Aurélio, a origem é do espanhol platino. No Caldas Aulete é de origem africana, quimbundo; no Caldas Aulete, a palavra *zanja*, de provável origem espanhola, não é associada à corrente de água, senão “arroz quebrado; quirera do beneficiamento do arroz” (AULETE DIGITAL, 2021). No Michaelis, surgiu do quicongo, também de origem africana. Para compreender a discrepância entre as obras, consultou-se a dicionários de espanhol, artigos científicos e dicionários etimológicos.

⁵⁶ “1. Palavra ou locução própria de brasileiro. 2. Modismo próprio da linguagem dos brasileiros” (FERREIRA, 2010, P. 115).

A tradução da palavra “sanga” para o espanhol foi obtida do dicionário online Wordreference, apresentada como de origem espanhola *zanja*⁵⁷. Em seguida, dois dicionários foram selecionados para a busca do significado de *zanga*: Dicionário da Língua Espanhola (DEL)⁵⁸ e Dicionário do Espanhol do México (DEM)⁵⁹, ambos disponíveis para consulta online e gratuita.

Tanto o DEL quanto o DEM não fazem menção à etimologia da palavra. No DEL dois significados são atribuídos: “1. f. escavação comprida e estreita que se faz na terra para colocar os alicerces, conduzir as águas, proteger as sementes ou coisas semelhantes. 2. f. Am. vala produzida pela água corrente” (DEL, 2022, **tradução nossa**).⁶⁰ Igualmente no DEM, duas acepções são contempladas: “1. Escavação comprida e estreita feita para diversas finalidades, como colocar tubulação, permitir que corra a água, ou para enterrar ou esconder algo ou alguém: abrir uma vala. 2. Sulco que se abre na terra de maneira natural, especialmente pelo efeito da chuva”. (DEM, 2022, **tradução nossa**)⁶¹.

Buscou-se, ainda, no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPo)⁶² [online] (2022) e no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2012). O DELPo não traz o significado, apenas a etimologia: “quic sanga”. Na obra de Cunha (2012), a palavra “sanja” é definida como: “*sf.* abertura ou dreno para escoar águas. Do cast. *zanja*, provavelmente.” Não havendo consenso acerca da origem da palavra entre os autores, expõe-se a possível trajetória de “sanga” no Sul do Brasil. O ALPR (1994) identificou a variante “sanga” em maior grau de ocorrência no sudoeste do Paraná, no caminho de Viamão, locais de intensa interação entre os tropeiros, saídos do Rio Grande do Sul, em contato constante com o Uruguai, passando por Santa Catarina e Paraná, até a chegada em São Paulo (ROMANO, 2018). Sendo

⁵⁷ Excavación larga y estrecha que se hace en la tierra. 2. Surco producido por una corriente de agua (WORDREFERENCE, 2021). O dicionário on-line *WordReference* apresenta duas acepções para a palavra *zanja*: 1. Escavação comprida e estreita que se faz na terra. 2. Fendas produzidas por correntes de água (WORDREFERENCE, 2021, **tradução nossa**).

⁵⁸ Disponível para acesso em: <https://dle.rae.es/>.

⁵⁹ Disponível para acesso em: <https://dem.colmex.mx/>.

⁶⁰ “1. f. Excavación larga y estrecha que se hace en la tierra para echar los cimientos, conducir las aguas, defender los sembrados o cosas semejantes. 2. f. Am. Arroyada producida por el agua corriente” (DEL, 2022).

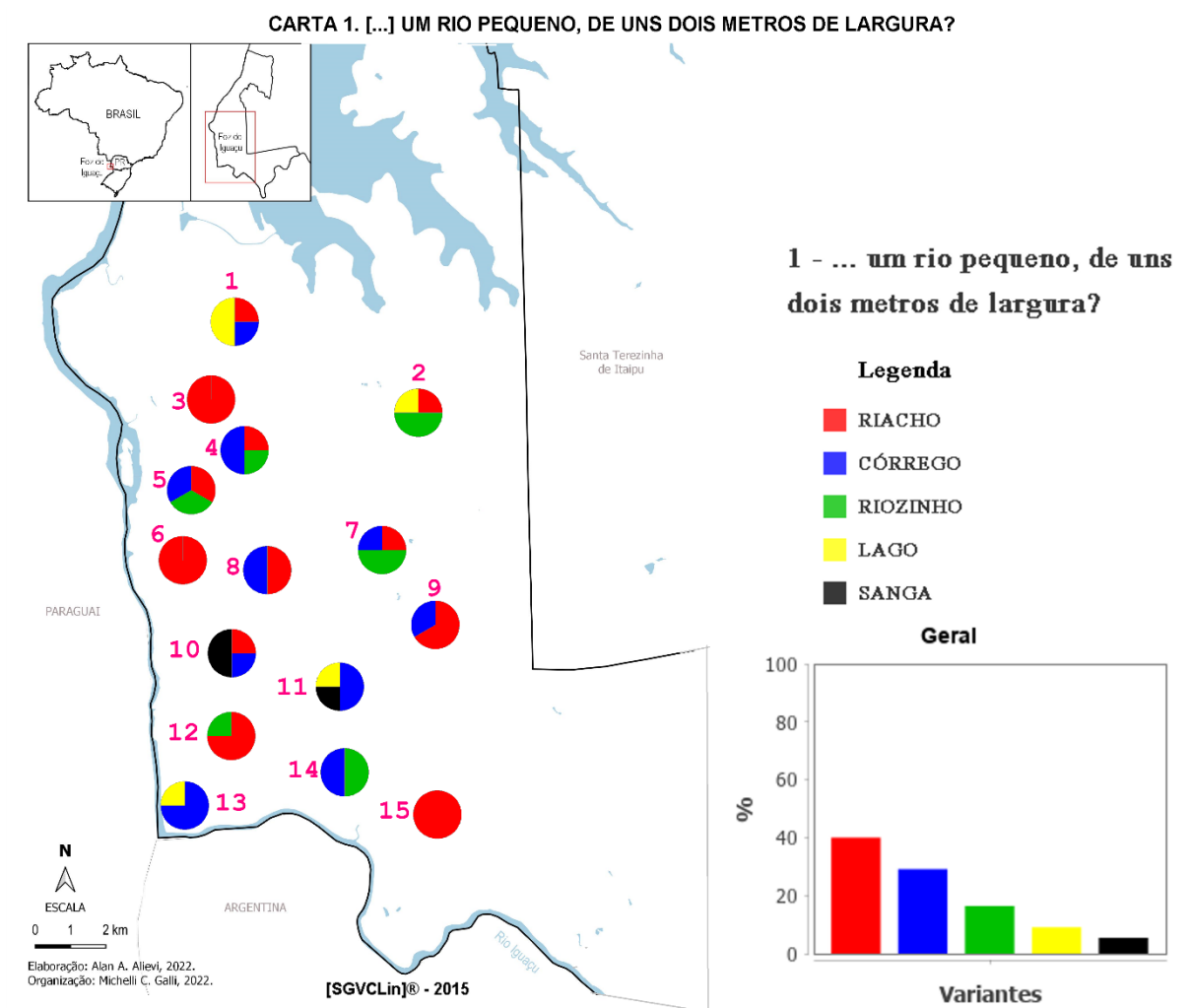
⁶¹ “1. Excavación larga y angosta que se hace con diversos fines, como colocar tubería, permitir que corra el agua, o para enterrar o esconder algo o a alguien: abrir una zanja. 2. Surco que se abre en la tierra de manera natural, especialmente por efecto del agua de las lluvias” (DEM, 2022).

⁶² Disponível para acesso em: <https://delpo.prp.usp.br/~delpo/index.php>.

assim, partindo da concepção de que “sanga” tenha tido origem na língua espanhola, encontra-se respaldo para descrever a presença da variante em Foz do Iguaçu/PR.

A seguir, na Figura 43, as variantes catalogadas nos 15 pontos de inquéritos são distribuídas na Carta Linguística 1.

Figura 43 – Carta Linguística 1. “um rio pequeno, de uns dois metros de largura”



Fonte: SGVCLin (2022)

É preciso salientar a prevalência da variante “riacho” nos pontos 3. Vila “B”, 6. Vila Portes e 15. Aeroporto, com ocorrência categórica, demonstrando, desse modo, o vigor da variante no município de Foz do Iguaçu/PR, verificada em 40% das realizações. Ainda que em menor proporção, 29%, a opção por “córrego” não aponta para resultados tão díspares em relação ao uso de “riacho”, cuja distribuição está equilibrada entre os pontos de inquérito, sendo mais constante no ponto de inquérito 13. Porto Meira, o primeiro bairro do município.

A colonização e o crescimento de Foz do Iguaçu teriam início com a implantação da Vila Militar nas proximidades da Vila Yolanda, Vila Shalon e Porto Meira, pontos de inquérito 11, 12 e 13, respectivamente, conforme instruções do Governo Federal. Entretanto, a região não oferecia acesso facilitado à água e, após análises geográficas e estratégicas, o acampamento “provisório” foi inaugurado às margens do arroio Monjolo, no atual centro da cidade. Esse fato não impediu a escolha dos bairros como moradia pelos pioneiros do município. Ao olhar para os dados, a história da constituição dos pontos de inquérito 11. Vila Yolanda e 13. Porto Meira aponta para fatos coincidentes acerca da chegada dos primeiros moradores.

Uma das primeiras famílias a chegar à Vila Yolanda foi a do pioneiro Tarquínio Joslin dos Santos, nascido em Curitiba, em 1900. Na fase adulta, junto de sua família e uma caravana de desbravadores, rumou a Foz do Iguaçu/PR, comprou uma grande porção de terra e, no ciclo dos loteamentos, homenageou sua filha, Yolanda (ACIFI, 2016). Há também, registros de pioneiros vindos de Ponta Grossa/PR, a família Kalichewski. Nesse ponto, a variante mais recorrente foi “córrego”, identificada pelo ALPR em Curitiba/PR e Ponta Grossa (AGUILERA, 1994). Muitas são as heranças deixadas não apenas na história, mas na arquitetura, na cultura e na língua. Na Vila Yolanda existem casas antigas, ainda de madeira, que contam as muitas histórias vividas, com a língua não é diferente, “córrego” foi a herança deixada pelos pioneiros, verificada pelo ESeLFI. Outro fato interessante, na década de 1960, a localidade era povoada por muitos paraguaios (FERRARI, 2019). Acredita-se que esses fatores sejam o motivo para o registro de “córrego” e “sanga” na localidade.

Quanto ao Porto Meira, a variante “córrego” alcançou 75% das realizações no bairro que recebeu muitos migrantes vindos para a construção de Itaipu. E sem condições de voltarem aos lugares de origem, passaram a ocupar as áreas periféricas da cidade, transferidos, posteriormente, pela prefeitura ao bairro Porto Meira. “A construção de Itaipu, iniciada em 1971, causou forte impacto em toda a região do extremo-oeste do Paraná, pois passou a ser um forte fator de atração de fluxos migratórios tanto do estado do Paraná como, principalmente, trabalhadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul” (ALVES; THOMAZ JÚNIOR, 2012).

Ao encontro dos dados obtidos pelo ESeLFI, nos dados do ALiB, destaca-se o agrupamento da variante “córrego” em todo o estado de São Paulo “e sua presença é registrada em todos os pontos selecionados no RJ, MG, MS, MT e GO”

(ROMANO, 2020, p. 112). A constituição histórica deixou traços na fala dessas localidades, cultivados pelos moradores e por seus descendentes.

Por fim, quanto à distribuição diatópica, diferente do que se pôde constatar das ocorrências de “riacho” e “córrego”, as variantes “lago” e “sanga” foram as menos produtivas. “Lago” foi identificada em quatro pontos de inquérito, 1. Vila “C”, 2. Três Lagoas, 11. Vila Yolanda e 13. Porto Meira. Os pontos 1 e 2 são localidades próximas, habitadas, majoritariamente, pelos operários que trabalharam na construção de Itaipu e por seus familiares.

Os pontos de inquérito 10 e 11 registram dados em comum, “sanga”, diferenciando-os dos demais. “Sanga” foi constatada apenas no Ponto 10. Jardim América, bairro de frequente contato com paraguaios e hispanofalantes, e no Ponto 11. Vila Yolanda, comunidade formada por pioneiros vindos dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, somam-se a isso, os muitos moradores paraguaios na década de 1960. Embora Foz do Iguaçu/PR seja cidade fronteiriça com dois países de fala espanhola, “sanga” foi a variante com a menor representação.

Objetivando contrastar os dados obtidos pelo ESeLFI, apresenta-se, na Figura 44 a vitalidade das variantes nos estudos dialetológicos realizados em Foz do Iguaçu/PR, ALPR (1994) e ALERS (2011), e no Extremo Oeste Paranaense, Santa Terezinha de Itaipu/PR (BUSSE, 2010) e Toledo/PR e São Miguel do Iguaçu/PR (ALiB, 2003).

Figura 44 – Vitalidade das variantes em Foz do Iguaçu/PR e no Oeste do Paraná (Questão 1)

VARIANTES	ALPR (1994)	*ALiB (2003)	UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ (BUSSE, 2010)*	ALERS (2011)	ALiFI (2021)
RIACHO	X	Toledo	X	-	X
CÓRREGO	X	São Miguel do Iguaçu Toledo	X	-	X
RIOZINHO	-	São Miguel do Iguaçu	X	-	X
LAGO	-	-	-	-	X
SANGA	X	São Miguel do Iguaçu	-	-	X
OUTRAS	-	Rio Bostinha (S.M.I) Sanga (S.M.I) Mina d'água (Toledo)	Riozinho Lagoa Arroio	Resposta Prejudicada	-

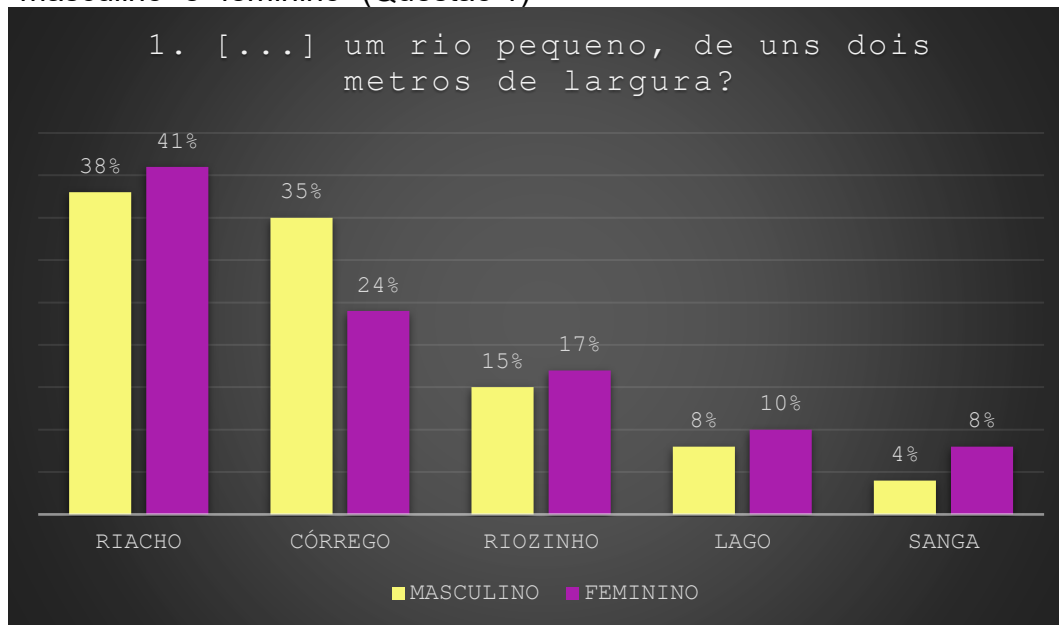
Fonte: elaborada pela autora com base em Aguilera (1994), Busse (2010); Altenhofen; Klassmann (Org.) (2011) e no acervo de áudios do ALiB.

Nesta questão, os dados do ALERS não serão contemplados, pois a resposta foi prejudicada. As variantes “riacho”, “córrego” e “sanga” estão registradas no Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) de modo equilibrado: “córrego” (33%), “riacho” (33%) e “sanga” (33%) (AGUILERA, 1994). No Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010), em Santa Terezinha de Itaipu, ponto de inquérito 6, o maior número de produção concentrou-se na forma “córrego” (50%), seguido por “outros” - riozinho, lagoa e arroio - (37%) e “riacho” (13%). Vale mencionar: i) a variante “riozinho” não foi identificada em 1994 pelo ALPR, mas de 2003 em diante, a variante se fez presente na fala dos iguaçuenses até a recolha dos dados para esta tese; e ii) “arroio” é observada apenas nos dados de Busse (2010). “Lago/lagoa” foram identificados apenas nos últimos estudos Busse (2010) e ESeLFI (2022), apontando para a inclusão de mais uma coocorrência entre as variantes. Ainda que a variante “sanga” não seja a mais expressiva, sua ocorrência pôde ser constatada nos estudos, exceto em Busse (2010), devido, talvez, ao desconhecimento do informante acerca da variante ou, ainda, à escolha de “córrego” em detrimento de “sanga”.

No ALiB, pontos de inquérito 215. Toledo/PR e 217. São Miguel do Iguaçu/PR, os percentuais para cada variante estão assim distribuídos: “córrego” (25%) e “riacho” (25%); “mina d’água” (13%); “sanga” (13%); “rio bostinha” (13%) e “riozinho” (13%). Comparados os dados, constata-se o decréscimo da variante “sanga” nas últimas décadas: 33% (ALPR, 1994); 13% (ALiB, 2003), sem ocorrência (Busse, 2010) e 5% (ESeLFI, 2022). No Paraná, a difusão de “sanga” foi pelo caminho dos tropeiros, o Extremo-Oeste não estava no percurso, possivelmente isso justifique a ausência em Santa Terezinha de Itaipu/PR. Ressalva-se que até a década de 1980, a região pertencia a Foz do Iguaçu/PR, e, conforme dados do ESeLFI, “sanga” foi identificada apenas nos pontos em contato com hispanofalantes.

6.1.1 A Distribuição Diassexual das Variantes para “[...] um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”

Gráfico 2 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 1)



Fonte: elaborado pela autora.

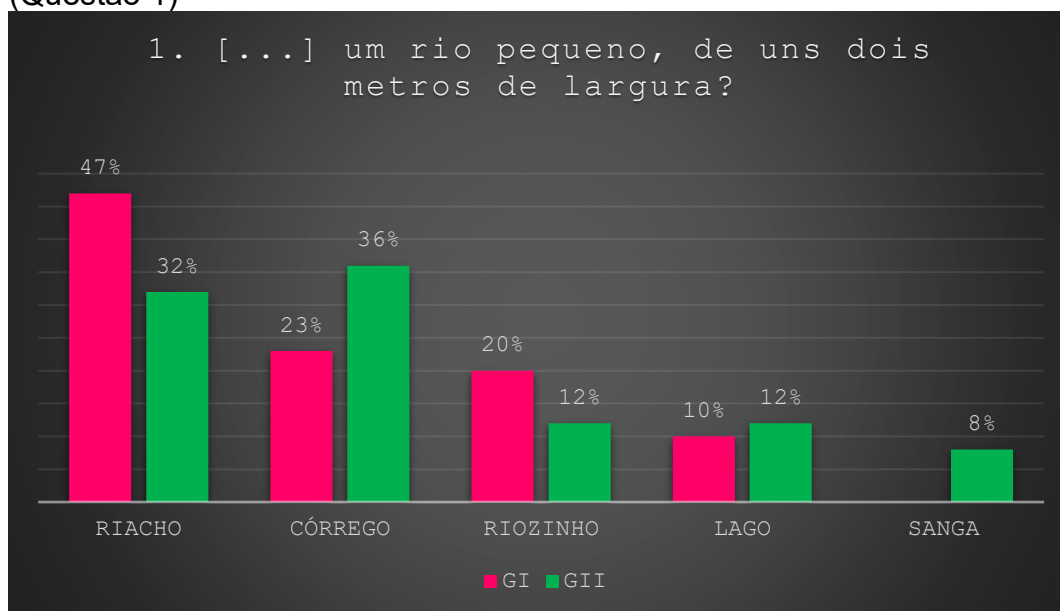
Em relação à distribuição das variantes na dimensão diassexual, verificou-se o equilíbrio no número de designações na fala dos homens e das mulheres, constatando-se as cinco variantes, “riacho”, “córrego”, “riozinho”, “lago” e “sanga”, em ambos os parâmetros. A variável sexo foi irrelevante para a seleção lexical: “riacho” foi registrada na fala dos homens e das mulheres em 38% e 41% das ocorrências, respectivamente. Nos pontos 3. Vila “B”, 6. Vila Portes e 15. Aeroporto, a variante “riacho” foi unânime entre ambos os sexos. A variante “córrego” obteve o maior percentual de realizações na fala dos homens (35%), enquanto as mulheres optaram pela variante em 24% das respostas. Foi possível identificar, também, a regularidade no uso da variante “riozinho”, 15% entre os homens e 17% entre as mulheres. A variante “lago” está na fala de ambos os sexos. “Sanga”, por sua vez, condiz com a escolha de apenas um informante do sexo masculino, 4%, e duas informantes do sexo feminino, 8%.

Na próxima subseção, são apresentados os dados de acordo com a faixa etária dos informantes. Desse modo, o cruzamento das ocorrências das variantes nas dimensões diassexual e diagenérica possibilitará um retrato mais apurado do

movimento da Língua Portuguesa em Foz do Iguaçu/PR e da sobrevivência das variantes ao longo dos anos na fala dos iguaçuenses.

6.1.2 A Distribuição Diageracional das Variantes para “[...]” um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”

Gráfico 3 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 1)

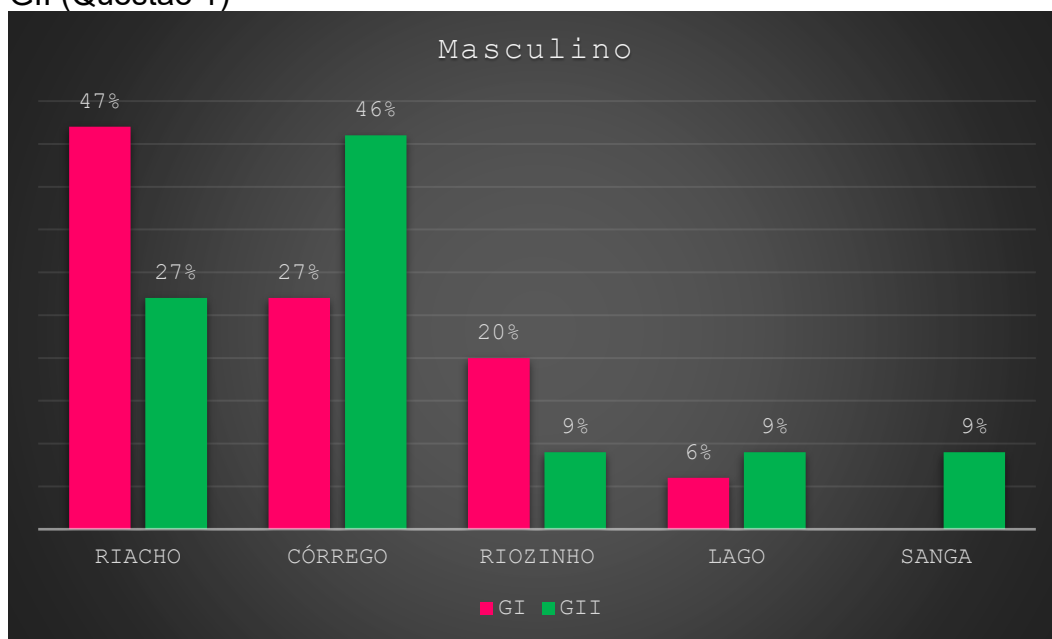


Fonte: elaborado pela autora.

No tocante aos registros para esta variável, nas Gerações I (GI) e II (GII), os dados assinalam a preferência dos mais jovens pela variante “riacho”, somando 47% das respostas, seguida por “córrego” 23%, riozinho 20% e lago 10%. Já na GII, a variante mais profícua foi “córrego”, destacando-se o acréscimo de mais uma variante pela GII: “sanga”. Os dados estão assim ordenados: “córrego” (36%), “riacho” (32%), “riozinho” (12%), “sanga” (12%) e “lago” (8%). “Riozinho” é mais frequente na GI, esses dados sugerem que a variante tenha ganhado espaço entre os falantes, visto que em 1994 não compôs o banco de dados do ALPR, constatado, entretanto, nos dados do ALiB (2003) e no ESeLFI (2022). Ressalva-se, ainda, a ocorrência da variante “sanga” apenas na GII; em contraste com os registros do ALPR (1994) é possível identificar o movimento para o possível desuso da variante, identificada no estudo de 1994 e verificada apenas nas respostas da GII do ESeLFI, hipótese que poderá ser verificada e validada em estudos futuros. Acerca de “lago”, não há diferenças significativas entre as duas gerações.

Ao cruzar os dados, a variante mais profícua entre os homens da Geração I é “riacho” (47%) e a menos, é “lago” (6%). Já na GII, o maior número de ocorrência é de “córrego” (46%), dividem a última posição a variante riozinho (9%), “lago” (9%) e “sanga” (9%).

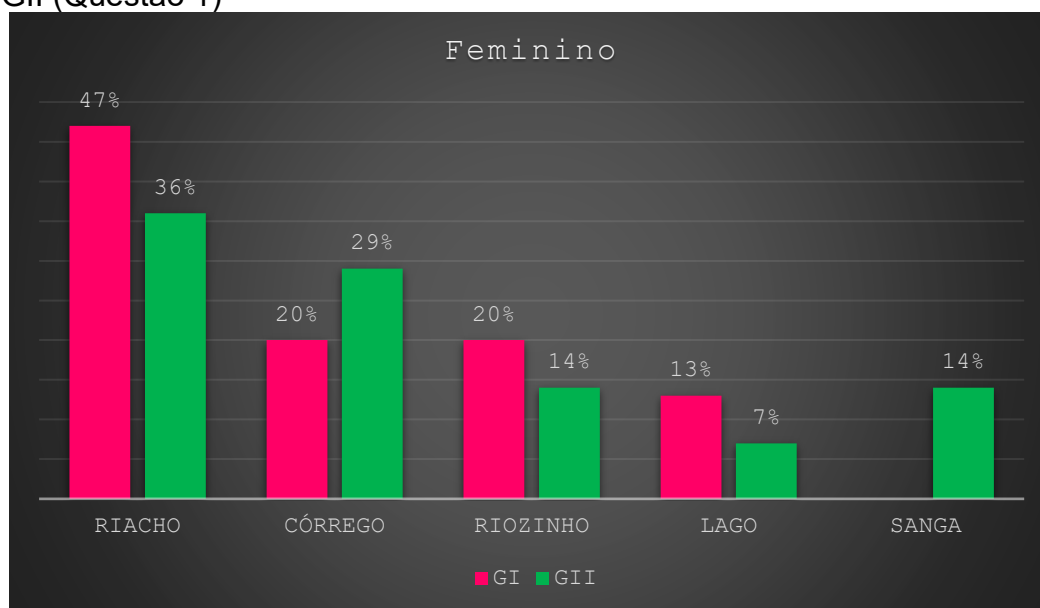
Gráfico 4 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 1)



Fonte: elaborado pela autora.

No que tange à escolha das mulheres, na GI “riacho” é mais incidente (47%) e “lago” (13%), menos. Contudo, a variante “sanga” não foi identificada na fala das mulheres da GI. Na GII, “riacho” também é a mais recorrente (35%) e “lago” (7%), a menos produtiva. Em síntese, entre os homens, destacam-se “riacho” e “córrego”, e entre as mulheres, a variante “riacho”.

Gráfico 5 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII (Questão 1)



Fonte: elaborado pela autora.

Diante das reflexões, entende-se que as variantes “riacho”, “córrego” e “sanga” são realidades do falar de Foz do Iguaçu/PR, há pelo menos três décadas. Contudo, “sanga” tem perdido espaço no campo das ocorrências, em contrapartida, duas novas designações entram na disputa das variantes “riozinho” e “lago”. “Riozinho” não consta no ALPR (1994); no ALiB (2003) é identificado em pequena proporção, em Busse (2010) integra o grupo “outros”, 11 anos depois, é registrada em 20% das escolhas da GI do ESeLFI. Uma hipótese para o aparecimento gradativo de “riozinho” e “lago” pode estar relacionada ao caráter urbano de Foz do Iguaçu/PR. A palavra “rio” está no entorno de Foz, faz parte do cotidiano, em grandes extensões, chama-se “rio”: Rio Paraná; Rio Iguaçu; pequeno e estreito: “riozinho”. A escolha por “lago” pode indicar o desconhecimento do falante acerca da hidrografia, tornando-se uma variante “versátil”, na ausência de outra designação, ou até mesmo como fruto do esquecimento, a palavra à disposição: “lago”.

Interessante salientar, a frequência da variante “córrego”, que se manteve em equilíbrio com “riacho”, não é a primeira opção de resposta entre os informantes da GI de Foz do Iguaçu/PR.

Em suma, i) cinco variantes que designam “um rio pequeno” coexistem no falar iguaçuense, embora, haja uma em declínio; dos 55 entrevistados, apenas dois mencionaram “sanga” como designação para a questão 1; ii) considerando a análise

das variáveis sociais, acredita-se não haver estigma em relação às variantes, tampouco variante de prestígio.

Quadro 14 – Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diassexual e diageracional para [...] um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”

RIACHO	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. É a variante com maior número de ocorrências em Foz do Iguaçu/PR; 2. Apenas no ponto 8. Jardim Central “riacho” e “córrego” estão em perfeito equilíbrio, 50% para cada variante. 3. Coocorre com outras duas variantes em sete pontos de inquérito; 4. É predominante nos pontos de inquérito 9. Aparecidinha (área rural afastada) e 12. Vila Shalon, coexistindo com “córrego” e “riozinho” respectivamente. 5. Única variante produzida nos pontos de inquérito 3. Vila “B”, 6. Vila Portes e 15. Aeroporto.
	Síntese Diassexual	1. A ocorrência da variante é equilibrada na dimensão diassexual, 38% entre os homens e 41% entre as mulheres.
	Síntese Diageracional	1. Mais frequente na GI, 47%, enquanto na GII são 32% das realizações.
CÓRREGO	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Segunda variante mais frequente; 2. Nos pontos 8. Jardim Central e 14. Morenitas está em perfeito equilíbrio com as variantes “riacho” e “riozinho”, respectivamente; 3. Coocorre com outras duas variantes em seis pontos de inquérito; 4. Coocorre com mais uma variante nos pontos 9. Aparecidinha e 13. Porto Meira. 5. É predominante apenas em um ponto de inquérito, 13. Porto Meira.
	Síntese Diassexual	1. É mais recorrente na fala dos homens (35%) quando comparada às mulheres (24%).
	Síntese Diageracional	1. A GII é mantenedora da variante (36%), na GI é realizada em 23% das escolhas.
RIOZINHO	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Predominante nos pontos de inquérito 2. Três Lagoas e 7. Morumbi. Dois bairros povoados entre os anos de 1970 e 1980 pelos trabalhadores terceirizados das empresas prestadoras de serviço para a Itaipu; 2. Está em perfeito equilíbrio nos pontos 5. Jardim Jupira e 14. Morenitas; 3. Coexiste com outra variante em dois pontos, 12. Vila Shalon, embora em apenas 25% das produções, e 14. Morenitas; 4. Coexiste com outras três variantes em quatro pontos.
	Síntese Diassexual	1. Está em equilíbrio, provavelmente não seja uma variante estigmatizada ainda que seja mais recente no falar de Foz do Iguaçu/PR.
	Síntese Diageracional	1. Está na fala da GI com mais vigor, constatada em 20% das designações. Na GII é apontada em 12% das respostas, embora não sejam percentuais elevados, indicam a aceitação da variante “jovem” entre os iguaçuenses.
LAGO	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Mais frequente no ponto 1. Vila “C”; 2. Coocorre com mais uma variante no ponto 13. Porto Meira;

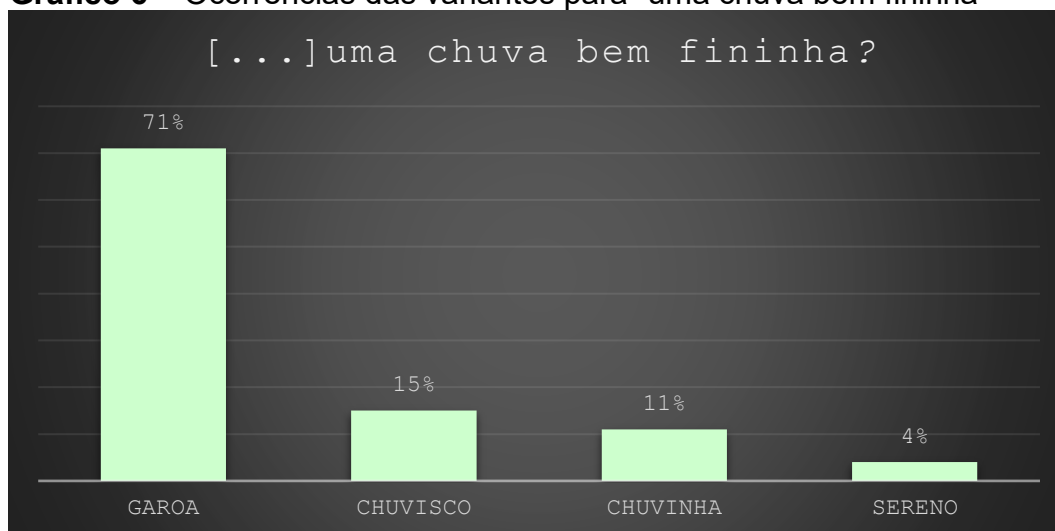
		3. Nos pontos 1. Vila “C”, 2. Três Lagoas e 11. Vila Yolanda, divide espaço com mais duas variantes.
	Síntese Diassexual	1. Não apresenta percentuais discrepantes entre a fala dos homens e das mulheres, apenas 2% de diferença. Dado que evidencia a não interferência da dimensão diassexual na escolha da variante.
	Síntese Diageracional	1. Em equilíbrio, 10% na GI e 12% na GII.
SANGA	Síntese Diatópica	1. É a variante mais recorrente no ponto 10. Jardim América, área de intensa movimentação de brasiguaios e de paraguaios em trânsito; 2. Coocorre em com mais duas variantes nos pontos 10. Jardim América e 11. Vila Yolanda.
	Síntese Diassexual	1. Mais frequente na fala das mulheres.
	Síntese Diageracional	2. Foi produzida apenas pela GII.

Fonte: elaborado pela autora.

6.2 QUESTÃO 18. ... UMA CHUVA BEM FININHA?

Inserida no campo semântico *Acidentes Geográficos* do QSL do ALiB, a questão de nº 18 do ESeLFI, ... *uma chuva bem fininha?*, traz como resposta quatro variantes, elencadas de acordo com o número de realizações: *garoa* (71%), *chuvisco* (15%), *chuvinha* (11%) e *sereno* (4%) (Gráfico 6).

A autora desta tese é iguaçuense, mas não mora no município há 11 anos, durante os anos vividos em Foz do Iguaçu/PR, a variante mais comum, em sua percepção, era “garoa”. No entanto, ao realizar as entrevistas e ouvir com constância a variante “chuvisco”, sentiu-se intrigada em avaliar a produção das variantes com o rigor metodológico da Dialetologia Pluridimensional. Outro fator contribuinte para a escolha foi a ocorrência de duas respostas “sereno”, identificadas em um mesmo ponto de inquérito, Morumbi. Almejando sair do campo do achismo e do talvez, aplicou-se à questão 18. “[...] uma chuva bem fininha” o método geossociolinguístico.

Gráfico 6 – Ocorrências das variantes para “uma chuva bem fininha”

Fonte: elaborado pela autora.

As ocorrências das variantes são expostas na Figura 45. Neste primeiro esboço, inicia-se a compreensão da disposição das respostas para “[...] uma chuva bem fininha” em cada ponto de inquérito.

Figura 45 – Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque mais profícua por ponto (Questão 18)

Ponto de Inquérito	Variantes			
	GAROA	CHUVISCO	CHUVINHA	SERENO
1. Vila C	X		X	
2. Três Lagoas	X			
3. Vila B	X			
4. Vila A	X			
5. Jardim Jupira	X	X		
6. Vila Portes	X		X	
7. Morumbi	X			X
8. Jardim Central	X	X	X	
9. Aparecidinha		X		
10. Jardim América	X			
11. Vila Yolanda	X		X	
12. Vila Shalon		X	X	
13. Porto Meira	X	X		
14. Morenitas	X			
15. Aeroporto	X			

Fonte: elaborada pela autora com base no banco de dados do ESeLFI.

Com o intuito de atestar o registro e o encadeamento dessas variantes nos dicionários digitais Aurélio (2021), Caldas Aulete (2021) e Michaelis (2021), procedeu-se a pesquisa nas obras lexicográficas selecionadas (Figuras 46 e Figura 47).

Figura 46 – Variantes e acepções para “uma chuva bem fininha” em dicionários digitais [1a]

VARIANTES PARA GAROA	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
GAROA	(ô) [Var. de <i>garua</i> .] <i>Substantivo feminino</i> 01. <i>Met.</i> Chuva constituída de gotículas com diâmetro inferior a 0,5mm que caem muito próximas uma das outras, o que resulta em diminuição da visibilidade. 02. V. <i>chuvisco</i> (1). 03. Chuva fina, miúda e persistente. [Sin., nesta acepç.: <i>zimbro</i> (bras.), <i>xereré</i> (MA), <i>arenga de mulher</i> (PI e PE), <i>xi-xi-xi</i> , <i>toró</i> , (N.E.), <i>apaga-pó</i> , <i>jereré</i> (BA), <i>xererém</i> (GO).]	(ga.ro.a) [ô] Bras. sf. 1. Bras. SP Chuva miúda que cai por longo tempo; CHUVISCO 2. Nevoeiro fino. [F.: obsc.]	ga·ro·a sf 1 Chuva fina, miúda e persistente; chuvisco, toró, xixi, xixixi: “ <i>E o balão foi subindo, sem garoa caindo, vermelho e branco, enquanto todos aplaudiam [...]</i> ” (CFA). 2 Nevoeiro fino. VAR: <i>garua</i> . ETIMOLOGIA <i>esp garúa</i> .

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021)

Figura 47 – Variantes e acepções para “uma chuva bem fininha” em dicionários digitais [1b]

VARIANTES PARA GAROA	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
CHUVISCO	01. Chuva miúda, fina. [Sin.: <i>borraceiro</i> , <i>borriço</i> , <i>chuvinha</i> , <i>molhe-molhe</i> , <i>molinha</i> , <i>molinheira</i> , <i>molinheiro</i> , e (bras.) <i>garoa</i> ou <i>garua</i> , <i>peneira</i> , <i>neblina</i> (N.E.), <i>apaga-pó</i> (BA), <i>lebreia</i> (MG), <i>chuvisqueiro</i> (S. e GO) e <i>librina</i> (pop.).]	1. Chuva fraca, pouco densa, com pingos miúdos, e ger. de pouca duração.	1 Chuva fina, rala, intermitente; buliceira, chuvisqueiro, jereré, peneira. 2 METEOR. Precipitação atmosférica constituída por pequeninas gotas de água, quase imperceptíveis, que resulta do alto grau de concentração de umidade no ar; chuvisqueiro, garoa, peneira.
CHUVINHA	[De <i>chuva</i> + <i>-inha</i>] <i>Substantivo feminino</i> 01. V. <i>chuvisco</i> (1).	s. f. Chuva miúda e ligeira. F. <i>Chuva</i> .	chu·vi·nha sf COLOQ Chuva miúda e ligeira; chuvisco. ETIMOLOGIA <i>der de chuva+inho, no fem.</i>
SERENO	[Do lat. <i>serenu</i> .] <i>Substantivo masculino</i> 04. Tênuê vapor atmosférico, noturno; relento. 05. Bras. Chuva fina e pouco duradoura.	(se.re.no) sm. 4. Vapor da atmosfera, ger. noturno; ORVALHO; RELENTO. 7. Bras. Chuvisco, chuva muito leve. [F.: Do lat. <i>serenus, a, um</i> .]	se·re·no sm 1 Umidade do ar da noite; orvalho. 2 Chuva finíssima e rápida. ETIMOLOGIA <i>lat serenus</i> .

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021)

A definição: “chuva fina, miúda e persistente” para a variante “garoa” é partilhada pelos três dicionários, e muitos sinônimos são listados, sendo o primeiro deles: “chuvisco”. Há controvérsias quanto à entrada da palavra na língua, embora seja tratada, no Michaelis (2021), como advinda do espanhol, é descrita nos dicionários de língua espanhola, “Diccionario de la Lengua Española (DLE)” e “Diccionario de Autoridades (DA)” como um “portuguesismo” dialetal. No DLE, aparece como do português dialetal: “caruja” e “niebla”; no DA, refere-se a um americanismo com marca popular, de origem portuguesa “caruja” “llovizna” e duas variantes formais: “garuba, garuga” ou, por fim, “garuja” (CORBELLÁ; FAJARDO, 2017, **tradução nossa**)⁶³.

O dicionário Aurélio (2021) define o termo “garoa” de forma específica, relacionando-o ao campo da meteorologia. É a única, entre as três obras, que associa os regionalismos, trazidos como exemplos, aos estados e/ou às regiões de produção: “[Sin. de chuva fina miúda e persistente: zimbro (bras.), xereré (MA), arenga de mulher (PI e PE), toró (N.E), apaga-pó e jejeré (BA) e xerém (GO)” (FERREIRA, 2021). Caldas Aulete (2021) consoa com Michaelis (2021) quando não menciona a designação “nevoeiro fino”. “Chuvisco”, apesar de ter sido apresentado como sinônimo de “garoa”, Caldas Aulete o define como: “chuva fraca, pouco densa, com pingos miúdos, e **ger. de pouca duração**”⁶⁴ (AULETE DIGITAL, 2021), ou seja, ainda que se assemelhem quanto à densidade dos pingos, divergem em relação ao tempo de duração.

Novamente, o dicionário Aurélio registra uma grande quantidade de variantes, classificadas como brasileirismo e/ou regionalismo, dentre elas, “garoa” e “neblina”; há, também, “librina” apontada como uma variante popular (pop.). O dicionário Michaelis descreve o termo “chuvisco” de acordo com a sua definição na meteorologia, em seguida, conecta-o aos sinônimos “chuvisqueiro”, “garoa” e “peneira”.

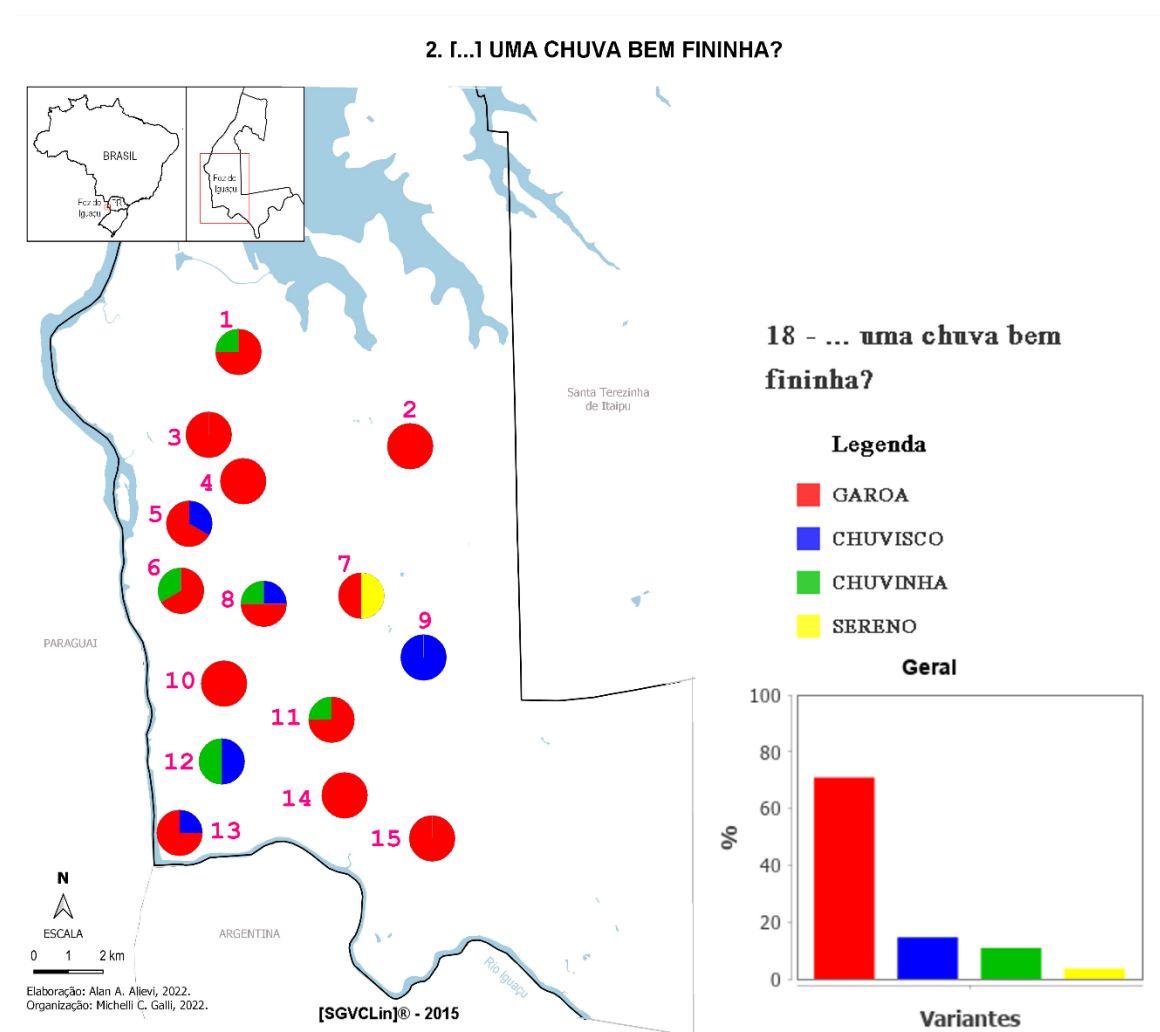
A terceira variante sugerida pelos informantes do ESeLFI, “chuvinha”, é referida como diminutivo de chuva e sinônima de “chuvisco” nos dicionários Aurélio e Michaelis; e definida como “chuva miúda e ligeira”, no Caldas Aulete e Michaelis.

⁶³ El DEL registra como “del portugués dialectal *caruja* ‘niebla’, y en el DA se recoge como americanismo con la marca popular, el origen portugués *caruja* ‘llovizna’ y dos variantes formales *garuba*, *garuga* o, por fin, *garuja* (CORBELLÁ; FAJARDO, 2017).

⁶⁴ Grifo nosso.

A variante com menor expressividade foi “sereno”, a primeira acepção para a palavra nos dicionários vai ao encontro dos dados do ESeLFI, ao receber a definição “vapor atmosférico/umidade do ar noturno”, evidenciando que é mais comum a escolha pela variante para referir-se às gotículas do ar noturno. Como segunda acepção, trazem “chuva fina e rápida” e os sinônimos chuvisco e orvalho (Figura 48).

Figura 48 – Carta Linguística 2. “uma chuva bem fininha”



Fonte: SGVCLin (2021)

Do cômputo total, 70% das produções apontam para “garoa” como a variante que melhor define uma “chuva bem fininha”. A partir da averiguação pormenorizada da disposição das variantes na Carta 2., atesta-se a difusão da variante pelo território iguaçuense, mesmo que não tenha sido registrada no ponto de inquérito 9. Aparece e, tenha dividido o espaço de realização com outras variantes nos pontos 1. Vila “C”, 5. Jardim Jupira, 7. Morumbi, 8. Jardim Central, 11.

Vila Yolanda e 13. Porto Meira. No ponto 9. Aparecidinha, a variante “chuvisco” foi unânime, confirmada, também, nos pontos 5. Jardim Jupira, 8. Jardim Central, 12. Vila Shalon e 13. Porto Meira. Destaca-se que, em apenas três pontos de inquérito, as variantes “garoa” e “chuvisco” são concomitantes, esse dado, pode sinalizar que “chuvisco”, ao ganhar espaço na fala dos informantes tende a enfraquecer a realização da variante “garoa”. Ainda, acerca da produtividade da variante “chuvisco”, considera-se que sua difusão tenha ganhado força no ponto de inquérito 9. Aparecidinha. Ao analisar a ocorrência da variante na Vila Shalon, ponto 12, a pesquisadora recordou-se da narrativa dos informantes da GII sobre a chegada ao município, excertos 01 e 02. Ao averiguar a ficha dos informantes INF47 e INF48, constatou-se que quando crianças residiram durante alguns anos no ponto 9, onde “chuvisco” foi unânime.

(01) INQ: Com quantos anos você chegou a Foz do Iguaçu?

INF47: Eu era criança, a gente era pequeno.

INQ: E vocês vieram morar direto aqui? Na vila?

INF47: Não, o pai comprou uma chacinha e a gente morou lá, depois que a gente veio pra cá. (12⁶⁵/ 4⁶⁶, Vila Shalon).

(02) INF48: Uma coisa que marcô? É eu acho que o início da minha profissão.

INQ: A senhora pode falar um pouquinho sobre isso?

INF48: Posso sim. Porque a gente morava na roça e minha timidez era muito grande, que não me permitia nem olhar pra pessoas... E o pai queria que os filhos fossem morar pra cidade que era para os filhos terem uma profissão. E o que aconteceu?... O [*nome pessoal*] veio pra trabalhá, trabalhá e estudá aqui, mas não conseguiu porque parece que foi assaltado. A escola era longe, tinha que ir caminhando [...] (12/3, Vila Shalon).

Em relação às ocorrências de “chuvinha”, no ponto 6. Vila Portes, a variante coocorreu com “garoa”. No ponto 8. Jardim Central, coexistiu com outras duas, “garoa” e “chuvisco”. Na Vila “C”, “chuvinha” foi a menos produtiva, em comparação à “garoa”. Apenas na Vila Shalon, “chuvinha” alcançou 50% das realizações. “Chuvisco” com 15% e “chuvinha” com 11% sugerem uma possível disputa pelo segundo lugar, mesmo que por ora, “chuvisco” esteja ocupando essa posição. A escolha por “sereno”, no ponto 7. Morumbi, para designar uma chuva




⁶⁵ Número do ponto de inquérito.

⁶⁶ Número do informante dentro do ponto – Informante 4: mulher, da GII.

fininha encontra respaldo nas significações trazidas nos dicionários supramencionados, ainda que não tenham sido referidas na primeira aceção.

A Figura 49 ilustra a vitalidade das variantes nas últimas décadas em solo paranaense, excetuando-se a investigação empreitada por Busse (2010) que não contemplou a questão.

Figura 49 – Vitalidade das variantes em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense (Questão 18)

VARIANTES	ALPR (1994)	*ALiB (2003)	Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010)*	ALERS (2011)	ALiFI (2021)
GAROA	X	São Miguel do Iguaçu Toledo	Não contemplada	X	X
CHUVISCO	-	2ª Resposta (S.M.I)		-	X
CHUVINHA	-	-		-	X
SERENO	-	-		-	X
OUTRAS	 Chuva Fina Chuva Calma	 Chuvisqueiro (S.M.I) Chuva Fininha – Toledo Chuva de Espantar Burro (S.M.I) - 2ª Resposta		-	 Molha Bobo

Fonte: elaborada pela autora com base em Aguilera (1994), Busse (2010); Altenhofen; Klassmann (Org.) (2011) e no acervo de áudios do ALiB.

A variante “garoa”, constatada pelo ALPR (1994), ALiB (2003), ALERS (2011) e ESeLFI (2022), tem se conservado na fala dos iguaçuenses; depois de quase 30 anos, ser identificada em 71% das ocorrências comprova sua estabilidade na localidade. A variante chuvisco ocorreu apenas como 2ª resposta no ALiB e, no ESeLFI, o número de ocorrência foi pequeno, se comparado ao de “garoa”. Interessante mencionar, as variantes chuva calma (ALPR, 1994) e chuva de espantar burro (ALiB, 2003) foram verificadas como 1ª resposta nos estudos anteriores, já no ESeLFI, passaram a 2ª resposta, presentes somente na GII, acusando o desuso dos termos para a variável em questão.

No ALPR (1994), a variante “garoa” está distribuída por todo o território, coocorrendo com “neblina”; a carta 19, “chuva miúda e demorada”, apresenta a variante “neblina” entrando no estado pelo litoral, seguindo para o Centro-Oeste até chegar em Guairá. Este caso, em especial, reflete o movimento da língua junto aos bandeirantes paulistas no chamado caminho de Peabiru⁶⁷ (MOTA, 2012). Em Guairá,

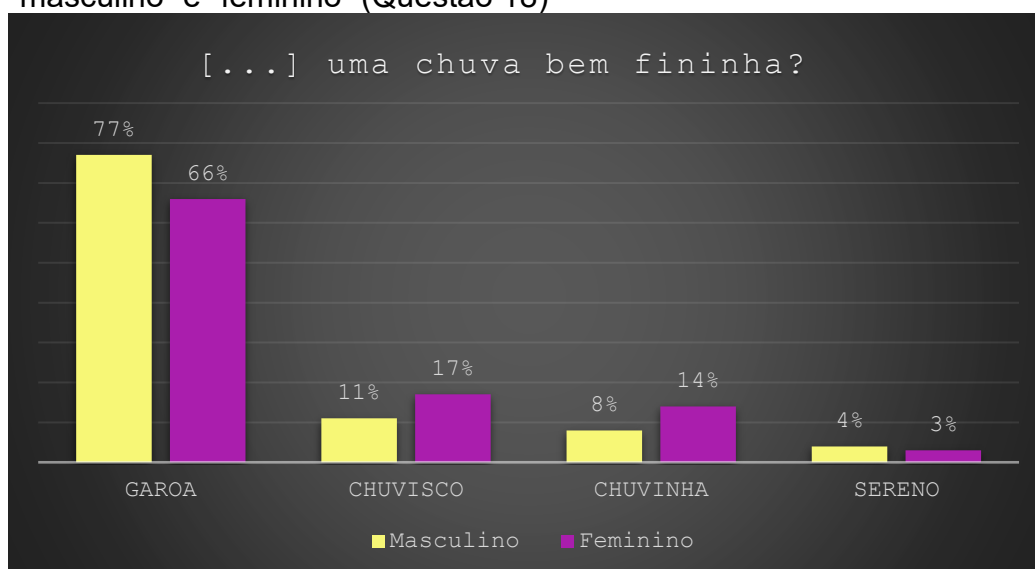
⁶⁷ "O Caminho de Peabiru possui cerca de quatro mil quilômetros. No litoral ele tinha duas entradas, uma no litoral norte de Santa Catarina e outra em Cananeia (SP). Os dois ramais se encontravam

município localizado próximo à fronteira com o Paraguai, a variante “neblina” não é registrada pelo ALPR. Em Toledo e São Miguel, o ALiB aponta “garoa” como prevalente (63%), “chuvisco/chuvisqueiro” (25%) e “chuva fina” (13%). “Garoa” é a variante predominante na região Sul, as ocorrências passam os 70%, alcançando maiores percentuais em Santa Catarina (85%), seguida do Paraná (73%) e Rio Grande do Sul (70%). No Paraná, de Toledo em direção ao Noroeste, “garoa” começa a perder a intensidade e passa a coexistir com “chuvisqueiro/chuvisco”, “librina/lebrina” e “chuva mansa/fina/calma/leve/leviana” (ALERS, 2011).

Resgatando a informação acerca da constatação da variante “sereno” para “chuva miúda” em Foz do Iguaçu/PR e “librina/lebrina” em Céu Azul/PR, ponto 192 do ALERS, também fazendo menção à “chuva miúda”, Isquierdo (2000, p. 66) esclarece: “observa-se, pelas respostas dadas a essa questão, que fenômenos, cientificamente considerados distintos, são percebidos pelo homem comum como semelhantes. Isso explica o uso de uma mesma unidade léxica - neblina - para nomear duas manifestações atmosféricas distintas” (ISQUIERDO, 2000, p. 66).

6.2.1 A Distribuição Diassexual das Variantes para “uma chuva bem fininha”

Gráfico 7 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 18)



Fonte: elaborado pela autora.

no Norte do Paraná, formando um único caminho que rumava em direção a Guaíra. Este seguia pela região fronteira e adentrava a Bolívia até Santa Cruz, dividindo-se depois em ramais para Cusco e para a Região Norte do Chile” (BUCHE, 2017).

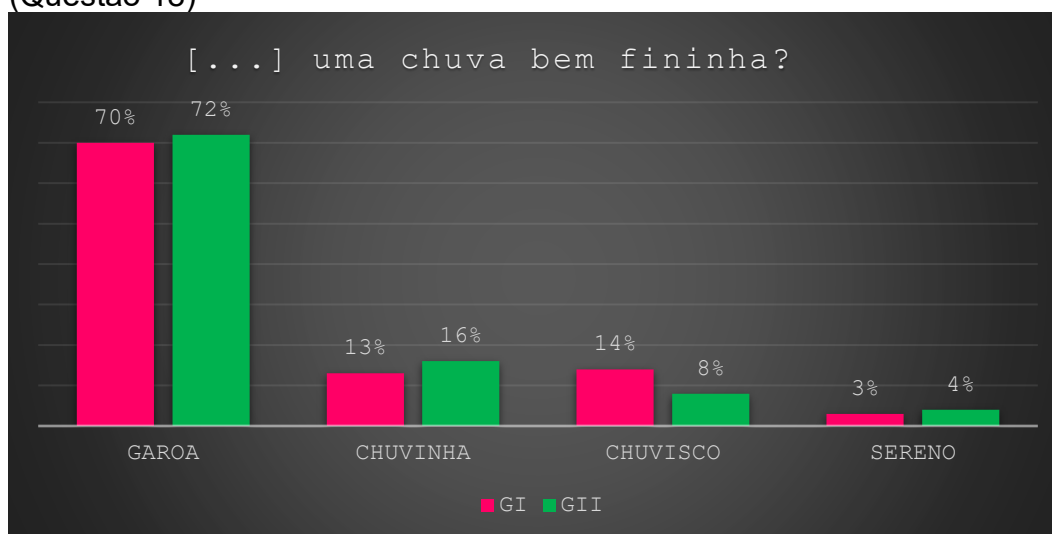
A distribuição das variantes para “garoa” se manteve equilibrada na dimensão diassexual. As variantes identificadas nos dois parâmetros foram “garoa”, “chuvisco”, “chuvinha” e “sereno”; a mais produtiva, “garoa”, está na fala dos homens e na fala das mulheres, 77% e 66%, respectivos.

Concernente à variante “chuvisco”, pondera-se: “chuvisco” não foi identificada pelo ALPR (1994) em Foz do Iguaçu/PR, no entanto, em Guaíra/PR e Marechal Cândido Rondon/PR ocorreu como 2ª resposta. Em 2003, a presença é confirmada pelo ALiB em São Miguel do Iguaçu/PR e, em 2022, no ESeLFI é computada em 15% das realizações. Mesmo que paulatinamente, a variante tem entrado nos espaços do Oeste; e, em Foz do Iguaçu/PR, é a segunda variante mais frequente na fala feminina.

“Garoa” foi unânime entre ambos os sexos nos pontos de inquérito: 2. Três Lagoas, 3. Vila “B”, 4. Vila “A”, 10. Jardim América, 14. Morenitas e 15. Aeroporto; apenas entre os homens: 6. Vila Portes, 8. Jardim Central, 11. Vila Yolanda e 13. Porto Meira; e entre as mulheres, apenas no ponto 1. Vila “C”. Nos demais pontos, “garoa” coexiste com “chuvisco”, “chuvinha” e “sereno”. A produção de “chuvisco” foi unânime entre homens e mulheres apenas no Aparecidinha e, entre os homens do Jardim Jupira. “Chuvinha” foi comum entre as mulheres e “sereno” foi identificado na fala de ambos os sexos, sendo a resposta de um informante de cada grupo.

6.2.2 A Distribuição Diageracional das Variantes para “uma chuva bem fininha”

Gráfico 8 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 18)

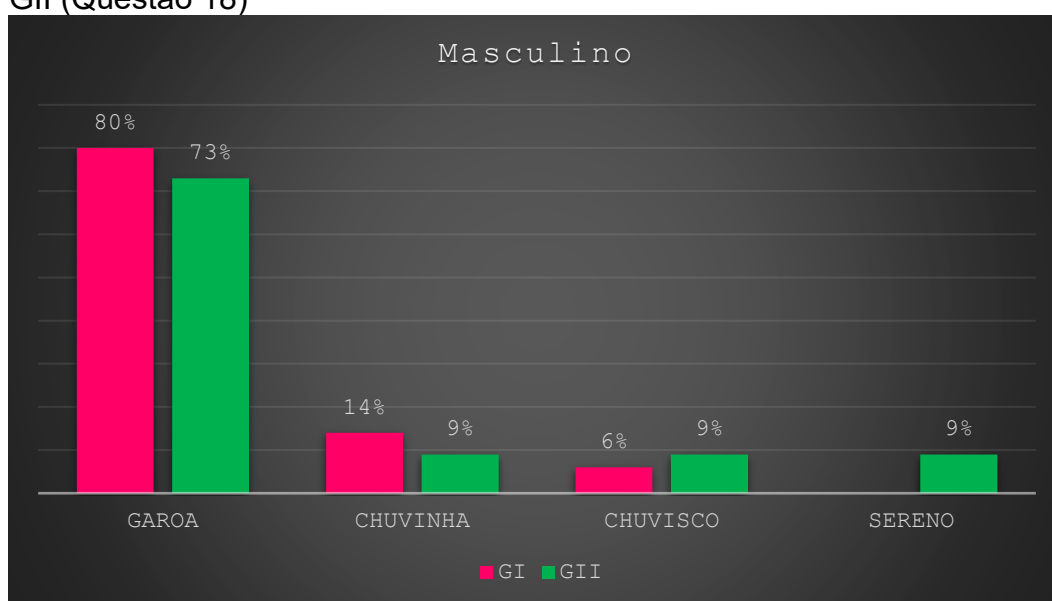


Fonte: elaborado pela autora.

A respeito da produtividade das variantes na dimensão diageracional, “garoa” foi a resposta de 70% dos informantes da GI e 72% da GII. No entanto, entre os jovens, na segunda colocação de variantes mais comuns, dividem espaço “chuvinha” (13%) e “chuvisco” (14%), seguidas de “sereno”, responsável por apenas 3% da produtividade. Na GII, “chuvisco” representa 16% das ocorrências, chuvinha (8%) e sereno (4%). “Garoa” ocorreu integralmente entre os jovens das localidades: 1. Vila “C”, 2. Três Lagoas, 3. Vila “B”, 4. Vila “A”, 10. Jardim América, 11. Vila Yolanda, 14. Morenitas e 15. Aeroporto; e “chuvinha” e “chuvisco”, entre os jovens dos pontos 12. Vila Shalon e 9. Aparecidinha, respectivamente. A variante “sereno” não foi unânime em nenhuma das faixas etárias.

Na GII, apenas “garoa” e “chuvisco” foram respostas unânimes, “garoa” nos pontos: 3. Vila “B”, 4. Vila “A”, 5. Jardim Jupira, 6. Vila Portes, 10. Jardim América, 13. Porto Meira, 14. Morenitas, e “chuvisco” nos pontos: 9. Aparecidinha e 12. Vila Shalon. Nos pontos 1. Vila “C”, 7. Morumbi, 8. Jardim Central e 11. Vila Yolanda, a variante “garoa” coocorreu com “chuvisco”, “chuvinha” ou “sereno”. Referente à GII do ponto 15, não foi possível coletar os dados na localidade. Logo, não há variante registrada para esse grupo.

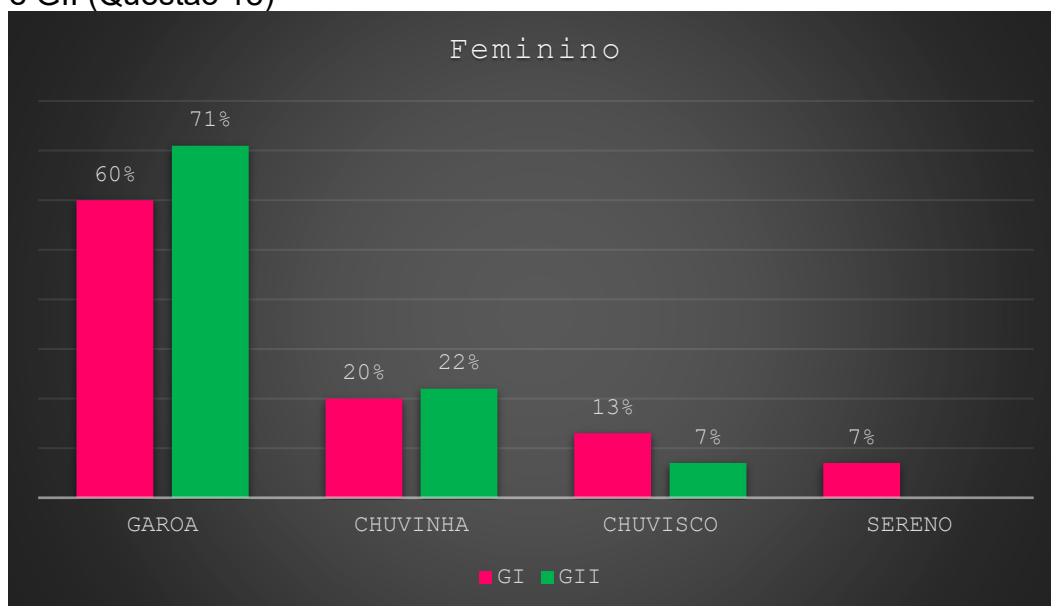
Gráfico 9 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 18)



Fonte: elaborado pela autora.

“Garoa” é a mais comum na fala dos homens de ambas as gerações. “Chuvisco” é a segunda variante mais produtiva, 14% na GI e 9% na GII. As produções de “chuvinha” e “chuvisco” são proporcionais, ainda que “chuvinha” seja mais recorrente à fala da GI, a diferença nos percentuais não é discrepante. A confirmação acerca do aumento na produtividade poderá compor um estudo futuro, por ora, GI e GII mantêm o equilíbrio na escolha linguística. A variante “sereno” não foi constatada na fala da GI e entre os homens mais jovens apenas três variantes nomeiam uma chuva bem fininha: “garoa”, “chuvinha” e “chuvisco”.

Gráfico 10 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII (Questão 18)



Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à produtividade das variantes entre as mulheres, “garoa” é mais recorrente entre as mulheres da GII (72%), ao passo que na GI, a produção é de 60%. Na GI feminina, “chuvinha” ocupa a segunda posição das variantes mais produtivas (20%). É, também, na GI a identificação da variante “sereno”. A segunda variante mais frequente entre as mulheres da GII é “chuvisco”.

Da verificação dos dados descritos para “garoa”, as dimensões diassexual e diagenérica não foram condicionantes, visto que são identificadas de modo equilibrado entre as variáveis. “Chuvisco”, quando considerada isoladamente, ressaltam-se dois fatores: i) é mais produtiva na fala das mulheres; ii) alcança quase o dobro de realizações na fala da GI em relação à GII. “Chuvinha” é mais recorrente

na fala das mulheres e na GII, uma nova variante é identificada na GII. Logo, crê-se que Foz do Iguaçu/PR esteja diante de uma nova batalha entre variantes: “chuvisco/garoa”, “chuvinha/garoa”, concomitante à “chuvisco/chuvinha”.

No tocante à “sereno”, a justificativa poderia encontrar respaldo em fatores históricos, por se tratar da confirmação de duas ocorrências no mesmo ponto de inquérito: ponto 7. Morumbi. Revisitando o aporte teórico para a construção dos capítulos desta tese, não foi possível encontrar fatores que coadunados esclarecessem o motivo pela escolha da variante. Como descrito, estudos comprovam a presença da palavra em outras regiões do Brasil, todavia, presume-se que seja fruto da incompreensão do informante sobre a propriedade física de cada fenômeno que o distingue dos demais. Ou, ainda, de características análogas que “autorizam” a opção por uma ou outra variante sem prejuízo na comunicação. Por outro lado, dentro das áreas destinadas aos estudos desses fenômenos a troca, por exemplo, de “neblina” por “garoa”, poderia gerar ônus ao que se deseja investigar.

Quadro 15 – Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diassexual e diagenérica para “[...] uma chuva bem fininha”

GAROA	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Variante mais profícua no falar iguaçuense. 2. Não há consenso quanto à etimologia da palavra; 3. É a única variante identificada em seis pontos de inquérito; 4. É mais produtiva em cinco pontos em que coexiste com mais uma variante; 5. Coexiste com mais duas variantes apenas no 8. Jardim Central; 6. Está em equilíbrio perfeito com a variante “sereno” no 7. Morumbi; 7. Não houve ocorrência em dois pontos de inquérito: 9. Aparecidinha e 12. Vila Shalon.
	Síntese Diassexual	2. A ocorrência da variante ainda está equilibrada, no entanto, a diminuição da frequência entre as mulheres e o aumento da variante “chuvisco”, enceta, gradativamente, um novo ciclo. Os resultados do decurso desse ciclo requerem investigações futuras.
	Síntese Diagenérica	1. Encontra-se em equilíbrio, 70% na GI e 72% na GII.
CHUVISCO	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ainda que em menores proporções, é identificada como 2ª variante mais profícua; 2. É unânime na comunidade rural Aparecidinha; 3. Na Vila Shalon, está em perfeito equilíbrio com “chuvinha”;

		4. Coexiste com “garoa” nos pontos 5. Jardim Jupira e 13. Porto Meira; 5. Coexiste com “garoa” e “chuvinha” no Jardim Central; 6. Não constatada pelo ALPR (1994) e ALERS (2011), computada pelo ALIB (2003) e ESeLFI (2022).
	Síntese Diassexual	1. Embora em equilíbrio, é mais frequente na fala feminina. As mulheres tendem a principiar as inovações na língua, sejam conscientes ou inconscientes (MOUTON, 2000).
	Síntese Diageracional	1. É mais recorrente na GI, quase o dobro de realizações; 14% na GI e 8% na GII.
CHUVINHA	Síntese Diatópica	1. Identificada em cinco pontos de inquérito; 2. Coocorre em equilíbrio perfeito na 6. Vila Portes, com “garoa”, e na 12. Vila Shalon, com “chuvisco”; 3. Coocorre com “garoa” na 1. Vila “C” e na 11. Vila Yolanda; 4. Coexiste com “chuvisco” e “garoa” no Jardim Central.
	Síntese Diassexual	1. As mulheres elegem “chuvinha” com mais frequência.
	Síntese Diageracional	1. É mais recorrente na GII.
SERENO	Síntese Diatópica	1. Identificada em apenas um ponto de inquérito, 7. Morumbi; 2. Ocorre em outros estados do Brasil, em Mato Grosso do Sul, por exemplo (ISQUIERDO, 2000).
	Síntese Diassexual	1. Com apenas uma ocorrência, é identificada na fala de ambos os sexos.
	Síntese Diageracional	Constatada na GI e GII.

Fonte: elaborado pela autora.

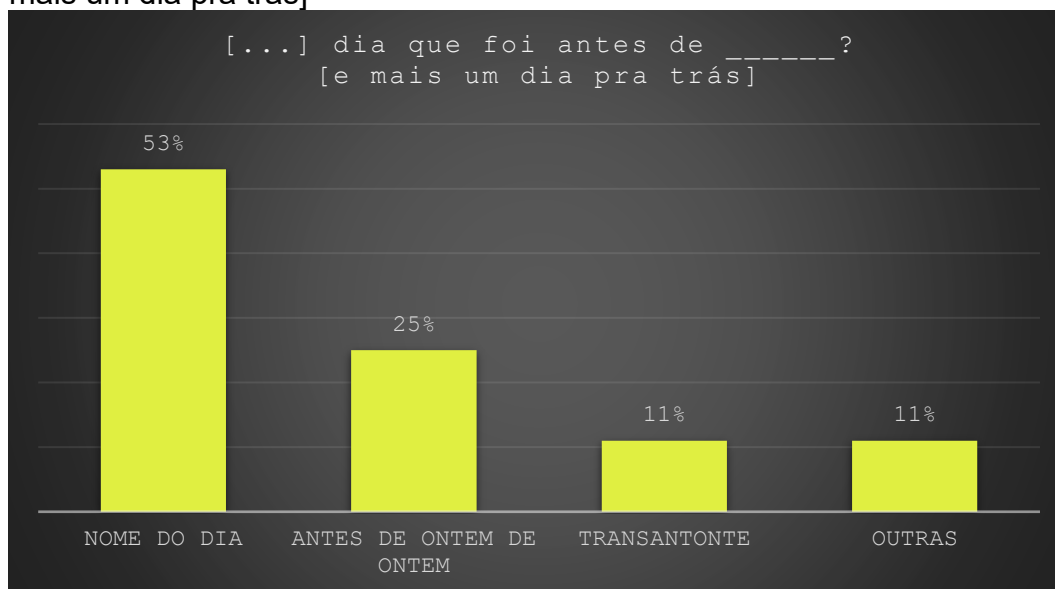
6.3 QUESTÃO 38. ... O DIA QUE FOI ANTES DE _____? [E MAIS UM DIA PARA TRÁS?]

Em resposta ao dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás], constatou-se a realização das variantes: “nome do dia”, “antes de ontem de ontem”, “transantonte”, “faz três dias”, “três dias atrás”, “três anteontem”, “tresontontem”, “nome do dia passado(a)” e “ontontem”. Contudo, para a melhor organização e visualização dos gráficos e das cartas linguísticas, optou-se por reunir em “outras” as variantes contabilizadas apenas uma vez, desse modo: “faz três dias”, “três dias atrás”, “três anteontem”, “tresontontem”, “três dias”, “nome do dia + passado(a)” e “ontontem” estão representadas pela forma outras.

Para as variantes com maior ocorrência, a que menciona o nome do dia foi registrada em 53% das ocorrências; “antes de ontem de ontem” em 25%;

“transantonte” em 11%; e “outras” em 11% dos registros (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Ocorrências das variantes para “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”



Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à distribuição diatópica, a Figura 50 expõe a realização das variantes para “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”

Figura 50 – Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto (Questão 38)

Ponto de Inquérito	Variantes			
	NOME DO DIA	ANTES DE ONTEM DE ONTEM	TRANSANTONTE	OUTRAS
1. Vila C	X	X		X
2. Três Lagoas	X	X		
3. Vila B	X	X		X
4. Vila A	X	X		
5. Jardim Jupira	X		X	
6. Vila Portes	X			
7. Morumbi	X	X		
8. Jardim Central	X	X		
9. Aparecidinha	X			
10. Jardim América	X	X	X	
11. Vila Yolanda		X	X	X
12. Vila Shalon	X		X	X
13. Porto Meira	X	X		X
14. Morenitas	X	X	X	
15. Aeroporto	X			

Fonte: elaborada pela autora com base no banco de dados do ESeLFI.

Nesta subseção, ao contrário da disposição apresentada anteriormente, não serão elencadas as variantes computadas pelo ESeLFI em contraste com as acepções trazidas pelos dicionários Aurélio (2021), Caldas Aulete (2021) e Michaelis (2021). Justifica-se a ponderação mediante a ausência de designações para as variantes fornecidas pelos informantes nas três obras lexicográficas selecionadas. Todavia, explanam-se os significados para as variáveis “trasanteontem” e “transantonte”.

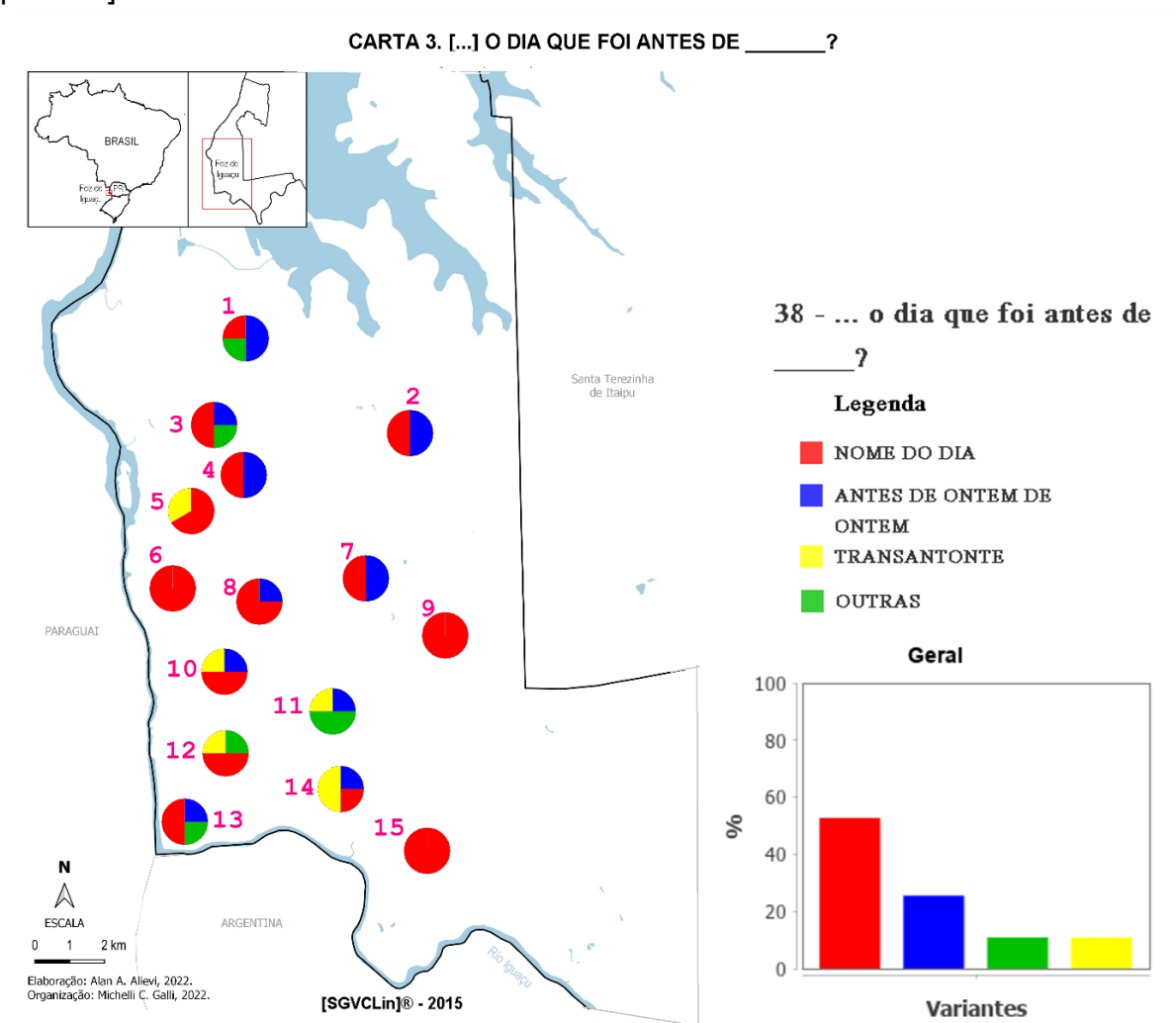
Os três dicionários retratam “trasanteontem” como o dia anterior ao de anteontem, porém, apenas o Caldas Aulete acrescenta à definição: “ou há quatro dias”. A forma “transantonte” é referida como variante de “trasanteontem” no Caldas Aulete e no Michaelis. A etimologia, tras-+anteontem, é trazida pelo Aurélio e pelo Michaelis, não sendo mencionada pelo Caldas Aulete. O sinônimo “transantonte” é uma forma mais antiga, datada de 1721, com o registro histórico: trazantontem” (MARTINS, 2011, p. 205).

Quanto ao índice de ocorrências e de disseminação das variantes no território iguaçuense, a vitalidade do “nome do dia”, substituto da expressão “trasanteontem” pelo dia da semana do fato ocorrido, foi comprovada em 14 dos 15 pontos de inquérito, perfazendo 52% das produções; apenas os informantes da Vila Yolanda não contemplaram em suas respostas o nome do dia da semana, optando pelas variantes “antes de ontem de ontem” e “transantonte” (variante dicionarizada), e a representação “outras”. A variante “nome da semana” foi a única registrada nos pontos de inquérito 6. Vila Portes, 9. Aparecidinha e 15. Aeroporto; nos pontos 5. Jardim Jupira e 8. Jardim Central, as ocorrências da variante foram predominantes, coexistindo com “transantonte” e “antes de ontem de ontem”, ainda que essas variantes representem menores proporções, 33% e 25%, respectivamente. Nos pontos 2. Três Lagoas, 4. Vila “A” e 7. Morumbi, a distribuição foi uniforme entre “nome do dia” e “antes de ontem de ontem”.

Nas localidades 1. Vila “C”, 3. Vila “B”, 10. Jardim América, 11. Vila Yolanda, 12. Vila Shalon, 13. Porto Meira e 14. Morenitas, registrou-se a coocorrência de três variantes. No ponto 1. Vila “C”, “antes de ontem de ontem” representou 50% da escolha lexical dos informantes; seguida de “nome do dia” (25%) e outras (25%). No ponto 3. Vila “B”, 10. Jardim América, 12. Vila Shalon e 13. Porto Meira, “nome do dia”, perfaz 50% das ocorrências. Na 3. Vila “B”, coexistem “nome do dia” (50%), “antes de ontem de ontem” (25%) e “outras” (25%). No 10. Jardim América, “nome do

dia” (50%), “antes de ontem de ontem” (25%) e “transantonte” (25%). Na 12. Vila Shalon, “nome do dia” (50%), “transantonte” (25%) e “outras” (25%) e, por fim, no 13. Porto Meira, “nome do dia” (50%), “antes de ontem de ontem” (25%) e “outras” (25%). Os pontos 11. Vila Yolanda e 14. Morenitas apresentaram um perfil individual em relação à escolha da variante “nome do dia”; nesses pontos, a representação “outras” e “transantonte” foram categóricas. Assim, no ponto 11. Vila Yolanda, os percentuais registrados foram para “outras” (50%), “antes de ontem de ontem” (25%) e “transantonte” (25%), e no ponto 14. Morenitas, “transantonte” (50%), “nome do dia” (25%) e “antes de ontem de ontem” (25%), conforme se visualiza na Figura 51.

Figura 51 – Carta Linguística 3. “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”



Fonte: SGVCLin (2022).

Quando comparados, os dados do ALPR (1994), do ALiB (2003)⁶⁸ e do

⁶⁸ A investigação da questão “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]” não foi

ESeLFI comprovam as inúmeras possibilidades de respostas apontadas pelos informantes (Figura 52).

Figura 52 – Vitalidade das variantes em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense (Questão 38)

VARIANTES	ALPRI (1994)	*ALiB (2003)	ALERS (2011)	Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010)*	ASeLFI (2021)
NOME DO DIA	-	Toledo			X
ANTES DE ONTEM DE ONTEM	-	-			X
TRANSANTONTE	-	-	Variantes não cartografadas	Questão não contemplada	X
OUTRAS	Treisantonti Treisontonte	Ontem de ontem de ontem – Toledo Antiontem – Toledo Antes de antes de ontem - Toledo Ontonti – S.M.I Ontonti – S.M.I Antes de antiontem – S.M.I			Tresontontem Tresontonti 2ª Resposta

Fonte: elaborada pela autora com base em Aguilera (1994), Busse (2010); Altenhofen; Klassmann (Org.) (2011) e no acervo de áudios do ALiB.

Ressalva-se que a variante “trasanteontem”, sugerida como resposta no QSL do ALiB, não foi identificada dentre as realizações. Devido à multiplicidade de probabilidades, apenas a variante “nome do dia” foi coincidente entre o ALiB (2003) e o ESeLFI (2021). As demais variantes possuem formas aproximadas, como é caso de “treisantonti” e “treisontonte” (ALPR, 1994) e “tresontontem” e “tresontonti” (ESeLFI, 2021); “Ontem de ontem de ontem”, “antes de anteontem” e “antes de antes de ontem” (ALiB, 2003) e “antes de antes de ontem” (ESeLFI, 2022) (Figura 52). Importante mencionar, durante a coleta de dados para o ESeLFI, nas entrevistas, foi unânime entre os informantes o titubeio, pausas e risos antes de pronunciarem as respostas; essas atitudes foram resultantes da insegurança, do desconhecimento, da dúvida, do esquecimento e até mesmo do constrangimento, conforme excertos 03 e 04.

(03) INQ: Hoje é segunda-feira (pausa). Hoje é que dia?
 INF1: Hoje é quarta-feira (risos).
 INQ: (risos) Quarta-feira. Terça-feira foi?
 INF1: Ontem.
 INQ: Segunda foi?
 INF1: Antes di ontem.

contemplada no estudo de Busse (2010) e no ALERS (2011), ainda que faça parte do questionário desses atlas.

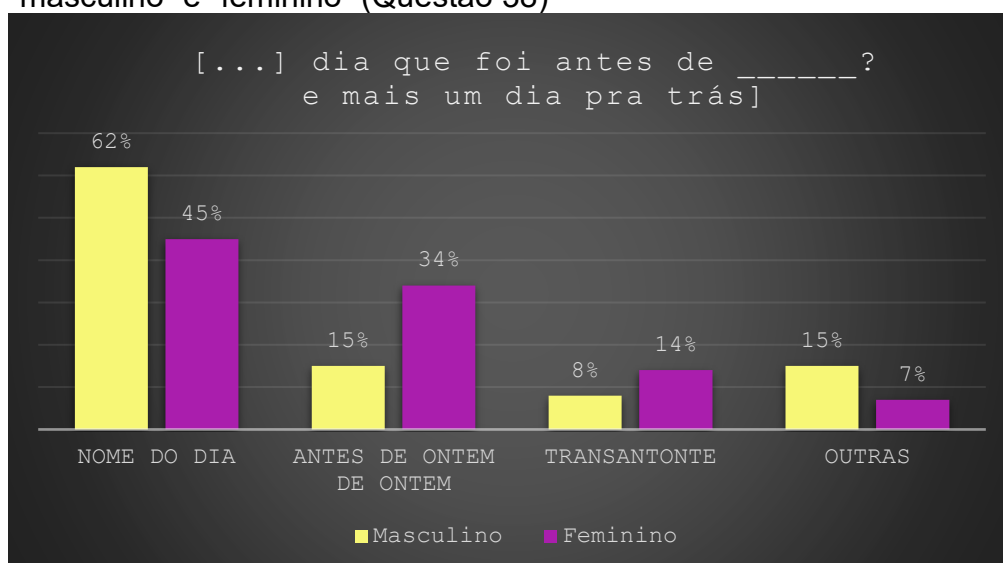
INQ: Domingo foi?
 INF1: (silêncio) antes de antes de ontem.
 INQ: Ok. (01/ 1, Vila “C”).

(04) INQ: Hoje é quinta-feira. Quarta-feira foi?
 INF16: Ontem.
 INQ: Terça-feira foi?
 INF16: Antes de ontem.
 INQ: Segunda-feira foi?
 INF16: (silêncio) Treisontem... (risos) não!
 [A informante olha para a inquiridora como se buscasse uma aprovação.]
 INQ: Fique tranquila, é como você fala. Você fala?
 INF16: Treisontem, brincando eu falo (risos).
 INQ: É?! Mas se você tivesse que se referir a esse dia, você diria? Diria treisontem ou segunda-feira?
 INF16: Segunda-feira. (04/ 4, Vila “A”).

As reações dos informantes apontam para o possível desconhecimento da escrita da palavra “trasanteontem”, e até mesmo da pronúncia. Trasanteontem é atribuída à designação do “dia que precedeu ao de anteontem” e por representar “três dias antes de hoje”, tem-se: “tresontem” e “tresontem”. Acredita-se que perante a incerteza, a opção pelo “nome do dia” evitaria o erro na pronúncia por parte do entrevistado, principalmente, em situação de fala mais monitorada, como é o caso da entrevista gravada.

6.3.1 A Distribuição Diassexual das Variantes para “[...] dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”

Gráfico 12 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 38)



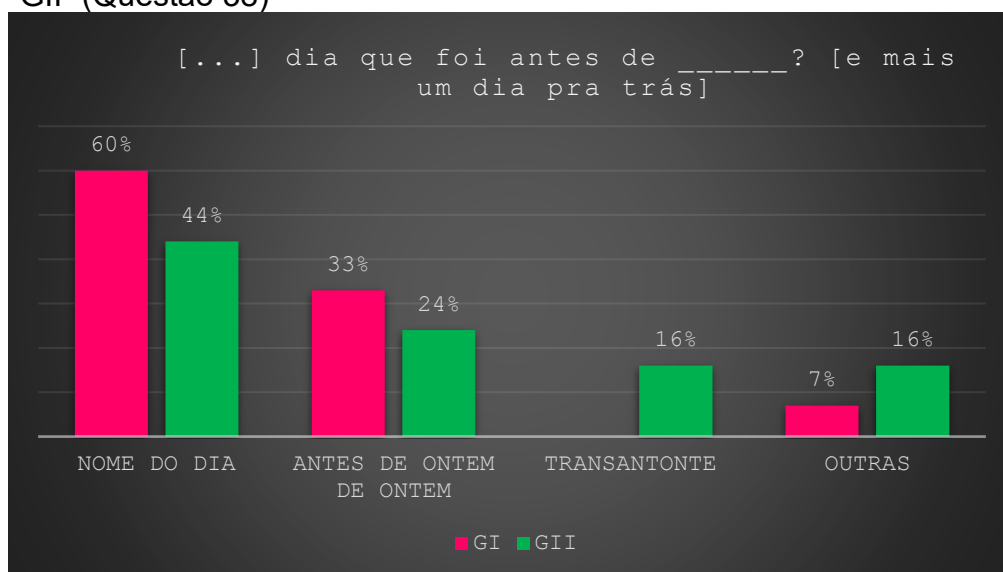
Fonte: elaborado pela autora.

No que tange à produtividade das variantes na dimensão diassexual, entre os homens “o nome do dia”, variante mais profícua, corresponde a 62% das ocorrências e, entre as mulheres, 45%. “Antes de ontem de ontem”, segunda variante mais frequente entre ambos os sexos, divide a posição na fala masculina com a forma “outras”. Na fala feminina, porém, “antes de ontem de ontem” não apresenta produtividade tão inferior à “nome do dia”, representando 34% das produções. Na fala dos homens, “transantonte” desempenha o menor número de realizações (8%), e, entre as mulheres, ocupa a terceira colocação (14%), seguida de “outras” (7%). A variante “nome do dia” foi categórica na fala de ambos os sexos nos pontos de inquérito 6. Vila Portes, 9. Aparecidinha e 15. Aeroporto, e, apenas na fala dos homens, nos pontos 2. Três Lagoas, 5. Jardim Jupira, 8. Jardim Central e 10. Jardim América.

Em sete pontos de inquérito 1. Vila “C”, 3. Vila “B”, 4. Vila “A”, 7. Morumbi, 12. Vila Shalon, 13. Porto Meira e 14. Morenitas, em ambos os sexos, “nome do dia” dividiu espaço no campo das variações com uma das demais variantes, “antes de ontem de ontem”, “transantonte” ou com a forma “outras”. Entre as mulheres do ponto 5. Jardim Jupira e 8. Jardim Central, identificou-se a coexistência de “nome do dia” e “transanteonte” e, “nome do dia” e “antes de ontem de ontem”, respectivamente. Nos pontos 10. Jardim América, 11. Vila Yolanda e 14. Morenitas, a variante “nome do dia”, não foi mencionada entre as mulheres, coocorrendo “antes de ontem de ontem” e “transantonte”. Por fim, no ponto 2. Três Lagoas, “antes de ontem de ontem” foi unânime entre as mulheres; no ponto 11. Vila Yolanda, somente “outras” foi computada na fala dos homens.

6.3.2 Distribuição Diageracional das Variantes para “[...] dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”

Gráfico 13 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 38)



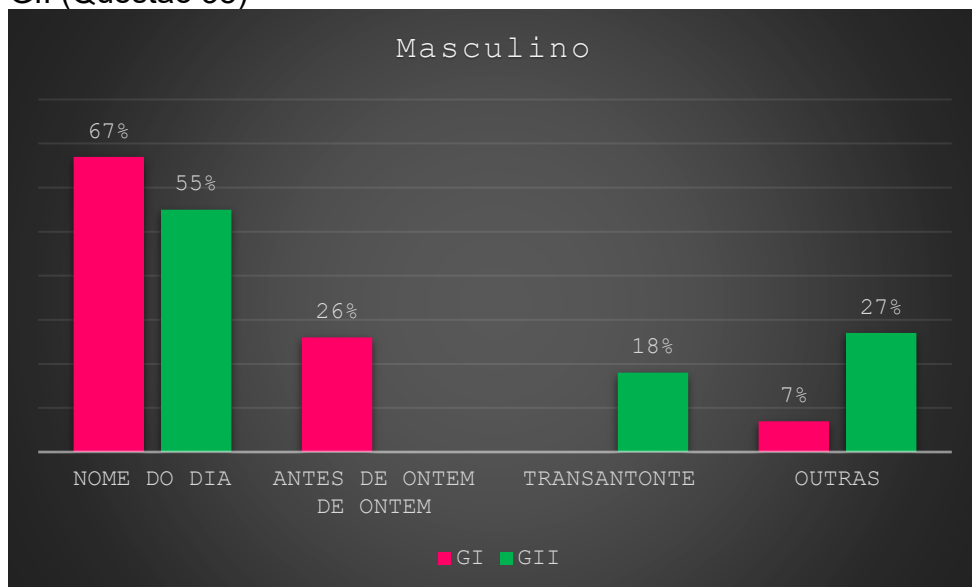
Fonte: elaborado pela autora.

Na dimensão diageracional, “nome do dia” é a variante preponderante, abarcando 60% das ocorrências na GI e 44% na GII. Na GI, mais jovens, verificou-se a coocorrência de “nome do dia”, “antes de ontem de ontem” e a representação “outras”, e na GII, “nome do dia”, “transantonte”, “antes de ontem de ontem” e “outras”. Imprescindível mencionar, conforme corroboram os dados, “trasanteontem” e suas variantes aproximadas são desconhecidas pelos informantes da GI, não sendo verificadas como 2ª resposta, nem nos comentários complementares que poderiam sugerir hipóteses acerca da estrutura da palavra.

Concernente à disposição das variantes, “nome do dia” é única nas gerações I e II, dos pontos de inquérito 6. Vila Portes e 9. Aparecidinha. Nos pontos 2. Três Lagoas, 3. Vila “B”, 4. Vila “A”, 7. Morumbi, 10. Jardim América, 12. Vila Shalon e 13. Porto Meira, “nome do dia” coocorre com mais uma variante em ambas as faixas etárias. Na GI, dos pontos 5. Jardim Jupira e 15. Aeroporto, “nome do dia” é unânime. Na GII, do ponto 8. Jardim Central, verifica-se a prevalência de “nome do dia”, já nos pontos 5. Jardim Jupira e 14. Morenitas, “transantonte” é categórica. Com um perfil mais individualizado e sem a constatação de “nome do dia”, na GII, do ponto 1. Vila “C”, “antes de ontem de ontem” e “outras” ocorreram igualmente, 50% das ocorrências, cada. Na GI, do ponto 11. Vila Yolanda, “antes de ontem de ontem” e “outras” correspondem, igualmente, a 50% das produções, cada; e na GII, do mesmo ponto, “transantonte” e “outras” foram referidas pelos falantes, cada uma em 50% das

produções.

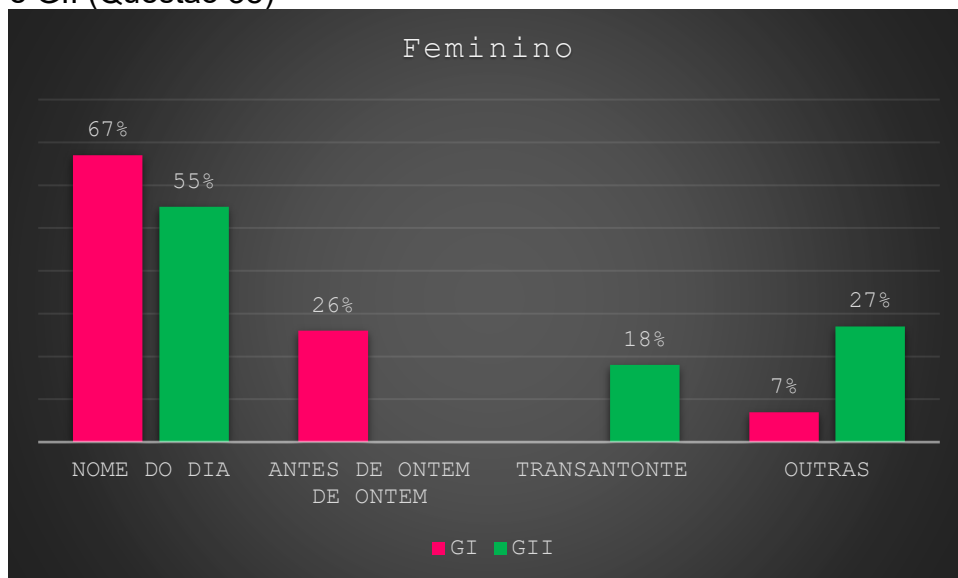
Gráfico 14 - Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 38)



Fonte: elaborado pela autora.

A variante “nome do dia” representa o maior índice de ocorrências entre os homens da GI (67%) e da GII (55%); “transantonte” não foi identificada na fala dos homens da GI, em contrapartida, “antes de ontem de ontem” não faz parte do repertório masculino da GII.

Gráfico 15 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII (Questão 38)



Fonte: elaborado pela autora.

As variantes “nome do dia” e “antes de ontem de ontem” representam a 1ª e a 2ª posições das variantes na GI e GII, embora sejam registradas com percentuais distintos. Igualmente à verificação da fala masculina da GI, entre as respostas das mulheres da GI, “transantonte” não foi identificada, portanto, os dados do ESeLFI indicam o possível desaparecimento da variante na fala das futuras gerações de Foz do Iguaçu/PR.

Em suma, “nome do dia” mostra-se difundida no território iguaçuense, exceto no ponto 11. Vila Yolanda. Nele, as variantes identificadas “antes de ontem de ontem” “transantonte” e a forma “outras” representam a escolha da mulher da GII, homem da GII e ambos os informantes da GI, respectivamente. Os informantes da GI, a partir de designações distintas, chegam a duas denominações relacionadas à quantidade de dias corridos do momento hipotético à data da entrevista, resultando em: “faz três dias” e “três dias atrás”. Esse motivo justifica a ausência da variante “nome do dia” e “antes de ontem de ontem” na localidade, demais designações constatadas na GI. Reitera-se, “antes de ontem de ontem” e indicação de variantes que fazem menção aos dias transcorridos, “três”, são motivadas pelo enunciado da questão.

A presença de “transantonte” é constatada apenas na fala da GII, trata-se de uma variante mais antiga, provavelmente incomum aos contextos de fala, e talvez de escrita, dos informantes da GI, motivo que fundamenta a sua ausência entre os falantes de 18 a 30 anos. Não sendo transmitidas às gerações mais jovens, “trasanteontem” e “transantonte” rumam para o seu desuso na língua portuguesa.

Quadro 16 – Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diassexual e diagenérica para “o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]”

NOME DO DIA	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. É a variante mais recorrente no território iguaçuense, confirmada em 14 pontos de inquérito, exceto na 11. Vila Yolanda; 2. Unânime na 6. Vila Portes, 9. Aparecidinha, 15. Aeroporto; 3. É a mais profícua em cinco pontos de inquérito; 4. Coexiste com mais duas variantes em seis pontos de inquérito; 5. Está em equilíbrio perfeito apenas com “antes de ontem de ontem” em três pontos de inquérito, 2. Três Lagoas, 4. Vila A e 7. Morumbi.
--------------------	-------------------	--

		6. Nos pontos em que se constatou a presença da variante, a menor ocorrência foi na Vila “C” (25%) e no Morenitas (25%); 7. Única variante síncrona com os dados do ALiB, no Oeste do Paraná.
	Síntese Diassexual	1. É mais profícua na fala dos homens; 2. Dentre as variantes, é a mais recorrente entre as mulheres.
	Síntese Diageracional	1. Identificada em 60% das ocorrências na GI; 2. É a variante mais profícua na GII.
ANTES DE ONTEM DE ONTEM	Síntese Diatópica	1. É a variante mais recorrente na região Norte e Nordeste de Foz do Iguaçu/PR; 2. Em contrapartida, no Sul, foi a variante menos produtiva; 3. Está em equilíbrio perfeito com “nome do dia” nos pontos 2. Três Lagoas, 4. Vila A e 7. Morumbi.
	Síntese Diassexual	1. É mais frequente na fala das mulheres; 2. Entre os homens, ocorre na mesma proporção que a forma “outras”, 15%; 3. Na fala das mulheres, a diferença no percentual de “antes de ontem de ontem” e “nome do dia” não revela grande discrepância; 4. As mulheres são as responsáveis pela difusão de “antes de ontem de ontem” na região Sul de Foz do Iguaçu/PR.
	Síntese Diageracional	1. É mais frequente na GI, ainda que os dados não revelem ampla diferença, 33% GI e 24% GII.
TRANSANTONTE	Síntese Diatópica	1. Profícua na região pioneira de Foz do Iguaçu/PR, somando-se ao Jardim América, localidade que já recebia moradores antes mesmo da chegada do “boom” da construção de Itaipu; 2. É a variante mais recorrente no Morenitas; 3. Em quatro bairros onde se comprova a presença da variante, 10. Jardim América, 11. Vila Yolanda; 12. Vila Shalon, 14. Morenitas, há a coexistência de outras duas, exceto no Jardim América.
	Síntese Diassexual	1. É mais frequente na fala das mulheres, possivelmente, as responsáveis pelo desaceleramento do processo de desuso da variante.
	Síntese Diageracional	1. A abordagem de Martins (2011), sustenta os dados do ESeLFI, ao indicar “trasanteontem” e “transantonte” como variantes mais antiga e ativas apenas na GII.
OUTRAS	Síntese Diatópica	1. As variantes reunidas em “outras” foram mencionadas apenas uma vez pelos falantes. Coexistem com outras duas variantes em quatro pontos de inquérito; 2. No ponto 11. Vila Yolanda foi a representação mais profícua, dada a característica do enunciado da questão que faz menção aos dias transcorridos.
	Síntese Diassexual	1. Ocorreu com mais frequência na fala dos homens.

	Síntese Diageracional	1. É mais frequente entre os falantes da GII, com as variantes: “nome do dia passado”, “ontotem” e “tresontotem”.
--	-----------------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

6.4 QUESTÃO 87. ... AQUELE BICHO QUE DÁ NO ESTERCO, EM PAU PODRE?

Na cidade de Foz do Iguaçu/PR, a variante mais frequente para o *bicho que dá no esterco, em pau podre* é *coró* (37%), seguida de *larva* (24%), *outras* (*bussam, rugão, bussano, mandruvá, taturana, bicho peludo* etc.) (14%), *lagarta* (14%) e *verme* (11%), conforme Gráfico 17.

Gráfico 16 – Ocorrências das variantes para “[...] o bicho que dá no esterco, no pau podre?”



Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à distribuição diatópica, a Figura 53 expõe a realização das variantes em Foz do Iguaçu/PR. De modo geral, em cada ponto de inquérito duas a três variantes foram registradas, exceto no ponto 15. Aeroporto, fenômeno que pode ser justificado pela ausência de informantes na geração II (GII).

Figura 53 – Produção das variantes para “[...] o bicho que dá no esterco, em pau podre?” nos pontos de inquérito e destaque na variante mais profícua por ponto

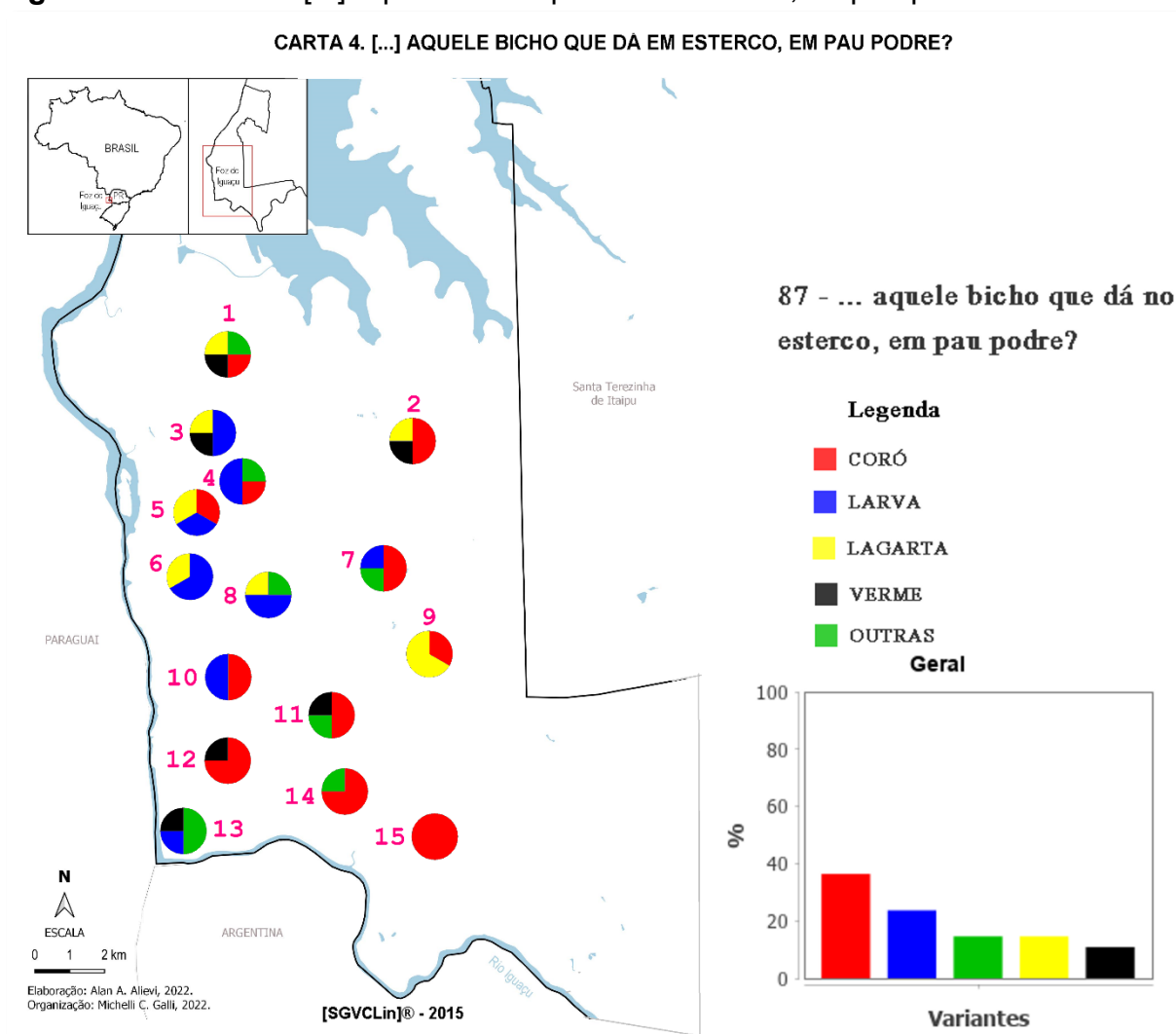
Ponto de Inquérito	Variantes				
	CORÓ	LARVA	LAGARTA	VERME	OUTRAS
1. Vila C	X		X	X	X
2. Três Lagoas	X		X	X	
3. Vila B		X	X	X	
4. Vila A	X	X			X
5. Jardim Jupira	X	X	X		
6. Vila Portes		X	X		
7. Morumbi	X	X			X
8. Jardim Central		X	X		X
9. Aparecidinha	X		X		
10. Jardim América	X	X			
11. Vila Yolanda	X			X	X
12. Vila Shalon	X			X	
13. Porto Meira		X		X	X
14. Morenitas	X				X
15. Aeroporto	X				

Fonte: elaborada pela autora com base no banco de dados do ESeLFI.

A produção da variante “coró” não apresenta percentuais tão díspares, quando comparada à variante “larva”, segunda colocada em número de ocorrências. A variante “coró” foi mais produtiva nos pontos 2. Três Lagoas, 7. Morumbi, 10. Jardim América, 11. Vila Yolanda, 12. Vila Shalon e 14. Morenitas, compartilhando o espaço da variação com i) “lagarta” e “verme”; ii) “larva” e representação de variantes “outras”; iii) “larva”; iv) “verme” e representação de variantes “outras”; v) “verme” e vi) representação de variantes “outras”, respectivamente.

Nos pontos 3. Vila “B”, 4. Vila “A”, 6. Vila Portes e 8. Jardim Central “larva” prevaleceu entre as escolhas dos informantes. A representação de variantes “outras” foi mais frequente no ponto 13. Porto Meira, responsável por 50% das ocorrências. “Lagarta” no 9. Aparecidinha foi a mais produtiva, 67% das respostas. O ponto de inquérito 1. Vila “C” foi o único em que quatro variantes distintas, “lagarta”, “verme” “coró” e representação de variantes “outras”, foram registradas concomitantemente. Mesmo com uma produção tão variada, a partir do olhar mais apurado à Carta 4. “[...] o bicho que dá no esterco, no pau podre?”, atenta-se às regiões Norte, Nordeste e Noroeste como mais propensas à ocorrência de variantes distintas. Não obstante, na região Sul e Sudoeste, a variante “coró” é mais expressiva, conforme Figura 54.

Figura 54 – Carta 4. “[...] aquele bicho que dá no esterco, no pau podre?”



Fonte: SGVCLin (2022)

A gama de realizações para “coró” é expressa também nos dicionários digitais Aurélio (2021), Caldas Aulete (2021) e Michaelis (2021), conforme Figuras 55, 56, 57 e 58.

Figura 55 – Variantes e acepções em dicionários digitais – [1a] (Questão 87)

VARIANTES PARA CORÓ	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
CORÓ	<i>Substantivo masculino. Bras. Zool.</i> 01. Bicho de esterco; bicho de paus podres.	(co.ró) sm. 1. Zool. Ver escaravelho.	co-ró sm. 1 ZOOLOGIA. Larvas de besouro escarabeídeos, encontradas no solo e aproveitadas pelos pescadores como isca; bicho-de-esterco, bicho-de-pau-podre, morotó.
LARVA	[Do lat. <i>larva</i> .] <i>Substantivo feminino.</i> 01. Zool. O primeiro estado dos insetos, depois de saírem do ovo.	(lar.va) sf. 1. Zool. Estágio imaturo pós-embriônico de certos animais quando são bem diferenciados dos adultos.	lar-va sf. 1 ZOOLOGIA. Fase imatura, mas com vida independente, de certos insetos, anfíbios, crustáceos e peixes, que resulta imediatamente do ovo e é de aspecto muito diferente da fase adulta, como a lagarta.
LAGARTA	[Do lat. <i>*lacarta, por lacerta</i> .] <i>Substantivo feminino.</i> 01. Zool. Designação comum às larvas dos insetos lepidópteros, cujo tipo é eruciforme. São polípedes, e têm o corpo vermicular alongado e mole, três pares de patas verdadeiras no tórax, e pernas abdominais do tipo reduzido, sob a forma de protuberâncias. 2. Zool. A primeira fase da vida das borboletas até a metamorfose em crisálida.	(la.gar.ta) sf. 1. Zool. Nome comum dado a larva de borboletas e mariposas. 2. Zool. A primeira fase da vida desses insetos, e que dura até se transformarem em crisálidas.	la-gar-ta sf. 1 ZOOLOGIA. Denominação comum às formas larvares eruciformes dos insetos lepidópteros, de corpo alongado e flexível, com vários pares de patas verdadeiras e protuberâncias abdominais que funcionam como patas reduzidas. 2 ZOOLOGIA. A primeira fase das borboletas até se transformarem em crisálida.

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete Digital (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

O dicionário Caldas Aulete não apresenta o significado da palavra “coró” e não menciona qualquer definição a respeito de seu formato anatômico, há apenas uma informação quanto à pertença ao campo da Zoologia e uma indicação para a consulta do verbete: “sm. 1. Zool. Ver escaravelho” (AULETE DIGITAL, 2021). No Michaelis, “coró” é definido como larva de besouro, também denominado “bicho-de-esterco”. Para a variante “larva”, os três dicionários definem-na como i) “o primeiro estágio da vida dos insetos” (FERREIRA, 2021); ii) “estágio imaturo de certos animais” (AULETE DIGITAL, 2021) e iii) “fase imatura, mas com vida inteligente, de certos insetos, anfíbios, crustáceos e peixes (MICHAELIS, 2021). O significado da variante “lagarta” é comum nos três dicionários quando descrita como “nome comum às larvas de insetos⁶⁹”, diferentemente das acepções trazidas para “coró” que o designam como a primeira fase da vida de outros animais, além dos insetos (Figura 55). Ainda,

⁶⁹ Grifo nosso.

as três obras associam “larva” à primeira fase de vida das borboletas.

Figura 56 – Variantes e acepções em dicionários digitais – [1b] (Questão 87)

VARIANTES PARA CORÓ	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
VERME	<p>[Do lat. <i>verme</i>.] <i>Substantivo masculino</i></p> <p>01. Zool. Pop. Designação comum às larvas de muitos insetos.</p> <p>02. Pop. P. ext. Zool. Qualquer animal que se assemelha ao verme².</p> <p>Verme²</p> <p>[Adapt. Do tax. <i>Vermes</i> (pl. do lat. <i>vermis</i>).]</p> <p>01. Zool. Espécie dos vermes, em antigas classificações, grupos que reunia todos os animais invertebrados, à exceção dos artrópodes.</p> <p>2. P. ext. Qualquer dos invertebrados de corpo alongado, mole, glabro, seja de platelmintos, ou dos anelídeos, ou dos acantocéfalos, ou dos asquelmintos.</p>	<p>(ver.me) sm.</p> <p>1. Zool. Denominação comum e imprecisa dada a todos os animais invertebrados de corpo longo e mole; HELMINTE; HELMINTO.</p> <p>2. Esse tipo de animal, que vive como parasito nos intestinos de outros animais</p> <p>3. Pop. Larva de diversos tipos de insetos.</p>	<p>ver-me (é) sm</p> <p>1 ZOOL. Denominação comum e pouco precisa dada aos animais alongados e invertebrados; haminte, haminto. Alguns podem infestar o corpo humano, principalmente os intestinos.</p> <p>2 ZOOL. Espécime dos vermes.</p> <p>3 ZOOL. COLOQ. V. <u>bicheira</u>, acepção 2.</p>

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete Digital (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

Já a variante “verme” é apontada como uma forma mais genérica de definição dos animais invertebrados de corpo longo e mole, ou seja, é a designação dada aos animais que se assemelham (anatomicamente) ao verme. É retratado, ainda, como um parasita que pode ser encontrado nos intestinos de seres humanos e animais (MICHAELIS, 2021) e “larvas de insetos” (FERREIRA, 2021) e (AULETE DIGITAL, 2021) (Figura 58). Essa definição vai ao encontro das respostas dos informantes INF2, INF12, INF38 e INF50, conforme excertos 05, 06, 07 e 08:

(05) INQ: É um bichinho que dá no esterco ou no pau podre?
INF2: (pausa) Xiiii. (pausa)
INQ: Se você visse este bicho aqui, como você diria? [mostrando a imagem.]
INF2: Dá onde?
INQ: No esterco ou no pau podre.
INF2: Eu diria que é um *vermeão*, esse bicho é feio (01/ 1, Vila “C”).

(06) INQ: E este aqui que dá no esterco ou pau podre? [mostrando a imagem.]
INF12: É verme também! (pausa)

INQ: Como você chama.
INF12: Verme (02/ 4, Vila “B”).

(07) INF38: Este aqui [mostrando a imagem]. Dá no esterco e no pau padre?

INQ: Verme (pausa), minhoca, parece... Ele fica no pau podre... Larva.

INQ: E qual você diria?

INF38: (pausa) verme (10/ 2, Jardim América).

(08) INQ: Dá no esterco, no pau podre? Este aqui? [mostrando a imagem].

INF50: Eu ia chamar... tipo uma lesma, não, não é lesma. É um verme isso aí. É um bichinho feio, inclusive.

INQ: Então você diria que é?

INF50: Eu diria um verme, um verme da madeira (13/ 2, Porto Meira).

Apesar de estarem reunidas em “outras”, as variantes “bussam”, “rugão”, “bussano”, “mandruvá”, “taturana” e “bicho peludo”, recorridas pelos informantes em resposta à pergunta 87, serão descritas a fim de registrar o conhecimento linguístico dos iguaçuenses acerca das definições desses animais.

Figura 57 – Variantes e acepções em dicionários digitais – [1c] (Questão 87)

VARIANTES PARA CORÓ	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
	<p>Mandruvá <i>Substantivo masculino</i></p> <p>01. Bras. Zool. V. <i>Mandorová.</i></p> <p>Mandorová [De marandová, com metátese.]</p> <p><i>Substantivo masculino</i></p> <p>01. Bras. Zool. Designação comum às lagartas de insetos lepidópteros enfingídeos que se alimentam de euforbiáceas, têm ger. grande porte e corpo desprovido de cerdas urticantes. [Var. <i>mandruvá, druvá, manduruvá, mandarová, mandaruvá, marandová.</i> Sin.: <i>gervão.</i> Cf. <i>tatarana.</i>]</p>	<p>Maranduvá s. m.</p> <p>(Bras.) o mesmo que marandová. manduruva.</p> <p>Manduruva: s. f.</p> <p>(Bras.) larva dos lepidópteros esfingídeos, que atacam as plantações de fumo. Cf. maranduvá.</p>	<p>Mandruvá - man-dru-vá sm</p> <p>ZOOL. V. marandová. ETIMOLOGIA tupi <i>marandowá.</i></p> <p>Marandová ma-ran-do-vá Sm</p> <p>1 ZOOL. Denominação comum a algumas espécies de lagartas de mariposas, do gênero <i>Erynnis</i>, da família dos esfingídeos, encontradas por todo o território brasileiro, de cores variando entre tons de verde, marrom ou preto; alimentam-se de folhas de mandioca sendo sua principal praga; <i>druvá, gervão, mandarová, mandaruvá, mandorová, mandruvá, manduruvá, primavera-da-mandioca.</i></p> <p>ETIMOLOGIA: tupi <i>marandowá.</i></p>

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete Digital (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

Figura 58 – Variantes e acepções em dicionários digitais – [1d] (Questão 87)

VARIANTES PARA CORÓ	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
OUTRAS	<p>Taturana [Var. de tatarana (q.v.)] Substantivo feminino <i>Bras.</i></p> <p>1. <i>Zool.</i> V. tataranha.</p> <p>Tatarana [Do tupi = 'semelhante ao fogo'.] <i>Substantivo feminino</i></p> <p>01. <i>Bras. Zool.</i> Designação comum às lagartas urticantes dos insetos lepidópteros, esp. megalopigídeos, capazes de provocar reações que variam de um eritema ligeiro, idêntico a uma queimadura leve, a lesões mais extensas, com formação de vesículas e fenômenos gerais (náuseas, reação ganglionar, febre). [Cf. mandorová. Var.: taturana. Sin.: ambira, bicho-cabeludo; lagarta-cabeluda, lagarta-de-fogo.]</p>	<p>taturana s. f.</p> <p>01. (<i>Bras.</i>) larva, revestida de uma felpa, que produz sensação dolorosa ou tato; bicho-cabeludo, lagarta-de-fogo; ambira (São Paulo). Espécie de vespidão. O mesmo que chapéu-armado. </p>	<p>ta-lu-ra-na sf</p> <p>1. ZOOLOGIA. Denominação comum às lagartas de várias espécies de mariposas, especialmente da família dos megalopigídeos, providas de abundantes e finíssimos pelos urticantes e de cerdas aculeiformes que, em contato com a pele humana, inoculam forte toxina que pode causar queimaduras, febre alta e até anafilaxia; ambira, bicho-cabeludo, bicho-de-fogo, lagarta-cabeluda, lagarta-de-fogo.</p> <p>INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES VAR: tatarana, taturana.</p> <p>ETIMOLOGIA <i>alt</i> do tupi <i>tata-rána</i>.</p>

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete Digital (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

“Bussam” e “bussano”⁷⁰ são variantes não contempladas nos dicionários de língua portuguesa, entretanto, sabe-se que a motivação para a escolha de ambas encontra respaldo na definição da palavra do espanhol *gusano*. Devido à proximidade e à interação constante entre Foz do Iguaçu/PR e os dois países hispanofalantes, Paraguai e Argentina, vez ou outra, esse contato é “traduzido” na fala dos iguaçuenses.

GUSANO: 1. M. nome comumente utilizado para designar diversos animais invertebrados de corpo frágil, cilíndrico e comprido e, que, ao mover-se, contrai-se: os platelmintos são vermes. 2. comumente utilizado para minhoca [...] 3. termo genérico para os parasitas intestinais. 4. Larva de alguns insetos: o bife encheu de larvas de mosca. [...] 5. Lagarta da seda, lagarta de borboleta da seda: desde pequeno criava lagartas da seda e os alimentava com amoreira (WORDREFERENCE, 2021, **tradução nossa**⁷¹).

⁷⁰ A variante “bussano” foi registrada pelo ALERS no ponto nº 839 Rio Grande, região sudoeste do estado do Rio Grande do Sul (ALERS, 2011, p. 863). “Gussano” também foi registrada no estado, no ponto 785, Santana do Livramento, na divisa com o Uruguai (ALERS, 2011, p. 863).

⁷¹ Gusano: 1. Nombre común que se utiliza para designar diversos animales invertebrados de cuerpo blando, cilíndrico y alargado, que se contrae al moverse: *los platelmintos son gusanos*. 2. En el uso corriente, lombriz [...]. Término general para los parásitos intestinales. 3. Larva de algunos insectos: *el filete se ha llenado de gusanos de mosca*. [...] 5. gusano de seda Oruga de la mariposa de la seda: *de pequeño criaba gusanos de seda y los alimentaba con morera* (WORDREFERENCE.COM, 2021).

“Mandruvá” é descrita nos três dicionários como uma variante de “mandorová” e é designada como uma lagarta de insetos, geralmente, de grande porte (FERREIRA, 2021), larvas que atacam plantações de fumo (AULETE DIGITAL, 2021) e espécies de lagartas de mariposas que se alimentam de folhas de mandioca (MICHAELIS, 2021). Por fim, entre as respostas dos informantes, constatou-se a produção de “taturana”, palavra de origem tupi que significa semelhante ao fogo (FERREIRA, 2021). Diferente das demais acepções, em que as variantes não foram associadas ao risco de queimadura, “taturana” é apresentada pelos dicionários como larvas/lagartas providas de cerdas/pelos que em contato com a pele causam lesões idênticas a queimaduras, podendo, até mesmo, resultar em quadros mais graves de saúde. Algumas variantes trazidas pelos dicionários para “taturana” são: “bicho-cabeludo, lagarta-de-fogo, bicho-de-fogo, tatarana, ambira” etc.

Acerca dos estudos dialetológicos no Oeste do Paraná, a questão 87, “[...] um bicho que dá no esterco, em pau podre?” não foi contemplada pelo ALPR (1994) e em Busse (2010), desse modo, somente os dados do ALERS e do ALiB são trazidos a fim de comparar as realizações das variantes (Figura 59).

Figura 59 – Vitalidade das variantes para “[...] um bicho que dá no esterco, em pau podre”, em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense

VARIANTES	ALPR (1994)	*ALiB (2003)	Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010)*	ALERS (2011)	ASeLFI (2021)
CORÓ	Não contemplada	3 ocorrências em São Miguel do Iguaçu	Não contemplada	-	X
LARVA		-		-	X
LAGARTA		X		-	X
VERME		X		-	X
OUTRAS		-		Bussano Minhoca Mandruvá Taturana Tapuru Beronha (2ª resposta)	
NÃO SEI		2 ocorrências em São Miguel do Iguaçu		-	-

Fonte: elaborada pela autora com base em Aguilera (1994), Busse (2010); Altenhofen; Klassmann (Org.) (2011) e no acervo de áudios do ALiB.

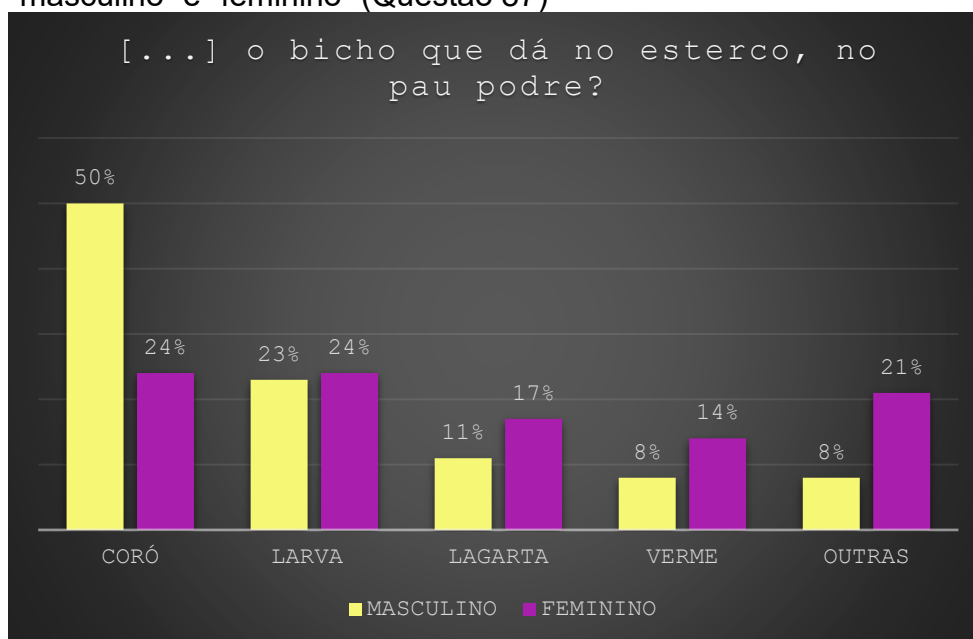
O ALERS obteve a variante “bicho” em Foz do Iguaçu/PR, possivelmente motivada pelo enunciado ou por ser uma palavra mais genérica. No ESeLFI, o

substantivo veio acompanhado de uma característica, “bicho peludo”, podendo ser associado à “taturana”, única denominação dos dicionários a mencionar os pelos no corpo do animal. Coincidente com os resultados obtidos pelo ESeLFI, em São Miguel do Iguçu/PR “coró” é a variante mais produtiva na fala dos informantes. Já em Toledo/PR, 50% dos inquiridos alegaram não saber o nome para tal larva, seguida de “verminho/verme” (25%) e “lagarta” (25%).

6.4.1 A Distribuição Diassexual das Variantes para “[...] um bicho que dá no esterco, em pau podre”

No que se refere à realização das variantes na dimensão diassexual, “coró” é a variante mais produtiva entre os informantes do sexo masculino (50%); no grupo das mulheres, dividem o primeiro lugar “larva” (24%) e “coró” (24%).

Gráfico 17 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 87)



Fonte: elaborado pela autora.

A distribuição indica a aceitação de “larva” como uma variante de prestígio entre as informantes desse grupo, capaz de coocorrer com a variante “coró”, podendo, até mesmo, iniciar um processo de mudança. Em geral, a mulher costuma desempenhar o papel de falante mais normativo na língua, buscando pelo prestígio nas camadas sociais, culturalmente superiores às suas. Sendo assim, as mudanças linguísticas, muitas vezes, estão relacionadas ao *status* da fala da mulher,

especialmente na classe média (MOUTON, 2000).

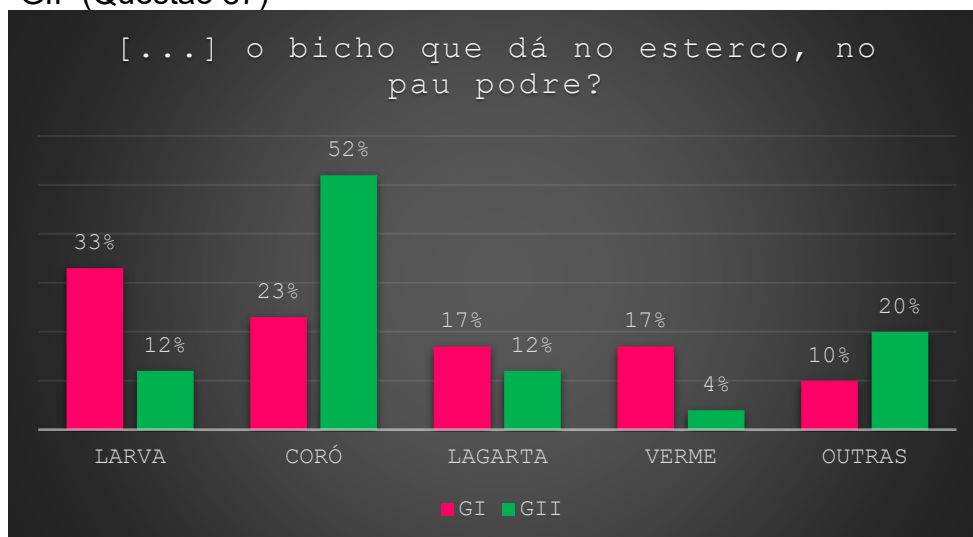
Referente ao arranjo das produções das variantes, a denominação “coró” é unânime na fala dos homens dos pontos 5. Jardim Jupira, 9. Aparecidinha, 12. Vila Shalon, 14. Morenitas e 15. Aeroporto; e, entre as mulheres, apenas no ponto 15. Aeroporto. A efetividade de “larva” foi integral na fala dos homens dos pontos 6. Vila Portes e 8. Jardim Central, e na fala das mulheres, no ponto 4. Vila “A”.

“Lagarta” foi variante única, identificada na fala das mulheres do 9. Aparecidinha; nos demais grupos, houve a coexistência de variantes: 1. Vila “C”, “outras e verme”; 2. Três Lagoas, “coró e verme”; 3. Vila “B”, “larva e verme”; 5. Jardim Jupira, “larva e lagarta”; 6. Vila Portes, “larva e lagarta”; 7. Morumbi, “coró e outras”; 8. Jardim Central, “lagarta e outras”; 10. Vila Shalon, “coró e verme”; 11. “coró e outras”; 12. Vila Shalon, “coró e verme”; 13. Porto Meira, “larva e outras”, e 14. Morenitas, “coró e outras”.

As ocorrências das variantes na fala dos homens ficaram assim distribuídas pelos pontos de inquérito: 1. Vila “C”, “coró e lagarta”; 2. Três Lagoas, “coró e lagarta”; 3. Vila “B”, “lagarta e verme”; 4. Vila “A”, “coró e outras”; 7. Morumbi, “coró e larva”; 10. Jardim América, “coró e larva”, 11. Vila Yolanda, “coró e verme”, e 13. Porto Meira, “outras e verme”. Diante das constatações, os dados revelam que em Foz do Iguaçu/PR, a fala da mulher está mais propensa à correalização de variantes.

6.4.2 A Distribuição Diageracional das Variantes para “[...] um bicho que dá no esterco, em pau podre”, em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense”

Gráfico 18 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 87)



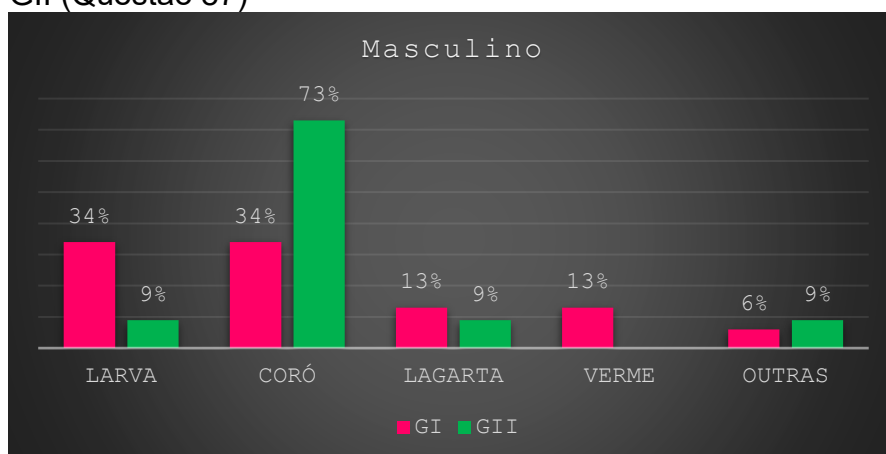
Fonte: elaborado pela autora.

A escolha lexical dos informantes da GI não aponta para dados discrepantes entre o uso das variantes, sendo assim, “larva” representa (33%) das ocorrências, “coró” (23%), “lagarta” (17%), “verme” (17%) e a forma “outras” (10%). Na GII, por sua vez, “coró” é a variante com maior número de ocorrências, mais da metade das realizações (52%), seguida por “outras” (20%), “lagarta” (12%), “larva” (12%) e “verme” (4%). Acerca das produções nos pontos de inquérito, apenas no 15. Aeroporto, “coró” foi unânime entre os informantes da GI.

“Larva” é variante única na GI nos pontos 3. Vila “B”, 6. Vila Portes e 10. Jardim América. Na GII, “coró” indica 100% das realizações nas seguintes localidades: 2. Três Lagoas, 10. Jardim América; 11. Vila Yolanda, 12. Vila Shalon e 14. Morenitas. “Larva” é unânime apenas na GII do ponto 5. Jardim Jupira. Nos pontos 6. Vila Portes e 9. Aparecidinha, “lagarta” representa a variante da GII. No ponto 13. Vila Yolanda, “outras” é a variante eleita pela GII para designar um bicho que dá no esterco, no pau podre.

É possível afirmar, após a análise da distribuição e dos percentuais, que a maior produção de variantes distintas no mesmo ponto, concentra-se na GI. Na GII, está o maior número de ocorrências unânimes de variante no mesmo ponto. Na GI, compartilham o espaço da variação as variantes: “lagarta e verme” no ponto 1. Vila “C”; “lagarta e verme” no ponto 2. Três Lagoas; “larva e outras” no ponto 4. Vila “A”; “lagarta e coró” no ponto 5. Jardim Jupira; “larva e coró” no ponto 7. Morumbi; “lagarta e larva” no ponto 8. Jardim Central; “lagarta e coró” no ponto 9. Aparecidinha; “verme e coró” no ponto 12. Vila Shalon; “verme e outras” no ponto 11. Vila Yolanda, e “outras e coró” no ponto 14. Morenitas.

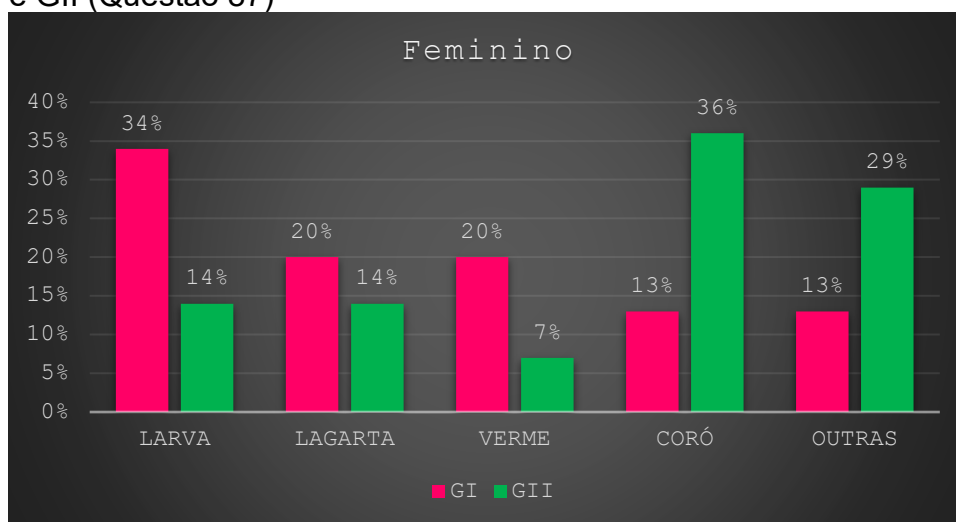
Gráfico 19 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 87)



Fonte: elaborado pela autora.

Na fala dos homens da GI, “larva” e “coró” são mais frequentes, compartilhando o mesmo percentual de ocorrências, 33% para cada variante. O alto índice de “coró” na GII, 73%, indica a manutenção da variante para designar “o bicho do pau podre”. “Larva”, “lagarta” e “outras” dividem a segunda posição, computando, igualmente, 9% das realizações.

Gráfico 20 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres da GI e GII (Questão 87)



Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à fala das mulheres, na GI “larva” é preponderante (34%), em segundo lugar estão “lagarta” e “verme” com 20% das realizações, para cada. “Coró” e “outras” dividem o terceiro lugar. Já na GII, 36% das mulheres optaram por “coró”.

Mediante a leitura dos dados, verifica-se que as mulheres da GI são as responsáveis pela inserção da variante “larva” na fala feminina; “larva” e “coró” disputam a primeira colocação da fala das mulheres, associadas a outros fatores como, por exemplo, a variante mais aceita nos grupos de prestígio e a que melhor representa esses grupos (MOUTÓN, 2000). Na fala dos homens, por mais que “larva” tenha sido identificada e iniciado um movimento tênue no campo da variação, resultado da interferência da GI, a primeira posição nesse grupo ainda pertence à variante “coró”.

Quadro 17 – Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diassexual e diagenérica para dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]

CORÓ	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. É a variante mais profícua em Foz do Iguaçu/PR; 2. Acredita-se que sua difusão tenha ocorrido da região Sul → Sudeste → Nordeste no município; 3. Unânime no ponto 15. Aeroporto; 4. É mais profícua na 11. Vila Yolanda e na 12. Vila Shalon; 5. Está em perfeito equilíbrio com “larva” no 10. Jardim América; 6. Coexiste com mais duas variantes em cinco pontos de inquérito; 7. Coexiste com mais uma variante em três pontos de inquérito; 8. A menor produtividade é na 01. Vila “C” e na 03. Vila “B”.
	Síntese Diassexual	1. É mais recorrente na fala dos homens, 50% das produções.
	Síntese Diagenérica	1. Os grandes responsáveis pela manutenção da variante no falar iguaçuense são os homens e a GII.
LARVA	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. A maior concentração está entre as regiões Sudoeste e Noroeste do município; 2. É a variante mais profícua na 3. Vila “B”; 4. Vila “A”; 6. Vila Portes e 8. Jardim Central; 3. Está em perfeito equilíbrio com “larva” e “lagarta”, no ponto 5. Jardim Jupira; 5. Ocupa, junto de mais uma variante, a 2ª colocação no índice de produtividade no 7. Aparecidinha e 13. Porto Meira; 6. Não ocorre na 12. Vila Shalon e em mais seis pontos de inquérito entre Sudeste, Nordeste e Norte de Foz do Iguaçu.
	Síntese Diassexual	O número de realizações está equilibrado entre homens e mulheres, 23% e 24% respectivamente.
	Síntese Diagenérica	É a variante mais profícua na GI, confirmada em 33% das ocorrências.
LAGARTA	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. 86% das realizações ocorrem nas regiões Noroeste, Nordeste e Norte da cidade; 2. É a variante mais recorrente no 9. Aparecidinha. 3. Coexiste com duas variantes em cinco pontos de inquérito; 4. Está em perfeito equilíbrio no ponto 1. Vila “C” com “coró”, “lagarta”, “verme” e “outras”.
	Síntese Diassexual	1. É mais frequente na fala das mulheres.
	Síntese Diagenérica	1. O maior número de realizações é na GI.
VERME	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ocorre em seis pontos de inquérito, contabilizando 25% das realizações em cada ponto; 2. Coexiste com duas ou mais variantes nos seis pontos.
	Síntese Diassexual	1. É mais frequente na fala das mulheres;
	Síntese Diagenérica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ocorre na GII em apenas 4% dos registros; 2. Na GI, foi identificada em 17% das realizações.

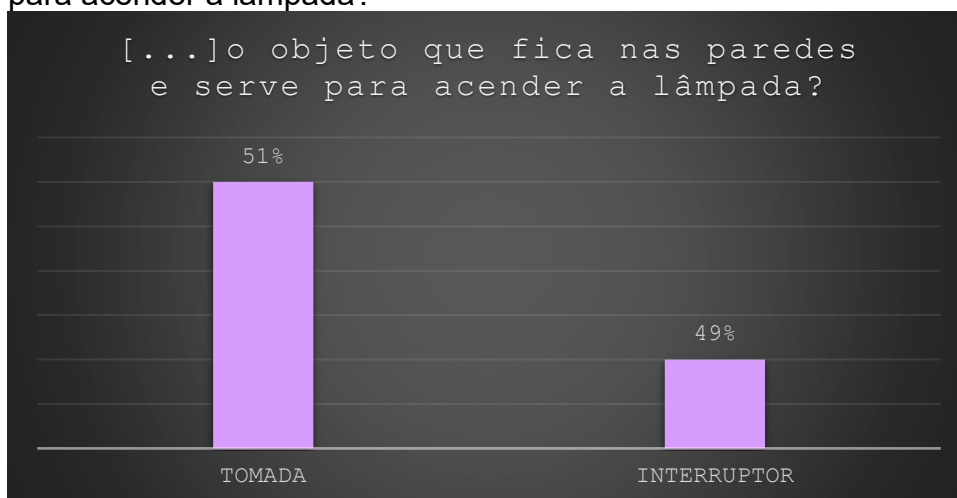
OUTRAS	Síntese Diatópica	1. Agrupamento das variantes menos frequentes, representado por “outras”; 2. É a realização mais produtiva no ponto 13. Porto Meira; 3. Coexiste com uma ou duas variantes em seis pontos de inquérito.
	Síntese Diassexual	1. Ocorre em 20% dos registros da fala feminina.
	Síntese Diageracional	1. É mais frequente entre os iguaçuenses da GII.

Fonte: elaborado pela autora.

6.5 QUESTÃO 175. COMO SE CHAMA O OBJETO QUE FICA NAS PAREDES E SERVE PARA ACENDER AS LÂMPADAS

A motivação para a seleção desta questão partiu do interesse da autora em registrar e analisar, por meio do método da Dialetologia Pluridimensional, a variante mais profícua em Foz do Iguaçu/PR para o objeto que serve para acender a lâmpada.

Gráfico 21 – Ocorrências das variantes para “[...]o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”



Fonte: elaborado pela autora.

Ao todo, duas variantes foram identificadas a partir das respostas dos informantes do ESeLFI à questão *como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada*: *interruptor* (51%) e *tomada* (49%). A coocorrência equilibrada de apenas duas variantes supõe a força de ambas para nomear o objeto descrito em Foz do Iguaçu/PR.

A distribuição de “interruptor” e “tomada” aponta para a coexistência das duas variantes em Foz do Iguaçu/PR, ainda que em alguns pontos tenham sido identificadas isoladamente. “Interruptor” foi variante única nos pontos de inquérito 2.

Três Lagoas, 3. Vila “B”, e 6. Vila Portes; e “tomada”, nos pontos 1. Vila “C”, 5. Jardim Jupira, 10. Jardim América, 14. Morenitas e 15. Aeroporto. A ocorrência simultânea de “interruptor” e “tomada” foi verificada nos pontos: 4. Vila “A”, 7. Morumbi, 8. Jardim Central, 9. Aparecidinha, 11. Vila Yolanda, 12. Vila Shalon e 13. Porto Meira. “Interruptor” prevalece nos pontos 4. Vila “A”, 7. Morumbi, 8. Jardim Central e 13. Porto Meira; e “tomada” apenas no ponto 9. Aparecidinha. “Tomada” e “interruptor” nos pontos 11. Vila Yolanda e 12. Vila Portes, perfazem 50% das produções para cada variante.

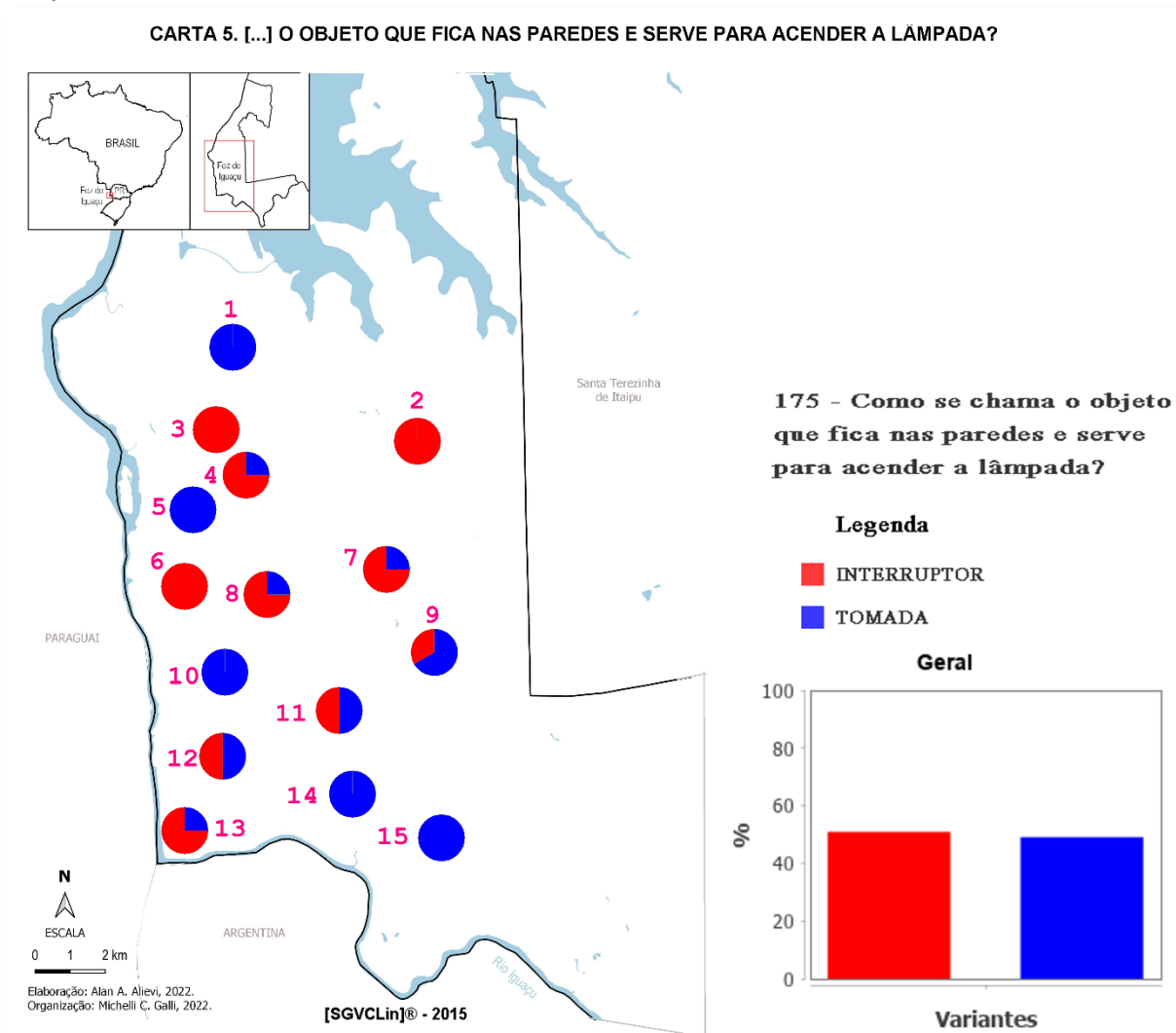
Figura 60 – Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na mais profícua por ponto (Questão 175)

Ponto de Inquérito	Variantes	
	INTERRUPTOR	TOMADA
1. Vila C		X
2. Três Lagoas	X	
3. Vila B	X	
4. Vila A	X	X
5. Jardim Jupira		X
6. Vila Portes	X	
7. Morumbi	X	X
8. Jardim Central	X	X
9. Aparecidinha	X	X
10. Jardim América		X
11. Vila Yolanda	X	X
12. Vila Shalon	X	X
13. Porto Meira	X	X
14. Morenitas		X
15. Aeroporto		X

Fonte: elaborada pela autora com base no banco de dados do ESeLFI.

Em relação à distribuição diatópica, a Figura 61 expõe a realização das variantes para o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada.

Figura 61 – Carta 5. “[...] o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”



Fonte: SGVCLin (2022)

Os dicionários digitais eleitos para fundamentar as designações das variantes, trazem “tomada” e “interruptor” como objetos distintos e, conseqüentemente, com acepções distintas. “Interruptor” é definido de modo mais técnico nos dicionários Aurélio (2021) e Michaelis (2021), como um dispositivo destinado à interrupção ou restabelecimento da passagem de sinal num circuito, também denominado comutador. O Caldas Aulete (2021) define o objeto por meio de uma descrição mais próxima do dia a dia, “dispositivo que serve para ligar e desligar um circuito elétrico, comutador”. Nos três dicionários, a variante “tomada” significa o dispositivo/plugue/peça de conexão que estabelece a ligação entre os circuitos. Além dessas designações, o Caldas Aulete (2021) traz “tomada” como “ponto externo com orifícios revestidos, ao qual se ligam aparelhos elétricos”, acepção muito parecida à

descrita pelo Michaelis (2021) “um ponto na parede com pequenos orifícios de metal que transmite corrente elétrica aos aparelhos a ele conectados”. Fundamentando-se nas respostas dos informantes, ressalva-se que os inquiridos, os quais responderam “tomada”, sabem a distinção entre a função da tomada¹ (interruptor) e da tomada² (tomada), entretanto, atribuem mais um significado a já polissêmica “tomada”, destinada, então, a ligar e desligar um circuito elétrico (Figura 62).

Figura 62 – Variantes e acepções para em dicionários digitais (Questão 175)

VARIANTES PARA INTERRUPTOR	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
INTERRUPTOR	(ô) [Do lat. tard. <i>interruptore.</i>] <i>Substantivo masculino.</i> 3. <i>Fis.</i> Dispositivo que pode interromper ou restabelecer a continuidade num circuito elétrico, ou numa parte dele; comutar. [Cf. disjuntor.]	(in.ter.rup.tor) [ô] sm. 1. <i>Elet.</i> Dispositivo que serve para ligar e desligar um circuito elétrico; COMUTADOR. [F.: Do lat. <i>interruptor, oris.</i>]	in-ter-rup-tor sm ELETR., FÍS. Dispositivo destinado a interromper a passagem de um sinal em um circuito elétrico ou eletrônico; comutador. ETIMOLOGIA lat. interruptor.
TOMADA	[De tomar + -ada.] <i>Substantivo feminino</i> 01. <i>Elet.</i> Peça que permite a conexão de um circuito a um circuito de alimentação.	(to.ma.da) sf. 4. <i>Elet.</i> Ponto externo de instalação elétrica, com orifícios revestidos de metal, ao qual se ligam aparelhos elétricos. 5. <i>Elet.</i> Peça de aparelho elétrico, com extremidades de metal, us. para ligá-lo a essa instalação.	3 ELETR. Dispositivo geralmente de plástico, com dois ou três pinos de metal, que conecta um equipamento elétrico a uma fonte de energia: Você precisa mandar consertar a tomada deste secador de cabelo. 4 ELETR. Um ponto na parede com pequenos orifícios de metal que transmite corrente elétrica aos aparelhos a ele conectados: “A cada segundo esperaria vê-lo pôr feijão nos ouvidos com malícia e sabedoria, pôr o dedinho na tomada elétrica. E a cada segundo agradeceria magra e nervosa o milagre de nada suceder [...]” (CL).

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete Digital (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

Em relação aos registros das variantes nos estudos dialetológicos no Oeste paranaense, “interruptor” foi confirmada pelo ALiB apenas em Toledo/PR, e “tomada” em Toledo/PR e São Miguel do Iguçu/PR (Figura 63).

Figura 63 – Vitalidade das variantes em Foz do Iguaçu e no Oeste Paranaense (Questão 175)

VARIANTES	ALPRI (1994)	*ALiB (2003)	ALERS (2011)	ASeLFI (2021)
INTERRUPTOR	-	Toledo	-	X
TOMADA	-	São Miguel do Iguaçu Toledo	-	X
OUTRAS	-	Teclinha/tecla - Toledo	-	Chave (2ª Resposta)

Fonte: elaborada pela autora com base em Aguilera (1994), Altenhofen; Klassmann (Org.) (2011) e no acervo de áudios do ALiB.

Buscou-se o significado da variante “chave”, 2ª resposta no ESeLFI, a fim de estabelecer comparação com os dados do ALiB (Figura 64).

Figura 64 – Variantes e acepções em dicionários digitais (Questão 175)

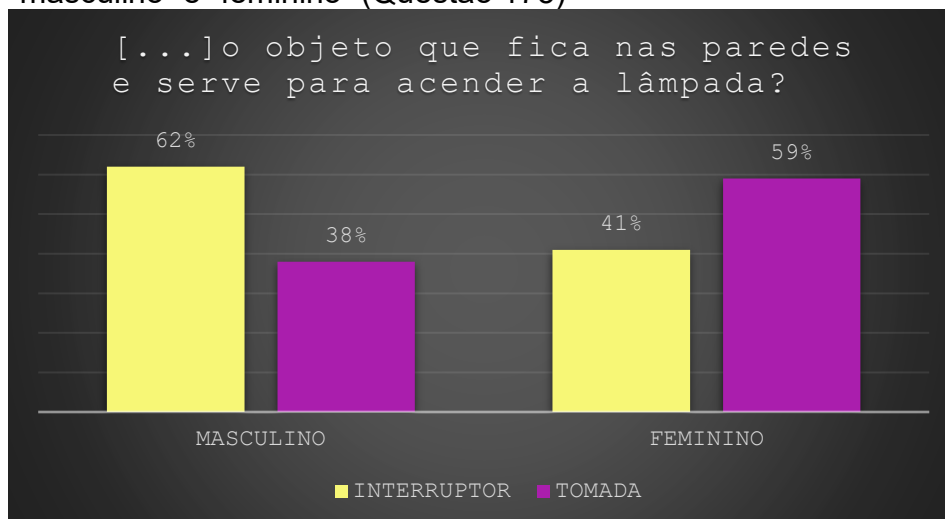
VARIANTES PARA INTERRUPTOR	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
OUTRAS	Tecla Apresenta seis acepções, porém nenhuma trata do objeto em questão.	Tecla Apresenta cinco acepções, porém nenhuma trata do objeto em questão.	Tecla Apresenta sete acepções, porém nenhuma trata do objeto em questão.
	Chave [Do lat. <i>clāve</i> , por via pop.] Substantivo feminino 17. <i>Eletr.</i> Dispositivo que, segundo a posição que assume, interrompe um circuito elétrico, ou nele introduz um componente.	Chave (cha.ve) <i>sf.</i> 5. <i>Elet. Eletrôn. Mec.</i> Peça, dispositivo, pequena alavanca etc. que, isoladamente ou entre outras num painel, aciona ou interrompe um circuito que por sua vez aciona ação elétrica, eletrônica, mecânica etc.: <i>a chave da ignição: Já substituí o fusível, ligue a chave da luz, por favor.</i>	Chave (cha-ve) <i>sf</i> 15 ELETTR. Dispositivo que pode interromper ou acionar um circuito elétrico.
	(ô) [De apagar+-dor.] Substantivo masculino 01. Aquele ou aquilo que apaga.	apagador (a.pa.ga.dor) [ô] sm 3. Que apaga. [F.: apagar + -dor.]	a-pa-ga-dor sm 1 Que ou o que apaga.

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete Digital (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

A variante “chave” recebe inúmeras definições nas obras lexicográficas digitais. Mas, de modo geral, quando relacionada à eletricidade, “trata-se do dispositivo que pode interromper ou restabelecer um circuito elétrico”, sinônimo de interruptor. Quanto às variantes identificadas no ALiB, “tecla” foi a única que, dentre as muitas definições, não teve correspondência no campo da eletricidade; os três dicionários apresentam mais de uma definição para a lexia, mas todas sem correspondência com o objeto.

6.5.1 A Distribuição Diassexual das variantes para “[...] o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”

Gráfico 22 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 175)

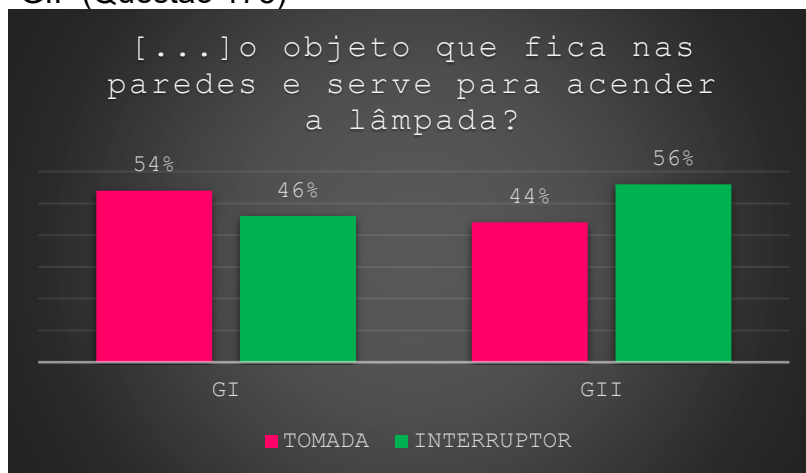


Fonte: elaborada pela autora.

Na dimensão diassexual, registrou-se “interruptor” em 62% das produções da fala masculina, seguido por “tomada” em 38%. Entre as mulheres, tomada atingiu 59% das realizações e interruptor 41%. Quanto à disposição das variantes na rede de pontos, 100% das ocorrências, em ambos os sexos, nos pontos 2. Três Lagoas, 3. Vila “B” e 6. Vila Portes correspondem a “interruptor”. Em contrapartida, nos pontos 1. Vila “C”, 5. Jardim América, 14. Morenitas e 15. Aeroporto 100% das ocorrências apontam para “tomada” como a melhor forma de designar o objeto que serve para acender as lâmpadas. Entre os homens dos pontos 4. Vila “A”, 8. Jardim Central, 12. Vila Shalon e 13. Porto Meira, a variante “interruptor” é predominante. Já no ponto 9. Aparecidinha, “tomada” é a única variante na fala masculina. No ponto 7. Morumbi, “interruptor” ocorreu de maneira unânime entre as mulheres. Identificou-se a coocorrência de “interruptor” e “tomada”, entre os homens do ponto 7. Morumbi e entre as mulheres dos pontos 4. Vila “A”, 8. Jardim Central, 9. Aparecidinha e 13. Porto Meira.

6.5.2 A Distribuição Diageracional das variantes para “[...] o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”

Gráfico 23 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 175)



Fonte: elaborada pela autora.

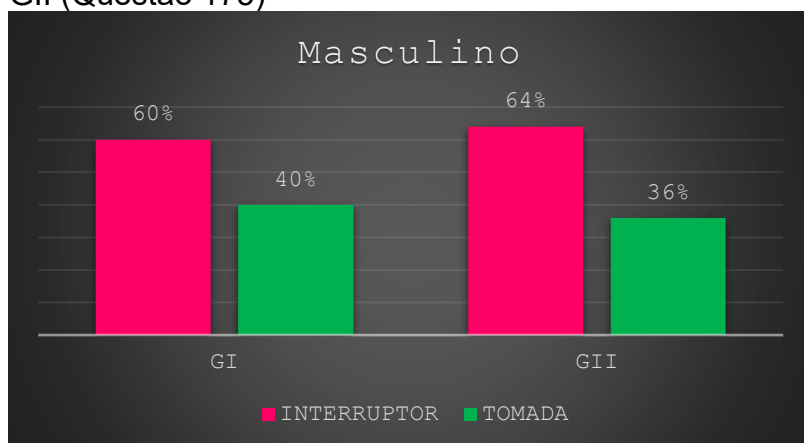
Na GI e na GII, “interruptor” é unânime nos pontos 2. Três Lagoas, 3. Vila “B” e 6. Vila Portes. E “tomada”, nos pontos 1. Vila “C”, 5. Jardim Jupira, 10. Jardim América e 14. Morenitas. Apenas na GI, do ponto 4. Vila “A”, “interruptor” é exclusiva. Nos pontos 8. Jardim Central, 9. Aparecidinha e 13. Porto Meira, interruptor é a única variante produzida na GII. Na GI, do ponto 15. Aeroporto, 100% das realizações foram da variante “tomada”. As variantes “interruptor” e “tomada” coexistem entre os jovens dos pontos 8. Jardim Central, 12. Vila Shalon, 11. Vila Yolanda e 13. Porto Meira; e entre os falantes da GII dos pontos 4. Vila “A”, 7. Morumbi, 12. Vila Shalon e 11. Vila Yolanda.

A distribuição das variantes nas GI e GII evidencia o dinamismo da língua. Quando “tomada” é a variante eleita em 54% das realizações na GI, há entre os falantes mais jovens a aceitação da variante mais antiga⁷², dividindo espaço com a variante mais jovem, “interruptor”. Dado interessante, uma vez que, majoritariamente, os processos de mudança na língua têm início na GI, assim “tomada” comumente representaria a variante preservada pela GII. Talvez o fenômeno esteja associado à flexibilidade do significado de “tomada” que pode ser para ligar e desligar um circuito elétrico ou para estabelecer a ligação entre circuitos elétricos. Tendo à disposição uma palavra que se encaixa em dois contextos, sem prejuízo à comunicação ou possibilidade de erro, motiva a escolha do informante pela variante “tomada”. Ou

⁷² “Para verificar a influência das variáveis sociais sobre a recorrência de determinadas variantes, consideramos apenas as duas mais frequentes que, juntas, representam 88,6% dos dados, e que compõem o novo e o velho: interruptor e tomada” (AGUILERA, 2012).

ainda, pela velocidade requerida na fala e na escrita em contextos comunicativos contemporâneos, é presumível que uma palavra com dois significados esteja rapidamente disponível em uma videochamada, por exemplo. A dinamicidade da língua acompanha os movimentos histórico-sociais.

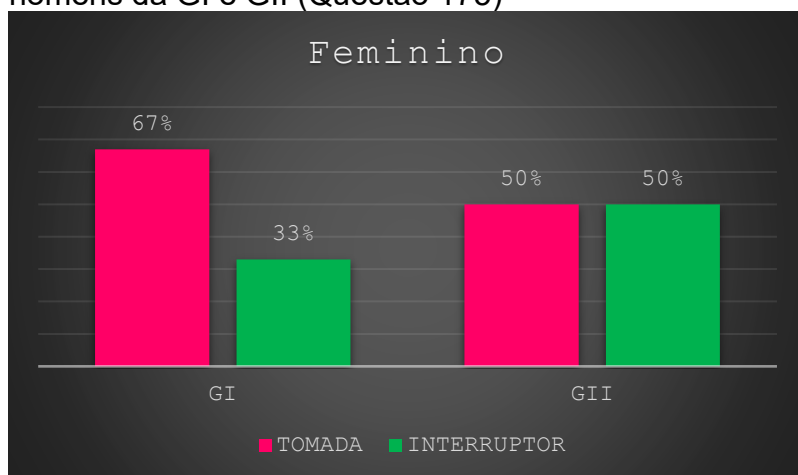
Gráfico 24 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 175)



Fonte: elaborada pela autora.

No contexto geral, a produção de “interruptor” é mais comum na fala dos homens da GII e “tomada” na fala das mulheres da GI. Na fala dos homens da GI, “interruptor” é a variante mais produtiva (60%), seguida de tomada (40%); de igual modo, “interruptor” é mais profícua entre os homens da GII (64%), em segundo lugar está tomada, responsável por 36% das ocorrências nesse grupo.

Gráfico 25 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre as mulheres homens da GI e GII (Questão 175)



Fonte: elaborada pela autora.

Entre as mulheres, na GI, tomada é predominante, 67% dos registros, enquanto interruptor corresponde a 33% das escolhas. Na GII, a distribuição de “tomada” e “interruptor” está equilibrada, 50% para cada variante.

Em suma, “tomada” e “interruptor” coexistem no território iguaçuense. De modo interessante, a variante “interruptor” é mais recorrente na fala dos homens e na GII. Já as mulheres, preservam a variante mais antiga “tomada”; embora “interruptor” seja a variante padrão aprendida na escola. E, por fim, na GI, a produção da variante “tomada” é superior à “interruptor”. Uma justificativa para os dados pode estar relacionada ao campo de trabalho dos homens por serem a maioria na área de construção civil. Caso o trabalhador precisasse comprar o objeto de acender a lâmpada seria imprescindível que soubesse o nome padronizado, interruptor, para que não acabasse comprando equivocadamente um dispositivo inútil para tal finalidade.

Quadro 18 - Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diassexual e diageracional para “Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?”

TOMADA	Síntese Diatópica	1. É a variante mais recorrente em Foz do Iguaçu/PR; 2. A ocorrência é unânime nos pontos 2. Três Lagoas; 3. Vila “B” e 6. Vila Portes; 3. Representa a maior porcentagem de realização em quatro pontos de inquérito; 4. É a variante menos produtiva no 9. Aparecidinha.
	Síntese Diassexual	1. É a variante mais frequente entre as mulheres, 59%.
	Síntese Diageracional	1. Ocorre com maior índice percentual entre os falantes da GII, 56%.
INTERRUPTOR	Síntese Diatópica	1. Embora seja menos recorrente, está em equilíbrio com “tomada”, 51% e 49%, respectivamente; 2. Ainda que seja a segunda variante mais produtiva, é unânime em cinco pontos de inquérito; 3. Coocorre com “tomada” em sete pontos de inquérito; 4. É a variante mais profícua no 9. Aparecidinha; 5. Coocorre com “tomada” em percentuais iguais (50%) nos pontos 11. Vila Yolanda e 12. Vila Shalon.
	Síntese Diassexual	1. É mais profícua entre os homens.
	Síntese Diageracional	1. É mais profícua entre os falantes da GII.

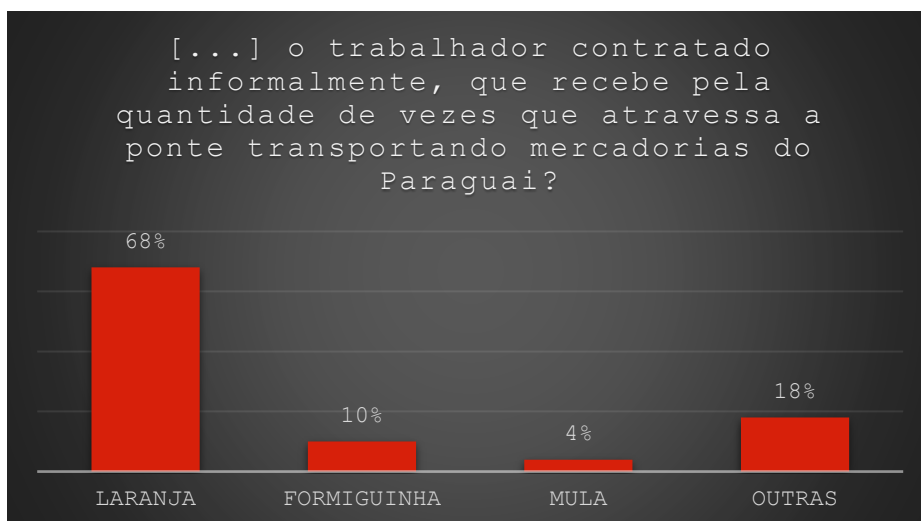
Fonte: elaborado pela autora.

6.6 QUESTÃO 211. ... O TRABALHADOR CONTRATADO INFORMALMENTE, QUE RECEBE PELA QUANTIDADE DE VEZES QUE ATRAVESSA A PONTE TRANSPORTANDO MERCADORIAS DO PARAGUAI? É A PESSOA QUE GANHA DINHEIRO COLOCANDO À DISPOSIÇÃO DE OUTROS O SEU DIREITO DE ATRAVESSAR, DENTRO DA COTA, COM MERCADORIAS DO EXTERIOR?

Na confecção das 20 questões semântico-lexicais exclusivas do ESeLFI, objetivou-se tratar dos temas corriqueiros da Tríplice Fronteira, o que levou a autora desta Tese a ponderar sobre a melhor forma de tratar das especificidades de Foz do Iguaçu/PR sem parecer hostil com os informantes e com a história do município. Não é segredo que a cidade iguaçuense passou por uma forte instabilidade econômica, tornando-se, no início dos anos 2000, uma das localidades mais violentas do Brasil. Tanto é que, no ano de 2006, foram registrados 316 homicídios, quase um homicídio por dia (KLEINSCHMITT, 2016). Ainda que esses fatos façam parte da trajetória local, Foz do Iguaçu/PR não se resume a homicídio e violência, hoje, após muitas discussões e movimentos acerca das políticas de segurança em região de fronteira, o cenário é outro e o município ainda luta para romper com os estereótipos de tempos tão sombrios.

Uma das ponderações na criação das questões que tratassem da região fronteiriça, foi não resumir um contexto tão múltiplo a apenas um atributo social. Nesse feito, almeja-se com as questões motivadoras da área semântica “turismo de compras” registrar as crenças e as designações para os meios de sobrevivência na fronteira. Dito isso, para este excerto da Tese, a pergunta trazida à baila é “Como se chama o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?” Com base nas respostas dos informantes, as variantes computadas para designar o trabalhador supracitado foram: “laranja”, “formiguinha”, “mula” e “outras”. Preferiu-se agrupar sob o rótulo de “outras” as produções que obtiveram apenas um registro, como: “mototaxista”; “muambeiro”; “sacoleiro”; “contrabandista”, “piranheiro”, “cotista”, “peão” e “frio” (Gráfico 27). Nesta questão computaram-se seis não-resposta, todas pertencentes à geração G1.

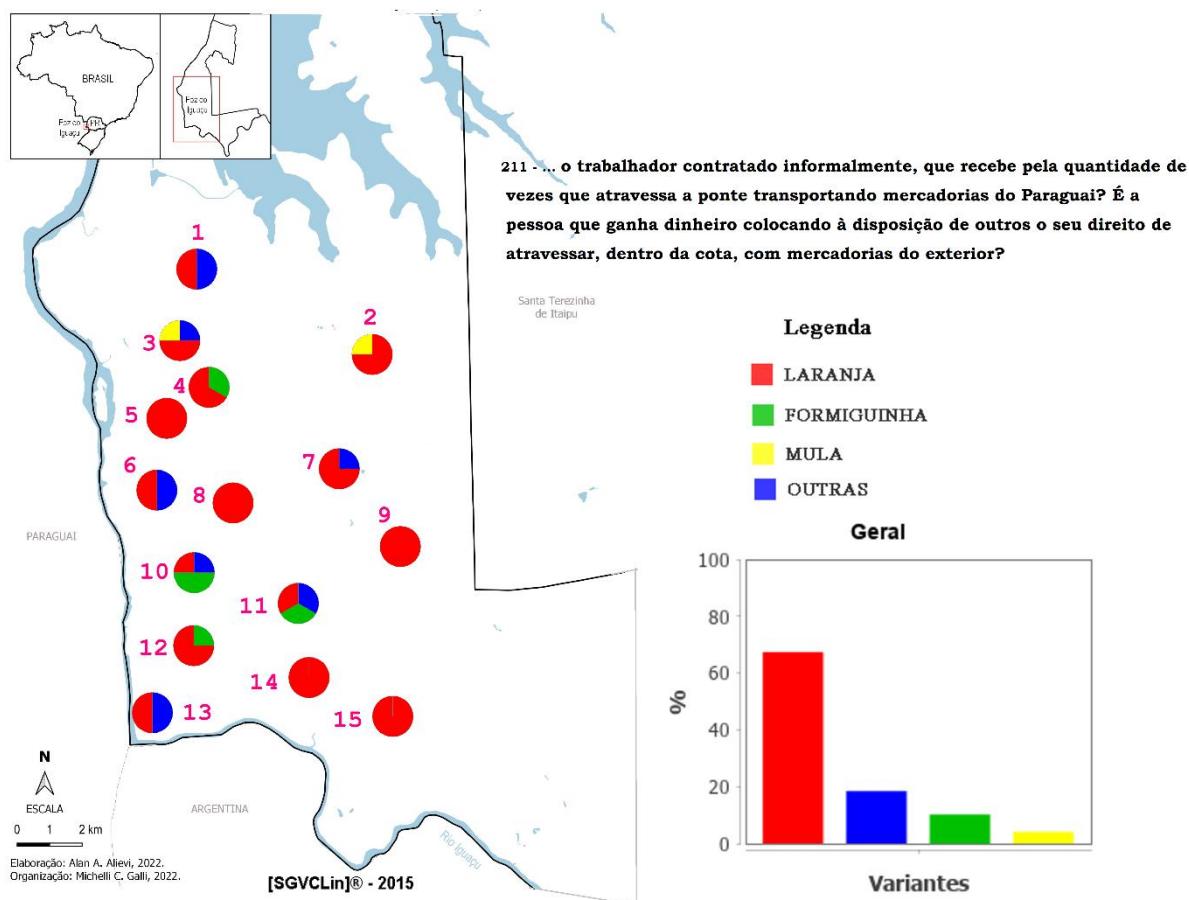
Gráfico 26 – Ocorrências das variantes para “trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai?”



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 65 – “Carta Linguística 6. “Como se chama o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai?”

CARTA 6. [...] O TRABALHADOR CONTRATADO INFORMALMENTE, QUE RECEBE PELA QUANTIDADE DE VEZES QUE ATRAVESSA A PONTE TRANSPORTANDO MERCADORIAS DO PARAGUAI?



Fonte: SGVCLin (2021)

Dentre as variantes, a mais enunciada foi “laranja” (68%), seguida por

“formiguinha” (10%) e “mula” (4%). “Laranja” consta em todo território iguaçuense. É preciso salientar que as variantes com registro único, reunidas em “outras” (18%), dividiram o espaço com “laranja” e “formiguinha” e “mula” e foram identificadas apenas em dois pontos de inquérito, Três Lagoas e Vila “B”.

A variante “laranja” foi a única identificada nos pontos: 5. Jardim Jupira, 8. Jardim Central, 9. Aparecidinha, 14. Morenitas e 15. Aeroporto. Nos pontos 1. Vila “C”, 6. Vila Portes e 13. Porto Meira, “laranja” e “outras” coocorreram, sendo 50% da produtividade para cada variante. No ponto 3. Vila “B” houve a coexistência de três denominações, “laranja”, “mula” e “outras”. Nos pontos 4. Vila “A” e 12. Vila Shalon, “laranja” predominou, ao dividir as produções com “formiguinha”. No ponto 7. Morumbi, “laranja” prevaleceu a “outras”. No ponto 10. Jardim América, “formiguinha” predominou na coocorrência com “laranja” e “outras”. No ponto 11. A distribuição se manteve equilibrada entre “laranja”, “formiguinha” e “outras”.

Em relação à distribuição diatópica, a Figura 66 expõe a realização das variantes para o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? A pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior em cada ponto de inquérito.

Figura 66 – Produção das variantes nos pontos de inquérito e destaque na mais profícua por ponto (Questão 211)

Ponto de Inquérito	Variantes			
	LARANJA	FORMIGA/ FORMIGUINHA	MULA	OUTRAS
1. Vila C	X			X
2. Três Lagoas	X		X	
3. Vila B	X	X	X	
4. Vila A	X	X		
5. Jardim Jupira	X			
6. Vila Portes	X			X
7. Morumbi	X			X
8. Jardim Central	X			
9. Aparecidinha	X			
10. Jardim América	X	X		X
11. Vila Yolanda	X	X		X
12. Vila Shalon	X	X		
13. Porto Meira	X			X
14. Morenitas	X			
15. Aeroporto	X			

Fonte: elaborada pela autora com base no banco de dados do ESeLFI.

A Figura 67 esboça as designações trazidas pelos dicionários, situando as variantes proferidas pelos informantes no campo das definições. As denominações trazidas para “laranja” nos dicionários Aurélio (2021) e Caldas Aulete (2021) correspondem em partes ao enunciado da questão proposta aos entrevistados. Em ambos os dicionários, “laranja” é o intermediário que efetua uma ação fraudulenta a mando de alguém, ficando oculta a identidade de quem está por trás das transações. De fato, o “laranja” da fronteira é o intermediário responsável pela travessia de mercadoria pela Ponte da Amizade, mas nem sempre se trata de mercadoria ilícita ou proibida no Brasil. O dicionário Michaelis traz “testa de ferro” como sinônimo para “laranja”, sendo, portanto, a pessoa que assume responsabilidade de outrem que não quer ou não deseja aparecer. Diante da última acepção, compreende-se que o Michaelis (2021) é o dicionário que melhor define o “laranja” de Foz do Iguaçu/PR. Quanto aos relatos dos informantes, para os dois modos, a travessia com contrabando ou com produtos que estejam dentro da cota várias vezes ao dia, a designação é “laranja”. Houve entre os inquiridos quem dissesse que “laranja” é o indivíduo envolvido em ações fraudulentas na política, preferindo definir quem atravessa a ponte várias vezes como “cotista”.

Figura 67 – Variantes e acepções em dicionários digitais (Questão 211)

VARIANTES PARA MULA	AURÉLIO DIGITAL (2021)	CALDAS AULETE DIGITAL (2021)	MICHAELIS ON-LINE (2021)
LARANJA	Substantivo feminino 04. Gir. Agente intermediário, esp. no mercado financeiro, que efetua, por ordem de terceiros, transações ger. Irregulares ou fraudulentas, ficando oculta a identidade do verdadeiro comprador, ou vendedor.	(la.ran.ja) sf. 5. Pessoa que serve de intermediária em transações financeiras fraudulentas, usando o próprio nome para ocultar a identidade de quem a contrata: Usava o vizinho como laranja.	(la.ran.ja) sm 2 FIG V. testa de ferro. Testa de ferro: indivíduo que assume responsabilidades alheias ou representa aqueles que não querem ou não podem aparecer; homem de palha, laranja, pessoa interposta, presta-nome, titere.
FORMIGA	[Do lat. <i>formica</i> , por via pop.] 02. Fig. Pessoa econômica e/ou trabalhadeira.	(for.mi.ga) sf. 2. Fig. Pessoa que tem grande capacidade de trabalho e/ou que economiza muito.	for-mi-ga sf 2 FIG Pessoa que é econômica e/ou trabalhadora: Ela sempre foi uma formiga no trabalho; hoje está financeiramente tranquila.
MULA	-	-	mu-la sf 4 Pessoa contratada para transportar drogas, principalmente em viagens internacionais.

Fonte: elaborada pela autora com base em Aulete Digital (2021); Ferreira (2021); Michaelis (2021).

Para a segunda variante “formiga”, o significado trazido pelas três obras corresponde às pessoas que trabalham muito. Essa definição vai ao encontro da explicação explanada pelos informantes quanto à quantidade de vezes que a pessoa atravessa a ponte diariamente. Essa correlação fica evidente nos excertos 10, 11, 12 e 13.

(10) [Pergunta motivadora]

INF4: (risos) Ahh, a gente chama de formiguinha. Esse que vai e volta. [fazendo gestos] (04/ 4, Vila “C”).

(11) [Pergunta motivadora]

INQ: O trabalhador que vai-e-vem atravessando a ponte?

INF39: (risos) Muitos falam formiguinha.

INQ: E o senhor, como fala?

INF39: Formiguinha também (10/ 3, Jardim América).

(12) [Pergunta motivadora]

INQ: Eles recebem pela quantidade de vezes que atravessam a ponte.

INF40: Os formiguinha (03/ 4, Vila “B”).

(13) [Pergunta motivadora]

INF46: Esses aí são os formiguinhas, né (12/ 2, Vila Shalon).

A forma “mula” não consta no dicionário Aurélio (2021) nem no Caldas Aulete (2021) com o significado de trabalho realizado por um indivíduo. Ao contrário, no dicionário Michaelis (2021), “mula é a pessoa contratada para transportar drogas, principalmente em viagens internacionais”. Dentre as narrações dos informantes, apenas uma se aproxima dessa definição; excerto 14.

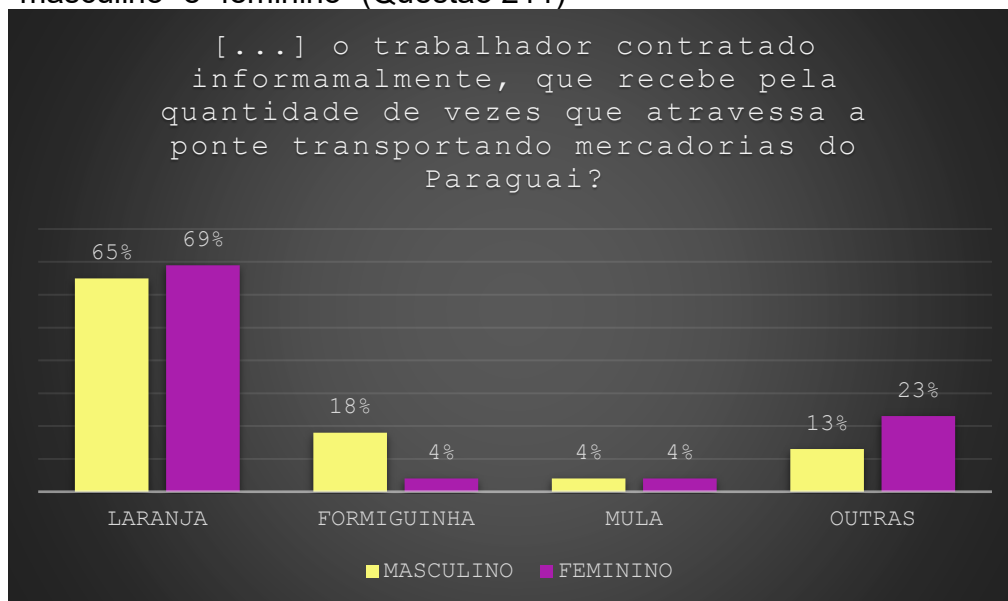
(14) INQ: Como você chama o produto trazido do Paraguai? Aquele produto que as pessoas trazem de lá sem nota fiscal? Às vezes essas mercadorias são ilegais.

INF2: Eu falo muamba, mas no Direito é contrabando.

INQ: [Pergunta motivadora]

INF2: Por mais que ele esteja fazendo trabalho para alguém ele está na função de transportar muamba (01/ 2, Vila “C”).

Gráfico 27 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “masculino” e “feminino” (Questão 211)

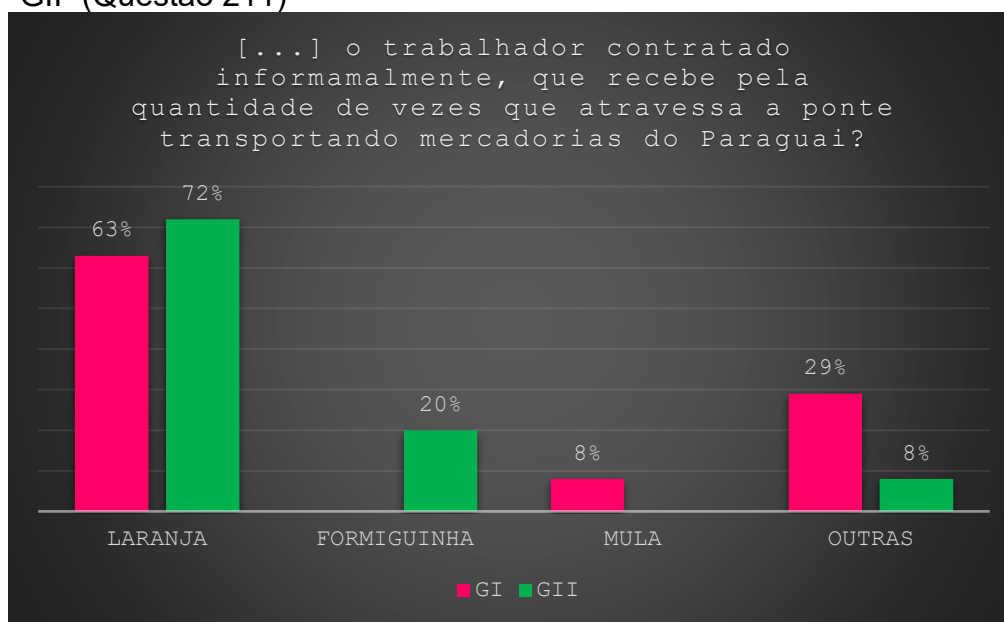


Fonte: elaborado pela autora.

Analisando as variantes na dimensão diassexual, “laranja” é a mais frequente na fala de ambos os sexos. Na segunda colocação, entre os homens, está a variante “formiguinha”, e entre as mulheres, não houve consenso, representada pela forma “outras”. As não-respostas igualaram-se em número de ocorrências na fala dos homens da GI e das mulheres da GI, três em cada sexo.

A variante “laranja” coocorre com a mesma intensidade na fala do homem e da mulher dos pontos 1. Vila “C”. e 13. Porto Meira. A variante “laranja” é unânime na dimensão diassexual nos pontos 5. Vila Portes, 8. Jardim Central e 14. Morenitas. Entre os homens, “laranja” é exclusiva nos pontos 3. Vila “B” e 7. Morumbi. Produzidas igualmente, “laranja” e “formiguinha” coexistem nos pontos 4. Vila “A”, 10. Jardim América e 12. Vila Shalon. A fala dos homens do ponto 2. Três Lagoas difere-se dos demais pontos, é a única localidade em que “laranja” e “mula” compartilham as preferências. O item lexical “outras” coocorre com “formiguinha” na fala dos homens da Vila Yolanda, e com “mula”, na fala das mulheres da Vila “B”.

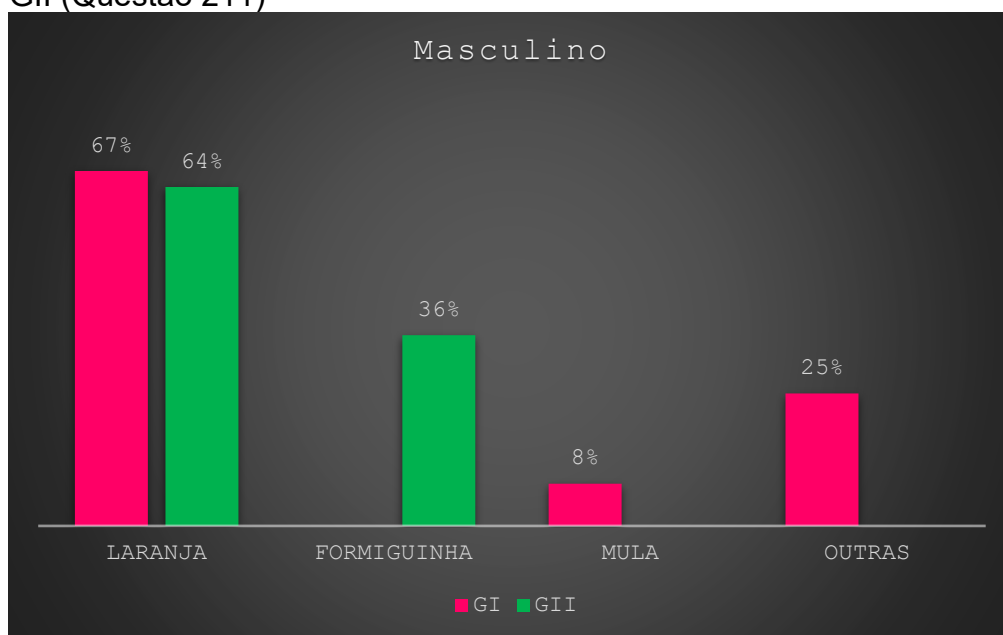
Gráfico 28 – Comparativo da distribuição das variantes entre os parâmetros “GI” e “GII” (Questão 211)



Fonte: elaborado pela autora.

A distribuição das variantes na dimensão diageracional (Gráfico 29), evidencia “laranja” como a denominação mais frequente para a pessoa mencionada no enunciado da questão motivadora. Na fala da GI, “laranja” é mais produtiva (63%), seguida de “outras” (29%) e “mula” (8%). Na GII, “laranja” (72%) coexiste com “formiguinha” (20%) e “outras” (8%). “Laranja” é unânime na GI e GII da Vila Portes, do Jardim Central e do Porto Meira. “Laranja” é a variante exclusiva na fala da GI do Morumbi, da Vila Shalon e do Aeroporto. Na fala da GII, “laranja” é única na Vila “C”, na Vila Portes, no Aparecidinha e no Porto Meira. “Outras” é exclusiva na fala da GI, na Vila “C”, na Vila Portes e no Porto Meira. Com a mesma proporção, coexistem na GI do Jardim América, “laranja” e “outras”. Na GI do Três Lagoas e da Vila “B”, “laranja” e “mula” são concorrentes. Em relação à variante “formiguinha”, suas ocorrências foram equilibradas na GII da Vila “A”, da Vila Shalon e da Vila Yolanda, e unânime na GII, dos Jardim América.

Gráfico 29 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 211)

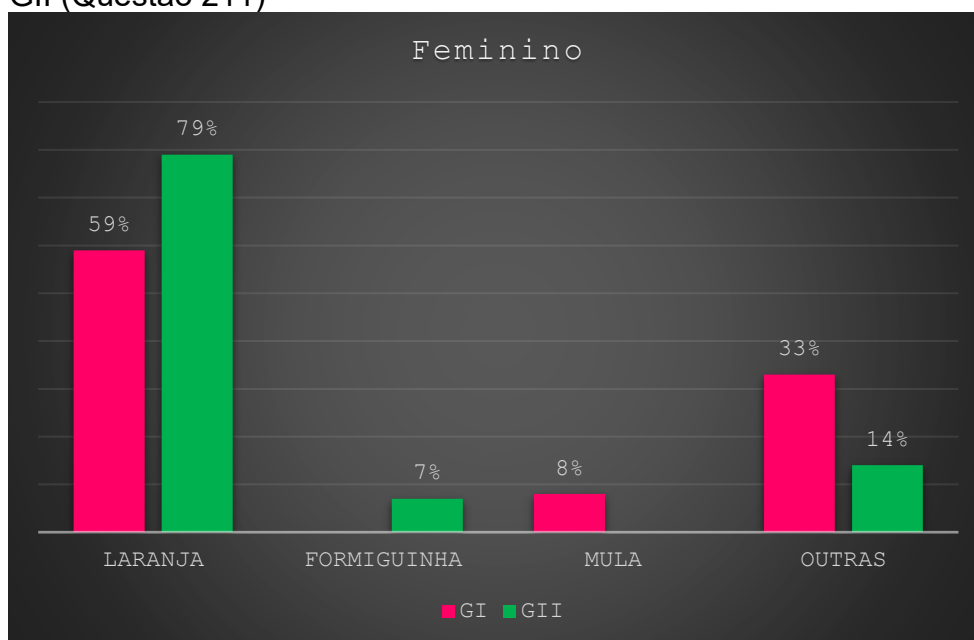


Fonte: elaborado pela autora.

Concisamente, “laranja” é a variante com o maior número de realizações e em equilíbrio na fala dos homens e das mulheres. Na dimensão diageracional, outras variantes além de “laranja” têm sido escolhidas pela GI para denominar a atividade laboral informal. “Formiguinha” está presente apenas na fala da GII, tratando-se possivelmente da variante mais antiga.

Na seleção dos informantes, jovens de 18 a 30 anos compuseram o grupo da GI, isto é, nascidos na década de 1990; mesma época das muitas negociações entre o Brasil e o Paraguai. A economia na fronteira girava em torno das grandes exportações e das lojas próximas à Ponte Internacional da Amizade, e as atividades com produtos importados no Paraguai começavam a ganhar espaço. Com o Mercosul, as exportações decresceram exponencialmente, muitas empresas faliram. Nesse ínterim, os produtos importados passaram a ser a atividade central em Ciudad Del Leste; e a construção da Itaipu foi finalizada. A soma desses fatores, associada à alta taxa de desemprego e à crescente movimentação de importados no país vizinho, resultou em inúmeras vagas para a prestação de trabalhos informais, nesse contexto, ascendem os “laranjas”. Sendo assim, os informantes da GI, nascidos no final da década de 1990 e início dos anos 2000 eram crianças, aspecto que pode ser a justificativa para os 33% no agrupamento de variantes “outras”.

Gráfico 30 – Cruzamento de dados: produção das variantes entre os homens da GI e GII (Questão 211)



Fonte: elaborado pela autora.

Entre as mulheres, o maior número de ocorrências foi de “laranja” na GII, 79%. “Outras” representa as variantes identificadas apenas uma vez e juntas somaram 14% das ocorrências. “Formiguinha” é menos recorrente na fala feminina para designar o trabalhador informal da fronteira.

De modo geral, “laranja” é a variante mais produtiva entre as mulheres da GII, embora o item lexical tenha correspondido ao maior índice de realizações em ambos os sexos e nas duas faixas etárias. “Outras” foi mais recorrente entre as mulheres da GI. “Mula” está apenas na fala da GI, em ambos os sexos, e “formiguinha”, na fala da GII, também em ambos os sexos.

Quadro 19 – Síntese das ocorrências das variantes nas dimensões diatópica, diassexual e diagenérica para “Como se chama o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?”

LARANJA	Síntese Diatópica	<ol style="list-style-type: none"> 1. É a variante com o maior número de ocorrências em Foz do Iguaçu/PR; 2. É identificada em todos os pontos de inquéritos; 3. É variante única em cinco pontos de inquérito; 4. Em coexistência, é a variante mais recorrente em quatro pontos de inquérito;
----------------	-------------------	---

		5. Em quatro pontos de inquérito ocorre com proporção igual às demais variantes registradas nas localidades.
	Síntese Diassexual	1. O número de ocorrências está equilibrado entre a fala de ambos os sexos.
	Síntese Diageracional	1. As realizações estão equilibradas entre GI e GII.
FORMIGUINHA	Síntese Diatópica	1. O número de realizações é baixo; 2. A variante foi comprovada em quatro pontos de inquérito; 3. É a variante mais recorrente no 10. Jardim América; 4. Coocorre com uma a duas variantes por ponto.
	Síntese Diassexual	1. É mais frequente na fala das mulheres.
	Síntese Diageracional	1. Não foi computada na GI.
MULA	Síntese Diatópica	1. É a variante com o menor número de realizações (4%); 2. Foi mencionada em apenas dois pontos de inquérito.
	Síntese Diassexual	1. Em equilíbrio, 4% em cada parâmetro.
	Síntese Diageracional	1. Não foi identificada na GII.
OUTRAS	Síntese Diatópica	1. Representa um grupo de variantes; 2. É computada em sete pontos de inquérito; 3. Em contexto de coexistência, é a variante com menor frequência no 3. Três Lagoas; 4. Em cinco pontos de coocorrência está em equilíbrio com as demais variantes. 5. Realiza-se de Norte a Sul, de Leste a Oeste.
	Síntese Diassexual	1. É mais frequente na fala das mulheres.
	Síntese Diageracional	1. É a segunda variante mais recorrente entre as mulheres, 33% das realizações.

Fonte: elaborado pela autora.

6.7 EM SÍNTESE, O QUE REVELAM OS DADOS

As variantes constatadas no excerto do *corpus* investigado, são fruto das 55 entrevistas concretizadas *in loco* e na modalidade remota. Efeito da coleta de dados nos pontos selecionados por sua relevância histórica e socioeconômica, após

a transcrição, em gráficos e cartas linguísticas foram expostas as variantes constatadas segundo as dimensões diageracional e diassexual. Sendo assim, resgatam-se as oito perguntas norteadoras desta Tese:

i) As variantes produzidas pelos informantes estão registradas nos dicionários digitais de Língua Portuguesa Aurélio (FERREIRA, 2021); Caldas Aulete (AULETE DIGITAL, 2021) e Michaelis (MICHAELIS, 2021)? Se sim, as acepções são correspondentes às variantes mencionadas?

Questão 1. Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

Após a identificação das variantes em respostas às questões semântico-lexicais, consultaram-se dicionários de língua portuguesa para comprovar o registro dessas palavras. As designações “riacho”, “córrego”, “riozinho” e “sanga” são definidas nos três dicionários e os significados convergem com as respostas dos informantes. “Lago” está dicionarizada, mas não faz referência ao curso da água, sendo a variante que mais se distancia do requerido no enunciado da questão.

A variante “sanga”, no dicionário Aurélio é definida como um brasileirismo, no entanto, há estudos que discutem a entrada da palavra, de origem espanhola “*zanga*”, pelo estado de Santa Catarina e sua difusão pelo Sul do Brasil. Fato é que, comprovou-se a ocorrência de “sanga” em dois bairros de contato com a língua espanhola: Jardim América e Vila Yolanda. Uma das características do Jardim América é o intenso fluxo de paraguaios, a presença de “sanga” na localidade vai ao encontro quanto à existência da palavra na língua espanhola. A justificativa para a presença de “sanga” na vila Yolanda, baseia-se na história de povoamento da região que recebeu núcleos de família sulista, na década de 1950. Dito isso, volta-se à questão norteadora.

Excetuando-se “lago”, as definições trazidas pelos dicionários Aurélio (2021), Caldas Aulete (2021) e Michaelis (2021) condizem com as escolhas dos informantes.

Questão 2. Como se chama uma chuva bem fininha?

À questão 2, cinco variantes foram mencionadas pelos informantes: “garoa”, “chuvisco”, “chuvinha” e “sereno”. Mais uma vez, sobre a origem de uma variante, os dicionários são dissonantes, neste caso sobre a “garoa”. No Michaelis, “garoa” é um espanholismo; no Aurélio e no Caldas Aulete, trata-se de um regionalismo brasileiro.

Quanto à presença das variantes nos dicionários, chega-se à afirmativa: “garoa”, “chuvisco”, “chuvinha” e “sereno” estão dicionarizadas e as definições condizem com a descrição do enunciado, inclusive a variante “sereno”, que a princípio causou estranhamento à autora por ser sinônimo de orvalho.

Questão 3. Como você chama o dia que foi antes de _____? [e mais um dia pra trás]?

Para a questão 3, muitas variantes foram obtidas e as mais recorrentes, “nome do dia”, “antes de ontem de ontem”, “transantonte” e a representação de variantes “outras” averiguadas. Nesse cenário, apenas as variantes “transantonte” e “transantonte”, agrupadas na forma “outras” por terem sido mencionadas uma única vez pelos inquiridos, puderam ser comparadas às denominações trazidas pelos dicionários.

As duas variantes estão dicionarizadas e são coerentes com os significados apresentados pelos informantes. As demais respostas, ainda que não estejam dicionarizadas, são denominações cabíveis à interrogação.

Questão 4. Como se chama o bicho que dá no esterco, em pau podre?

Em resposta, as variantes constatadas foram: “coró”, “larva”, “lagarta” e “verme”. As variantes menos recorrentes, “bussam/bussano”, “mandruvá” e “taturana, estão agrupadas em “outras”, mas foram contempladas na busca pelos significados nos dicionários.

“Coró”, a variante mais produtiva, recebe uma entrada⁷³ no dicionário Caldas Aulete, mas não é definida, senão reencaminhada para “escaravelho”. A descrição no Aurélio é análoga ao enunciado da questão: “bicho de esterco; bicho de

⁷³ A entrada da palavra é o que vem antes da definição; mostra como deve ser a escrita e a separação silábica (FERREIRA, 2021).

pau podre” (FERREIRA, 2021). No Michaelis, dentre os registros está: “bicho-de-esterco, bicho-de-pau-podre” (MICHAELIS, 2021). “Larva”, “lagarta”, “verme” e “taturana” estão dicionarizados com definições correspondentes ao enunciado da questão. “Mandruvá” é entrada de palavra no Aurélio e Michaelis. No Caldas Aulete, a entrada é “Maranduvá”; formas aproximadas são exibidas: “manduruvá”, “marandová”, manduruva”, mas “mandruvá” não é registrada.

De todas as variantes, apenas “bussam/bussano” não foi identificada nos dicionários selecionadas. No entanto, compreendendo a relação da variante com a língua espanhola, buscou-se no dicionário online Wordreference pela palavra “gusano”, e as acepções apresentadas correspondem ao descrito no enunciado da questão.

Sendo assim, em resposta à primeira pergunta norteadora, a maioria das variantes está registrada e se refere ao animal descrito no enunciado da questão. “Mandruvá” não está dicionarizada no Caldas Aulete; e “bussam/bussano”, por ser variação de uma palavra do espanhol, também não está.

Questão 5. Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

“Tomada” e “Interruptor” foram as variantes mencionadas pelos informantes. “Tomada” não é contemplada nos dicionários com o mesmo sentido da questão motivadora. “Interruptor” vai ao encontro do disposto no enunciado da questão.

Diante disso, o acréscimo de “tomada” como sinônimo de “interruptor” pode se efetivar a partir dos resultados de estudos, como esta Tese e outros tantos, que comprovem o movimento da língua viva. Há outras publicações acerca da descrição das variantes em que a definição de “tomada” é análoga a de “interruptor”.

Questão 6. Como se chama o trabalhador contratado informalmente, que recebe pela quantidade de vezes que atravessa a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de atravessar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?

“Laranja”, “formiguinha” e “mula” foram as designações mais recorrentes

entre os informantes. Frisa-se que, as variantes no agrupamento “outras” não foram selecionadas pela autora para a averiguação nos dicionários.

Aurélio e Caldas Aulete definem em partes o “laranja da fronteira”. Em ambos os dicionários, a atividade está relacionada ao transporte de mercadorias ilícitas. A designação no Michaelis é a que melhor contempla a descrição do enunciado. “Formiga” seria a pessoa que trabalha muito, compreensão compartilhada entre os informantes do ESeLFI e parcialmente abordada na questão motivadora. Por fim, as acepções da variante “mula” não correspondem ao enunciado da questão 6.

ii) A partir da análise das seis questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL), trazidas para apreciação nesta Tese, quais são as variantes mais “jovens” no falar iguaçuense?

Nesta Tese, a variante mais recente está em contraste com a forma mais antiga, mensurada pela realização em maior ou menor grau na dimensão diageracional. E, quando possível, pela data de entrada da palavra na língua ou da aceção do novo significado.

Dito isso, acredita-se que essas variantes são:

Questão 1: “Riacho” e “Riozinho”;

Questão 2: “Chuvisco” e “Chuvinha”;

Questão 3: “Nome do dia” e “antes de ontem de ontem”;

Questão 4: “Larva”;

Questão 5: Em equilíbrio; “Interruptor” (etimologicamente);

Questão 6: Em equilíbrio; (Acredita-se que do agrupamento “outras” surja uma nova variante mais profícua).

iii) Concernente à fala das mulheres, há diferenças substanciais em relação à fala dos homens que apontem para uma variante de prestígio?

Questão 1. Na constatação das variantes, a fala do homem e da mulher estão em equilíbrio. Apenas “sanga” que apresenta o dobro de realizações, contudo acredita-se que isso esteja associado ao fator diatópico, devido ao contato com a língua espanhola;

Questão 2. Acerca da variante “garoa”, os dados indicam ocorrências equilibradas. O índice de realização de “chuvinha” e “chuvisco” na fala das mulheres aponta para uma disputa interna entre as duas formas, crê-se que a vencedora impulsionará a ascensão de uma nova variante de prestígio;

Questão 3. “Antes de ontem de ontem” não seria a variante de prestígio, mas também não sofre estigma, por isso, o alto índice de realizações para essa variante;

Questão 4: Novamente, a coocorrência de quatro variantes mostra que as mulheres são o grupo responsável pelo início das mudanças na língua, mas que, ao mesmo tempo, existe uma disputa interna nesse grupo, impossibilitando avaliar a presença de uma variante de prestígio;

Questão 5: “Tomada” é a forma mais antiga, e é escolhida pelas mulheres para designar o objeto que acende e apaga a luz. Os dados apontam para a manutenção de “tomada” como o resultado da decisão das mulheres pela variante. Ao passo que na fala dos homens “interruptor” é a variante mais produtiva; a opção pode estar relacionada com o campo de atuação dos homens na construção civil.

Questão 6: “Laranja” está em equilíbrio.

iv) Existem variantes na fala da GI e da GII que estejam em equilíbrio, isto é, a proporção de produção é congruente entre os dois parâmetros da dimensão?

Questão 1: “Lago” → GI (10%) e GII (12%);

Questão 2: “Garoa” → GI (70%) e GII (72%); “Serenio” → GI (3%) e GII (4%);

Questão 3: Não há;

Questão 4: “Lagarta” → GI (17%) e GII (12%);

Questão 5: Não há;

Questão 6: Considerando os percentuais obtidos em cada variante, acredita-se que “laranja” esteja em equilíbrio na dimensão diageracional.

v) As variantes identificadas em Foz do Iguaçu/PR pelo Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) e Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (ALERS) são coincidentes com as variantes constatadas pelo ESeLFI?

Questão 1. (Variantes coincidentes)

ALPR e ESeLFI → “riacho”, “córrego”, “sanga”;

ALERS e ESeLFI: não foi possível estabelecer a comparação, a resposta do ALERS está prejudicada.

Questão 2. (Variantes coincidentes)

ALPR e ESeLFI → “garoa”;

ALERS e ESeLFI → “garoa”.

Questão 3. (Variantes coincidentes)

ALPR e ESeLFI → sem variantes coincidentes. Formas aproximadas: “treisantonti” e “treisontonte” (ALPR, 1994) e “tresontontem” e “tresontonti” (ESeLFI);

ALERS e ESeLFI → Variantes não cartografadas.

Questão 4. (Variantes coincidentes)

ALPR e ESeLFI → questão não contemplada;

ALERS e ESeLFI → “bicho”

Questão 5. (Variantes coincidentes)

ALPR e ESeLFI → questão não contemplada;

ALERS e ESeLFI → questão não contemplada.

Questão 6.

A questão 6. pertence ao QSL de “turismo de compras e fronteira” do ESeLFI.

vi) As variantes identificadas nas cidades São Miguel do Iguaçu/PR e

Toledo/PR, ambos pontos de inquérito do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), são coincidentes com as variantes constatadas em Foz do Iguaçu/PR?

Questão 1. (Variantes coincidentes)

ALiB e ESeLFI → “riacho”; “córrego”; “riozinho”; “sanga”;

BUSSE 2010 → “riozinho”, “lago/lagoa”.

Questão 2. (Variantes coincidentes)

ALiB e ESeLFI → “garoa” e “chuveisco”

Formas aproximadas: “chuva de espantar burro” e “molha bobo”;

BUSSE 2010 → questão não contemplada.

Questão 3. (Variantes coincidentes)

ALiB e ESeLFI → “nome do dia”

Formas aproximadas: “Ontem de ontem de ontem”; “anteontem”; “antes de antes de ontem”; “ontonti”; “ontonti” e “antes de anteontem”;

BUSSE 2010 → questão não contemplada.

Questão 4. (Variantes coincidentes)

ALiB e ESeLFI → “coró”, “lagarta” e “verme”.

BUSSE 2010 → questão não contemplada.

Questão 5. (Variantes coincidentes)

ALiB e ESeLFI → “interruptor” e “tomada”;

BUSSE 2010 → questão não contemplada.

Questão 6.

A questão 6. pertence ao QSL de “turismo de compras e fronteira” do ESeLFI.

vii) A base do falar iguaçuense está na fala dos grupos de origem ou nas gerações mais recentes?

Desde o capítulo teórico à análise dos dados desta Tese, empenhou-se

para que esta questão norteadora fosse ponderada a cada fenômeno constatado, por isso é a única sem resposta direta, mas construída progressivamente. A justificativa fundamenta-se na abrangência de fatores a se considerar antes de uma conclusão. Diante dos dados quantitativos e qualitativos, das reflexões e das considerações, pode-se afirmar que o falar iguaçuense está alicerçado na junção das formas de origem com as formas mais recentes. Os ciclos socioeconômicos foram os principais propulsores para a composição desse falar, ora conservador, ora inovador; prova disso, é identificar, mais de uma vez, variantes mais antigas na fala da GI; e variantes mais recentes com alto índice de ocorrência na GII, dentre outros exemplos já mencionados. Para se chegar a essa resposta, a autora pautou-se nas leituras que descrevem o processo de colonização e consolidação de Foz do Iguaçu/PR, integrado a um todo ainda maior: a constituição do território paranaense.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial desta tese partiu da reflexão a respeito do cenário de consolidação do solo iguaçuense. Foz Iguaçu, cidade fronteiriça, situada no Extremo-Oeste paranaense, demorou anos para que o potencial do seu solo pudesse ser atrativo, e até mesmo revelado. Enquanto outras regiões começavam o desenvolvimento, Foz estava esquecida pelo governo brasileiro; estava no Brasil, mas não pertencia ao Brasil. O contato mais próximo com traços urbanos era no país vizinho, na Argentina, que durante muitos anos foi a fonte alimentícia “mantenedora” dos poucos moradores da localidade; os suprimentos, caríssimos, chegavam de barco ao Porto Iguaçu, atual Porto Meira.

O governo brasileiro enviou homens de confiança ao lugar remoto para o cumprimento de duas missões: demarcar o território e expulsar os invasores [argentinos]. A notícia dos mandos e desmandos em terras estrangeiras chegou aos ouvidos de quem precisava. E, na década de 1889, abrindo picadas, os primeiros militares implantariam a Colônia Militar na fronteira. Não seria tarefa fácil, a região era formada por grandes proporções de mata fechada, animais silvestres e bichos peçonhentos. Além das trocas comerciais e culturais entre os habitantes da tríplice-fronteira, aquela era a única realidade conhecida pelos primeiros iguaçuenses.

Logo da chegada, os militares identificaram o quanto já tinha sido extraído da natureza, pedindo medidas céleres para conter a exploração. Durante os anos que passaram no território limítrofe, terrenos foram demarcados, divididos e postos à venda. Havia alguns poucos estabelecimentos comerciais. As contribuições dos militares foram importantes para aquele momento, mas nem mesmo eles conseguiram mudar a fíxidez dos passos para o progresso.

Passadas décadas, e muitas tentativas de tornar o solo mais acolhedor, somente depois de 40 anos, começam a migrar para o município os primeiros núcleos de famílias sulistas, alguns estrangeiros e os vizinhos paraguaios. A nova população chegou e se instalou em propriedades rurais, não se comparava ao que viriam se tornar as outras cidades do Oeste, mas era o modo de sobrevivência. A vida no campo, no cuidado com a terra e com os animais se manteve até os anos de 1960, quando a junção de fatores parece ter tirado uma poeira que cobria a cidade. O mesmo motivo que levou Foz do Iguaçu/PR a viver tantos anos no esquecimento, foi o trampolim para o sucesso: estar na Tríplice Fronteira. Há quem diga que o primeiro

passo para a abertura do progresso, foi a instalação da Colônia Militar em Foz do Iguaçu/PR, e que depois disso os olhares se voltaram para o Oeste. Entre 1920 e 1960, o meio de sobrevivência vinha da extração da madeira e da agricultura, entretanto os próximos anos seriam decisivos para a história do município.

Ainda que Foz do Iguaçu/PR tenha experienciado a vinda de povos diferentes nas primeiras décadas do século XX, a intensa interação cultural só se efetiva com a abertura da BR 277, a construção da Ponte Internacional da Amizade e a construção da Itaipu Binacional. E, é nesse contexto que se estabelece a hipótese acerca do “eu iguaçuense”, é possível em um espaço tão plural existir um elo homogêneo?. Motivada por essa pergunta, objetivou-se retratar e compreender a realização da língua em um contexto multidialetal; além de identificar se há traços que unem o passado e o presente; a vida rural e a vida urbana, e os espaços sociais de convivência e de relações históricas, culturais e linguísticas.

Para tanto, à procura pela resposta a fim de investigar a fala dos iguaçuenses, à luz da Dialetologia Pluridimensional, este estudo traçou planos e os seguiu para que os fatores históricos, geográficos e sociais supramencionados, fossem o alicerce na compreensão da realização da língua portuguesa em Foz do Iguaçu/PR.

À medida que se avançava em direção ao objetivo maior, descrever o falar iguaçuense a partir da investigação das variantes lexicais convergentes e divergente entre os 15 pontos de inquérito, os outros três objetivos foram contemplados. A construção da rede de pontos e a seleção dos informantes, possibilitaram identificar e descrever os contextos externos à língua que atuam como condicionadores para a manutenção e a variação na fala dos iguaçuenses. O estudo dos registros da língua no território paranaense foi de fundamental importância para a compreensão da interrelação dos fenômenos linguísticos no Brasil, no Paraná, no Oeste paranaense e em Foz do Iguaçu/PR.

A escolha pelos 15 pontos de inquérito considerou a importância de cada um deles em diferentes momentos da consolidação dos ciclos socioeconômicos de Foz do Iguaçu/PR, a fim de contrastar a realidade linguística a partir desses fatores. De modo geral, após investigação e explanação dos resultados, afirma-se que, conforme ventilado na hipótese inicial e nas questões motivadoras, a formação social é determinante para a escolha e para realização linguística no município. Como exemplo, cita-se a inclusão de mais um ponto de inquérito, Jardim Jupira, em virtude

da constatação das diferenças nos falares entre os informantes e na estruturação dos bairros; a princípio, com aspectos sociais convergentes aos da Vila Portes, mas que devido ao acordo do Mercosul houve uma ruptura em seu desenvolvimento econômico.

No que diz respeito às ocorrências de acordo com a faixa etária dos informantes, constatou-se que a GI é a responsável pela inclusão de novas variantes no falar iguaçuense e, que com o passar do tempo, é possível identificá-las também na GII. Concernente à variação diasssexual, há um equilíbrio entre a fala dos homens e das mulheres, até mesmo no uso de novas variantes, no entanto, destaca-se que as mulheres são responsáveis pela inclusão das variantes não-estigmatizadas, constatação que vai ao encontro das afirmações de Mouton (2000), quando ressalva que as mulheres tendem a principiar as inovações na língua, sejam conscientes ou inconscientes.

Quanto às contribuições dos fatores históricos e geográficos, corrobora-se com os pressupostos da Dialetoлогия ao enfatizar a grande influência dos grupos de origem na fala dos informantes, dado testificado na distribuição diatópica. Foi possível constatar a herança trazida a partir da construção histórica do município, “o homem se locomove e carrega consigo sua cultura, sua história, suas crenças e tradições” (GHOLMIE, 2019, p.90) e, conseqüentemente, os traços da língua de seu povo. Ademais, a comprovação da existência de variantes de origem espanhola na fala dos iguaçuenses, ratifica a importância da proximidade do Paraguai e da Argentina, países hispanofalantes, na consolidação cultural e linguística de Foz do Iguaçu/PR.

A grande quantidade de variantes identificadas como resposta a cada uma das seis questões eleitas para compor esta Tese aponta para o contexto multi, sustentado a cada capítulo deste estudo. Mas que ainda em meio ao multi, foi possível identificar a elo homogêneo ligando os 15 pontos de inquéritos de norte a sul; de leste a oeste de Foz do Iguaçu/PR.

Por fim, tendo percorrido a trajetória do ESeLFI, chega-se ao terceiro e último objetivo específico: contribuir para a descrição do português brasileiro falado na região Oeste do Paraná. Assim, almeja-se que os dados aqui apresentados, e os demais do banco de dados do ESeLFI, sejam fonte de pesquisa e colaborem para outros estudos descritivos deste território tão vasto e múltiplo.

8 REFERÊNCIAS

ABDI – AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL.

Bairro Inteligente em Foz do Iguaçu. Disponível em:

<https://www.abdi.com.br/postagem/bairro-inteligente-em-foz-do-iguacu>. Acesso em 20 out. 2021.

AEROPORTO. In: GOOGLE MAPAS. Google, 2011. Disponível em:

https://www.google.com/maps/@-25.5922879,-54.5057738,3a,75y,92.58t/data=!3m6!1e1!3m4!1sX7_0jNtS-PBy6P7eid_2FA!2e0!7i113312!8i6656. Acesso em: 07 fev. 2022.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci Andrade; VASCONCELOS, Celciane Alves. Para uma abordagem histórico-social da fala rural de Castro-PR: a presença de tupinismos.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 6, n. 1, p. 11-42, dez. 2003.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Os dados lexicais do ALiB podem revelar que o velho permanece novo? In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres (org.). Documentos 3: Vozes do X WORKALIB: Amostras do português brasileiro. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 303-318.

ALKMIM, Tânia. Um texto inaugural: o Visconde de Pedra Branca e o português do Brasil. **Stockholm Review Of Latin American Studies.** Stockholm, n. 8, p. 21-33, mar. 2012. Disponível em:

<https://www.historiadelaslenguasenuruguay.edu.uy/166/descargar.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mario Silfredo. (Org.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS):** cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232162>. Acesso em 23 fev. 2022.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná II.** 2007. 2v. Tese.

(Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina, 2007.

ALPI – ATLAS LINGUÍSTICO DE LA PENÍNSULA IBÉRICA. Presentación.

Disponível em: <http://alpi.csic.es/es/alpi/presentacion>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ALVES, José; THOMAZ JÚNIOR, Antônio. A migração do trabalho para o complexo hidrelétrico madeira. In: XIII Jornada do Trabalho. 2012. Presidente Prudente. **Anais.** Presidente Prudente: 2012. n.p. Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000142012000100032&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 06 fev. 2022.

ANDRADE, Catarina Graça Gonçalves. **Crenças e percepções e atitudes linguísticas de falantes madeirenses**. 2014. 202f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais). Centro de Artes e Humanidades. Universidade da Madeira, Funchal, 2014.

ANGLO AMERICANO. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.angloamericano.edu.br/nossahistoria/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

APARECIDINHA. *In*: GOOGLE MAPAS. Google, 2011. Disponível em: https://www.google.com/maps/@-25.5330635,-54.4874838,3a,90y,180h,91.21t/data=!3m6!1e1!3m4!1sGyTnka_pWPOj0BTk2rPysw!2e0!7i13312!8i6656. Acesso em: 11 fev. 2022.

ARANHA, Renato Muchiuti. **De Rua 145 a Rua Jaguarundi**: a alteração da nomenclatura das ruas e avenidas da Vila “A” de Itaipu. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE. 1. 2011, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UDESC, 2011. p. 482-489. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/view/282/202>. Acesso em: 17 jan. 2022.

ARANHA, Renato Muchiuti. **Vilas de Itaipu**: vivências e espacialidades (1974-2003). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 13., 2016, Porto Alegre. **Anais** [...]. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 1-16. Disponível em: https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462156181_ARQUIVO_ARANHARenatoMuchiuti.pdf. Acesso em 12 nov. 2021.

A REDAÇÃO móvel visitou hoje o Jardim Central um bairro com muitas influências árabes. [Foz do Iguaçu]: **Meio dia Paraná**, 2015. 1 vídeo (12min47s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4098025/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ARQUIVO NACIONAL. **Fundo Ministério da Guerra (OG)**: instrumento provisório dos documentos cartográficos. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2013. Disponível em: <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/ministerio-da-guerra>. Acesso em 20 maio 2019.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL DE FOZ DO IGUAÇU (ACIFI). **Três Lagoas no caminho para fortalecer a economia**. Foz do Iguaçu, 10 ed. p. 57-59. 04 abr. 2016. Centro Comercial. Disponível em: https://issuu.com/revistaacifi/docs/revista_acifi_10. Acesso em: 03 dez. 2021.

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB). **Atlas regionais**. Disponível em: <https://alib.ufba.br/atlas-regionais>. Acesso em 10 ago. 2021.

AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete online. Rio de Janeiro: Lexikon. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 04 out. 2021.

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

BOMFIM, Eneida do Rego Monteiro. Estudos do português popular: a linguagem dos cantadores de Clóvis Monteiro. **Idioma**. Rio de Janeiro, n. 22, p. 14-20, 2002.

Disponível em:

http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/22/idioma22_a03.pdf. Acesso em 10 ago. 2021.

BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário histórico Brasil: Colônia e Império**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BRASIL. **Cidades do Sul estão entre as 10 mais visitadas do país**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2017/08/cidades-do-sul-estao-entre-as-10-mais-visitadas-do-pais>. Acesso em: 7 nov. 2017.

BRITO, José Maria de. **A Descoberta da Foz do Iguaçu**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

BUCHE, Patrícia. O caminho de Peabiru. **Revista 100 Fronteiras**. Disponível em: <https://100fronteiras.com/foz-do-iguacu/noticia/o-caminho-de-peabiru/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

BUSSE, Sanimar. **Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná**. 2010. 2.v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina, 2010.

CABEZA NEWS. **Restauração da estátua de São Francisco é concluída em Foz do Iguaçu**. 01 jan. 2020. Disponível em: <https://cabezaneews.com/restauracao-da-estatuade-sao-francisco-e-concluida-em-foz-do-iguacu/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CALEBE, Josué. Prefeitura esclarece renomeação de bairros em Foz. **Rádio Cultura**. Foz do Iguaçu, 07 jan. 2019. Disponível em:

<https://www.radioculturafoz.com.br/2019/01/07/prefeitura-esclarece-renomeacao-de-bairros-em-foz/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

CAMPOY, Juan Manuel Hernández. **Dialectologia tradicional, sociolinguística laboviana y geolingüística trudgilliana: tres aproximaciones al estudio de la variación**. E. L. U. A. 9, 1993. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/6470>. Acesso em: 15 set. 2021.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 17, especial, p. 25-44, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/F9qxnq4DV6XTVMYdXJB89Sd/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no Terceiro Milênio:

Monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**. Ano 4, N. 2, 2002. Disponível em: http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_34a01e3a7b2f8deaa71b52a3df2d54c0_12.pdf. Acesso em 15 jul. 2021.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. et. al. **Atlas linguístico do Brasil. v. 1: Introdução**. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. et. al. **Atlas linguístico do Brasil. v. 2: Cartas linguísticas I**. Londrina: EDUEL, 2014b.

CARUSO, Pedro. Atlas linguístico do estado de São Paulo: questionário. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

CASTRO, Vandersí Sant' Ana Castro. Revisitando Amadeu Amaral. **Estudos Linguísticos XXXV**, São José do Rio Preto, p. 1937-1944, 2006. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos2006/sistema06/715.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

CHAGAS, Nádía Moreira; MOTA, Lúcio Tadeu. O Guairá: a conquista e as relações interculturais nos territórios indígenas no Paraná, de 1500 a 1630. *In*: MOTA, Lúcio Tadeu (org.). **História do Paraná: Pré-história, Colônia e Império**. Maringá: Eduem, 2011.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectologia**. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

CLUL – CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. **Grupos de investigação e projetos**. Disponível em: <http://www.clul.ulisboa.pt/investigacao>. Acesso em: 05 ago. 2021.

COLÉGIO ESTADUAL TANCREDO DE ALMEIDA NEVES. **Apresentação**. Disponível em: <http://www.foztancredoneves.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>. Acesso em 13 jan. 2022.

COLODEL, José Augusto. **Obrages e companhias colonizadoras: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960**. Cascavel: Assoeste, 1988.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de história. *In*: PERIS, Alfredo Fonseca (coord.). **Mesorregião Oeste do Paraná: diagnóstico e perspectivas**. Cascavel: Unioeste, 2003. Relatório de pesquisa. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/PMOP/>. Acesso em: 29 abr. 2019.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

CONTE, Cláudia Heloiza. **Foz do Iguaçu/PR na rede de cidades**. 2012. 204f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2012.

CORONEL, Caio. **Vila A Inteligente, em Foz, prevê melhorias em diversas áreas do bairro**. 2020. Disponível em: <https://www.clickfozdoiguacu.com.br/vila-a-inteligente-em-foz-preve-melhorias-em-diversas-areas-do-bairro/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

COSTA, Maria Aparecida Tenório Manso da. **Histórias e memórias da Vila “C”**: reflexão sobre o modo de viver e lutar dos trabalhadores (Foz do Iguaçu-PR). *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica, 2010. Curitiba: SEED/PR. 2010. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_unioeste_hist_pdp_maria_aparecida_tenorio_manso_da_costa.pdf. Acesso em: 05 nov. 2021.

CRISTIANINI, ADRIANA CRISTINA. Reflexões sobre o método de pesquisa Geolingüístico na análise semântico-lexical em atlas linguísticos. **Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CNLF)**. v. 10, n. 9, Filologia e Ecdótica. *In*: X Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 2006, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/9/14.htm>. Acesso em: 14 ago. 2021.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Evolução dos estudos linguísticos. *In*: **Revista Práticas de Linguagem**. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 161-198, jul./dez. 2014. Ensaio.

DEBOWIAK, Przemysław. Nota sobre os dialectos de Portugal. **Romanica Cracoviensia**, Cracóvia, 2008, p. 21-28. Disponível em: <http://www.wuj.pl/UserFiles/File/Romanica%20Cracoviensia%202008/3-RC-8-Debowiak.pdf>. Acesso em: 23 de jul. de 2021.

DIAS, Liliane. Empresa avalia qualidade de asfalto em Foz. *In*: **Tarobá News**. 27 jul. 2017. Disponível em: <https://tarobanews.com/noticias/parana/empresa-avalia-qualidade-de-asfalto-em-foz-moLlz.html>. Acesso em: 17 fev. 2022.

EMER, Ivo Oss. **Desenvolvimento histórico do oeste do Paraná e a construção da escola**. 1991. 340f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.

EVANGELISTA, Carolina Lucas. O bairro de Três Lagoas na representação popular. **História na Fronteira**. Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 163-176, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/historianafrenteira/article/download/76/66>. Acesso em: 17 nov. 2021.

FAGUNDES, Edson Domingos; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. (org.) **O falar paranaense**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

FAJARDO, Alejandro. Portuguesismos de origen remoto. In: CORBELL, Dolores; FAJARDO, Alejandro (Ed.). **Español y portugués en contacto. Préstamos léxicos e interferencias**. Berlin-Boston: Walter de Gruyter, 2017. p. 61-78.

FERRARI, Izabelle. A Casa Kalichewski – Empório com Arte. **Tetrishostel**. Disponível em: <https://tetrishostel.com.br/2018/03/12/casa-kalichewski-emporio-com-arte/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5 ed. Curitiba: Positivo. 2021. 516 MB. Aplicativo.

FERROESTE – ESTRADA DE FERRO PARANÁ OESTE S.A. **A empresa**.

Disponível em:

<http://www.ferroeste.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=55>. Acesso em 22 mai. 2019.

FRARE, Marcelo Augusto. **Habitação social e integração: o caso da Vila Portes como proposta de interculturalidade na tríplice fronteira**. 2017. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2017.

GALLI, Michelli Cristina. **Uma análise geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR**. 2016. Dissertação. 147f. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, 2016.

GARCÍA MOUTON, Pilar. **Cómo hablan las mujeres**. Madrid: Arco Libros, 2000.

GHOLMIE, Myriam Rossi Sleiman. **Motivação na criação lexical: o elo entre cultura e linguagem em dados do Atlas Linguístico do Paraná**. 2019. Dissertação. 101f. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2019.

GONZALEZ, Emilio. **Memórias que narram a cidade: experiências sociais na constituição urbana de Foz do Iguaçu**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/12772/1/EMILIO%20GONZALEZ.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GONZALEZ, Emilio. **Memória, Identidade e Fronteira: narrativas musicais sobre a tríplice fronteira Brasil/ Paraguai / Argentina (1960-2017)**. 2018. 388f. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21219/2/Emilio%20Gonzalez.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GUAÍRA. **Últimas notícias**: sexta-feira, 27 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.guaira.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368vfb0&id=4158>. Acesso em 10 fev. 2022.

HENAO, Gloria Andrea Córdoba. Geografía, lingüística y geolingüística. Una propuesta para comprender el contacto dialectal. **Forma y Función**. Bogotá, v. 24, n. 1, p. 47-60. jan./jun. 2011. ISSN: 0120-338x.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Os falares dos Açores e o Atlas Linguístico-Etnográfico das Ilhas. **Confluência**. Rio de Janeiro, p. 519-543, jun. 2021. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/507>. Acesso em: 25 ago. 2021.

HISTÓRIAS DO OESTE DO PARANÁ. **Rio Paraná**: caminho de pessoas, mercadorias e idéias. 2013. Disponível em: <http://jaccolodel.blogspot.com/2013/09/rio-parana-caminho-de.html>. Acesso em 05 fev. 2022.

HMCC – HOSPITAL MINISTRO COSTA CAVALCANTI. **Institucional**. Disponível em: <https://hmcc.com.br/institucional.php>. Acesso em: 02 abr. 2020.

IAT – INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Mapa 1924**. https://www.iat.pr.gov.br/sites/agua-terra/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/mapa1924.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Foz do Iguaçu**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/historico>. Acesso em: 20 mai. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Foz do Iguaçu**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. Acesso em 05 jan. 2022a.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População residente (1970)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/pesquisa/43/30281?ano=1970>. Acesso em: 12 jan. 2022b.

ICMBIO – INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Quem somos?** Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnaiguacu/quem-somos.html>. Acesso em: 07 maio 2019.

IGUAÇU. *In*: DICIONÁRIO ILUSTRADO TUPI GUARANI. **Dicionário Ilustrado Tupi Guarani**. 2022. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/contato/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1988.

IPARDES – INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Oeste paranaense: o 3º espaço relevante**: especificidades e diversidades. Curitiba: IPARDES, 2008. Disponível em:

http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/varios_paranas_sintese.pdf. Acesso em: 12 fev. 2022.

IPARDES – INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Regionalizações**. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/imp/imp.php?page=locinfpop>. Acesso em: 04 mai. 2019a.

IPARDES – INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Caderno Estatístico**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=%2085850>.

Acesso em: 05 mai. 2019b.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul: análise de variedades diatópicas no nível lexical. **Revista do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste)**, Fortaleza, n. 1, v. 2, p. 66-69, 2000.

ITAIPU. **Desafio Humano**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>. Acesso em 19 mai. 2019a.

ITAIPU. **Há meio século, era assinada a Ata do Iguaçu, a semente de Itaipu**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/ha-meio-seculo-era-assinada-ata-do-iguacu-semente-de-itaipu>. Acesso em 23 mai. 2019b.

ITAIPU. **Ponte Da Integração abre ciclo de desenvolvimento na região do Porto Meira, Em Foz**. 2021. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/ponte-da-integracao-abre-ciclo-de-desenvolvimento-na-regiao-do-porto-meira->. Acesso em: 21 fev. 2022.

JARDIM AMÉRICA. In: GOOGLE MAPAS. **Google**, 2021. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Jardim+Am%C3%A9rica,+Foz+do+Igua%C3%A7u+-+PR/@-25.5236339,-54.5903873,3a,75y,90h,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sCQ872vTv9AF7XFpOHzzkjQ!2e0!7i16384!8i8192!4m5!3m4!1s0x94f690159eeeaf73:0x47cf6a2278025b7!8m2!3d-25.5252902!4d-54.5916761>Acesso em: 11 fev. 2022.

JESUS, Rodrigo Paulo de. **De “Vila Operária” a bairro dos trabalhadores: processo de constituição do bairro Vila “C” – 1977 a 2008**. 2008. 129f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, 2009.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mario Silfredo. (Org.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): cartas fonéticas e morfossintáticas**. 2. ed., Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232185>. Acesso em: 22 fev. 2022.

LABANCA, Marcos. Localidade fica na rota dos principais atrativos turísticos de Foz. *In: H2Foz*. Foz do Iguaçu, 31 out. 2021. Disponível em: <https://www.h2foz.com.br/cidade/vila-yolanda-projeta-ser-centro-gastronomico-e-cultural-de-referencia-em-foz/>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LEWANDOWSKI, Theodor. Dicionario de Lingüística. Madrid: Cátedra, 1995.

LIMA, Jackson. Tem de tudo na Vila Portes em Foz do Iguaçu. *In: Blog de Foz.* Foz do Iguaçu, 1 nov. 2015. Disponível em: <http://blogdefoz.blogspot.com/2015/11/tem-de-tudo-na-vila-portes-em-foz-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.

LIMA, Jackson. Marco das Três Fronteiras — uma viagem de pelo menos 400 anos pela história. *In: Visit Iguassu.* Foz do Iguaçu, 06 jun. 2019. Disponível em: <https://www.iguassu.com.br/blog/post/marco-das-trs-fronteiras-uma-viagem-de-pelo-menos-400-anos-pela-historia/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

LIMA, Sancléya Evanessa de. **Memórias da Vila "A": lazer e sociabilidade de trabalhadores de Itaipu.** 2019. 158f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em: http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/4967/5/Sancleya_Evanessa_de_Lima_2019.pdf. Acesso em: 17 dez. 2021.

MANARIN, Odirlei. **Peões da barragem: memórias e relações de trabalho dos operários da construção da Hidrelétrica de Itaipu 1975 a 1991.** 2008. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, 2008. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNIOESTE-1_801d345b992ca183a7de7e7c85a122c1. Acesso em: 05 nov. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTÍNEZ, Virginia Ruiz de Martín **Esteban. acesso dos usuários transfronteiriços paraguaios aos serviços públicos de saúde no Brasil.** 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública em Região de Fronteira) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5318>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MARTINS, Vicente. A presença de unidades fraseológicas no Atlas Linguístico do Ceará (ALECE, 2010). *In: ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA*, T. 1, 2011, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**, v. XV, n. 5. RIO DE JANEIRO: CIFEFIL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/16.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior.** Brasília. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 05 out. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em português. *In: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN)*, n. 11, 1991. p. 181-

189.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, Hélio Costa. **A toponímia paranaense na rota dos tropeiros**: caminho das Missões e estrada de Palmas. 2006. 268f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

MOTA, Lúcio Tadeu. **História do Paraná**: ocupação humana e relações interculturais. Maringá: Eduem, 2005.

MOTA, Lúcio Tadeu. **História do Paraná**: relações sócio-culturais da pré-história à economia. Maringá: Eduem, 2012.

MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Bandeirante**: um personagem em debate. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.mp.usp.br/chamadas/estamos-aqui-bandeirante-um-personagem-em-debate>. Acesso em: 03 de mai. 2019.

MYSKIW, Antonio Marcos. **A Fronteira como Destino de Viagem**: a Colônia Militar de Foz de Iguaçu (1888-1907). 2009. 245f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

OS FUNDAMENTOS do Islã e os festivais religiosos. **BBC BRASIL**, Brasília, 15 set. 2003. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2003/09/030910_islamismobase_Acesso em: 15 jan. 2022.

PALMAR, Alexandre. Logística puxa retomada econômica de Foz do Iguaçu. **ACIFI**, Foz do Iguaçu, 17 ago. 2021a. Disponível em: <https://acifi.org.br/logistica-puxa-retomada-economica-de-foz-do-iguacu/>. Acesso em 18 fev. 2022.

PALMAR, Alexandre. Empresários se unem para transformar Vila Yolanda em referência gastronômica e cultural. **ACIFI**. Foz do Iguaçu, 25. out. 2021b. Disponível em: <https://acifi.org.br/empresarios-se-unem-para-transformar-vila-yolanda-em-referencia-gastronomica-e-cultural/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

PARO, Denise. **Do descaminho aos novos caminhos**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2016.

PMFI – PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. **Plano diretor de desenvolvimento integrado sustentável 2016**: análise temática integrada. Foz do Iguaçu, 2016. v.1. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1007>. Acesso em: 21 mai. 2019.

PMFI – PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. **História da cidade**.

Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1007>. Acesso em: 21 mai. 2020.

PRIORI, Angelo *et al.* **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá: Eduem, 2012. SciELO Book. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878.pdf>. Acesso em: 05 maio 2019.

PROJETO MEMÓRIA DAS CATARATAS. **Foto Postal, 1920**. 2011. 1 fotografia. Disponível em: <https://projetomemoriadascataratas.wordpress.com/page/4/>. Acesso em: 05 maio 2019.

PTI – PARQUE TECNOLÓGICO DE ITAIPU. **História**. Disponível em: <https://www.pti.org.br/pt-br/sobre-o-pti>. Acesso em 21 mai. 2019a.

PTI – PARQUE TECNOLÓGICO DE ITAIPU. **Galeria de imagens**. Disponível em: <https://www.pti.org.br/pt-br/sobre-o-pti>. Acesso em 21 mai. 2019b.

¿QUÉ PASA?. Pesquisador fala sobre a comunidade árabe na Tríplice Fronteira. Entrevistado: Juan Agulló Fernandez. Foz do Iguaçu: Unila, 30 jul. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/noticias/pesquisador-fala-sobre-a-comunidade-arabe-na-triplice-fronteira>. Acesso em: 10 jan. 2022.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. Tradução de Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. **Cadernos de Tradução do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, jan. 1999.

REDAÇÃO MÓVEL visitou a Vila Shalon. [Foz do Iguaçu]: **Meio dia Paraná**, 2014. 1 vídeo (12min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3563816/?s=0s>. Acesso em: 16 fev. 2022.

RIBEIRO, George Danilo. **Metamorfoses na cidade: tensões e contradições na produção e apropriação do espaço urbano em Foz do Iguaçu**. 2015. 256f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, 2015.

RIBEIRO, Thiago Leonardo. **A variação lexical na Rota do Café: estudos geossociolinguísticos no Norte do estado do Paraná**. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2017.

RIPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**. 2005. 261f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2005.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e em tempo aparente**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000171785>. Acesso em: 10 out. 2021.

ROMANO, Valter Pereira. **Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística**.

Papéis. Campo Grande, UFMS, v. 18, n. 35, p. 135-154, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/download/3017/2445/>. Acesso em 29 jul. 2021.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. Software para geração e visualização de cartas linguísticas (SGVCLin). RELin - **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n.1, p. 119-151, 2014.

ROMANO, Valter Pereira. Áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística. RELin - **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, UFMG, v. 26, n.1, p. 103-145, 2018.

ROMANO, Valter Pereira. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade et al. (organizadoras). Salvador: EDUFBA, 2020. **Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso**. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32461/3/Livro_Contribuicoes_Estudos_Geolinguisticos.pdf. Acesso em: 13 fev. 2022.

SANGA. In: **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPO)**. Disponível em: https://delpo.prp.usp.br/~delpo/consulta/consulta_hiperlema.php?hiperlema=sanga. Acesso em: 13 de out. 2021.

SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. **O Projeto Educacional da Itaipu Binacional (1974-1985): uma educação para cada vila e para cada fração da classe trabalhadora**. 2014, 611f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/943535?guid=1645548765729&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1645548765729%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d943535%23943535&i=1>. Acesso em: 12 fev. 2022.

[SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. Disponível em: <http://sgvclin.altervista.org/>. Acesso em: abr. 2018.

SILVEIRA NETO. Manoel de Azevedo da. **Do Guairá aos Saltos do Iguaçu**. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

SIQUEIRA, Fátima da Silva. **Atlas Linguístico de Curiúva-PR: aspectos lexicais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL) Londrina, 2015.

SOUZA, Adelita Araujo de. Itaipu e a urbanização da zona de fronteira do Iguaçu: cidade e conjuntos habitacionais da usina hidrelétrica. 2011. 192f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), Campinas, 2011.

SOUZA, Cesar Augusto Fraga de. **Transformações no espaço urbano: histórias e**

memórias da Vila “A” de Itaipu e seus entornos – 1970/2013. 2014. 144f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Foz do Iguaçu, 2014. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2568>. Acesso em: 14 fev. 2022.

SOUZA, Raquel Santos. **Jardim Jupira**: uma heterotopia do medo iguaçuense. *In*: Blog de História na Unila. Foz do Iguaçu, 16 nov. 2017. Disponível em: <https://unilahistoria.blogspot.com/2017/11/jardim-jupira-uma-heterotopia-do-medo.html?m=0>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SOUZA, Solange Staciaki de Souza. **Medicina caseira paranaense**: um estudo Geolinguístico. 2005. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2005.

TEZZA, José Vicente. Foz do Iguaçu. *In*: BRITO, José Maria de. **A Descoberta da Foz do Iguaçu**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005, p. 01.

THUN, Harald; FORTE, Carlos; ELIZAINCÍN, Adolfo. El atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU): presentación de un proyecto. **Iberoromania**. v. 30, p. 26-62, 1989.

THUN, HARALD. La pluridimensionalidad en el Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Cartografía de un atlas pluridimensional. *In*: I CONGRESO DE ESPAÑOL DE AMÉRICA, 1995, Burgos. **Anais** [...]. Burgos:1995. p.1279-1311.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidéanos en Rivera. *In*: RADTKE, Edgar; THUN, Harald [orgs.]. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 208-269.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In*: Giovanni Ruffino. (Org.). INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY - Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. 1ed. Tübingen: Niemeyer, 1998, v., p. 701-729.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)**. Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

THUN, Harald. A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata. *In*: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.63-92.

THUN, Harald. **O trabalho Geolinguístico segundo os princípios da Dialetoлогия Pluridimensional**. Belém. 20 e 21 ago. 2017a. Apresentação no PowerPoint. 51slides. P&B. Minicurso do VII Seminário Regional de Geossociolinguística (SERGEL). Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém.

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. Tradução de

Cléo Vilson Altenhofen e Filipe Neckel. **Cadernos de Tradução**: Porto Alegre, n.40, p. 82-107, jan/jun 2017b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>. Acesso em: 20 ago. 2021.

UEPG – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. **Os Campos Gerais do Paraná**. Disponível em: <https://www2.uepg.br/dicion/os-campos-gerais-do-parana/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. **História da Unila**. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/institucional/historia-unila>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VALOR CONSULTING. **Zona de livre comércio (ZLC)**. Disponível em: <https://www.valor.srv.br/dicionario.php?id=1547&termo=zona-de-livre-comercio>. Acesso em: 16 fev. 2022.

VASCONCELOS, Celciane Alves. **Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista em Paranaguá**. 413f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-20052013-110613/pt-br.php>. Acesso em: 10 fev. 2022.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. 2. ed. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970. 175 p. Disponível em: <https://purl.pt/160>. Acesso em: 17 ago. 2021.

VEBER, Rosa. Aparecidinha. **Entrevista** concedida à Michelli Cristina Galli. Foz do Iguaçu, 17 jul. 2020.

VILA B. *In*: GOOGLE MAPAS. **Google**, 2017. Disponível em: [encurtador.com.br/civNP](https://www.google.com/maps/@-25.5615897,-54.5835127,3a,75y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sEohsc1r8xKDKfXYEL1oeZQ!2e0!7i16). Acesso em: 13 jan. 2022.

VILA SHALON. *In*: GOOGLE MAPAS. **Google**, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-25.5615897,-54.5835127,3a,75y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sEohsc1r8xKDKfXYEL1oeZQ!2e0!7i16>. Acesso em: 11 fev. 2022.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.

ZANJA. *In*: **Diccionario del Español de México (DEM)**. Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/zanja>. Acesso em: 13 de out. 2021.

ZANJA. *In*: **Diccionario de la Lengua Española (DEL)**. Disponível em: <https://dle.rae.es/zanja?m=form>. Acesso em: 13 de out. 2021.

ZANJA. *In*: **WordReference.com**. Disponível em:

<https://www.wordreference.com/definicion/zanja>. Acesso em: 13 de out. 2021.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos**: história do Oeste Paranaense. Curitiba: Vicentina, 1987.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Vicentina, 1988.

WILDNER, Antonio. **Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: [s. p.], 1988.

WORKSPACE. **Google Meet**. Disponível em: <https://workspace.google.com/intl/pt-BR/products/meet/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A
Questionário Semântico-Lexical – Tríplice Fronteira

TURISMO DE COMPRAS E FRONTEIRA
Como você – o(a) senhor(a) chama...
1. TRAVESSIA DE PRODUTOS SEM O PAGAMENTO DE IMPOSTOS ... quando uma pessoa traz mercadorias do Paraguai e “desvia” da fiscalização da Receita Federal para não pagar impostos...
2. MUAMBA / CONTRABANDO ... o produto trazido do Paraguai? Aquele produto que as pessoas trazem de lá sem nota fiscal? Às vezes essas mercadorias são ilegais.
3. SACOLEIRO / MUAMBEIRO ... aquela pessoa que vai ao Paraguai fazer compras para depois revender as mercadorias em sua cidade? As compras são colocadas em sacolas grandes...
4. MUAMBEIRO / CONTRABANDISTA ... aquela pessoa que leva mercadorias e revende em sua cidade.
5. COMPRISTAS ... a pessoa que faz compras no Paraguai? Muitas pessoas vêm a Foz a passeio, aproveitam que estão por aqui, vão ao Paraguai para comprar produtos importados mais baratos.
6. CAMBISTA ... a pessoa que compra e vende moedas estrangeiras? Aquele pessoa que faz o câmbio, a troca de moedas? Por exemplo, um brasileiro vai à Argentina e prefere pagar em peso, ele precisa fazer a troca do real com quem?
7. CASA DE CÂMBIO ... esse lugar que oferece a troca de uma moeda por outra? O lugar que oferece a troca de moedas estrangeiras?
8. COTA Quando alguém vai fazer compras no Paraguai, há um limite de valor de compras por pessoa, é o limite para que ela fique isenta de impostos. É o valor aceito pela Receita Federal Brasileira de produtos que podem ser trazidos do Paraguai... Como se chama esse limite de valor?
9. Como você chama os trabalhadores brasileiros contratados informalmente, que recebem pela quantidade de vezes que atravessam a ponte transportando mercadorias do Paraguai? É a pessoa que ganha dinheiro colocando à disposição de outros o seu direito de ingressar, dentro da cota, com mercadorias do exterior?
10. CIGARREIRO ... a pessoa que traz cigarro do Paraguai?
11. PIRATA / FALSIFICADO ... chama os produtos vendidos no Paraguai que não são originais? Esses produtos não passam por controle de qualidade, muitas vezes são apreendidos pela Receita Federal ou Polícia Federal e depois são queimados, quebrados...?
12. PORTUNHOL Quando um brasileiro não fala o espanhol ou um paraguaio não fala português, a comunicação se dá por meio de uma “mistura de línguas”. Que nome dão a essa mistura da língua portuguesa com a língua espanhola?
BEBIDAS E COMIDAS DA FRONTEIRA
13. TERERÊ ... a bebida gelada, que pode ser feita apenas com erva-mate e água, outras pessoas preferem tomar com suco de limão, mas a legítima paraguaia é com erva-mate, água, folhas e ervas, dentre elas, a hortelã.
14. GUAMPA Para se tomar essa bebida, as pessoas precisam de um recipiente feito de chifre, em forma de copo, como se chama esse recipiente? Onde você bebe?
15. CHIPA ... aquele prato típico do Paraguai, é salgado, feito de queijo e polvilho, é assado. Muitas vezes as pessoas vendem no semáforo, no centro?
16. ALFAJOR

Você - o(a) sr(a) - já foi à feirinha na Argentina? Como chama aquele doce composto de duas ou três camadas de massa doce, recheado de doce de leite e coberto por chocolate?

17. TORRONE

É um doce, muito comum aqui em Foz, no Paraguai e na Argentina, comprido, feito de massa doce, amendoim e uma massinha branca. (*Mostrar Imagem*).

18. SHAWARMA

... aquele prato árabe feito de pão sírio (ou árabe), fatias finas de frango ou carne de boi, legumes e verduras... a carne é assada em um espeto na vertical. (*Mostrar Imagem*).

TURISMO

19. BARRAGEIROS

Como chamam, aqui em Foz, os trabalhadores que construíram a Itaipu? Aquelas pessoas que vieram de outras partes do Brasil para construir a barragem?

20. MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS/ TRÊS MARCOS

... aquele ponto turístico que fica na divisa do Brasil, Paraguai e Argentina? Onde os rios Iguaçu e Paraná se encontram?

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: Atlas Linguístico de Foz do Iguaçu - ASeLFI

Pesquisador responsável: Michelli Cristina Galli
(45) 99067769/(44)991052167

Convidamos (você) a participar da minha pesquisa que tem como objetivo: contribuir para as pesquisas dialetológicas do estado do Paraná e do Brasil, visto que, a elaboração de uma Atlas Linguístico Pluridimensional, oferece um retrato mais apurado das formas linguísticas presentes na fala dos iguaçuenses e os caminhos percorridos ao longo de sua história, traçando assim, a identidade dos falares da localidade.

O questionário possui perguntas fonético-fonológicas, semântico-lexicais, metalinguísticas e discurso semidirigido. As entrevistas serão gravadas, transcritas, arquivadas e disponibilizadas em estudos futuros, não haverá identificação do informante. Durante a execução da entrevista e do projeto, você poderá pedir a interrupção e então a exclusão dos seus dados do projeto.

Não haverá riscos ou danos ao informante, isso porque, não serão estudadas e publicadas informações de cunho pessoal ou familiar que possam ser veiculados durante a entrevista. Para algum questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento a pesquisadora poderá ser contatada a qualquer momento. Sua participação na investigação contribuirá para o retrato do falar de Foz do Iguaçu/PR, uma vez que, esta pesquisa se propõe a descrever, analisar e estudar a fala iguaçuense.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será entregue em duas vias, uma ficará com o/a senhora/a; não serão pagos ou cobrados valores para participar do estudo; a identidade de participante será mantida em sigilo e os dados serão utilizados só para fins científicos; poderá ser solicitado o cancelamento da sua participação a qualquer momento.

➔ Declaro estar ciente do exposto e aceito participar da pesquisa ATLAS LINGUÍSTICO DE FOZ DO IGUAÇU - ALIFI

Nome: _____

Eu, Michelli Cristina Galli, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 20____.

APÊNDICE C
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pelo presente instrumento declaro que fui suficientemente esclarecido (a) pela pesquisadora Michelli Cristina Galli sobre os procedimentos da entrevista, a que vou me submeter e da qual irei participar. Declaro também que fui informado (a) sobre a pesquisa, sobre a entrevista e sobre o tratamento das informações que darei, que servirão para registrar a história das pessoas e do município de Foz do Iguaçu - PR.

Declaro que fui informado (a) sobre o desenvolvimento da entrevista e sobre a importância da minha participação para alcançar o objetivo da pesquisa. Estou ciente de que, caso não concorde com os procedimentos, com as questões e com as atitudes da entrevistadora poderei solicitar para parar e, assim, interromper a entrevista. Pelo presente, também, manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para a realização da entrevista.

Foz do Iguaçu, de março de 20

Nome e assinatura do informante

ANEXOS

ANEXO A
Ficha do Informante

		ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU/PR	
		Nº do Ponto:	Nº do Informante:
1. Nome Oficial da Localidade:			
2. Nomes Anteriores:			
3. Nome(s) Dado(s) aos Habitantes:			
4. Número de Habitantes:			
5. Dados sobre Emigração:			
6. Dados sobre a Imigração:			
7. Histórico Sucinto da Localidade (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):			
8. Observações Gerais:			
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE			
1. Nome		2. Alcunha	
3. Data de Nascimento	Sexo A) M B) F	5. Idade	
6. Endereço R:			
Telefone:		Whatsapp:	
7. Estado Civil A) Solteiro B) Casado C) Viúvo D) Outro			
8. Naturalidade - FOZ DO IGUAÇU		9. Com que Idade Chegou a esta Cidade? (Caso não Seja Natural da Localidade)	
10. Domicílio e tempo de permanência fora da Localidade			
11. Escolaridade		12. Outro Cursos A) Especialização B) Profissionalizante C) Outros	
13. Escolaridade do Cônjuge		14. Outros Cursos A) Especialização B) Profissionalizante C) Outros	
15. Naturalidade A) da Mãe –		16. Foi criado pelos Próprios Pais? A) Sim B) Não	

38. Que Religião ou Culto Pratica?		
PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA		
39. Características Psicológicas do Informante		
A) Tímido B) Vivo C) Perspicaz D) Sarcástico		
40. Espontaneidade da Elocução		
A) Total B) Grande C) Média D) Fraca		
41. Postura do Informante Durante o Inquérito		
A) Cooperativa B) Não Cooperativa C) Agressiva D) Indiferente		
42. Categoria Social do Informante		
A) "A" B) "B" C) "C" D) "D"		
43. Grau de Conhecimento entre Informante e Inquiridor		
A) Grande B) Médio C) Pequeno D) Nenhum		
44. Interferência Ocasional de Circunstantes		
45. Caracterização Sumária do(s) Circunstante(s)		
46. Ambiente do Inquérito		
47. Observações		
48. Nome do Entrevistador	49. Local da Entrevista	50. Data da Entrevista
	Cidade:	51. Duração
UF:		

ANEXO B
Questionário Semântico-Lexical do ALiB (2001)

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL - QSL

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. CÓRREGO / RIACHO
... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?
2. PINGUELA
... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um ____ (cf. item 1)?
3. FOZ
... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?
4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?
5. ONDA DE MAR
... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*
6. ONDA DE RIO
... o movimento da água do rio? *Idem item 5.*

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7. REDEMOINHO (DO VENTO)
... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?
8. RELÂMPAGO
... um clarão que surge no céu em dias de chuva?
9. RAIO
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

10. TROVÃO
... o barulho forte que se escuta logo depois de um ____ (cf. item 9)?
11. TEMPORAL / TEMPESTADE / VENDAVAL
... uma chuva com vento forte que vem de repente?
12. NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL
Existem outros nomes para ____ (cf. item 11)?
13. TROMBA D'ÁGUA
... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?
14. CHUVA FORTE
... uma chuva forte e contínua?
15. CHUVA DE PEDRA
Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?
16. ESTIAR / COMPOR O TEMPO
Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?
17. ARCO-ÍRIS
Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mínica*). Que nomes dão a essa faixa?
18. GAROA
... uma chuva bem fininha?
19. TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?
20. ORVALHO / SERENO
De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?
21. NEVOEIRO / CERRAÇÃO / NEBLINA
Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

ASTROS E TEMPO

22. AMANHECER
... a parte do dia quando começa a clarear?
23. NASCER (DO SOL)
O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?
24. ALVORADA
... a claridade avermelhada do céu antes de ____ (cf. item 23)?
25. PÔR (DO SOL)
É o que acontece no céu no final da tarde?
26. CREPÚSCULO
... a claridade avermelhada que fica no céu depois do ____ (cf. item 25)?
27. ENTARDECER
É quando o sol se põe?
28. ANOITECER
... o começo da noite?
29. ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA-D'ALVA
De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
30. ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA TARDE
De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais.
Como chamam esta estrela?
31. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?
32. MUDAR / CORRER UMA ESTRELA
E quando se vê uma ____ (cf. item 31), como é que se diz?
IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.

33. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

34. MESES DO ANO

Quais são os meses do ano?

35. MESES COM NOMES ESPECIAIS

Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?

36. ONTEM

Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

37. ANTEONTEM

... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]

38. TRASANTEONTEM

... o dia que foi antes de _____ (cf. item 37)? [E mais um dia para trás?]

ATIVIDADES AGROPASTORIS

39. TANGERINA / MEXERICA

... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.

40. AMENDOIM

... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

41. CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? *Mostrar.*

42. PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

43. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS
... duas bananas que nascem grudadas?
44. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO
... a ponta roxa no cacho da banana?
45. ESPIGA
Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]
46. SABUGO
Quando se tira da _____ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?
47. SOCA / TOUCEIRA
Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?
48. GIRASSOL
... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?
49. VAGEM DO FEIJÃO/BAINHA
Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?
50. MANDIOCA / AIPIM
... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?
51. MANDIOCA
... uma raiz parecida com _____ (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?
52. CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA
... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?
53. HASTES DO CARRINHO DE MÃO
... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o (a) _____ (cf. item 52)?
54. CANGALHA / FORQUILHA
... a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro / bezerro, vaca), para não atravessarem a cerca?

55. CANGALHA
... a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? *Mostrar gravura.*
56. CANGA
... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? *Mostrar gravura.*
57. JACÁ / BALAIO
... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?
58. BOLSA / BRUACA
E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? *Mostrar gravura.*
59. BORREGO (DO NASCER ATÉ...)
... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?
60. PERDA DA CRIA
Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?
61. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA
... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?
62. PICADA / ATALHO ESTREITO
O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?
63. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA
... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

FAUNA

64. URUBU
... a ave preta que come animal morto, podre?
65. COLIBRI / BEIJA-FLOR
... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

66. JOÃO-DE-BARRO
... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?
67. GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR
... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
68. PAPAGAIO
... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?
69. SURA
... uma galinha sem rabo?
70. COTÓ
... um cachorro de rabo cortado?
71. GAMBÁ
... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
72. PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO
... as patas dianteiras do cavalo?
73. CRINA DO PESCOÇO
... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?
74. CRINA DA CAUDA
... o cabelo comprido na traseira do cavalo?
75. LOMBO
... a parte do cavalo onde vai a sela?
76. ANCA / GARUPA / CADEIRA
... a parte larga atrás do _____ (cf. item 75)?
77. CHIFRE
O que o boi tem na cabeça?
78. BOI SEM CHIFRE
... o boi sem _____ (cf. item 77)?
79. CABRA SEM CHIFRE
... a cabra que não tem _____ (cf. item 77)?
80. ÚBERE
Em que parte da vaca fica o leite?

81. RABO
... a parte com que o boi espanta as moscas?
82. MANCO
... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?
83. MOSCA VAREJEIRA
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?
84. SANGUESSUGA
... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (cf. item 1)?
85. LIBÉLULA
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?
86. BICHO DE FRUTA
... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?
87. CORÓ
... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?
88. PERNILONGO
... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

CORPO HUMANO

89. PÁLPEBRAS/CAPELA DOS OLHOS
... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*
90. CISCO
... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?
91. CEGO DE UM OLHO
... a pessoa que só enxerga com um olho?
92. VESGO
... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos.*

81. RABO
... a parte com que o boi espanta as moscas?
82. MANCO
... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?
83. MOSCA VAREJEIRA
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?
84. SANGUESSUGA
... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (*cf. item 1*)?
85. LIBÉLULA
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?
86. BICHO DE FRUTA
... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?
87. CORÔ
... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?
88. PERNILONGO
... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

CORPO HUMANO

89. PÁLPEBRAS/CAPELA DOS OLHOS
... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*
90. CISCO
... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?
91. CEGO DE UM OLHO
... a pessoa que só enxerga com um olho?
92. VESGO
... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos.*

93. MÍOPE
... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?
94. TERÇOL/VIÚVA
... a bolinha que nasce na _____ (cf. item 89), fica vermelha e incha?
95. CONJUNTIVITE/DOR D'OLHOS
... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?
96. CATARATA
... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?
97. DENTES CANINOS/PRESAS
... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*
98. DENTES DO SISO/ DO JUÍZO
... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?
99. DENTES MOLARES/DENTE QUEIRO
... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 98)? *Apontar.*
100. DESDENTADO/BANGUELA
... a pessoa que não tem dentes?
101. FANHOSO/FANHO
... a pessoa que parece falar pelo nariz? *Imitar.*
102. MELECA/TATU
... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
103. SOLUÇO
... este barulhinho que se faz? *Soluçar.*
104. NUCA
... isto? *Apontar.*
105. POMO-DE-ADÃO/GOGÓ
... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar.*
106. CLAVÍCULA
... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar.*

107. CORCUNDA

... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?

108. AXILA

... esta parte aqui? *Apontar.*

109. CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços?

110. CANHOTO

... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? *Completar com o gesto.*

111. SEIOS/PEITO

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

112. VOMITAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

113. ÚTERO

... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?

114. PERNETA

... a pessoa que não tem uma perna?

115. MANCO

... a pessoa que puxa de uma perna?

116. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

... a pessoa de pernas curvas? *Mímica.*

117. RÓTULA/PATAÇA

... o osso redondo que fica na frente do joelho?

118. TORNOZELO

... isto? *Apontar.*

119. CALCANHAR

... isto? *Apontar.*

120. CÓCEGAS

Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica.*

CICLOS DA VIDA

121. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

122. ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____.

123. PARTEIRA

... a mulher que ajuda a criança a nascer?

124. DAR À LUZ

Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____.

125. GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

126. ABORTO

Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____.

127. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?

128. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

129. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da _____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

130. FILHO ADOTIVO

... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

131. FILHO MAIS MOÇO/CAÇULA

... o filho que nasceu por último?

132. MENINO/GURI/PIÁ

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

133. MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

134. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

135. FINADO / FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

136. PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala demais?

137. PESSOA POUCO INTELIGENTE

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

138. PESSOA SOVINA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

139. MAU PAGADOR

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

140. ASSASSINO PAGO

... a pessoa que é paga para matar alguém?

141. MARIDO ENGANADO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

142. PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

143. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

144. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

145. CIGARRO DE PALHA

Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

146. TOCO DE CIGARRO

... o resto do cigarro que se joga fora?

RELIGIÃO E CRENÇAS

147. DIABO

Deus está no céu e no inferno está _____.

148. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

149. FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

150. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

151. BENZEDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

152. CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

153. MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

154. PRESÉPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

- 155. CAMBALHOTA
... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica*.
- 156. BOLINHA DE GUDE
... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
- 157. ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE
... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?
- 158. PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA
... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
- 159. PIPA/ARRAIA
É um brinquedo parecido com o (a) _____ (cf. item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
- 160. ESCONDE-ESCONDE
... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
- 161. CABRA-CEGA
... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
- 162. PEGA-PEGA
... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
- 163. FERROLHO / SALVA/PICULA / PIQUE
... esse ponto combinado?
- 164. CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS
... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

165. GANGORRA

... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica*.

166. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica*.

167. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?
SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA

HABITAÇÃO

168. TRAMELA

... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

169. VENEZIANA

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura*.

170. VASO SANITÁRIO/PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

171. FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

172. BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

173. ISQUEIRO/BINGA

Para acender um cigarro, se usa fósforo ou _____?

174. LANTERNA

... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

175. INTERRUPTOR DE LUZ

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

176. CAFÉ DA MANHÃ

... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

177. GELÉIA

... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

178. CARNE MOÍDA

... a carne depois de triturada na máquina?

179. CURAU / CANJICA

... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

180. CURAU

E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?

PEDIR PARA DESCREVER COMO SE FAZ.

181. MUNGUNZÁ / CANJICA

... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

182. AGUARDENTE

... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

183. EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou _____.

184. GLUTÃO

... uma pessoa que normalmente come demais?

185. BALA / CONFEITO / BOMBOM

... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*

PEDIR PARA DESCREVER.

186. PÃO FRANCÊS

... isto? *Mostrar.*

187. PÃO BENGALA

... isto? *Mostrar.*

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

188. SUTIÃ

... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

189. CUECA

... roupa que o homem usa debaixo da calça?

190. CALCINHA

... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

191. ROUGE

... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

192. GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE

... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*

193. DIADEMA / ARCO / TIARA

... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica.*

VIDA URBANA

194. SINALEIRO/SEMÁFORO/SINAL

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

195. LOMBADA/QUEBRA-MOLAS

... aquele murrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

196. CALÇADA / PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

197. MEIO-FIO

... o que separa o _____ (cf. item 196) da rua?

198. ROTATÓRIA / RÓTULA

... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

199. LOTE / TERRENO / DATA

... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

200. ÔNIBUS URBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

201. ÔNIBUS INTERURBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

202. BODEGA/BAR/BOTECO

... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (cf. item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?